

A Espiã Trajava de Vermelho

Aline, Condessa de Romanones

As minhas aventuras como agente dos serviços secretos na
Segunda Guerra Mundial



Para Luis:
Para Luís, meu marido
Para Luis, meu filho
Para Luis, meu neto

Se o matador vermelho pensa que mata,
ou se a morte pensa que ele está morto,
não conhecem bem os caminhos subtis
que eu conservo, e passo, e volto a passar.

RALPH WALDO EMERSON Brahma

NOTA DA AUTORA

No decorrer das minhas palestras, nos últimos oito anos, descobri que as pessoas apreciam (e necessitam de) informações autênticas, em primeira mão, sobre espionagem, um assunto sobre o qual É difícil (compreensivelmente) encontrar relatos. O que eu tentei neste livro foi informar e entreter.

Os meus guias foram os próprios acontecimentos, tanto quanto me foi possível reconstituí-los de memória e pelos meus diários, cartas, fotografias, jornais e revistas da Época.

Existem, contudo, três limitações à verdade literal das minhas memórias.

Em primeiro lugar, muitas das personagens da história que eu conto estão vivas e poderiam sentir-se embaraçadas ou sofrer qualquer inconveniente por causa da minha narrativa das suas actividades. Em ordem a proteger a sua privacidade, mudei os seus nomes. E nalguns casos, quando a alteração dos nomes não me pareceu suficiente para ocultar a identidade da

personagem, criei um carácter composto. O homem a quem eu chamo Pierre foi disfarçado, assim como o que dá pelo nome de código de Mozart. O mesmo sucedeu, em certa medida, com todos os outros.

Em segundo lugar, omiti ocasionalmente ou alterei pequenos incidentes, que poderiam aborrecer o leitor e tornar o livro maçador e fatigante. Mais uma vez isso resultou numa personagem forjada aqui e ali, e em certos casos a sequência dos acontecimentos foi ligeiramente alterada. Mas o Âmago da história É exacto.

Finalmente, os meus esforços para reconstruir de memória este período da minha vida tiveram mais sucesso do que esperava, mas É claro que não atingiram a perfeição. Vários documentos, incluindo relatórios e telegramas guardados no National Archives de Washington, foram de grande ajuda para me refrescarem a memória. Grande parte do diálogo do livro foi reinventado a partir de recordações. A minha intenção foi captar a essência e o sabor dos acontecimentos, assim como das

conversas que se verificaram na altura. Se consegui fazê-lo, a coragem e a dedicação dos meus colegas, e a excitação da Época, falarão por si próprias.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer àqueles que, no decorrer de três anos e meio, me ajudaram de uma maneira ou de outra. Em primeiro lugar, e sobretudo, desejo agradecer a meu marido a sua paciência e o seu sentido do humor. Depois aos meus netos, Luis, Cristina, Juan, Carla e àlvaro, cujas queixas por eu não ter tempo para brincar com eles durante os dias de Verão passados em Espanha quando estava a escrever este livro foram lisonjeiras e cuja alegria atenuou as minhas horas de cansaço.

A mãe deste livro É Nancí Ladí Keith, à qual estou imensamente grata pelo entusiasmo afectuoso e sem quebras. A ajuda do barão Guí de Rothschild foi especialmente preciosa para me auxiliar a estabelecer a identidade de uma das minhas personagens. Os conhecimentos, encorajamento e sugestões de

Ken McCormick foram-me indispensáveis. Tom Guinzburg sacrificou muitas horas para me dar conselhos. Quero agradecer também aJoe Hannan pelo seu

interesse por esta história e pelas suas ideias. Do mesmo modo, estou em dívida para com John Taílor, do National Archives de Washington, Peter Viertel, Lloíd Smith, o falecido Rudi Crespi, e Frank Rían, pois o tê-los conhecido mudou o rumo da minha vida. Annie de Tighen e Tone manteve-me ágil e optimista, apesar das muitas horas passadas a escrever sentada à máquina. William Raíner colocou o manuscrito nas mãos de Random House. Em Espanha, Beltrán Domecq, Angel Alcázar de Valcarel, o marquês de Santo Floro, a marquesa de Quintanar e Kaí Denckla, a condessa de íebes, todos me prestaram um precioso auxílio.

O Dr. Anthoní Nolke havia miraculosamente preservado as minhas cartas e fotografias, o que me ajudou a reconstituir o passado. O entusiasmo e as críticas do meu primeiro editor, Jonathan Galassi, impulsionaram-me. A paciência de Jeff Gohen, de Random House, e do meu editor ali, Sam Vaughan, que pôs o meu manuscrito numa melhor versão da língua inglesa e que tratou de tudo, foi notável. A capa de Bob Aulicino foi um verdadeiro

triunfo.

Existem outras pessoas, na verdade quase todas aquelas com quem entrei em contacto nos últimos anos, que falaram muitas vezes dos tempos passados enquanto eu escrevia esta história. Poder falar com elas a respeito disso ajudou-me a terminar este livro - possam elas e eu não o lamentar.

Prólogo

São Salvador, 1984

Foi numa viagem a EL Salvador, há vários anos, que iniciei esta história. Tinha andado a fazer conferências sobre questões internacionais por todos os Estados Unidos. Nesse momento, a AmÉrica central, e especialmente EL Salvador, era a área que mais interessava às minhas audiências. Mas, para ser verdadeira, os meus motivos para fazer a viagem derivaram sobretudo de um desejo irrefreável de me encontrar no meio daquilo que se estava a passar. O facto de lá haver sol e calor, em comparação com o frio e a neve do Michigan, onde me encontrava, e de eu lá poder comer mangas, podem ter sido também factores determinantes. De qualquer modo, convenci-me a mim própria de que essa visita aumentaria a credibilidade das minhas palestras.

A viagem tinha ingredientes que agradavam ao meu sentido de aventura. Por exemplo, não sabia o nome, o número do

telefone, nem sequer o sexo da pessoa que lá me iria esperar, nem fazia ideia do local onde ficaria. Os preparativos tinham sido feitos à pressa, por meio de um telefonema feito para um amigo salvadorenho que vivia em Washington, que se ofereceu para arranjar uma casa particular onde eu pudesse ficar e uns amigos que pudessem ajudar-me. Visto eu ter apenas uma semana livre entre os meus compromissos, sugeri que partisse imediatamente para Salvador. Irá alguém esperá-la ao aeroporto que lhe fornecerá os pormenores, informou a pessoa minha amiga.

Desde o momento em que entrei no avião em Nova Iorque, estava, inicialmente sem o saber, a fazer uma viagem deretrocesso no tempo. Essa sensação tornou-se nítida em Miami, onde os passageiros entraram a bordo trazendo as suas bagagens em sacos de pano, fazendo lembrar bastante os passageiros que viajavam nos comboios espanhóis em 1944.

No Panamá desembarcaram muitos e em Tegucigalpa saíram quase todos. Faltavam agora poucos minutos para chegarmos ao nosso destino. Olhei para os vales verdejantes que se estendiam lá em

baixo, por entre as cadeias de montanhas vulcânicas onde eu sabia que se escondiam grupos de guerrilheiros, alguns deles nesse momento a travar combates com os soldados das forças armadas do país. Apenas um outro passageiro saiu do grande DC-10, para entrar no grande e moderno edifício do terminal, totalmente deserto. Obviamente, a guerra desencorajara os negócios e paralisara o turismo.

Os meus passos soaram sobre a superfície de cimento de um corredor iluminado pela luz do sol que passava pelas largas janelas envidraçadas. Espreitei por cima das cabeças dos funcionários que examinavam o meu passaporte e a minha mala, mas não vi ninguém à espera. Só quando desci o último degrau da larga escadaria de pedra da entrada É que vi uma discreta figura vestida de negro levantar-se de uma cadeira encostada à parede, ao ver-me aproximar. O seu sorriso fez desaparecer as minhas dúvidas. Era a pessoa amiga do nosso amigo comum em Washington. Era uma mulher de estatura mediana; quer os poucos quilos de peso que

tinha a mais, quer talvez um pouco de artrite, faziam-na coxear ligeiramente; usava óculos de aros escuros; o cabelo branco e abundante emoldurava-lhe o rosto, que irradiava uma expressão de amizade e de boa vontade. Então, como por magia, surgiu a meu lado, sorrindo, um jovem alto e bem-parecido.

- Este É Bill Wallach - explicou ela com um agradável sotaque salvadorenho. - Ofereceu-se para a conduzir de carro para a cidade e para ajudar no que fosse preciso. O meu nome é Maria.

- Senhora, queremos que esteja em segurança aqui. - O rapaz pegou nas minhas malas, enquanto falava, e colocou-as no jipe. - O meu pai mandou este carro à prova de bala para a levar.

Enquanto seguíamos ao longo da moderna estrada pelo meio dos campos, o meu motorista, de vinte e cinco anos, e a minha hospedeira, de oitenta, iam-me explicando os últimos acontecimentos da guerra civil. Passados quinze minutos, ao chegarmos aos arredores da cidade, eu sabia que todas as estradas, especialmente as idênticas àquela em que nos encontrávamos,

podiam ser perigosas. Os meus companheiros não mostravam sinais de medo, mas eu confesso que sentia alguma inquietação.

- Na cidade também não É seguro - explicou a minha nova amiga. - A casa ao lado da minha foi bombardeada há dois dias e peço desculpa pela visão pouco atraente que terá ao chegar.

Quando entrei na casa de María, lembrei-me de uma pequena residência romana; as salas partiam todas de um pátio central. Uma mulher índia regava as plantas e uma criança sentada no pavimento de tijoleira olhava para o ecrã da televisão a cores rodeado por orquídeas cor-de-rosa.

- Sójantaremos daqui a umas horas - explicou María. - Talvez queira descansar um pouco após uma viagem tão longa.

- De maneira nenhuma. Estou ansiosa por ver algo do que se está a passar.

- Isso não É fácil - respondeu María. - As coisas sucedem esporadicamente, sem aviso, e nunca se sabe onde. Um autocarro É queimado, ou alguém É raptado, ou um centro político É atacado. - Fez uma pausa,

considerando as possibilidades. - A não ser que queira ir ao camino Real Hotel, onde a gente da imprensa estrangeira e da televisão passa a maior parte do seu tempo. Ali está sempre a passar-se qualquer coisa. Já É demasiado tarde para fazer outra sugestão.

Estava escuro quando ojipe entrou no caminho circular que dava acesso ao grande hotel. Nada indiciava que se travasse uma guerra nas proximidades. Várias carrinhas da televisão americana quase bloqueavam a entrada, e as pessoas entravam e saíam, passando pelas luxuosas portas de vidro.

Quando entrei aproximou-se de mim uma mulher.

- Dona María telefonou a avisar da sua vinda aqui. Eu sou secretária da direcção do hotel. Estamos muito gratas pela sua visita ao nosso pobre país para saber o que se passa aqui. Infelizmente, não tenho agora tempo para lhe explicar muita coisa. Mas se quiser acompanhar-me, pode observar muitas coisas interessantes.

Enquanto atravessávamos o apinhado vestíbulo, ela baixou a voz:

- A imprensa estrangeira reúne-se aqui,

à volta do bar, trocando informações. São contactados por elementos da guerrilha que lhes fornecem relatos, feitos em inglês, sobre as batalhas mais recentes e lhes dão indicações dos locais onde poderão filmar uma boa cena.

A sala era grande e comprida, com um bar numa das extremidades; mesas redondas e cadeiras de braços estavam colocadas a uma distância confortável umas das outras. O soalho encontrava-se completamente coberto por uma espessa carpete. Para lá das portas de vidro abertas vi um pátio rodeado por flores e plantas, uma espécie de sala ao ar livre, com um lago cor de turquesa no centro.

- Vou deixá-la aqui. Se precisar de alguma coisa, procurem-me no meu escritório.

Sentei-me numa cadeira o mais perto possível do bar, mas não consegui ouvir uma palavra. Passados uns dez minutos resolvi dar uma volta pela sala, não vi nada com interesse e certamente não distingui qualquer guerrilheiro. Alguns dos homens pareciam estar a contar anedotas, outros mostravam-se imensamente aborrecidos por não terem nada

que fazer.

Dirigi-me para o convidativo pátio. Estava vazio. Iluminadas por pequenas lanternas, viam-se árvores tropicais de folhagem luxuriante e uma grande abundância de flores exóticas.

O ar tépido da amena noite de Março estava perfumado pelo aroma das gardenias e dos jasmims. Deixara de ouvir o ruído das vozes dos homens que envergavam camisas de algodão colorido, de mangas curtas, e fumavam os seus cigarros. Agora apenas chegava aos meus ouvidos o ligeiro gorgolejar da água que corria lentamente para o tanque e o murmúrio das folhas das palmeiras, lá em cima. Caminhei junto do lago, pensando por que motivo ninguém aproveitaria aquele ambiente aprazível. Depois olhei para a água. Apercebi-me então, gradualmente, que alguém do lado oposto fazia o mesmo - o seu rosto estava distorcido pela ligeira agitação da superfície da água.

Instintivamente ergui os olhos.

Creio que nos reconhecemos no mesmo instante. Mais tarde, nunca tive tempo para lho perguntar. Não falámos nem soltámos

qualquer exclamação. Ficámos apenas petrificados de incredulidade - quase quarenta anos tinham mudado tão pouco... O mesmo brilho astuto no olhar penetrante. O cabelo preto começava a ficar grisalho e isso dava um maior encanto à sua tez bronzeada. Mesmo que não o conhecesse, ter-me-ia sentido atraída por aquele homem invulgar.

Caminhámos um para o outro. Olhando-o, senti uma grande felicidade invadir-me.

- Tiger! - exclamou ele, segurando-me as mãos. Senti o prazer nos olhos dele, o magnetismo que ainda ali existia.

O sorriso dele revelou os dentes brancos.

- Como pode isto ser possível? - foi tudo quanto pude dizer.

Ele vestia uma guaiábera branca, engomada, e as rugas em redor dos seus olhos mostravam que passara anos ao sol. Sempre tivera aquele aspecto. Conduziu-me para uma mesa isolada situada perto de uma grande bananeira. Sentámo-nos.

- Sei bastantes coisas a teu respeito, Tiger. Sei com quem casaste. Diz-me, gostas de ser um pilar da sociedade no meu país

preferido?

Estava tão siderada com aquele encontro que tive de fazer um esforço visível para lhe responder:

- Claro que gosto de Espanha. Tenho lá filhos e netos. Mas quero saber tudo a teu respeito. conta-me.

Leiam a minha história, se quiserem... ou poderão não achar o meu inesperado encontro tão excitante como eu o achei nessa noite. Recuem até ao passado comigo. A história que lhes quero contar começa num dia de Setembro, em Nova Iorque.

Capítulo 1

O letreiro do edifício de pedra castanha estava delicadamente gravado: Hattie Carnegie . Deixando a manhã ensolarada para trás, subi as escadas estreitas a correr e piquei o ponto. Nove e meia.

De pé na entrada da sala de provas, com os braços cruzados sobre o vestido largo, Hattie soltou um imenso suspiro:

- Aline, não há outra rapariga nesta cidade que venha trabalhar vestida assim.

Olhei para os meus sapatos rasos e salpicados de lama e sorri. A minha saia vermelha estava amarrotada e húmida por eu ter passado pela relva orvalhada do nosso pomar, que atravessara uma hora e meia antes para ir apanhar o autocarro.

Lá dentro, as minhas colegas sentavam-se em frente do comprido espelho, conversando e aplicando máscaras de make-up.

Pendurei as minhas roupas de trazer na rua num cabide e enfiei uma cinta de cetim azul-claro, calcei umas meias de seda

transparentes e uns sapatos pretos de salto alto. Depois de me envolver num roupão, ocupei a cadeira entre Anne e Paula, à mesa. Ambas bebiam café em copos de papel, tentando despertarem.

- Bom dia, meninas. - Molhando uma esponja na água comecei a aplicar base no meu rosto, de modo a formar uma película fina. Pelo espelho reparei que Paula parecia excepcionalmente cansada; de cabelo arruivado, ela era, reconhecidamente, o mais bonito modelo de Nova Iorque. - El Morocco? - perguntei.

- Até às três - respondeu ela, como se se queixasse, mas era evidente que o facto a entusiasmava. Era de momento a rapariga mais cobiçada.

- Como É que consegues isso? Passas todas as noites nesses clubes, com... plaíboís. - Era a palavra mais agradável que conseguia arranjar para descrever os homens com quem ela saía. Homens muito mais velhos do que ela, que apareciam mencionados nas colunas dos jornais por causa de um quarto divórcio ou por terem malbaratado uma fortuna nas corridas.

- Querida - disse Paula com a sua voz arrastada -, porque É que não deixas que BuT e eu te levemos a tomar uma bebida esta noite, para te mostrarmos o que tens estado a perder?

Fiz uma careta para o espelho.

- Bem, não percebo o que É que a tua aborrecida rotina e a formatura na escola de freiras fizeram de ti.

- Pensa bem, Aline - interrompeu Amí. - Paula tem razão. Não ganhas nem mais um cêntimo do que nós. Não gostas de dinheiro?

- Porque É que pensam que trabalho aqui? Foi o trabalho mais bem pago que consegui encontrar.

- Mas ela refere-se a verdadeiro dinheiro, querida - explicou Paula. - A ser rica. E para isso É preciso casar com um homem rico. Não desejas isso?

- Quero fazer coisas excitantes. Realizar talvez algo que valha a pena ao mesmo tempo - suspirei, fazendo uma pausa. - Creio que quero É aventura.

- Mais uma razão para saíres comigo e com Mike esta noite. O irmão dele vem à cidade.

Há dias que Amí me andava a pressionar. Estava decidida a casar com Mike Derbí, dos Derbís de Kentuckí, como ela dizia por graça, visto a família dele ser antiga, rica e do Sul.

Mike pedira-lhe para arranjar uma companhia para o irmão, um homem de cerca de trinta e cinco anos; eu tinha vinte anos e nunca saíra com um rapaz dois anos mais velho do que eu.

- Isso significa que teria de apanhar um autocarro tardio para casa. E tenho de me levantar às sete horas. De qualquer maneira, agradeço-te.

Foi a vez de Amí suspirar, cansada da virtude. Da minha.

Nessa altura já o meu cabelo estava preso atrás, em banana.

Dirigi-me para um lavatório e enchi as mãos com sais de sabão para prender as madeixas rebeldes.

Durante duas horas permaneci imóvel, enquanto as costureiras prendiam as mangas e as bainhas segundo as instruções exactas do costureiro. Em cima duma cadeira, na sala de provas, encontrava-se um exemplar do

Journal American da manhã - mostrando uma praia cheia de corpos dos primeiros soldados mortos no desembarque na Sicília.

Estávamos no mês de Dezembro de 1943. O meu irmão Dexter era piloto de combate e encontrava-se estacionado em Inglaterra, o meu irmão Tom estava num submarino algures no Pacífico. E eu continuava ali parada como uma peça de mobiliário, envergando vestidos próprios para festas!

Entrei na passerelle no meio de um turbilhão de luzes, que incidiam sobre os magníficos candelabros de cristal suspensos do tecto do salão. Centenas de chapéus elegantes reflectiam-se nas paredes de espelhos. O brilho dos holofotes e dos flashes das máquinas dos fotógrafos cegava-me. Nessa tarde passei pelo centro daquela sala uma dúzia de vezes. Por fim, a passagem de modelos terminou.

De regresso à sala de provas, tirei o chapÉu, o vÉu e o vestido de casamento que envergava. Depois soltei o cabelo e deixei-o cair sobre os ombros. No meio da confusão ouvi Amí gritar:

- Aline, chega aqui depressa! -
Encontrava-se junto do telefone que havia a um canto e cobria o bocal com uma mão.

- Por favor, não sejas desmancha-prazeres acerca desta noite. O irmão dele acaba de chegar do aeroporto... veio do ultramar. Já te devo ter dito que ele trabalha no Departamento da Guerra.

Não, não tinha. Fiquei estupefacta. Ultramar. Departamento da Guerra. As palavras actuavam em mim, magicamente. Com lentidão, com grande lentidão, murmurei:

- Está bem.

Chegamos tarde.

- Entrem, entrem - disse Mike. -
Desculpem, mas temos de comer imediatamente porque o esparguete está pronto.

Dirigimo-nos para uma grande mesa que dominava o seu pequeno apartamento de homem solteiro. As janelas estavam fechadas por causa do ar húmido da noite e cobertas com cortinas escuras, por causa do blackout. Ouvia-se o zumbido das ventoinhas e do rádio - isso parecia suceder em toda a parte

aonde fôssemos. As notícias sobre a guerra eram um pano de fundo constante em todas as conversas.

- Amí Porter, Aline Griffith. Este É o meu famoso irmão, John.

John Derbí tinha um rosto quadrado, bonitos olhos azuis um rosto bem barbeado e cabelo prematuramente prateado.

Calculei que tivesse uns trinta e cinco anos. O seu corpo era mais sólido do que o do irmão. Achava Mike um pouco gordo, embora mais vivo. Amí e eu sentámo-nos uma de cada lado de Mike. à minha esquerda encontravam-se outros dois homens, seus colegas de trabalho, explicou Mike. Este trabalhava no departamento de pesquisas da Standard Oil. Admirei-me por ele não estar alistado.

John Derbí voltou-se para mim.

- Vinho, Miss Griffith? - Os seus modos eram calmos distantes.

- Não, muito obrigada. Não bebo.

As suas sobrancelhas ergueram-se interrogativamente.

- Nunca - disse eu.

Daí a pouco tornou-se evidente que os

homens não esperavam que eu e Amí tomássemos parte na sua animada conversa sobre as estratégias da guerra e sobre os seus heróis e vilões, de Patton a Rommel, de Roosevelt a Hitler. Falaram da construção do imenso edifício do Pentágono, condenaram unanimemente o dirigente sindicalista John L. Lewis e a greve dos mineiros.

Mais tarde, Derbí voltou-se para mim e perguntou-me, sorrindo-me:

- Tenciona vir a ser um modelo famoso?

Olhei-o bem de frente.

- Não, se conseguir evitá-lo.

- Na verdade? E por quê?

- Quero ir para a guerra... para o ultramar.

John Derbí fitou-me com curiosidade.

- E como tenciona fazer tal coisa?

- Quem me dera saber. Tentei inscrever-me na Jacqueline Cochrans Flíing Training Division e em todos os grupos que conheço. A resposta tem sido sempre a mesma: demasiado nova. Mas há-de haver uma maneira.

- Podia tornar-se enfermeira.

- Isso levaria anos. Quero tomar parte na

guerra agora, onde a luta se está a desenrolar.

- Não percebo porque É que uma rapariga bonita como você, em segurança aqui em Nova Iorque, quer ir para o estrangeiro para se ver envolvida num conflito sangrento. Num sítio onde a sua vida correrá perigo?

Tive vontade de lhe dizer que tivera três antepassadas que se tinham atrevido a desbravar o país, apesar dos ataques dos índios, tendo os filhos sem a ajuda de médicos, suportando as doenças sem remédios, ajudando a construir casas com as suas próprias mãos, para lançarem as suas raízes no Midwest, mas receei que ele se risse de mim, por isso limitei-me a responder:

- Aprecio a aventura. Gosto de correr riscos. Todos os homens que conheço querem partir. Porque hão-de achar tão estranho que uma mulher queira fazer o mesmo?

La olhar para outro lado, quando ele disse:

- Geralmente, as raparigas da sua idade ambicionam casar e ter filhos. Não está apaixonada?

O serão começava a parecer-me

aborrecido.

- Que tem isso a ver comigo?

- Bem... É um factor.

- Não. Não É. Sucedede que não estou apaixonada. Mas mesmo que estivesse não faria qualquer diferença.

A primeira parte poderia ser uma pequena mentira: havia Toní, um interno em Bellevue de quem eu gostava muito. Mas a segunda parte era verdade.

John Derbí observou-me em silêncio. Depois perguntou:

- Conhece algum idioma estrangeiro?

- Na universidade estudei francês como primeira língua estrangeira e espanhol como segunda.

- Oh!

Sorrimos lentamente um para o outro.

- Bem, Miss Griffith, se está de facto a falar a sério a respeito de um trabalho no ultramar, existe uma ligeira possibilidade de eu a poder ajudar. - Olhei-o com novo interesse. - Se por acaso tiver notícias de um Mister Tomlinson - continuou John -, já sabe do que se trata.

Capítulo 2

Cerca de duas semanas mais tarde, num domingo, ao jantar, o meu pai disse-nos que fora feito um inquérito no banco com respeito aos antecedentes da minha família. A minha mãe ficou convencida de que se tratava de algo relativo aos meus irmãos, porque eles estavam nas forças armadas; o meu pai, que dirigia uma fábrica que produzia máquinas de dobrar para as tipografias (fundada pelo meu avô), receava que o inquérito estivesse relacionado com os seus negócios. Ficámos todos um bocado abalados e sem saber o que pensar. Mas essa pequena ansiedade foi apagada pelo tédio do dia-a-dia, e as nossas vidas continuaram como sempre, sem acontecimentos excepcionais.

O tempo ainda estava ameno uma semana mais tarde - era o fim de Setembro -, quando regressei do trabalho. A claridade ia esmorecendo gradualmente enquanto eu subia a encosta no meio das espigas de trigo e o vento suave me emaranhava os cabelos.

Quando entrei na cozinha, a minha mãe

estendeu-me o telefone.

- É para ti. Longa distância.

- Miss Aline Griffith? - perguntou uma voz ligeiramente rouca.

- Sim.

- Daqui fala Mister Tomlinson. Poderá amanhã estar livre durante alguns minutos?

- Sim.

- Então esteja, por favor, no vestíbulo do Biltmore Hotel, às dezoito horas. Um homem com um cravo branco na lapela estará à sua espera. Não fale neste encontro a quem quer que seja. Entendido?

- Sim.

Desligou.

Homens fardados entravam e saíam pelas portas giratórias, dirigindo-se para o bar do hotel ou para o salão de chá, onde se iam encontrar com raparigas de vestidos de seda estampada.

Era um homem de aspecto distinto, de estatura mediana.

Cabelo grisalho. Um fato de corte impecável. Os seus modos eram calmos, suavemente autoritários.

- Vamos sentar-nos ali.

Segui-o para um pequeno compartimento com bancos cor de rubi.

- Creio que poderemos conversar tranquilamente aqui.

Depois de nos sentarmos, o meu interlocutor explicou: - Represento uma secção do Departamento da Guerra. Pode ser que tenhamos algum trabalho interessante para si.

Sorriu. Os seus olhos azul-claros inspiravam confiança.

- Queremos fazer-lhe um teste para lhe darmos um trabalho. Não lhe posso dizer ainda qual será.

Encontrávamo-nos sentados lado a lado, protegidos do ruído e movimento que nos rodeavam.

- Irei trabalhar no ultramar?

- Se passar nos testes, sim. - Falava num tom delicado mas impessoal. - Poderá ir a Washington dentro de dez dias?

Isso significará deixar o seu trabalho. Se tudo correr bem, poderá não mais voltar para ele.

- Posso ir em qualquer altura.

- Bom. - Consultou uma pequena

agenda. - Sexta-feira, oito de Outubro. De amanhã a uma semana. Dê aos seus pais este número de telefone e endereço para o caso de eles precisarem de entrar em contacto consigo. Não se encontrará aqui - bateu na agenda -, mas o correio e telefonemas ser-lhe-ão transmitidos.

A expressão dele tornara-se severa.

- Diga à sua família que vai ser entrevistada pelo Departamento da Guerra por causa de um emprego. Leve uma mala com roupas próprias para estar no campo. Retire todas as etiquetas. Não leve consigo nem documentos nem papéis com as suas iniciais. Ninguém poderá ser capaz de relacionar qualquer objecto consigo. Chegue a Washington por volta do meio-dia. Dirija-se imediatamente para o Edifício Q. Aqui tem o endereço. - Entregou-me outro cartão. - Dê um nome e uma morada falsos à recepcionista do hotel. Quer fazer alguma pergunta?

Abanei a cabeça.

Um criado apareceu para saber o que queríamos.

O meu interlocutor disse:

- Hoje não tomamos nada. - E levantou-se.

Fiz o mesmo.

- Adeus - disse novamente com o sorriso tranquilizante.

- E boa sorte para si.

Uma hora mais tarde, enquanto seguia ao longo da Route 9 W, no autocarro, as excitantes possibilidades que as palavras de Mr. Tomlinson tinham aberto para mim faziam-me subir a temperatura. Pela janela aberta via apenas uma paisagem esbatida, tão concentrada me encontrava nas alterações imediatas que surgiriam na minha vida, agora que ia trocar uma existência rotineira por um futuro cheio de incertezas. Seria talvez loucura aceitar a proposta, mas não podia resistir. Finalmente tinha chegado a minha oportunidade de fazer algo de invulgar. O ultramar. A guerra. Aquilo que eu sempre ambicionara.

O secretismo de Mr. Tomlinson sugeria algo como espionagem. Não, não devia deixar a minha imaginação à solta, mas iria a Washington descobrir de que se tratava. Todo o meu ser pulsava de alegria.

Capítulo 3

- Sente-se, Tiger.

Era o homem com quem eu jantara um mês antes, John Derbí. Não esperara voltar a vê-lo.

- Enquanto aqui estiver, só será conhecida por este nome.

Tem também um número. Quinhentos e vinte e sete.

Sentei-me em frente da secretária dele e pousei a minha mala no chão. Podia ouvir o bater do meu coração. Ele também o ouviria? Inclinou-se para a frente, sorrindo.

- Trata-se da sua primeira viagem a Washington, não é verdade?

- Sim. Pode dizer-se que nunca estive mais longe de casa.

- Creio que o encontro no Biltmore foi bastante mistificador, mas por enquanto não lhe posso dizer mais nada. - Os seus olhos fxaram os meus. - Precisamos de uma rapariga especial para um trabalho especial - continuou. Conservava-se imóvel, sentado à secretária, com as mãos presas uma na outra.

- Já falei com várias candidatas e fiz investigações a respeito delas. Todas elas me foram altamente recomendadas, mas até agora estou convencido de que você É a pessoa mais indicada para passar nos testes preliminares obrigatórios. Escolhi-a por causa da sua idade, do seu êxito escolar, dos seus conhecimentos de línguas estrangeiras, do seu aspecto e também por se dizer disposta a arriscar a vida, se necessário.

Fizemos investigações acerca de si e fomos até aos seus avós. Agora vamos ver como aguenta um treino especial a que terá de ser sujeita. Posso estar a sobrestimar as suas possibilidades. Espero que não.

Observei o gabinete dele. Paredes cinzentas, gavetas de arquivos fazendo parte de um cofre de aço. Encontrava-me no Edifício Q, feio, novo, prefabricado. O sol entrava pela única janela. Estava sentada na minha cadeira, muito direita.

- Nas próximas semanas vai ter de se adaptar a situações invulgares e será julgada pela maneira como o fizer. Ninguém que você venha a conhecer, absolutamente ninguém, deverá saber se você É de Boise ou

de Berlim, se prefere Gole Porter ou Hegel. Deve levar em consideração aquilo que disser e o que não disser, o que fizer e o que não fizer.

Falava em voz baixa, suave, os seus modos eram calmos, mas cada frase continha informações que me seriam vitais.

- A partir deste minuto poderá ser seguida. E, no sítio onde estiver a viver, as suas colegas poderão examinar as suas coisas, procurando indicações para a identificarem.

Isto não me dava ideia de que os meus associados fossem particularmente simpáticos.

John Derbí falou mais lentamente do que dantes, como para gravar mais profundamente as suas palavras no meu cérebro.

- Dirija-se para o Haí Adams Hotel. Espere na entrada principal por um Chevrolet preto com a chapa de matrícula TX16 248. Pergunte: é este o carro de Mister Tom?

- Derbí entregou-me uma estreita tira de papel amarelo.

- Tem aqui a matrícula, para o caso de

vir a esquecê-la.

Destrua-a em seguida. é um luxo para principiantes.

Quando me encontrei novamente na rua tive dificuldade em acreditar que aquilo me estava realmente a acontecer. Percebi que não fazia qualquer ideia sobre a maneira de chegar ao Hal Adams Hotel. Seria fácil. Perguntaria. Não, ele dissera que poderia ser seguida. Por detrás de mim, o Edifício Q erguia-se sobre uma pequena elevação relvada no centro de Washington. Apertei mais a pega da mala, percorri três quarteirões, entrei numa loja e telefonei para o hotel para pedir indicações.

Encontrava-me demasiado longe para ir a pé, e por isso meti-me num táxi. Passei quase todo o tempo a espreitar pela janela, para fora, para me assegurar de que não estava a ser seguida.

Quando cheguei ao caminho curvo que dava acesso ao Hal Adams vi uma multidão na entrada, carros e táxis passando numa fila interminável, indo deixar ou receber os seus passageiros. Esperei passar despercebida no meio da multidão.

Coloquei-me na curva e comecei a examinar todos os carros.

Grupos de pessoas entravam e saíam. Vi uma rapariga com uma grande gardênia amarela atrás da orelha e um jovem soldado numa cadeira de rodas. Os porteiros transportavam as bagagens pesadas.

Um empregado do hotel veio agarrar a minha mala e eu opus-me decididamente a isso.

- Mas, miss... - murmurou. Fiquei sem saber que dizer; nunca estivera num hotel em toda a minha vida. Agarrei a mala com mais força e afastei-me um pouco, tirando o chapéu para alisar o cabelo, que se tornara húmido. Estaria um dia invulgarmente quente, ou seria- nervoso? No lado oposto, quase na minha frente, encontrava-se um homem que envergava um sobretudo preto e tinha o rosto oculto atrás de um jornal.

Alguns passos mais adiante vi outro homem, moreno, de feições sinistras.

Finalmente apareceu um Ghevrolet preto. Voltando-me, abri rapidamente a carteira, verifiquei a matrícula, consciente de que não eram aqueles gestos desajeitados que

esperavam de mim. Quando me virei de novo, os dois homens de aspecto suspeito tinham já entrado no carro e o motorista preparava-se para o pôr em andamento.

Corri para o carro.

- Parem! Parem! Vou convosco.

O motorista franziu o sobrolho.

- Como É que se chama?

Tentando recuperar a compostura, dei a senha:

- É este o carro de Mister Tom?

O homem saiu e colocou a minha mala no porta-bagagens e eu sentei-me no assento de trás, ao lado do homem de sobretudo preto - um homem de meia idade, com cabelo castanho, ralo, cujo sorriso era vagamente tranquilizador. O outro homem ia sentado à esquerda dele. à minha frente estava um homem com espesso cabelo preto, mas não conseguia ver-lhe a cara.

Quando nos afastávamos pensei em dizer qualquer coisa, como belo dia ou Washington É de facto mais bonita que Nova Iorque - não, isso não. Não me tinha Derbí avisado, meia hora antes, que não dissesse nada que me pudesse identificar?

Devia esperar que outra pessoa qualquer comesse a conversa, disse para comigo. Mas com grande surpresa minha, enquanto avançávamos por entre o trânsito, na tarde cheia de sol, ninguém dizia uma palavra.

Seria um percurso curto, imaginava eu – provavelmente uns dez minutos até chegarmos a algum edifício governamental –, até que reparei que as ruas da cidade iam ficando para trás, dando lugar a vivendas residenciais e, finalmente, a estradas que seguiam através de campos arborizados. Durante uns momentos senti-me invadida pelo pânico. Estaria nas mãos de traficantes de carne branca? Tudo era possível. Ali estava eu, sem qualquer identificação. Era apenas Tiger, número 527.

Sáímos da estrada e entrámos numa alameda coberta pelas copas das árvores, cujos ramos se entrelaçavam. Vi pelo meu relógio que viajávamos há quarenta minutos e calculei que devíamos ter percorrido vinte milhas para fora da capital, encontrando-nos agora algures em Maryland ou Virgínia. Não fazia ideia. A casa que se nos deparou era enorme, erguendo-se sobre um relvado no

alto de um monte. O sol incidia sobre a sua fachada branca, fazendo faiscar dezenas de vidraças. Rodeando os seus vastos terrenos via-se a floresta, em tons tão vivos de vermelho e amarelo que parecia pintada. A tarde estava no auge, o ar outonal era suave e perfumado.

Paramos em frente de um pórtico com colunas. Saí do carro, seguida pelos três homens. Alisei rapidamente a saia e o cabelo. A grande porta da entrada abriu-se. Um homem musculoso, cabeludo, vestindo uma camisa de quadrados vermelhos apareceu. Era seguido por outro homem, muito magro, que envergava um casaco militar todo abotoado por cima de umas calças pretas. Reparei também que calçava meias brancas e sapatos pretos de biqueiras pontiagudas.

O homem forte tirou a minha mala das mãos do motorista, que descarregava o carro, e depois dirigiu-se para mim.

- Olá...

Estava à espera. Respondi, um pouco hesitantemente:

- Tiger.

- Você É a Tiger?

Disse que sim com a cabeça, silenciosamente.

- Bem, bem. - O seu sorriso era lento. - Um nome pode por vezes ser enganador. Eu sou Whiskeí. - E estendeu-me a mão.

- Boa tarde... Whiskeí. - Enquanto lhe apertava a mão pensava que o nome lhe ficava bem. Algo nos seus modos, no tom de voz, sugeria bebida - forte, misturada com ponche.

Ouvi o som de pássaros, o murmúrio dos ramos das árvores e... sons abafados de tiros?

- Olá, Pierre - Whiskeí dirigiu-se ao homem que viera sentado no lugar da frente e que eu ainda não conseguira ver.

- Olá, Whiskeí. é bom vê-lo de novo. - A voz era cortante, com um sotaque britânico. Olhei-o pela primeira vez.

Depois controlei-me, tentando não mostrar emoção, pois ele era simplesmente o homem mais atraente que eu já vira. A sua pele morena tinha um tom avermelhado; ele tinha o aspecto de um atleta que passava a maior parte do tempo ao ar livre.

O cabelo era mais negro e mais espesso

do que me parecera no carro. Nesse momento os seus olhos castanhos, penetrantes, fitavam-me. O súbito sorriso revelou dentes brancos e perfeitos. Não se tratava de um homem especialmente alto, mas delgado e vibrante. O seu fato de quadrados pretos e brancos mostrava um corte e qualidade que condiziam com quem o usava. Embaraçada e terrivelmente consciente da presença dele, dirigi-me para as escadas da casa.

Ainda com a minha mala na mão, Whiskeí disse-me:

- Bem, Tiger, gosto muito de a ver por aqui. Entre.

Enquanto subíamos até ao pórtico eu sentia o pavimento tão pouco firme como se pisasse areia. A criatura delgada, baixa, que ficara junto da porta via-nos avançar na mais completa imobilidade e silêncio, como se fosse uma dessas figuras ornamentais que muitas vezes enfeitam as entradas das casas.

Whiskeí fez-lhe sinal para entrar também.

- Sphinx, leve a mala desta menina e indique-lhe o quarto.

O homenzinho observou-me durante

uns segundos. As suas feições esticadas e olhos amendoados eram quase atraentes, mas o seu olhar gelou-me e desfez o encanto que o simpático Pierre irradiara. Tirando a minha mala das mãos de Whiskeí, Sphinx dirigiu-se a passos curtos, precisos, para o grande vestíbulo. Olhei à minha volta e vi homens - apenas homens -, sobretudo homens de quarenta e cinquenta anos, vestidos das mais diversas maneiras, com fatos completos, calças e camisas de desporto, enquanto outros - como Sphinx - usavam uma mistura de uniforme do exÉrcito e de roupas civis.

Whiskeí apontou com a sua grande mão.

- Para a esquerda fica a sala de jantar. O jantar É às dezoito horas em ponto. às dezanove haverá uma reunião na biblioteca, para os recÉm-chegados.

Disse que sim com a cabeça e preparei-me para seguir Sphinx pelas escadas curvas. Os seus passos precisos, de soldadinho de madeira, pararam em frente de uma porta marcada com o número 3.

- É aqui que você fica. - A sua voz aguda era tensa como o seu andar.

Sphinx abriu a porta. O quarto era

pequeno, austero - duas camas, uma secretária encostada à parede branca, duas cadeiras de costas direitas, uma cortina verde cobrindo a janela única. Deitada numa das camas, uma rapariga ergueu os olhos do livro que estava a ler, sobressaltada.

- Podia ter batido - disse, falando com Sphinx.

- Nem pensar, Magic. Não está num hotel de luxo. Trabalha para os EUA. - A voz dele era fria, sem mostrar qualquer emoção.

A rapariga levantou-se, cautelosamente, olhando-me e parecendo estar à espera que Sphinx fizesse as apresentações.

Pelos padrões convencionais, não se podia considerar uma rapariga bonita - um rosto comprido, cavalar, forte cabeleira castanha, reluzente, e óculos com lentes inusitadamente grossas. Mas as suas maçãs de rosto salientes e os olhos claros, com espessas pestanas, davam-lhe um encanto inegável. A comprida saia de lã verde e a camisola azul revelavam uma figura forte, atlética. Observámo-nos mutuamente enquanto Sphinx pousava a minha mala no chão e saía sem dizer uma palavra.

Eu ia começar a falar, mas ela levou um dedo aos lábios, indicando silêncio, e apontou para um canto do tecto. Vi apenas um ventilador.

- Nem uma palavra que não queira que ouçam - sussurrou. - Este quarto está cheio de microfones. - A sua voz abafada tinha um sotaque estrangeiro, gutural. - O meu nome é Magic.

- Eu sou Tiger.

Apertou-me a mão com um gesto afectuoso.

- Aquele homem É o castigo da minha vida - sussurrou novamente, apontando para a porta. - Acha que as mulheres não têm o direito de aqui estar. Muitos dos outros pensam da mesma maneira, mas pelo menos são delicados. Noventa e nove por cento das mulheres não quereriam estar aqui mesmo que pudessem. Amanhã verá o que quero dizer com isto. Mas é fascinante, apesar da dureza do regime. Apenas duas mulheres para mais de trinta homens!

- Somos só as duas?

- Duas não são mais que suficientes? - Piscou um dos seus olhos míopes. - Tenho

sido a única mulher do grupo desde que chegámos, há três semanas. Sexta-feira chegam novos recrutas, juntamente com alguns dos antigos, que tiveram uns dias de férias. Estamos todos em diferentes estádios deste programa de treino. - Olhou para o seu relógio de pulso. - Tenho de ir. - Correu para o armário e trocou os sapatos de salto raso que trazia por uns sapatos de salto alto, passou rapidamente por mim, dizendo chau, e saiu. Caminhei até à janela. Ao longe, os bosques ardentes lançavam sombras extensas sobre os vastos relvados e através das árvores viam-se de relance campos doirados. Lá em baixo um

grupo de homens jogava futebol. Inclinando-me mais, reconheci o simpático Pierre, de pé junto de um grande ácer. Magic parecia correr nessa direcção.

Voltei-me e comecei a tirar as coisas da mala. Depois esperei impacientemente pelas 18 horas.

O grupo que se encontrava na sala de jantar fazia lembrar uma reunião de uma confraria - havia oito homens sentados em cada uma das mesas rectangulares, rindo e

falando tão ruidosamente como se a guerra não tivesse nada a ver com eles.

Whiskeí fez-me sinal para me apresentar.

- Tiger, gostaria de lhe apresentar todos os que estão na nossa mesa.

Apresentou-me Bluejaí, Francis, Popoff, Luckí e outros dois.

Luckí e Popoff tinham sido os meus companheiros silenciosos do carro. Sentando-me entre Whiskeí e Luckí, limitei-me a dizer olá e a sorrir. Estava decidida a não correr riscos desnecessários. Whiskeí voltou-se para mim, amigável, atencioso.

- Então, Tiger, que pensa?

Os homens mostravam-se escrupulosamente atentos.

- Refiro-me às instalações. Não são más, pois não?

- São óptimas. - Sorri outra vez, achando que era o único terreno seguro em que eu me podia refugiar de momento.

- Espero que goste de carne dura, pois irá encontrá-la muitas vezes por aqui.

- Neste sítio É preciso - acrescentou

bem-humoradamente um homem que se encontrava do outro lado da mesa. - é preciso ser-se tão duro como este bife para sobreviver.

Olhando à sua volta, Luckí e eu trocámos um olhar. Ele também permanecera silencioso.

- E não se esqueça das batatas - disse Bluejaí.

- Deve ser a única coisa que se semeia por estas redondezas. Comemos batatas ao pequeno-almoço, almoço e jantar!

- Que há de mal com as batatas? - perguntou Whiskeí com boa disposição. - Os nossos rapazes no ultramar gostam de batatas em purÉ, cozidas, assadas e fritas, por esta ordem.

Não me atrevi a tomar parte na conversa, pois não queria revelar que nunca estivera em parte alguma e que não conhecia o mundo. No entanto, todos falavam livremente - excepto Luckí -, conversando a respeito do ataque de Mark Glark em Nápoles e do passeio de MacArthur na Nova Guiné para assistir aos jogos de futebol da Época.

Na biblioteca ardia um bom fogo, que lançava os seus clarões luminosos sobre as paredes com painéis e sobre os livros com encadernações de cabedal. Luckí já se encontrava ali.

Sentei-me perto dele. Cinco minutos depois encontrávamo-nos ali doze pessoas, reunidas num grupo silencioso. Whiskeí apareceu, seguido de perto por Sphinx.

- Instalem-se confortavelmente por favor. Há ali uísque e Bourbon - explicou apontando para uma mesa encostada à parede - e há cigarros nas caixas.

Com ar despreocupado, o nosso anfitrião, sentado à grande secretária de mogno, com os braços cruzados sobre o peito, esperou que cada copo se enchesse, que cada cigarro estivesse aceso e que todos voltassem a sentar-se. Eu permaneci presa ao meu lugar. Ele parecia querer prolongar a nossa ansiedade.

Sphinx encostou-se à secretária, à direita de Whiskeí, e pela maneira como observava cada um de nós parecia estar a decidir qual iria zurzir primeiro. Descruzando os braços, Whiskeí esperou até se poder ouvir cair um

alfinete.

- Bem, creio que merecem saber o que se passa exactamente e o que estão a fazer aqui.

Whiskeí mudou de posição, esperou, gozando o silêncio.

- Trata-se da primeira escola de espionagem dos Estados Unidos. E vocês estão aqui para serem transformados em...

E...S...P...I...õ...E...S. - Cada letra levou um segundo a dizer.

Ninguém se mexeu. Na lareira uma brasa ardeu com mais força e morreu. Gelo tilintou num copo. Descontraidamente, com simplicidade, Whiskeí continuou.

- Se conseguirem passar este período de treino, serão empregados de um serviço inteiramente novo, o Office of Strategic Services, que tem de responder apenas perante uma pessoa: o general Wild Bill Donovan. Nenhum departamento do Governo tem jurisdição sobre as nossas operações, exceptuando o presidente.

Whiskeí parou durante um segundo, fitando-nos um a um.

- O FBI É o responsável por informações reunidas dentro das nossas fronteiras, e neste

momento estão também a ajudar-nos na América do Sul. Não podemos formar recrutas com rapidez suficiente. Isso deixa-nos com o resto do Globo, e É bastante.

Houve uns murmúrios de acordo. Whiskeí prosseguiu:

- O OSS tem cinco secções. A MO (Mobile Operations), coordena as actividades dos agentes por detrás das linhas inimigas. Há a Secção de Propaganda. A R&A (Research and

Analísis), que reúne e examina informações estratégicas da guerra. A CE (contra-espionagem), que reúne informações do estrangeiro. E a SI (Secret Intelligence), que trata das missões especiais dos agentes no estrangeiro. Donovan É o chefe geral, mas cada uma das cinco secções tem um chefe com autoridade a nível mundial para os assuntos desse departamento. Cada um de vocês estará ligado a uma destas secções.

Sempre com a mesma afabilidade, Whiskeí prosseguiu:

- Isto É, se passarem neste período de formação. Detesto ter de ser eu a dizer-lhes isto, mas a verdade É que alguns de vocês

não estarão aqui sequer duas semanas.

A realidade era aquela, pensei. Como É que a minha inexperiência poderia competir com aqueles homens conhecedores do mundo?

- Alguns demonstrarão que não possuem uma memória suficientemente viva. Ou as vossas respostas serão muito lentas. Ou a fadiga dominá-los-á (É bom dizer-lhes desde já que vão ser sujeitos a uns testes bastante rudes) e terão de cumprir todas as ordens quer o queiram quer não. Vão ter de ser campeões quando pensarem que estão demasiado cansados para se aguentarem de pé mais um minuto. E além disso terão de tomar decisões numa fracção de segundo.

Mais uma vez Whiskeí fitou demoradamente cada um de nós.

- E se não gostarem do que acabei de dizer, se acharem que É demasiado o que se vos pede, a porta está ali. Não há ressentimentos. Desde que assinem um papel e garantirem sob juramento que nunca repetirão uma palavra do que aqui foi dito, podem partir e dentro de uma hora estarão de novo em Washington. E esqueçam que

alguma vez estiveram aqui.

Ninguém se mexeu.

- E há ainda outra coisa. Existe sempre a possibilidade (e não muito remota) de que um agente inimigo se possa ter infiltrado aqui. É essa uma das razões por que o vosso nome de código será o vosso único nome enquanto aqui se encontrarem.

Só vou dizer isto uma vez, mas quero que o não esqueçam.

Guardem a vossa identidade para convosco. E isto significa que a têm de ocultar do vosso companheiro de quarto, do vosso professor, do vosso amigo.

Eu nunca tirei os olhos do orador. Whiskeí não tinha nada do requinte de John Derbí. Os seus modos, a sua maneira de andar eram de um pugilista. John Derbí poderia ser um homem de leis, Whiskeí fazia lembrar um marine. Deviam ser mais ou menos da mesma idade e tinham uma característica comum, pelo menos aos meus olhos - ambos estavam ajogar e ambos sabiam exactamente que carta atirar para a mesa e que carta guardar.

- Esqueçam o vosso passado. Esqueçam

até que o tiveram. Só o presente conta. E o futuro. Agora, aconselho-os a terem uma boa noite de sono... poderá ser a última. Amanhã, o pequeno-almoço é às sete horas e a primeira aula às oito em ponto. Terei o prazer de ser eu a dá-la. Daí em diante o vosso horário será ininterrupto. E creio que por agora é tudo. Ah, a propósito, bem-vindos ao RTU-11, também conhecido por a Quinta.

Saí da biblioteca atordoada. Estaria aquilo tudo a suceder de fato? Ia a subir as escadas quando ouvi:

- Tiger, tenho uma coisa para si.

Voltando-me, vi Whiskeí com um embrulho na mão. Começou a subir até ficar no degrau abaixo do meu.

- Já percebeu que não usamos qualquer uniforme. Mas pode achar isto prático.

Abri o embrulho e vi que continha dois pares de calças de treino do exército, com elástico na cintura.

- Muito obrigada.

- Não são de modo algum suficientemente elegantes para si e espero que não se importe com a cor.

Olhámos um para o outro e finalmente

disse o que estivera a pensar toda a noite:

- Se lhe respondesse a isso não estaria já a revelar algo a respeito de mim própria?

O sorriso dele foi lento. A barba por fazer dava a impressão de que ele tinha uma infinidade de pontos entranhados na face escarpada.

- É assim mesmo, Tiger. Creio que se irá dar bem aqui.

Às oito em ponto, Whiskeí apareceu - atento, seguro, amigável como um velho amigo, resolutos como um tanque Sherman. Sphinx seguia-o. Dois homens de meia-idade envergando uniformes do exército sentaram-se ao fundo da sala enquanto Whiskeí e Sphinx se dirigiam para uma das mesas da frente, sobre a qual colocaram uma haste de metal e o que parecia serem rolos de filmes.

Luckí, que se sentara a meu lado, confidenciou-me:

- A noite passada, um dos tipos que aqui estão contou-me que Whiskeí É excepcional. Esteve em West Point e parece que passou também um ano em Saint-Gír, a academia militar francesa. Depois seguiu para

Inglaterra para continuar a sua formação e tornou-se instrutor de combate corpo a corpo dos agentes canadianos e ingleses que eram enviados para trás das linhas inimigas. Ninguém sabe se Whiskeí prestou serviço nas fileiras, mas É possível. Só se encontra a dirigir isto há dois meses.

O físico de Whiskeí não era dos que se impunham imediatamente, mas à medida que o observava ele ia-me parecendo cada vez mais impressionante - e letal. O corpo dele não era especialmente alto ou largo, mas havia algo nele que revelava uma capacidade física invulgar. Os seus modos reflectiam também confiança nessa capacidade.

- Sabe qual será a duração do nosso período de aprendizagem? - perguntei a Luckí.

- Não há tempo definido. Alguns dos homens têm estado aqui mais de um mês, outros vão-se embora algumas semanas depois de chegarem, para irem para outros campos aprender a saltar de pára-quedas e coisas assim. Cada aluno é preparado para uma missão específica. Quando partirmos, se conseguirmos chegar ao fim, estaremos feitos

por medida. - Agitou-se na cadeira, desconfortavelmente. - Não me agrada não saber o que vou fazer e para onde vou ser enviado. E a si?

Antes de eu ter tempo para responder, Whiskeí, que se encontrava agora diante de um pequeno ecrã portátil que acabara de ser montado, começou a falar.

- Alguém sabe qual É a nossa mais perigosa arma secreta?

- Olhou à sua volta, para a assistência. Ninguém disse nada.

- Vocês fazem parte dela.

Senti o olhar de Luckí. à minha esquerda, um dos homens uniformizados que se encontravam no fundo da sala dirigiu-se para a frente.

- Este nosso amigo - disse Whiskeí, apontando para o oficial que se aproximava - será um dos vossos instrutores.

Vai fazer-lhes um briefing. Tratem-no por capitão, mas não pensem que ele o seja apenas por ter estes galões no seu uniforme. Lembrem-se de que a partir de agora devem pôr em causa qualquer coisa que lhes pareça evidente. Mais tarde pedir-lhes-emos as

vossas opiniões. E podem estar certos de que os vossos instrutores se hão-de rir dos erros que vocês vão cometer, rapazes. Ah, perdão - disse olhando para mim -, e vocês, raparigas.

O capitão deu uma palmadinha nas costas de Whiskeí e começou a falar sem mais preâmbulos.

- A primeira coisa que devem meter na cabeça É que esta é uma agência de serviços secretos e não um serviço de informações público. As informações que fornecemos aos militares são altamente secretas. Sabem o que isso significa?

Significa que podem ser mortos apenas por terem conhecimento delas. Por outras palavras, uma orelha não diz nada à outra. Nós levamos tanto a sério o nosso secretismo como o Abwehr alemão ou a NKVD russa. Se repetirem sem consentimento uma palavra daquilo que ouvirem aqui (não importa a quem ou qual o seu posto) serão julgados por traição. Isto aplica-se a todos, quer passem nos treinos quer não. Percebem, amigos? - Um breve sorriso. - Encontramo-nos aqui para salvar vidas. Será esse o nosso principal esforço. As informações que os nossos

agentes obtêm das forças inimigas, os locais que ocupam na costa, os seus movimentos de tropas, barreiras nas estradas, armas antiaéreas, as suas minas (juntamente com o conhecimento das suas intenções), tudo isso É indispensável.

E temos problemas. Estaline não quer as tropas aliadas na Europa Oriental. Tem planos para dominar os países que rodeiam a Rússia. Isso torna o nosso trabalho nessa área bastante difícil, porque se os nossos agentes pudessem convencer os governos desses países de que não os abandonaríamos às mãos dos bolchevistas depois da guerra alguns estariam agora do nosso lado. Neste momento têm menos receio do nazismo de Hitler do que do comunismo de Estaline.

Há rumores de conspirações para matar Hitler, mas mesmo que elas tivessem êxito isso não acabaria com os nossos problemas. Se o Fóhrer desaparecesse, Heinrich Himmler substitui-lo-ia, e ele É igualmente perigoso.

E temos ainda a Itália, onde tem havido problemas, precisamente por falta de informações sobre as forças alemãs e por

ninguém nos ter podido ainda dizer o que tem Kesselring em mente para o futuro. Recuará? Rommel enviar-lhe-á mais tropas? São estas as questões a que os nossos homens do OSS estão agora a tentar responder. Neste momento, Kesselring encontra-se algures entre Nápoles e Roma e já se perdeu um milhar de americanos. Esperamos que o OSS possa fazer reduzir as baixas e indique o caminho para a vitória. Compreendem agora como o papel para que vão ser preparados é estratégico?

O capitão continuou, esboçando um breve quadro dos acontecimentos no Pacífico. Quando ele acabou, Whiskeí aproximou-se da mesa e perguntou:

- Que diz, capitão? É altura de mostrarmos algumas fotografias?

Um jovem começou a preparar o projecto. Entretanto, Whiskeí dirigiu-se a nós com a sua habitual maneira informal.

- Sabem que em Washington corre uma anedota a nosso respeito... a respeito das iniciais OSS. Oh, so social!

Só porque alguns dos nossos membros vêm nas colunas sociais. Acha isso justo,

Sphinx? - Voltou-se para o homenzinho, que se encontrava sentado atrás dele. - Esquecem-se que têm a sorte de estarem aqui pessoas como nós.

- O que É que social quer dizer, afinal?

- respondeu Sphinx, gracejando com a sua voz, onde havia uma notável falta de humor.

O nosso orador riu com gosto.

- Bem, este pequeno filme caseiro mostrar-lhes-á aquilo com que nós queremos acabar, e serão necessários mais que atributos sociais para o conseguir. - O oficial fez um gesto, as luzes apagaram-se e as cortinas foram fechadas.

O projector começou a funcionar e o foco foi ajustado.

A imagem era má, tinha grão e por vezes mostrava-se pouco nítida. Whiskeí explicou que parte daquela película fora trazida às escondidas de território inimigo. Primeiro vimos imagens da guerra, mostrando o bombardeamento de Roterdão feito pelos alemães. Whiskeí explicou que a cidade não fora destruída por razões militares, mas sim como vingança pela resistência dos holandeses e tendo por fim

aniquilar a vontade das vítimas. Assistimos também à execução em massa de patriotas polacos, que os nazis fuzilavam perto de uma enorme cova aberta; vimos os judeus serem brutalmente perseguidos e presos em Amesterdão, Viena e Bucareste; presenciámos a carnificina em Estalinegrado, reduzida a escombros diante dos nossos olhos.

- Agora vamos ver algo que fica mais perto de nós - continuou o nosso orador. - As próximas estrelas que irão ver trabalharam para qualquer serviço secreto... algumas para o nosso, infelizmente. Uma porção de britânicos. Um sueco. Uma rapariga grega que trabalhava para os russos.

O que vimos então era inacreditável. Quer fossem feitos em tiras por facas, quer tivessem sido enforcados em candeeiros, desfigurados por mãos humanas ou pelo fogo de metralhadoras, o resultado era sempre o mesmo - a morte. No fim, o sorriso de Whiskeí havia desaparecido. Despediu-se de nós apenas com um breve gesto.

Luckí e eu saímos lado a lado. Sentia-me tremer, mas fazia um esforço para ocultar as minhas emoções, porque tinha reparado que

os dois oficiais, assim como Whiskeí e Sphinx, nos observavam enquanto passávamos pela estreita porta.

- Tiger, este trabalho em que estamos metidos pode tornar-se medonho - murmurou Luckí, que se mostrava especialmente abalado. Mais ninguém falou.

A seguir fomos encaminhados para uma sala onde se encontrava um homem alto e forte, chamado George, rodeado por cofres e portas com várias fechaduras. Todo sorrisos, disse-nos, à laia de introdução:

- Antes de deitarem as mãos ao inimigo têm de entrar na casa dele, ah, ah, ah. E eu estou aqui para lhes ensinar exatamente a fazerem isso. Depois de terem entrado em casa do inimigo podem ter de entrar no cofre dele. Mostrem-me as vossas mãos. - Examinou a pele das nossas pontas dos dedos, sobretudo dos polegares e indicadores. - Bem, bem, todos virgens, como era de esperar. - Houve risos. George pegou numa lima. - Todas as manhãs, a primeira coisa que têm de fazer depois de lavarem os dentes É limar a pele das pontas dos dedos (o polegar e o indicador serão suficientes) de

ambas as mãos. Está bem? Para quê? Para aumentar a vossa sensibilidade quando tiverem de detectar marcas nas chaves para abrir fechaduras com várias combinações. Trata-se de uma verdadeira arte... a mais bela das artes, na minha humilde opinião.

Nesse dia George começou a ensinar-nos também a arte de abrir fechaduras de portas e a arte dos carteiristas.

Magic e eu saímos juntas da aula. Parecia ser aquela a única oportunidade para se conversar.

- Tiger, descobriu a sua profissão. Você É espantosa. As minhas mãos são como dois pÉs esquerdos.

- George É um grande professor, e tambÉm uma pessoa encantadora!

- Encantadora! Ele É um arrombador de cofres, evidentemente um excelente profissional. Dizem que saiu da prisão expressamente para nos vir ensinar.

O atraente Pierre estava a meu lado nos exercícios de campo. Ajudou-me imensamente, porque as provas eram muito difíceis. Trepámos paredes de pedra, percorremos um riacho lamacento,

rastejámos no meio da relva alta.

- Venha, Tiger. - Ele sabia o meu nome. - Faltam só mais duas barreiras. Não desanime e não se preocupe com receio de não conseguir. Está a fazer tudo muito bem.

Quando eu não conseguia avançar, ele puxava-me até completarmos a corrida de obstáculos. A nossa recompensa era vermos Sphinx a observar-nos, com os braços cruzados sobre o peito. Nós estávamos suados, ofegantes, enlameados.

- Péssimos. Todos vocês. Não sobreviveriam nem um dia no campo. Lembrem-se de uma coisa: se não estiverem em plena forma, a exaustão fará de cada um de vocês um covarde.

Sphinx voltou-se e eu pensei com alívio que a prova estava terminada. Depois ouvi-o dizer, enquanto se afastava:

- Mais uma vez. Recomecem do início.

Pierre e eu piscámos os olhos um ao outro. Sentia-me demasiado exausta para me preocupar por ele me estar a ver suja, e reparei que ele parecia quase tão fresco como quando começáramos.

Depois do jantar reunimo-nos numa

sala; um visitante que envergava um fato completo, cinzento, e gravata olhou para o seu relógio de pulso.

- Sentem-se à vontade, amigos. Acabo de voltar de uma missão e tenho apenas uma hora para lhes dizer tudo o que sei.

Inclinei-me para a frente, fascinada.

- Quando se trabalha atrás das linhas inimigas, É necessário dinheiro para recrutar novos agentes. Serão seguidos como uma cadela com cio a não ser que saibam fazer essas transações com mestria. Estou aqui para lhes ensinar como negociar. Alguns agentes denunciavam-se apenas por usarem demasiado livremente as suas contas bancárias. Se for possível, quando contratarem um novo agente, adiem o pagamento para o fim da guerra. No caso de ainda não o saberem, fiquem sabendo que o provérbio É verdadeiro: toda a gente tem o seu preço. E nem sempre É dinheiro. Pode ser uma garantia de tratamento, um visto para um imigrante, um emprego para depois da guerra. Certifiquem-se apenas de que o preço não é a vossa vida.

Não via Pierre há vários dias quando o

encontrei à mesa do laboratório onde estávamos a preparar tintas invisíveis. Eram transparentes e impossíveis de detectar com o calor, com o frio e com luz. Ou eram feitas à base de pó seco ou álcool ou água.

Utilizando uma cápsula com um pó, que furou com um palito, Pierre preparou a tinta e escreveu numa folha de papel que depois limpou com um algodão. Quando vi que ele percebera que eu o estava a observar, corei. Pierre limitou-se a sorrir e prosseguiu com o seu trabalho. Depois entregou-me a nota.

Comecei por salpicá-la com um pó vermelho que continha amphotalene. Depois aqueci a folha à luz do isqueiro e expu-la aos raios de uma lanterna portátil de raios ultravioleta.

Letra a letra, as palavras de Pierre apareceram à vista.

Tiger, já reparou que não estamos em Washington, mas sim em Hollíwood! Circulam boatos de que há um antigo espião nazi entre nós. Gosta de popovers para o pequeno-almoço?

Pierre

Li a mensagem e percebi imediatamente

que ele se referia a Popoff, que parecia ser o maior amigo da minha companheira de quarto. Com o seu sotaque, Magic poderia ser uma dissidente alemã.

Era a minha vez de responder. Primeiro preparei uma solução peculiar numa garrafa - um produto químico amarelo, água, e schnapps! Depois mergulhei a caneta nessa mistura:

Pierre, pode haver mais do que um. Que diz ao seguinte elenco:

POPOVERS

A verdadeira história

Claude RainesPopoff

James Gagneí.....Whiskeí

Boris Karloff.....Sphinx

Shirleí TempleTiger

Gharles Boíer.....Pierre

Ele tratou a minha resposta com uma solução de água e cinzas de cigarros, e quando as letras começaram a aparecer vi o seu ar divertido. Quando saímos do laboratório, alguns minutos depois, Pierre perguntou:

- E Magic? Esqueceu-se da nossa estrela?

- Em quem É que está a pensar?

Pierre retorquiu com um piscar de olhos:

- Em Norma Shearer.

Senti pena por não ser tão sofisticada como a minha companheira de quarto, mas na verdade Magic fazia lembrar essa famosa atriz, até na maneira como entrava numa sala e no tom da voz. Notava que Pierre se sentava muitas vezes junto de Magic na sala de jantar e raras vezes fazia um esforço para ficar perto de mim, no entanto mostrava-se encantador e divertido enquanto aprendíamos a enrolar um jornal de modo a ficar com uma ponta tão fina que, no caso de não possuímos nada de melhor, poderia funcionar como arma - como uma faca, com a qual se poderia perfurar um inimigo se apanhássemos a jeito a sua pele macia debaixo do queixo. Enquanto trabalhávamos, Pierre murmurou com cepticismo, em voz baixa:

- Serve também para fazer cócegas. A vítima morrerá a rir.

Capítulo 4

Cerca de dez dias depois de termos iniciado as nossas aulas de combate, cada um de nós foi designado para ser oponente de um dos instruendos mais adiantados. Pierre iria ser o meu adversário.

Calados, em silêncio, observámo-nos mutuamente. O instrutor deu o sinal para começar. Imediatamente o terreno ficou cheio de gladiadores. Avançámos uns para os outros na nossa dança. Pierre atirou-se para a frente com a agilidade de um profissional. O seu braço agarrou-me e lançou-me ao chão.

As árvores nuas erguiam-se por cima de nós.

Pus-me em pé de um salto. Apesar de o soco que ele me deu, que me acertou nas costelas, não ter sido muito forte, tirou-me a respiração e fez-me cair outra vez. Atirei a perna esquerda para a frente, mas ele recuou e eu falhei o golpe. A dor era agonizante, mas com um gesto elástico pus-me de pé e fora do alcance dele. Ofegante, a transpirar, decidi atingi-lo pelo menos com uma pancada.

Pierre movia-se em círculos, cercando-me. Não havia tempo para pensar. Antes de eu me poder aproximar, a sua perna e braço direitos moveram-se com rapidez num golpe de jiu jitsu que me fez cair para trás. Maldição! Mais uma vez tentei aplicar-lhe um golpe de tesoura, e uma vez mais ele se esquivou.

Voltei a cair. Nunca desistir... nunca.

Os nossos olhos encontraram-se. Pierre sorria! O triunfo fácil fazia-lhe curvar os lábios. Pierre aproximou-se, pronto para me atingir, e eu voltei-me como se fosse fugir. Era a minha oportunidade de lhe aplicar o golpe que nos tinham ensinado tão bem. Reunindo todas as energias que me restavam, girei sobre mim própria e ergui a perna para o atingir nos testículos.

As mãos dele agarraram-me na perna antes de esta atingir o seu alvo. Roçando-me pela cara a sua outra mão, empurrou-me um ombro - e eu rolei pelo solo.

Olhei para o céu pálido, encharcada dos pés à cabeça.

O meu fôlego, as minhas forças, tinham desaparecido.

O rosto de Pierre inclinou-se sobre mim.

- Está bem? - reparei que ele nem sequer estava ofegante.

- Uma luta desigual desde o início, uma luta que eu não teria escolhido se tivesse oportunidade de o fazer.

Arquejava. Não lhe podia responder. Mas disse que sim com a cabeça.

- Você andou muito bem, Tiger.

- Muito bem? - repeti ofegante.

- Claro que sim. Quase conseguiu. Está a começar a perceber a ideia.

Olhei-o. A minha boca sabia a sal.

- O seu último pontapé foi quase eficaz. Se eu não o esperasse ter-me-ia posto fora de combate.

Segurando-me as mãos, Pierre ajudou-me a levantar.

Quando o fez, o contacto entre nós transmitiu algo de sensual - espantosamente agradável. Tentei ocultar a minha reacção, começando a sacudir a terra e as folhas que se agarravam à minha roupa. Ele ficou a olhar-me até eu me afastar.

Cada slíde demorava-se vinte segundos no ecrã.

O primeiro slide - o rosto de um homem. Ao lado, o nome, a idade, a ocupação, a morada. O segundo slide era outro homem. Quatro slides ao todo.

O primeiro slide apareceu uma vez mais, mas desta vez apenas o rosto. Procurei na minha memória as informações adequadas. Dez segundos mais tarde, o segundo slide repetia-se no ecrã. E assim por diante.

Depois foram slides de mapas. Primeiro apareciam os nomes de cidades estratégicas, vilas, rios, estradas. Mas quando os mesmos slides voltavam a ser projectados já não traziam nomes. O ponteiro do instrutor tocava em certos pontos do terreno e eu devia dizer os nomes.

Testes desse género repetiam-se continuamente. O que era impossível transformou-se em mera rotina.

Vinte e um dias sem um intervalo - vinte e um dias desde a madrugada à meia-noite, a ser ensinada, treinada, moldada.

Os dias mais longos, mais duros, mais revolucionários da minha vida. Havia alturas em que eu me sentia tão exausta que não

achava qualquer diferença entre fazer tiro com uma metralhadora e enviar mensagens em Morse.

Deram-me então um dia livre. Dormi durante catorze horas seguidas!

Os livros encontravam-se arrumados nas prateleiras numa ordem perfeita. Escolhendo um, puxei-o para fora e ele caiu com um baque surdo no chão. Voltei-me para descer a escada.

Uma mão estendia o livro para mim.

- Outra maneira eficaz de eliminar o inimigo?

Não tinha visto Pierre entrar na biblioteca. Mais uma vez experimentei aquela sensação de - como havia de lhe chamar? - um misto de temor e de tenso alerta.

Quando eu desci, Pierre olhou para o título do livro. Depois fitou-me. Eu vestia um curto vestido de lã e sapatos de salto alto. Tinha o cabelo preso num carrapito sobre a nuca. Pela

segunda vez em duas semanas - estávamos em meados de Novembro - encontrávamo-nos frente a frente. As luzes espalhadas pela biblioteca difundiam uma

luz suave. O tecto alto erguia-se acima de nós como uma abóbada.

- Qual É exactamente o seu interesse pela França? Talvez eu a possa ajudar.

Eu esperava que me enviassem em missão para a França, visto que eu conhecia a língua francesa.

- Estou interessada em estudar as montanhas das fronteiras do país - respondi, o que em parte era verdade.

- Oh, pode ter revelado os seus segredos com isso. Mas não se preocupe, eu não a denunciarei.

- Preocupe-se consigo, Pierre. Faz mais deslizes do que julga. Este livro, por exemplo - agitei o volume encadernado a vermelho diante dos olhos dele -, pode dizer-me algo a seu respeito. - Sorri meigamente, aproximando-me mais dele e sem o desfeitar. Pierre pareceu confuso. - é muito simples descobrir os seus segredos, se eu quiser fazê-lo.

Pierre sorriu, mostrando-se divertido com a minha observação infantil.

Então ergui a mão esquerda, mostrando o meu troféu - uma cigarreira de couro que

eu acabara de retirar do bolso do casaco dele.

Pierre não conseguiu ocultar o seu assombro. Depois sorriu.

- Vejo que daqui em diante não posso tirar os olhos de si.

Tirando-me o livro da mão, começou a folheá-lo.

- Há outro, com mapas mais pormenorizados, que indica claramente as vias de acesso às montanhas, por comboio e pela estrada.

Subiu a escada e daí a pouco desceu-a, trazendo-me o livro.

Puxámos duas cadeiras para junto de uma mesa.

- Os Juras, os Alpes, os Pirenéus. - Com um dedo bronzeado ia percorrendo o mapa. - Ficaria surpreendida se soubesse o que eu cacei aqui. - Apontou para o vale do Loire.

Ergueu os olhos para mim. - Não, nada disso. Aves (faisões), javalis.

Quem seria aquele homem? Senti a fenda que separava os nossos mundos diferentes, mas senti também a nossa proximidade e a intensidade do seu olhar. Pierre aspirou o cigarro e perguntou:

- Fui eu que lhe fiz isso?

Levei a mão à nódoa negra que tinha perto do ouvido e que ainda me doía.

- Você estava apenas a fazer o seu trabalho, e a fazê-lo bem. - Tinha o corpo coberto de nódoas negras. Pierre olhou para a minha cara como se quisesse curar-me com o olhar.

Uma voz familiar fez-me sobressaltar.

- Whiskeí anda à sua procura, Tiger.

- Obrigada, Magic.

Levantei-me, pensando se Magic teria algum interesse especial em me afastar de Pierre. Como poderia eu dizer-lhe que ele nada significava para mim... especialmente agora que descobrira que significava.

O aroma da água-de-colónia de Whiskeí - ou seria da loção para a barba? - chegou-me às narinas. Fosse o que fosse, era demasiado forte e isso devia ser errado. Uma vez ou duas, eu dera pela proximidade de Whiskeí devido àquele perfume.

Tomei mentalmente nota para nunca usar perfume. Estaria ele a usá-lo propositadamente, para ver se algum de nós reparava no perigo de ser identificado por

um cheiro especial? Não podia crer que Whiskeí cometesse um erro daqueles, mas não me atrevi a falar no caso.

O nosso chefe quase desaparecia por detrás das pilhas de papéis que se amontoavam sobre a sua secretária. Uma natureza-morta, uma cornucópia cheia de frutos e de vegetais,

encontrava-se por detrás dele. Provavelmente fora ali deixada pelos antigos habitantes daquela bonita e velha casa.

- Está pronta para umas missões destinadas a pô-la à prova, Tiger?

- Claro que sim.

Sentei-me, encostando os braços à secretária. Talvez aquelas missões fossem decidir o meu destino.

- Amanhã às oito horas sairá daqui, para uma excursão de um dia. Será conduzida de carro a Union Station, onde apanhará o comboio das doze horas para Richmond, Virgínia.

Tem seis horas para entregar esta mensagem. - Estendendo a mão, Whiskeí entregou-me um pequeno sobrescrito. - Volte para Washington no comboio das dezassete

horas. Irão esperá-la à estação.

Ao pegar no sobrescrito senti que me preparava para uma prova de grande importância.

Whiskeí escreveu algo num pedaço de papel. Mostrou-me para eu o ler e disse:

- Decore-o. - Em seguida enrolou-o numa bola e guardou-o no bolso. Eu lera um nome e uma morada. A missão parecia-me demasiado simples. - O objectivo É entregar esse sobrescrito sem que ele seja... interceptado, confiscado.

Devia ter calculado. Iria ser seguida.

No dia seguinte, na estação, fiz a única coisa que me ocorreu. Equipada com a mala que levava para os lavabos, saí de lá com a gola do casaco de peles de Magic a esconder-me o rosto, já de si oculto pelo pequeno véu do meu chapéu. Vestia um vestido da Hattie Carnegie (sem etiqueta) e calçava sapatos de salto alto. Quando, assim vestida, me dirigi para a gare, esperava ter disfarçado suficientemente a minha aparência.

Não levei muito tempo a detectar o homem que me seguira até ao comboio. E eu

que julgava tê-lo despistado! Durante vinte minutos de ansiedade, o comboio rolou. Depois o revisor apareceu a anunciar a estação seguinte, Fredericksburg, onde o comboio devia parar. Levantei-me, caminhei em direcção à casa de banho, abri a porta e entrei. Só quando o comboio começou a afastar-se da estação É que eu abri a porta, corri para os degraus e saltei para a plataforma. Finalmente despistara o meu perseguidor. Mas como É que iria chegar a Richmond a tempo? Não havia comboio senão às quatro e trinta.

O autocarro só partiria mais tarde. Não tinha dinheiro bastante para um táxi, e mesmo assim era preciso encontrá-lo. Com a gasolina racionada eram difíceis de arranjar.

Resolvi-me a ir para a estrada pedir boleia. O endereço que me fora indicado era o de um pequeno hotel. Quando perguntei pelo homem cujo nome decorara, a recepcionista respondeu-me que não se encontrava ali mas que devia estar a chegar a qualquer momento. Depois começou a falar - insistentemente. De onde viera eu? Era parente? Há quanto tempo o conhecia?

Quanto tempo poderia esperar?

Respondi-lhe o melhor que pude, mas mesmo depois de ela ter deixado de me interrogar os meus problemas continuaram, pois a hora do comboio para Washington aproximava-se. Sabia que não podia deixar ali o sobrescrito. Isso era contra as regras. às quatro e quarenta e cinco parti para a estação, verificando constantemente se estaria a ser seguida. Telefonei várias vezes para o hotel, mas só quando faltavam oito minutos para as cinco É que o homem - que se identificou correctamente - atendeu o telefone. Disse-lhe para se dirigir à cabina telefónica onde eu me encontrava e procurar na lista, na letra R, o sobrescrito. Ele achava que seria seguro? O desconhecido respondeu-me que era uma boa solução e eu corri para a estação, mesmo a tempo de apanhar o comboio das cinco.

Na missão seguinte aconteceu o inverso; eu tinha de seguir um homem. Ele pareceu dissolver-se no ar. Apesar de já ter aprendido muito, falhei completamente esse teste.

Num campo ceifado há pouco tempo, por detrás da casa principal, havia um monte

de blocos e de vigas de madeira.

- Faça um recinto com essas estacas. Tem um homem para a ajudar e apenas dez minutos para o construir. Vá.

Tão depressa quanto pude - sob os olhares de dois psiquiatras - comecei a construir uma espécie de uma caixa, encaixando as vigas nos blocos. Vi que Sphinx era a pessoa designada para me ajudar. Vi-o permanecer imóvel enquanto eu inseria três vigas nos blocos. Mas logo que eu comecei a prender a quarta viga ele dedicou-se a tirar as outras três. Levei um momento para perceber o que ele queria fazer. A sua expressão enigmática mantinha-se impávida; apenas os seus olhos tinham um brilho mais vivo.

Redobrando de esforços, trabalhei furiosamente - sem conseguir qualquer resultado. Sphinx retirava as vigas mais depressa do que eu as encaixava, anulando os meus esforços.

Cinco minutos depois, estava farta. Só consegui pensar numa coisa. Sem aviso, fiz girar uma das vigas na minha mão e bati com ela na cabeça de Sphinx. O homenzinho caiu

de joelhos.

Logo a seguir pensei: Oh, meu Deus, mas que fiz eu? No entanto, achei uma certa graça.

Os dois psiquiatras observavam-me como abutres - e o tempo ia passando. Com umas breves tréguas por parte de Sphinx, lancei-me na reconstrução da caixa esquelética e quando ele deu sinais de me querer estragar o trabalho ameacei bater-lhe outra vez. Tinha conseguido construir metade da estrutura quando ouvi gritar:

- Pare!

Um dos médicos - os óculos dele eram mais grossos do que os de Magic - fez-me sinal para me aproximar. Com uma frieza que o próprio Freud aplaudiria, olhou-me e disse:

- A sua paciência... deixa muito a desejar.

Sorri.

- Felizmente o teste era também para avaliar a sua determinação e energia.

Quando me volvei apanhei Sphinx a sorrir.

- A sua próxima missão É um pouco

mais complicada, Tiger. Deve arranjar um emprego numa fábrica de peças de avião, nos arredores de Pittsburg, sem utilizar qualquer identificação. Infelizmente não se conservará lá mais de quarenta e oito horas. Durante esse tempo, no entanto, terá de tirar do cofre do escritório um sobrescrito que contém informações delicadas.

Whiskeí deu-me um rolo de papel transparente.

- Estão aqui todas as indicações relativas ao escritório, incluindo a localização do cofre. Sirva-se da sua iniciativa... há-de arranjar maneira de o abrir. A propósito, tem aqui o número para onde deve telefonar para o caso de ir parar à cadeia. - Entregando-me um pequeno cartão branco, Whiskeí reparou na minha expressão preocupada. - Não se preocupe, Tiger. Tiramos os que não têm sorte da prisão. Se for parar à cadeia, nós fazemo-la sair de lá. é algo que lhe poderá suceder numa das suas viagens.

A minha viagem a Pittsburg teve um êxito relativo. Fui admitida na fábrica sem grande dificuldade, no entanto abri o cofre errado no escritório errado, o que fez

desencadear um alarme. Todavia consegui regressar à Quinta sem uma escolta da polícia. Whiskeí disse-me que nessa missão só tivera um C +.

Baixei a arma e espreitei para o alvo. Não tive sorte. A bala foi-se enterrar no tronco de uma árvore ao lado do alvo. Maldição! A 45, com a sua grossa coronha, fazia-me doer a mão.

Os músculos tremiam-me; a parte de dentro dos joelhos e as nádegas também.

Mudei lentamente de posição, limpando os olhos da chuva miudinha que estava a cair. Após cinco semanas de aprendizagem, aquelas eram as minhas aulas favoritas - os sons, os cheiros, a sensação de competição; algo que uma mulher podia aprender tão rapidamente como um homem. Senti uma presença atrás de mim. A alguns metros de distância, abrigado sob um guarda-chuva, Whiskeí observava-me. Embora as árvores que nos rodeavam estivessem despidas de folhas, o céu, as nuvens, a própria luz tinham um tom de verde-mar. Whiskeí aproximou-se e observou-me.

Olhei-me a mim própria. Depois dos

exercícios da manhã - flexões nos terrenos ensopados -, após jiu jitsu e tiro ao alvo, não só as minhas roupas, mas também o rosto e as mãos, estavam cobertos de lama. O suor corria-me pelo corpo. Tinha o cabelo encharcado colado à cara. Whiskeí ergueu o guarda-chuva acima de nós, aproximando o seu corpo volumoso do meu. Há quanto tempo estaria ali? O tempo suficiente para ter observado os meus tiros.

- Venha para dentro, Tiger, e vá-se arranjar. Dentro de uma hora partirá para Washington. Tem esta tarde um encontro com jupiter.

Jupiter? Quem era Jupiter?

Fui entregar a minha arma no armeiro e dirigi-me para casa debaixo do guarda-chuva de Whiskeí. Quando atravessávamos os relvados ele disse:

- Por acaso vi-a outro dia montar a cavalo. Onde É que aprendeu a montar assim?

- Num cavalo.

Whiskeí riu.

- Muito bem. Nada de deslizes. Eu também monto.

Quando o tempo o permitir, talvez possamos dar um passeio os dois.

Foi estranho eu ter olhado para cima nesse momento. Encontrávamo-nos perto de casa e eu olhei para a janela de um dos quartos do segundo andar. Dali, Pierre via-nos aproximar do terraço.

Sentada na parte de trás do carro, alisei o vestido e passei as mãos pelas pernas para ver se as costuras das meias estavam direitas. A mala encontrava-se a meu lado. Whiskeí dissera-me que depois do meu encontro com Jupiter poderia ter o fim-de-semana livre. O caminho através dos campos e o mau tempo afectaram a minha disposição. Comecei a pensar se aquela reunião seria um bom ou mau sinal. Apesar de todo aquele treino pelo qual tinha passado, teriam eles decidido que não me encontrava apta para o que queriam?

Parecia-me estranho estar de novo numa cidade cheia de vida, com as ruas apinhadas de carros e de gente. A Quinta era um sonho esquisito. Fui deixada em frente do feio Edifício Q, depois conduzida por um assistente que se encontrava na entrada do edifício para o escritório de, John Derbí,

Jupiter!

Tentei não me mostrar preocupada. Ajustei nervosamente um brinco, enquanto me sentava em frente dele. Tendo-se levantado para me cumprimentar, Derbí sentou-se de novo.

Um sorriso apareceu-lhe nos lábios.

- Bem, Tiger, conseguiu mais do que alguns de nós esperávamos.

Havia uma fotografia - voltada para cima - sobre a secretária. Uma jovem magra, ensanguentada, olhava para quem a fotografava com uma expressão suplicante. Sem uma palavra, Derbí inclinou a fotografia para eu a poder ver melhor.

- Trabalho das SS - comentou. Percebi que o fato de se encontrar ali aquela fotografia fora premeditado. Todos os gestos de Derbí Jupiter eram medidos, antecipadamente ponderados.

- Continua disposta a arriscar a vida, Tiger? - perguntou com voz suave.

- Sim.

- Então tenho uma missão para si.

Esperei. Ele fez uma pausa que me pareceu muito prolongada. Mantive-me

imóvel, encostada à cadeira.

- Precisamos de si em... Espanha.

Espanha? Fora o que ele dissera? A minha surpresa era total. A França, a Suécia, talvez a Suíça, pareciam-me locais para onde provavelmente me poderiam enviar, mas nunca pensara em Espanha.

- Então passei nos testes?

- Sim, mas precisa de mais preparação antes de ser enviada para Espanha. Além da sua rotina normal, terá de estudar mais pormenorizadamente o país para onde irá. Na biblioteca da Quinta existe uma abundante informação sobre os países para onde os nossos agentes são enviados. Tenha cuidado em não mostrar o seu interesse por Espanha. Terá de escolher outros dois países para estudar também, de modo a tornar impossível aos seus colegas determinarem para onde irá. Deve familiarizar-se com a história e a geografia de Espanha e ser capaz de reconhecer as personalidades da política actual.

O seu treino de memória deve permitir-lhe absorver uma porção de informações num curto espaço de tempo.

- Para qual das cinco secções do OSS fui nomeada?

- Para a SI (informações secretas). Mas não lhe posso dizer qual será a sua missão. Apenas o chefe a nível mundial da SI, Whitney Shepardson, a poderá pôr a par disso. Shepardson gosta de explicar pessoalmente as missões aos seus agentes que partem para missões delicadas. Terá portanto de esperar até ele a mandar chamar.

Tentei imaginar qual poderia ser a minha missão. Não havia possibilidade de ser lançada de pára-quedas sobre Espanha. Senti-me um pouco desapontada.

- Há lá algo de verdadeiramente excitante? - perguntei.

O treino intensivo a que fora sujeita fazia-me desejar uma missão activa. - Espero que não seja uma coisa muito rotineira. - Tentava descobrir algumas indicações.

Derbí riu.

- Não se preocupe. Acredite que a chave do sucesso da guerra se encontra em Espanha. - Recostou-se para trás, unindo as mãos debaixo do queixo. - à superfície, o país declara-se neutral - prosseguiu Jupiter. -

Politicamente, emocionalmente, É um aliado de Hitler. A Espanha está numa situação precária, volátil. Franco venceu a guerra civil com o auxílio do dinheiro e das tropas alemãs e italianas. E a Espanha ainda sangra dessa guerra, em que morreram mais de um milhão de espanhóis.

Estudara essa devastadora guerra na universidade e lembrava-me que o rei Afonso XIII fora para o exílio em 1930, por causa dos violentos distúrbios de então e para evitar mais derramamento de sangue. Em 1931, as eleições tinham levado os comunistas, os socialistas e os anarquistas ao poder. Em 1936 o país encontrava-se num estado de grande agitação, e a aristocracia, a Igreja Católica e o partido fascista da Falange revoltaram-se contra o Governo republicano. A guerra civil que se seguiu, com um imenso cortejo de sofrimentos humanos, fora a pior da longa história da Espanha.

Jupiter continuou:

- Em Espanha existem ainda inúmeras facções. Muitos dos republicanos que foram vencidos são comunistas ferrenhos.

Alguns são nossos aliados, por causa do

seu ódio aos alemães e da sua aliança com a Rússia. Por todas estas razões, os nossos agentes ali são recrutados apenas entre os que estão desse lado.

Lembrava-me de que alguns americanos tinham ido combater voluntariamente nessa guerra - um grupo chamado a Brigada Abraão Lincoln. Também eles tinham estado do lado dos republicanos. Era algo de confuso. Americanos a ajudarem os comunistas.

- Tudo o que se passa em Espanha tem importância para a guerra que travamos - disse Derbí. - Os alemães obtêm tungsténio para a sua indústria de armamento no Norte de Espanha. Embarcam esse minério em barcos espanhóis que atravessam a baía da Biscaia em direcção a França, sendo transportado a partir daí, por caminho-de-ferro, para a Alemanha. Sem isso, as fábricas de armamento alemãs estariam em dificuldades. A segurança das nossas tropas no Norte de África e das que estão a ser enviadas para a Itália dependem de a Espanha manter a sua neutralidade. Existe sempre a possibilidade de Franco se

juntar a Hitler. Imagine como isso seria desastroso!

- Além disso, estão agora a ser preparadas duas invasões ao continente, uma a norte e outra a sul. Os alemães sentem-se muito preocupados sobre o local onde essas invasões se irão dar. O OSS de Espanha será responsável pelo ataque do sul.

O futuro da guerra reside nessas invasões.

- Mas há outras razões para a Espanha ser importante.

O almirante Canaris, o chefe dos serviços secretos alemães, a Abwehr, É grande amigo de Franco e visita-o regularmente.

Himmler tenta desacreditar Canaris junto de Hitler, afirmando que Canaris influencia Franco para ele não se juntar ao Eixo. Estamos ansiosos para que Himmler não consiga afastar Canaris do seu lugar, porque os nossos agentes noutros países informaram-nos de que Canaris apoia conspirações para assassinar Hitler. Irónico, não É? - Jupiter soltou uma curta gargalhada.

- Estamos a proteger o chefe dos serviços

secretos inimigos!

Eu ia assimilando todas estas informações como podia. Apesar de me sentir confusa, percebia que a Espanha poderia ser de facto a missão excitante que eu esperava me fosse confiada.

Capítulo 5

Só quando o comboio começou a sair da Union Station é que tive tempo para pensar no futuro. As explicações de Jupiter tinham alterado o rumo da minha vida - apontando-o para Espanha. Saboreei essa sensação exultante olhando distraidamente para os edifícios que passavam rapidamente diante dos meus olhos. Finalmente comecei a caminhar pelo corredor do comboio em andamento e entrei no primeiro compartimento, quase vazio. O único ocupante espreitava atentamente pela janela. Pousei a minha mala no chão e sentei-me. Depois tive um choque.

Estaria também ele incrédulo? Se assim foi, não mostrou qualquer emoção, mas pareceu-me ver um brilho mais vivo nos seus olhos. Pierre perguntou então:

- Quer que lhe ponha a mala na rede?

- Oh, não. - Ergui-me de um salto. - Vou para outro compartimento. Sabe que não podemos falar uns com os outros fora da Quinta...

Pierre pegou decididamente na minha

mala e colocou-a na rede.

- Não se preocupe com isso. Não vem neste comboio ninguém que nos conheça. - Sentou-se e acendeu um cigarro.

Anda a seguir-me, Tiger?

A minha expressão fez com que ele se risse com gosto. Eu não sabia que fazer e permaneci de pé. De repente ele puxou-me para baixo e fez-me sentar junto dele.

- Que está a fazer aqui? - perguntei sem me mexer.

- E você? - retorquiu Pierre com o seu sorriso habitual.

Árvores sem folhas continuavam a deslizar rapidamente diante dos vidros da janela. O movimento da carruagem embalava-nos. Precisava de dizer alguma coisa – qualquer coisa.

- Acha que iremos terminar o nosso treino antes de a guerra acabar?

Totalmente recomposto, Pierre disse:

- Com certeza que sim. Não se vislumbra qualquer fim à guerra.

- Mas estamos a ganhar - retorqui, tentando mostrar-me segura.

- No entanto, estamos ainda a subir a

montanha - contradisse Pierre. - A Itália está a ser um desastre. Na Alemanha, a produção de armamento mantém-se alta. Todo o Pacífico se encontra perante nós. E depois há Estaline.

- Estaline? - Era impossível. Ele não tirava os olhos de mim.

- Estaline É insaciável - replicou Pierre. - E a Rússia inesgotável. Está decidida a ser o próximo império mundial.

- Os impérios estão acabados. A guerra conseguiu isso.

- Você É muito optimista, Tiger.

- E você muito pessimista, Pierre.

- Somos muito diferentes - declarou simplesmente.

- Não sei porquê - disse com pena.

- Há muito tempo que queria estar a sós consigo. - Inclinou-se para mim. A luz incidia na parede do compartimento, formando um resplendor amarelo por detrás da cabeça de Pierre.

Pierre ouviu passos no corredor e encostou-se para trás.

Mostrámos os nossos bilhetes ao revisor e antes que ele fechasse a porta entrou uma

mulher com uma criança. Um minuto depois apareceu um oficial do exÉrcito. Ficaram sentados na nossa frente durante o resto da viagem.

Pierre e eu não voltámos a dizer uma palavra até algumas horas mais tarde, quando o comboio parou na PennsÍlvania Station. Pierre levantou-se e tirou a minha mala da rede. Os outros vestiam os casacos; a criança chorava. Pierre sussurrou:

- Quer jantar comigo?

Eu sabia que não o poderia fazer, mas tinha pena.

- Não posso. - A confiança depositada em mim durante as últimas seis semanas continha-me.

- Não seja ridÍcula - murmurou Pierre, aborrecido.

Olhei-o. A expressão dele era indecifrável. Quando nos preparávamos para sair tirei-lhe a mala da mão e corri para o meio das pessoas, acotovelando toda a gente à minha passagem.

No domingo à noite encontrava-me de novo na Quinta, mas Pierre não. Segunda-feira à tarde, quando comecei a

minha última aula, também ainda não tinha chegado.

De olhos vendados, agarrei no revólver e desarmeí-o peça por peça, gatilho, cão, cano, corónha. Tinha um cheiro acre, metálico. Sphinx espalhou as peças à minha volta. Depois, tentando montá-lo outra vez o mais depressa possível, deixei cair o carregador vazio, que bateu no soalho de madeira. Sem ver, sempre observada por Sphinx, continuei o meu trabalho com dificuldade. Teria alguma vez de montar um revólver às escuras, em Espanha? Sphinx fez-me repetir tudo desde o início.

Procurei trabalhar mais devagar e tive mais êxito. Sphinx tinha-nos dito:

- Controlem os nervos, e as vossas mãos e cabeça farão o trabalho que devem fazer.

O som despertou-me de um sono profundo - o que seria?

Ao princípio julguei que Magic estivesse a falar com alguém que estivesse ali no quarto. Levantei-me e fui pé ante pé até junto da cama dela. Magic falava enquanto dormia, com uma voz estranha, que exprimia medo e zanga, uma voz quase histérica. Falava em

alemão ou em polaco, não percebi. Repetiu algo como sorg-liet. Abanei-a suavemente. Magic sentou-se sobressaltada, soltando um gemido de lamento.

- Estava a sonhar - disse eu, acendendo a luz da mesinha-de-cabeceira. Magic respirou profundamente.

- Obrigada, Tiger. Tenho estes pesadelos desde que... calou-se a tempo... - Desculpe tê-la acordado. Espero que nunca tenha de passar pelas experiências que eu tive de suportar.

Percebi que Magic se julgava nessa noite num sítio horrível.

Desconfiava que ela estivera na Europa perto da zona perigosa e que todos os dias fazia um grande esforço para se mostrar despreocupada. A sua tenacidade e boa disposição foram para mim um incentivo mais para suportar o duro regime a que estávamos submetidos.

Sentada diante de uma mesa, em frente de uma pequena caixa eléctrica, tentava concentrar-me na aprendizagem do código Morse. Depois disso recebi lições de cifra.

Disseram-nos que as salas de código não

podiam ser visitadas por quem quer que fosse, a não ser pelos peritos em código dos gabinetes OSS no estrangeiro, visto ser ali que se recebiam todas as mensagens para Washington, e dali partiam todas as que eram transmitidas para fora. Depois de decorarmos muitas combinações de letras, cada um de nós tinha de escolher um código pessoal - algo em prosa ou em poesia -, para a eventualidade de precisarmos de transmitir uma mensagem fora dos canais normais.

Trabalhei com o Morse, manejando a pequena alavanca até o pulso me doer, e em seguida pratiquei no código até achar que não podia absorver outra letra. Dei comigo a repetir letra após letra, tentando inscrevê-las no meu cérebro. A memória era muito importante, e nós Éramos ensinados a melhorá-la associando imagens com números. Com perseverança, esta tornou-se a minha melhor aula, aquela em que eu me revelei melhor.

Dessa vez estava deitada de barriga para baixo, nos campos ventosos, ladeada pelo meu grupo, esperando pelo começo de mais uma lição de manejo de metralhadora. Tinha

as mãos geladas. Por que não tinha calçado as luvas? Atrás de mim ouvi passos pisarem as folhas caídas.

- Deixe-me mostrar-lhe como se faz - disse Pierre, estendendo-se no solo a meu lado.

Uma semana de angústia - não voltara a vê-lo desde aquela noite no comboio. Naquele momento senti-me feliz outra vez

- Apenas porque ele estava ali estendido a meu lado.

- Não se preocupe. Eu ensino-a. Não vai falhar o alvo nem uma só vez. Eu encarrego-me das munições.

Com Pierre a meu lado foi fácil. Era perito em tudo. Em frente de nós, a alguns metros de distância, as balas atingiam o alvo, mesmo no centro. O vento fustigava os campos cultivados. No fim de seis rajadas voltei-me para Pierre.

- Veio aqui expressamente para melhorar a minha pontaria? - As minhas defesas estavam novamente sob controlo.

- Estive fora noutro campo de treino e dentro de poucos dias partirei definitivamente. Penso que na próxima

sexta-feira irá ter outro fim-de-semana livre. Por favor, vá ter comigo domingo de manhã, em frente do Plaza Hotel, na entrada que dá para a praça. Será a minha última oportunidade de a ver.

Comecei a protestar.

- Nada de desculpas - disse Pierre. - Não quer que eu pense que está com receio, pois não?

Nessa semana, a tensão começava a fazer-se sentir. Os restantes nove homens do meu grupo - Luckí e outros dois já se tinham ido embora - tinham um aspecto cansado; eu também. Na noite de quinta-feira tivemos uma sessão de descoberta de identidades, orquestrada por Whiskeí e Sphinx para descobrirem os riscos de segurança. O objectivo era o de desmascarmos os nossos colegas. Por turnos, cada um de nós ia sendo analisado impiedosamente.

Whiskeí e o seu assistente tinham escolhido três dos mais adiantados e mais perspicazes recrutas para me enfrentarem.

Não podiam ter arranjado adversários mais formidáveis e menos desejáveis: Pierre, Popoff e a rainha da Quinta, que fazia tudo

na perfeição - a minha companheira de quarto.

Era Magic que nos observava a todos como se estivesse preparada para descobrir imediatamente as identidades de todos os componentes do grupo.

- Bem, bem, bem - disse, passando a língua pelos lábios -, que poderá ser mais divertido do que descobrir a careca aos nossos mais queridos amigos? - O seu olhar concentrou-se abruptamente no mais velho do grupo. - A si,

Popoff, conheço-o tão bem como as palmas das minhas mãos.

Whiskeí sorriu, enquanto Sphinx se mantinha caracteristicamente fiel ao seu nome. Pierre mantinha-se imóvel como uma pedra, mas o homem calmo que se encontrava sentado em frente de Magic apenas murmurou:

- Não, não conhece.

Magic suspirou.

- Gosta de tulipas, Popoff?

- Tulipas? - Popoff levou a mão ao ouvido como se não tivesse percebido bem.

- Tulipas - repetiu enfaticamente Magic.

- Sabe o que são. Esses encantadores bolbos que todas as Primaveras florescem profusamente na Holanda. Especialmente perto de Haia. A propriedade chamada Park Zorgvliet deve ser um verdadeiro jardim das delícias na Primavera, não É, Popoff?

Olhei para a minha companheira de quarto com incredulidade. De que estava ela a falar? Depois lembrei-me da noite em que ela tivera o pesadelo. Tinham sido aquelas as palavras que ela dissera: Park Zorgvliet . Agora já não me restavam dúvidas de que Magic lá estivera durante esta guerra.

Talvez tivesse ido directamente da Europa para a Quinta. Isso explicaria os vestidos e os sapatos com aparência de estrangeiros.

Magic não esperou por uma resposta.

- Fale-nos, Popoff, a respeito de Agent School West, a melhor escola de espionagem alemã da Europa.

- Engano - declarou Popoffl:

- Estou enganada? - A rainha olhou a sua vítima com satisfação.

- O que É que a faz pensar que eu seja alemão? Será que aves das mesmas penas?...

O que eu imagino É que você tenha passado a sua juventude perto de Leipzig. Talvez filha de algum famoso pianista que tenha dirigido algumas das sinfonias preferidas de Hitler... Que tenha sido denunciada aos nazis por ter ajudado judeus a fugirem da Alemanha...

- A sua imaginação, meu caro Popoff, não tem limites e arranjou uma ficção deliciosa. - Entretanto, a estrela hesitara um pouco. - Toda a gente o sabe, Popoff. Por isso, de que serve ocultá-lo? O que É que sentiu quando se tornou dissidente? Por que motivo o fez?

- Você acha que É adivinha. - O homenzinho parecia ter perdido parte da sua animação. - E quais foram os seus motivos quando fugiu?

Pensei se eles já se teriam conhecido. Provavelmente estavam ambos apenas a fazer suposições, mas não restavam dúvidas de que ambos sabiam muito acerca do que se passava no estrangeiro. Isso deixava-me fora do jogo por enquanto.

- Fale-nos das tulipas, Popoff, e deixe-se de andar a bater o mato.

- Mais vale um pássaro na mão que dois

a voar, minha querida Magic - replicou Popoff - Que sabe a respeito de Pierre?

Um pouco arrependida, talvez, ela olhou para o atraente estrangeiro.

- É rico. Muito rico.

- Tão rico como Tiger? - retorquiu Pierre, falando pela primeira vez.

E também pela primeira vez a estrela me fitou. Não sem simpatia, devo dizê-lo.

- Mais rico.

- De onde É que acham que É Tiger? - perguntou Pierre.

Fiquei tensa.

- De Rhode Island - afirmou Magic.

- Ohio - disse Popoff.

- Manhattan - corrigiu Pierre. - Ou das proximidades.

- Uma filha única - informou Magic.

- Filha de um banqueiro - declarou Pierre, olhando-me. - Foi educada no estrangeiro. Na Suíça.

- Não admira que ela fale fluentemente alemão. Irá ser lançada de pára-quedas sobre o Reno!

Era um jogo das escondidas, que estava a ser jogado com palavras. Olhei para cada

um deles e perguntei:

- Como É que sabem tudo isso?

- Não É nada - disse Popoff com um gesto.

- Fale, Tiger - ordenou Whiskeí. - Que pensa destas personagens?

Não me sentia com subtileza suficiente para descobrir as identidades dos meus companheiros, mas tinha a impressão de que conseguira ocultar-lhes bem a minha. Voltei-me para Magic:

- Você É austríaca. Popoff tem razão. Esteve envolvida em algo de assustador.

Ela fitou-me.

- Talvez um dia, depois de acabada a guerra, eu lhe possa contar.

- Popoff, ouvi dizer que foi... que é... um antigo espião alemão.

- Tão jovem - disse Popoff abanando a cabeça. - E tão ignorante.

Fitei Pierre, tentando esconder a minha perturbação.

- Você É belga. Um plaíboí que gosta de disparar sobre tudo quanto vê.

Pierre sorriu.

- Continue.

- Você É que irá ser lançado atrás das linhas inimigas, onde creio que já esteve.

Agora era a vez de Pierre.

- Tenho observado Magic, muito de perto.

A rainha respondeu com um rápido bater de pestanas.

- Magic é inegavelmente uma mulher de valor e muito feminina. Reconheço-lhe um sotaque flamengo. Deve ter aprendido o alemão numa universidade de Bruxelas por volta de 1938. Creio que foi casada com um oficial alemão porque tem na carteira uma insígnia do Exército alemão.

Não era engano - a nossa alteza corou. Tentei imaginar como É que Pierre teria conseguido revistar a mala que Magic tinha sempre fechada à chave.

Magic fitou hostilmente Pierre.

- Espero que os seus assuntos do coração não interfiram com os seus assuntos de momento - acrescentou Pierre.

- O amor É um jogo, como este, meu caro Pierre. Sabe isso melhor do que eu.

- Touché! - exclamou Whiskeí, sorrindo.

- A festa acabou - anunciou, levantando-se.

Estariamos nós a aprender de mais?, pensei. Algumas daquelas suposições poderiam estar perto da verdade.

No domingo, Pierre chegou atrasado. De pé em frente do Plaza Hotel, esperava que o vento não desmanchasse o meu penteado à pajem, tremendo de frio com o meu traje mais elegante, um fato de saia e casaco de tweed azul com capa e chapéu a condizer. Finalmente vi-o aparecer no meio do trânsito, com um sobretudo bege sobre os ombros. Soldados, oficiais, empregados de lojas transportando grandes embrulhos continuavam a não me deixar vê-lo bem.

Levou a minha mão aos lábios, fitando-me afetuosamente.

Quando me deu o braço, me puxou para si e começámos a andar, os meus escrúpulos a respeito de infringir as regras desapareceram completamente. Afinal, ele dissera que era a única oportunidade que tinha para me ver antes de ir para o ultramar. Podia ser morto. Eu podia nunca mais o ver.

- Sente-se culpada por se encontrar comigo hoje?

- Claro que sim. Não gosto de infringir

regras.

- Eles escolheram-na bem, Tiger. - Os olhos dele sorriam, mas subitamente pareceu-me infeliz.

- De modo algum. Não estaria aqui se fosse uma agente perfeita.

- Não se preocupe com isso agora. Só temos cinco horas para estarmos juntos. - Dirigimo-nos para o parque. Mas o encanto quebrara-se e caminhámos em silêncio durante algum tempo, cada um de nós entregue aos seus próprios pensamentos.

- Então, Tiger - disse Pierre. - Não É esta a maneira adequada de fazer com que um homem passe agradavelmente os seus últimos momentos de liberdade.

Olhei-o e senti-me triste. A missão dele seria provavelmente muito mais perigosa do que a minha. Ele ia certamente para trás das linhas inimigas e estaria em perigo a todo o momento.

Sorri.

- Olhe - disse ele -, sempre desejei ver um índio americano. E se fôssemos àquele museu que fica do outro lado do parque, onde me disseram que há centenas deles?

Não são muito faladores. De qualquer maneira, eu só quero falar consigo.

Nenhuma sombra pairou sobre nós durante o resto do dia; uma alegria genuína parecia irradiar de nós os dois ao mesmo tempo.

Almoçamos no Stork Club, o que para mim era uma experiência nova. Bebemos champanhe. Outra primeira vez.

Quando as bolhinhas secas subiram para o alto dos copos, Pierre tirou do bolso do casaco um estojo vermelho com a marca Cartier. Colocou-a sobre a mesa, na minha frente.

- Abra-a - disse.

Desatei o laço. Pousado sobre o veludo preto havia um anel - um nó de ouro com uma única e cintilante safira, e uns brincos a condizer. Olhei fixamente para Pierre, perscrutando o seu rosto maravilhoso à espera duma explicação.

- Não creio poder aceitar um presente tão valioso.

- Claro que pode. quero que se lembre de mim.

- Lembrar-me-ei de si de qualquer

maneira. E, quem sabe, talvez voltemos a encontrar-nos. Afinal, estamos metidos no mesmo barco.

- Ponha-o.

Timidamente, peguei no anel. Servia-me perfeitamente. Depois pus os brincos.

Antes de poder dizer alguma coisa, Pierre levantou-se e conduziu-me para o meio da sala para dançar. A música suave invadia a sala. Era o êxito desse ano: As Time Goes Bí. Eram quatro horas da tarde e estávamos quase sozinhos ali. Até então praticamente só dançara na faculdade, danças agitadas em que os rostos suados mal se tocavam. Pierre apertava-me nos seus braços, com um braço a rodear-me a cintura. O seu rosto, roçando ao de leve pelo meu, parecia de cetim.

Estivemos quase a perder os nossos comboios, o meu da Pennsylvânia Station para Washington, e o dele com partida da Grand central para... não me atrevi a perguntar-lhe. Na rua, Pierre chamou um táxi. Quando me voltei para ele para me despedir, Pierre começou a erguer a minha mão para a levar aos lábios, depois deixou-a

cair; apertou-me contra ele e beijámo-nos.

Capítulo 6

Baixámo-nos para passar sob os troncos baixos das árvores do bosque por onde íamos passeando.

- Tenho umas notícias estranhas para si, Tiger.

Parei de repente e o meu cavalo relinchou.

Whiskeí olhou-me com pouca convicção.

- Você vai outra vez hoje a Washington.

Porque seria? Pierre partira apenas dois dias antes e eu sentia-me bastante deprimida. O cheiro dos cavalos, das folhas mortas debaixo dos meus pés chegava-me às narinas. Puxei as rédeas do cavalo e aproximei-me de Whiskeí.

- Que É que acha estranho?

- Desta vez é o próprio Shepardson que quer falar consigo. - Desmontou e eu imitei-o.

- Talvez isso signifique que você vai seguir o seu caminho. Ou talvez algo tivesse corrido mal. Sucedeu ultimamente algo de inusitado?

- Nada. - Será que tiveram conhecimento do meu encontro com Pierre?

Com as rédeas nas mãos, fomos caminhando por entre as árvores, esmagando as folhas com as nossas botas.

- Devia passar pelo menos mais duas semanas aqui - disse Whiskeí pensativamente. - Shepardson nunca fala com as pessoas até elas terem terminado o seu treino. Não compreendo. Não costuma ser assim.

Mais uma vez o longo percurso para Washington... a paisagem gelada de princípios de Dezembro fazia aumentar mais ainda as minhas apreensões. Pensei em Pierre. O Chevrolet em que eu seguia era o mesmo que nos conduzira à Quinta nesse já distante dia de Setembro.

Logo que vi Jupiter percebi que tudo estava bem. Ele levantou-se para me cumprimentar com entusiasmo.

- Creio que será o nosso último encontro, Tiger. Você está prestes a partir.

Suspirei de alívio.

Jupiter sorriu.

- Bem, naquela noite em casa do meu irmão, você disse que queria tomar parte na guerra. Pois bem, agora vai fazê-lo, e

conseguiu por mérito próprio. Vou-lhe dizer o que vai fazer.

Jupiter e eu olhámo-nos. Sentia-me, pela primeira vez, preparada.

- Você é um dos elementos-chave que vamos utilizar para garantir que quando a Operação Anvil (a invasão do Sul da Europa) for desencadeada não haja nada que os alemães estejam a fazer que nós não saibamos. Além disso, você ajudará a confundi-los a respeito dos nossos planos.

- Como hei-de fazer tais coisas?

- Tiger, temos uma porção de outras pessoas a trabalhar lá. Algumas poderão estar a trabalhar consigo sem que você o saiba. Mas garanto-lhe que o trabalho que escolhemos para si é crucial. Se você falhar pode estragar o trabalho de muitos outros agentes e os desembarques poderão ser um desastre.

Falo claro?

Nada era claro para mim naquele momento. No entanto, disse que sim com a cabeça.

- Quando me encontrei consigo em Nova Iorque regressava de uma estada de

ano e meio em Espanha. Fui eu que a recomendei para esta missão, e continuo a fazê-lo. Você adapta-se perfeitamente àquilo que queremos. Mas o seu malogro será também o meu.

O significado das palavras de Derbí penetrou-me profundamente. Que grande responsabilidade John Derbí estava a colocar sobre os meus ombros! Jupiter deve ter lido os meus pensamentos, porque perguntou:

- Não está arrependida?

- Não. Estou receosa, excitada, mas desejando ir. Só espero que não me tenha sobrestimado.

- Ouça, Tiger. Você portou-se excepcionalmente bem durante o treino. Se assim não fosse, nunca seria enviada. Sabemos que é capaz de cumprir esta missão. Orgulho-me de si. - Fez uma pausa. - E é tudo. Shepardson está à sua espera. É sempre ele que faz o briefing final.

Pegou no telefone.

- Whitney, tenho Tiger no meu gabinete. Ela vai já para aí.

Jupiter pousou o auscultador.

- Depressa. Hoje está toda a gente

apressada. Siga pelo corredor, para a esquerda, e depois volte à direita.

Percorri rapidamente o corredor tirando o batom dos lábios com as costas da mão. O fato de saia e casaco de tweed castanho e os sapatos práticos tinham sido escolhidos propositadamente para me darem um aspecto sério e mais velho na presença de Whitney Shepardson. Na Quinta ouvira dizer que era o homem mais poderoso do OSS, logo a seguir ao general Donovan.

O chefe dos serviços secretos, distinto, corpulento, de cabelo grisalho, levantou-se quando eu fui introduzida na sala. Deu a volta à grande secretária, passou pela enorme bandeira americana e veio apertar-me a mão. Indicou-me uma cadeira.

- Faça favor de se sentar, Miss Griffith.

Há muito tempo que eu não ouvia este nome.

- Espero que fale livremente comigo. O contato pessoal com os meus agentes vale por dez relatórios destes. - Apontou para os papéis que tinha na mão. - Causou uma excelente impressão nos seus professores. - Ofereceu-me um cigarro.

Recusei. Depois de acender o seu, continuou: - Diga-me qual a razão por que está tão ansiosa por tomar parte na guerra... talvez em situações bastante difíceis.

Os seus modos calmos e simpáticos puseram-me à vontade.

- Mister Shepardson, todos os rapazes que conheço estão metidos na guerra, incluindo os meus dois irmãos, ambos mais novos do que eu. Claro que amo o meu país tanto como eles e estou tão ansiosa como eles a arriscar a vida. Não É justo que só os homens estejam autorizados a lutar por esta grande nação. - Fiz uma pausa.

Ele sorriu.

- Terá inúmeras oportunidades para fazer algo pelo seu país, Miss Griffith. Talvez mais do que julga. A missão para que foi escolhida é vital. Demasiado perigosa para ser confiada a uma mulher tão jovem. Mas, ironicamente, é essa uma das razões que nos levam a escolhê-la. - Shepardson observou-me atentamente. Pensei se ele estaria a mudar de ideias. - Ouça com atenção.

Não precisava de o ter dito. Eu estava já

sentada à beira da cadeira.

- Um contacto dentro da Gestapo, em Berlim, informou-nos de que Himmler tem um dos seus mais hábeis espões a trabalhar em Madrid, a dirigir uma rede especialmente eficaz para descobrir os planos aliados relacionados com a operação Anvil. A sua missão é descobrir quem é essa pessoa. O nosso agente em Berlim deu-nos os nomes de quatro pessoas em Madrid, julgando ser uma delas a que nós procuramos. Todas elas pertencem à alta sociedade internacional, o que não torna fácil a vigilância. Precisamos de um agente ali que se possa integrar nesse grupo. - Aspirou lentamente o cigarro. - Esperamos que você seja a pessoa indicada.

Esperei em silêncio, depois dei um salto inadvertidamente quando dois dos telefones começaram a tocar ao mesmo tempo. Mr. Shepardson atravessou a sala e pegou em ambos os auscultadores.

- Não liguem para aqui durante dez minutos, por favor.

Quando se sentou outra vez puxou a cadeira para mais perto da minha.

- Um dos nossos agentes irá ter consigo

à sua chegada ao Palace Hotel de Madrid. Apresentá-la-á a algumas pessoas e dar-lhe-á alguns conselhos. Em Espanha ninguém espera que uma mulher, e muito menos uma rapariga nova, faça algo desse tipo. Mas não deve esquecer que o inimigo será inteligente e perigoso. Felizmente está bem preparada para se defender. Se se encontrar numa situação difícil... - Fez uma pausa e abanou a cabeça de maneira a encorajar-me a perguntar.

- Está a sugerir que deverei matar um adversário, se necessário: - Esperei que a minha voz parecesse adequadamente des preocupada.

Uma expressão de compaixão passou pelo rosto de Shepardson.

- Poderá eliminar o inimigo como lhe parecer conveniente no momento. Lamentavelmente, a História não conhece solução mais satisfatória. Não temos de gostar de o fazer. Temos apenas de o fazer.

Olhei para Whitney Shepardson sem falar.

- Está disposta a tentar? - perguntou.

Sentia a garganta seca. As palavras

pareciam não querer passar por ela.

- Sim - disse finalmente.

- Terá de ir assistir a uma corrida de touros.

Olhei-o sem compreender.

- Uma tourada - explicou Shepardson. - Terá de melhorar o seu espanhol.

Disse novamente que sim.

O sorriso dele alargou-se.

- Com efeito, É esse o nome que dou à sua missão.

Voltei a não compreender.

- Operação Tourada. O seu chefe em Madrid informá-la-á dos nomes dos quatro suspeitos.

- Farei o melhor que puder, Mister Shepardson. Quando parto?

- Quase imediatamente. Já está a trabalhar contra o tempo. - Shepardson sorriu encorajadoramente. - O seu disfarce será o da American Oil Mission, que É o mesmo de muitos dos nossos agentes ali, se bem que tenhamos outros que usam o disfarce de companhias internacionais com escritórios em Espanha. Diga à sua família e aos seus amigos que lhe escrevam por intermédio do

seu número APO. Todas as cartas que enviar serão censuradas.

Quando saí, Shepardson disse apenas:

- Que Deus a abençoe.

Durante três dias e três noites estive à espera num quarto do quinto andar do Biltmore Hotel, em Manhattan. Só Jupiter e Shepardson sabiam onde eu estava. As ordens que eu recebera tinham sido: Não saia do quarto até lhe dizermos. Fora dado ao meu caso prioridade máxima e partiria no primeiro avião para a Europa. O facto de ir viajar num dos famosos aviões da Pan American, o único serviço aéreo que atravessava o Atlântico, mostrava bem a importância que era dada à minha missão.

Embrulhada num cobertor e sentada numa cadeira junto da janela, via a neve a cair suavemente e observava os engarrafamentos do trânsito naquela véspera de Natal. Depois chegou a noite e Manhattan mergulhou na escuridão. Os seus vultos escuros tornaram-se ameaçadores.

Lembrei-me de coisas em que não pensava há anos. Especialmente da minha infância, quando Pearl River, situada apenas

a trinta e oito milhas para norte de Nova Iorque, era de fato uma pequena cidade. A minha mãe nascera ali, mas os meus avós tinham vindo do Midwest. Os pais do meu pai eram agricultores em Maríland. Excepto em relação à minha avó Griffith, os meus antepassados eram americanos à antiga.

A minha mãe mostrara-se indignada quando eu lhe disse que ia trabalhar para a Oil Mission, em Espanha. um pecado uma rapariga ir viver sozinha, e ainda por cima tão longe , dissera ela. Recordar-me o pecado sempre fora uma preocupação na minha família. Quando tinha quatro anos de idade fora castigada por tirar uma pêra do quintal de Mr. Malloneí, apesar de ela já estar caída no chão. Mais ou menos na mesma altura, Joe Kohler, que vivia perto de nós, passava a vida a dizer merda. Quando eu o imitei foi outro pecado e a minha mãe lavou-me a boca com sabão.

O livro de Hemingwaí Por Quem os Sinos Dobram entreteve-me durante um bocado, mas depois voltei a sonhar.

Sabia que iria partir durante longo tempo e talvez não voltasse mais. Nos dias de

Verão, quando eu tinha doze anos, costumávamos ir apanhar violetas para os bosques. Aos domingos subíamos o monte para irmos a casa da avó Griffith, que nos dava grandes fatias de bolo de café, sentados à volta da mesa da cozinha...

Gostava daquele bolo, da minha avó e lembrava-me com saudade desses momentos. Certa vez cometi o erro de comprar várias bolas de pastilha elástica. Mas isso também foi considerado pecado. Só as raparigas ladinas chupam pastilha elástica, disse a minha avó. Sei que ficara a pensar no que seriam raparigas ladinas e que desejava ver uma delas. Quando entrava em casa a assobiar, a minha avó dizia-me: Aline, acaba com esse barulho. Uma mulher que assobia e uma galinha que cacareja nunca têm bom fim.

Agora pensava que fim teria eu quando, como uma bala, o telefone tocou. Eram 23 e 30, o fim da terceira noite.

A escuridão era completa. Os únicos sons que se ouviam eram os das ondas que batiam contra a plataforma de madeira e o zumbido de um motor. Fora conduzida

através de Manhattan, depois por numerosas ruas nevoentas, até ao cais deserto.

Um homem com um capuz de lã na cabeça emergiu do nevoeiro.

- Estávamos à sua espera, miss - murmurou. Com uma mão segurei na carteira enquanto com a outra me agarrava à dele para descer uma escada que dava para a lancha. O feixe luminoso revelou dois vultos; um homem alto levantou-se justamente quando o barco se pôs em movimento, atirando-nos a ambos para o banco oposto.

- É mais perigoso do que a linha da frente - gracejou. - Está bem?

No ombro do seu casacão estavam as quatro estrelas de prata de general. Disse que sim com a cabeça e sorri. A embarcação cortava as águas agitadas. O vento frio fez com que eu levantasse a gola do casaco e puxasse o chapéu para as orelhas.

Dentro de pouco tempo parávamos perto de um enorme avião da Pan American e passávamos para a prancha para entrarmos no aparelho.

No interior vi um grande salão como o dos transatlânticos, com cortinados, carpetes,

paredes com painéis de madeira polida, sofás estofados e cadeiras de braços. A um canto havia um bar. Éramos trinta e duas pessoas a bordo. Disseram-me que era o máximo para viagens transatlânticas. O Clipper da Pan American flutuava como um pato no mar e o general acompanhou-me na travessia da cabina. Três homens dirigiram-se para ele. Nenhum deles envergava uniforme.

- Que arma secreta tem o senhor aí, general? – perguntou um deles.

- Nem sequer sei o nome dela, Russ. Mas não tenho dúvidas de que vocês descobrirão.

A partida foi anunciada. O homem chamado Russ dirigiu-se para mim e encaminhou-me para uma cadeira de braços, sentando-se noutra, na minha frente. Apertámos os cintos. Um por um, os motores começaram a funcionar. O avião pôs-se em movimento, aumentando a velocidade enquanto sulcava as águas. Com um ruído atroador que o sacudiu da frente para trás, o avião ergueu-se no ar.

Pouco depois, uma voz atrás de mim disse:

- Russ, você e a senhora estão

convidados para jantar connosco a pedido do general.

Não podia acreditar no que estava a ver. Era o mesmo homem que fora ter comigo ao Biltmore Hotel, com um cravo branco na lapela, há tantos meses atrás!

Russ disse então:

- Larrí Mellon, esta É...

- Aline Griffith - murmurei.

Larrí Mellon apertou-me afetuosamente a mão.

- Muito prazer em conhecê-la, Miss Griffith.

Subimos ao piso superior e entrámos numa sala que fazia lembrar a sala de jantar de um comboio, mas muito melhor, e sentámo-nos a uma mesa coberta por uma impecável toalha de damasco branco, cintilante de cristais. Larrí Mellon e o general sentaram-se em frente de um homem que me foi apresentado como Bill Caseí.

Quando tomei o meu lugar ao lado do general, apareceu um comissário de bordo.

- Levaremos duas horas e meia daqui até às Bermudas, meus senhores. Depois de nos reabastecermos rumaremos com destino a

Lisboa.

Fiquei surpreendida. Nas últimas duas semanas fora vacinada contra inúmeras doenças, desde a doença do sono à malária e à peste-negra. Voltei-me para o general:

- A minha viagem foi planeada como devendo passar pelo Brasil e Marrocos. O número de vistos no meu passaporte faz com que ele pareça um acordeão.

O general explicou:

- A rota foi alterada, para maior precaução. Os alemães atacam tudo o que atravesse o Atlântico. Não há muito tempo abateram um avião onde viajava Leslie Howard. Perseguiam um amigo meu, um general inglês. Infelizmente, era também amigo de Howard. Acho que os agentes alemães conseguiram-no localizar por causa da publicidade cinematográfica.

O general abanou a cabeça. - Tem havido várias baixas de aviões que fazem o percurso de ida e volta para Lisboa.

- Não devíamos assustar a única senhora que vem a bordo - disse Larrí Mellon.

- Observei esta senhora quando levantámos voo e não creio que ela se assuste

facilmente - comentou Bill Caseí.

- Ficaria mais preocupado se estivesse no seu lugar, pois vai regressar à frente.

Capítulo 7

Lisboa estava lá em baixo, deslumbrante, envolvida numa ferradura de luzes. Era como se estivéssemos a chegar a uma grande festa que tivesse atingido o auge; a alegria parecia irradiar da baía cintilante para a noite aveludada. Talvez fosse o contraste com o blackout dos Estados Unidos ou por ser aquela a minha primeira viagem de avião, mas a verdade É que me sentia encantada ao ver, da cabina do comandante, o Clipper descer sobre a água, sulcando as ondas, ladeado por duas cristas de espuma.

Lanchas a motor conduzidas por marinheiros portugueses levaram-nos para terra.

- Veja! - exclamou Larrí Mellon, apontando para uns barcos a remos que se viam ali perto. - Os japoneses. Os seus serviços secretos operam em Lisboa e em Madrid. Quando um Clipper da Pan Am caiu há uns meses, os japoneses foram os primeiros a chegar junto dos destroços, apanhando documentos destinados a

embaixadas aliadas, deixando os passageiros feridos afundarem-se e salvando documentação altamente secreta. Tenha cuidado - acrescentou com gravidade -, sob a aparente frivolidade de Lisboa esconde-se uma cidade cheia de intrigas mortais.

Mellon informara-me previamente que recebera ordens para eu me apresentar ao chefe do SI em Portugal, antes de seguir para Madrid.

Um táxi conduziu-nos ao longo da estrada marginal para o Hotel Palácio, no Estoril, a cerca de meia hora de caminho.

Enquanto o empregado da recepção examinava os nossos passaportes, eu admirava a bela carpete, o mobiliário Luís XVI, o relógio de parede antigo, de estilo barroco, a qualidade e a elegância do Velho Mundo.

Larrí olhou para o seu relógio de pulso.

- Será capaz de mudar de roupa em vinte minutos? Preciso de ir ao Casino e gostaria que me acompanhasse.

A ideia de ir ver um casino encantou-me, e daí a um quarto de hora estava pronta.

As portas de mogno e bronze da entrada do palácio do jogo estavam guardadas por funcionários de libré. No interior, o cenário era de fazer cortar a respiração, por causa da sua opulência. Dos tectos cavernosos pendiam candelabros de cristal suspensos por cordas de bronze que iluminavam as inúmeras mesas de jogo. As enormes janelas arqueadas encontravam-se cobertas por sumptuosos cortinados de veludo; a alcatifa vermelha abafava o som dos nossos passos. Quando entrámos ouvimos o ruído da roleta e o tilintar das fichas de jogo.

- Prenez vos places. Rien ne va plus - gritavam os croupiers. Vozes abafadas falavam em muitas línguas. Larrí apontou para alguns japoneses.

- Outra vez esses tipos. Aqui em Lisboa recebem informações a respeito de partidas de tropas de portos da nossa costa ocidental e oriental, que são depois transmitidas para Tóquio e para Berlim. Os japoneses possuem uma excelente rede de espionagem a nível mundial. Contactam agentes aqui no casino recebem mensagens inclusivamente acerca de horas e datas transmitidas por meio dos

números jogados na roleta. . . mesmo diante dos nossos olhos.

Encontrávamo-nos agora junto de uma mesa de chemin de fer, junto da qual se viam oito jogadores sentados e mais de vinte em pé, a observar. Algumas dessas pessoas envergavam trajes de noite, outras estavam vestidas de qualquer maneira.

Junto de uma mesa de jogo, murmurou Larri:

- Os jogadores são supersticiosos, especialmente quando estão em jogo grandes quantias. Há mais de dez mil dólares em escudos e fichas sobre aquela mesa.

Uma senhora gordinha, vestida de renda vermelha e com um alfinete de diamantes e rubis pregado por cima dos seus seios monumentais, estava nesse momento a tirar cartas de uma caixa de madeira que tinha na sua frente. Um dedo com uma unha vermelha puxava carta após carta para cima do pano verde, todas voltadas para baixo - duas para o seu adversário e duas para ela.

- Um jogo enervante. Não se compara com a roleta.

O vencedor É o jogador cujas cartas

perfazem a pontuação de nove, ou o mais perto disso. O rei, a rainha e o valete não contam. Os ases valem um. Veja, ela virou agora uma das suas duas cartas: um terno. Agora o adversário dela pode decidir se deseja uma terceira carta - O silêncio envolvia o grupo.

Ah, ele está a ter dificuldades em se decidir. - O sussurro de Larrí ia-se tornando mais audível. - Provavelmente tem cinco, talvez até seis. - O jogador fez um pequeno gesto negativo com a cabeça. - Vê? Tinha razão. Ele não quer correr o risco. Outra carta pode elevar a pontuação acima dos nove. - Vi que a dama tirava outra carta para si própria.

- É Madame Lubescu e as jóias que usa representam tudo o que lhe resta da enorme fortuna que lhe foi dada pelo rei Carol da Roménia. Se perder esta noite...

Eu não tirava os olhos da pilha de fichas. Ela ganharia?

Após uma fracção de segundo, a dama colocou as cartas sobre o pano verde com um evidente suspiro de alívio - que ecoou na pequena multidão que a rodeava. O adversário dela levantou-se sem dizer uma

palavra e ela esperou que o croupier reunisse as notas e as fichas num monte sobre o centro da mesa. A mão dela hesitou um momento, imóvel sobre a caixa.

Era óbvio que ela estava tentada a jogar outra vez. Se ganhasse duplicaria o dinheiro. Começou lentamente a guardar as fichas na sua bolsa. Em seguida guardou também as notas.

Depois levantou-se e saiu.

Passeámos um bocado pelas salas de jogo. Mellon perscrutava todos os rostos. Depois conduziu-me por um largo corredor até ao Wonder Bar, o clube nocturno, famoso, disse ele, pela sua cozinha. À meia-noite a sala estava apinhada e todas as mesas ocupadas. No recinto destinado aos pares que dançavam, as pessoas moviam-se ao som de uma rumba. Larrí inclinou-se para mim.

- Vê aquele homem que está a dançar com a senhora de vestido rateado? Há-de contactar com ele muitas vezes no futuro. Top Hat, um dos nossos melhores agentes.

A minha impressão foi: Top Hat, o gato. O homem tinha com efeito um aspecto felino; as sobrancelhas espessas e um bigodinho

estreito davam-lhe um ar lébrico. A sua bela companheira parecia apreciar a conversa dele.

- Um dos atributos de Top Hat parece ser o seu jeito para as mulheres - comentei.

- Jeito! Ele não tem só jeito para encantar as mulheres! Ele mata-as!

Depois do jantar, dirigimo-nos outra vez para a entrada, através das enormes salas de tectos altos, conversando a respeito do contraste com a nossa vida na América, quando de repente um grito apavorado de mulher chegou até nós. Num instante, o vasto corredor se encheu de pessoas que corriam.

Larrí fez o mesmo e eu segui-o. Quando chegámos ao extremo do comprido corredor, uma multidão reunia-se em redor de um corpo estendido sobre a tapete vermelha. Vi que se tratava de um homem. O seu rosto estava voltado para baixo.

Larrí, que se encontrava à minha direita, agarrou-me por um braço. Então percebi porquê. O cabo de um punhal emergia do meio das costas cobertas pelo smoking preto!

Permanecemos imóveis. Ouviram-se mais gritos. Uma mulher desmaiou.

Ajoelhando-se, Larri apalpou o pulso do homem enquanto as pessoas se aproximavam para ver melhor. Tudo aquilo sucedera demasiado depressa para eu poder avaliar o seu significado - a cena tinha a irrerealidade de uma ópera. Depois, o meu companheiro voltou ligeiramente o corpo do homem, apenas o bastante para lhe ver o rosto.

A cor desaparecera da cara do homem apunhalado.

O grande nariz e as faces estavam acinzentados. Mellon pareceu receber um choque. Percebi nesse momento que ele conhecia o homem estendido no chão.

O que se teria passado? Vi que estava ali patente a diferença entre a teoria e a prática. Aquele rosto contorcido de dor, imobilizado, despertou-me para a realidade em que eu me encontrava envolvida. O sangue manchava a espessa carpete, salpicando os meus sapatos de cetim com umas pequeninas gotas.

Quando olhei para cima vi um amontoado de rostos espantados - senhoras cobertas de jóias, pessoal do casino, alguns croupiers - que observavam a cena.

Endireitando-se, Mellon fez-me voltar

em sentido contrário, conduzindo-me energicamente pelo meio da multidão até à saída.

- Está morto?

- Está.

- Conhecia-o?

- Claro que não. Vamo-nos embora. Não podemos envolver-nos no caso.

- Como? Não seremos interrogados?

- Aline, onde julga que está? Acorde: isto é Lisboa. Aquela gente que ali está só pensa em ver-se livre do corpo para voltar para as suas mesas de jogo. Alguns daqueles jogadores podem parecer-lhe opulentos, mas muitos deles estão a apostar o pequeno-almoço de amanhã.

No caminho de regresso ao hotel, cada um de nós ia fechado no seu próprio mundo e não falámos. Eu pensava como a morte pode surgir depressa. O sumptuoso vestíbulo do hotel encontrava-se deserto e o relógio antigo por cima do balcão da recepção marcava as 3 e 30. Mellon deixou-me à porta do meu quarto.

- Tente não pensar no que se passou. Aline. Durma. Espere pelo meu telefonema

amanhã de manhã.

Respondi que sim, com um mudo aceno de cabeça.

Abri as janelas da varanda para ouvir o som do mar à distância e reparei nalgumas luzes que pareciam cintilar como estrelas. A noite fria e sem luar fez-me lembrar de outra noite, trinta horas antes, no cais de Brooklín. O meu universo mudara já. Experimentara a excitação, mas também o terror. No entanto, não tive grande dificuldade em adormecer, pouco depois. Seria fadiga ou começaria a ficar calejada?

No dia seguinte, Larrí evitou qualquer referência à noite anterior enquanto nos dirigíamos para Lisboa, pela estrada marginal.

Em breve enveredámos por duas ruas estreitas que subiam as colinas da Lisboa rosada e poeirenta. Numa praça empedrada, perto do cais, alguns pescadores e as suas mulheres vendiam peixe junto das toscas bancas de madeira. Os homens vestiam velhas calças de fazenda e as mulheres saias até ao tornozelo. Xailes negros, franjados, cobriam-lhes os ombros.

Tapavam a cabeça com lenços também pretos. Circulavam alguns carros, mas a maior parte das pessoas andava a pé; vi também um carro elétrico vermelho.

Mesmo em frente de uma fortaleza que erguia o seu escarpado esplendor acima da baía, Larrí disse ao motorista do táxi para parar. Depois de lhe pagarmos, saímos e dirigimo-nos para uma rua lateral. Larrí apontou para um enorme edifício.

- Foi uma das poucas construções que aguentou o terramoto de 1755. Voltaire esteve aqui nessa altura e descreveu o holocausto em *Candide*. Lembra-se?

A rua era íngreme e estreita, ladeada por velhos prédios cinzentos com janelas onde se via roupa a secar que o vento do mar agitava. No número 16, Larrí abriu uma porta e conduziu-me para um pequeno pátio, depois fez-me descer uma antiga escada de pedra.

A sala da cave, sem janelas além de uma estreita abertura em cima, estava cheia de fumo devido aos dez homens que fumavam, sentados em círculo. Reconheci Bill Caseí e Russ Forgan do avião. Os outros eram desconhecidos para mim.

Um deles parecia-me um académico, outro tinha um tipo mediterrânico, outro, com um sotaque inglês, ofereceu-me uma cadeira.

Larrí dirigiu-se para o centro desse círculo. O grupo, que voltara a sentar-se, agitou-se colectivamente nas suas cadeiras.

A húmida cave ficou silenciosa.

- As notícias são más - anunciou Mellon com a sua voz arrastada. - O chefe de uma das nossas equipas MO foi capturado e recebemos informações de que os boches começaram a torturá-lo, arrancando-lhe as unhas uma a uma.

Fiz o possível por ocultar o meu horror. Os agentes MO eram aqueles que se encontravam por detrás das linhas inimigas, utilizando meios psicológicos de combate no Sul da França, fazendo ir pelos ares e sabotando estradas inimigas.

Larrí prosseguiu:

- Um dos nossos colegas lançado sobre Pau foi apanhado logo à chegada. Muito mau, não acham? Isso pode indicar que existe entre nós um agente duplo. - Mellon fez uma pausa, para que a sua informação tivesse o

impacte preciso. – Se assim é - prosseguiu -, a Operação Anvil está a ser sabotada do interior.

- E a respeito do nosso agente liquidado a noite passada no casino? - perguntou um jovem americano esquelético, sentado a meu lado.

- Esqueça o incidente - replicou com azedume Mellon.

Então o morto era um dos nossos. Isso fazia com que a cena que eu presenciara me parecesse ainda mais medonha. Enquanto Larrí fornecia informações técnicas, decidi que a melhor coisa que eu poderia fazer de momento era ocultar o mais possível a grande insegurança que sentia. A noite anterior fora um aviso de situações que eu poderia ter de enfrentar no futuro. E aquilo que eu estava a ouvir mostrava-me bem que o nosso trabalho exigia mais aptidões do que aquelas que nos tinham ensinado na Quinta.

Capítulo 8

Os verdejantes vales de Portugal ficaram para trás. Em breve eu olhava para os campos áridos, cinzentos, de Castela.

A terra parecia mais hostil do que convidativa. Surgiram então as montanhas e depois mais extensas planícies com manchas simétricas de vermelho, castanho, cinzento. Depois de atravessarmos uma cadeia de montanhas cujos cumes se encontravam cobertos de neve, o avião desceu em arco ao longo do curso de um rio num alto planalto. Onde estavam as pessoas? Apenas aparecia aqui e ali uma pequena aldeia, uma meia dúzia de casinhas aglomeradas em pequenas áreas da grande extensão da paisagem. Então era aquele o meu destino. Enquanto olhava para baixo ia rezando mentalmente para ser digna da missão que me fora confiada.

O pequeno avião da Iberia aterrou no meio de um temporal num campo onde se encontrava um Junker bojudo com uma cruz suástica negra e vermelha pintada nas asas. Na sala, semelhante a uma garagem, que

constituía o terminal, dois funcionários da alfândega e soldados da Guardia Civil com capas cor de azeitona até aos tornozelos cumprimentaram-me com sorrisos: Buenos días, senhorita. Depois de carimbarem o meu passaporte e inspeccionarem rapidamente a minha bagagem, escoltaram-me amavelmente até a um táxi.

Mas que inimigo, pensei. Mas depois, recordando-me da cena a que assistira no Casino do Estoril, percebi que não devia ficar excessivamente confiante.

O táxi percorreu os arredores de Madrid seguindo ao longo de uma estrada de terra batida, cheia de covas, passando por uma espectacular praça de touros e depois por ruas ladeadas por edifícios velhos. Alguns minutos mais tarde chegámos a uma avenida orlada de árvores onde crianças bem vestidas brincavam sob a vigilância de preceptoras que envergavam pitorescas saias escocesas, xales de lã com franjas e grandes brincos dourados em forma de globos.

- La Castellana - anunciou orgulhosamente o motorista.

Como Lisboa, a cidade era quase

desprovida de automóveis; algumas bicicletas, algumas carruagens delapidadas puxadas por cavalos ossudos - nem polícias, nem sinais de tráfego.

A certa altura, o motorista passou de raspão por outro táxi que se aproximara e ambos desceram os vidros das janelas e gritaram: Idiota! De espaço a espaço, passávamos por uma praça com árvores nuas e fontes sem água, adornadas por estátuas gigantescas; dos dois lados da avenida havia palácios de granito, com grades de ferro forjado a proteger os jardins.

A tranquila e larga avenida, com as suas velhas residências, tinha um ar de opulência e dignidade antiquadas. Segundo o meu relógio de pulso, faltavam vinte minutos para as cinco da tarde quando parámos em frente do Palace Hotel, nesse dia 31 de Dezembro de 1943. Na recepção preenchi os impressos que me apresentaram. Era o momento planeado em Washington para eu me encontrar, de uma forma que parecesse accidental, com o agente que me deveria contactar do exterior, como dissera Shepardson.

Voltei-me e vi um homem sair detrás de

uma das colunas de mármore, dirigindo-se para mim exactamente de acordo com o que fora previamente combinado. Reparei no seu andar felino mesmo antes de ver a face exótica, de maçãs de rosto salientes.

Era Top Hat!

Mas nesse momento sucedeu outra coisa. Atrás de Top Hat surgira um rapaz de aspecto atraente. Qual deles seria o meu contacto? Quando deixei cair a minha carteira, conforme combinado, ambos os homens quiseram apanhá-la. Olhei para um e para outro. Depois Top Hat, com um delicado desculpe, para o mais novo, pegou na carteira e entregou-ma.

- A maneira histórica de conhecer uma senhora. - As suas palavras, apesar de serem o código correcto, foram pronunciadas com o ar afectado de um mau actor. De perto, as feições dele tinham algo de sinistro; talvez fosse o bigodinho de gangster sobre a boca que sorria afectadamente. Tinha cabelo forte e lustroso de brilhantina, dedos graciosos e dentes extremamente brancos.

- O meu nome É Edmundo Lassalle. Quererá dar-me a honra de tomar uma

bebida comigo no bar, hoje à noite?

Respondi com a frase previamente combinada:

- Que amabilidade a sua convidar-me.

Trocámos mais algumas palavras antes de eu lhe estender a mão para me despedir. Top Hat inclinou-se ligeiramente e beijou-me a mão sempre com os seus modos teatrais.

Quando cheguei ao elevador fiquei surpreendida por encontrar ali o rapaz bem-parecido com as minhas duas malas.

A presença dele enervou-me e senti-me aliviada quando a porta do meu quarto se fechou.

Olhei à minha volta. O soalho de mogno só se encontrava parcialmente coberto por uma carpete vermelha, bastante gasta, mas o quarto era espaçoso, de tectos altos, com uma mobília cheia de torneados e guarda-vestidos em vez de armários metidos na parede. Apalpei o grande almofadão redondo que havia sobre a cama - duro como uma pedra. Em seguida dirigi-me para a janela e afastei os pesados cortinados de veludo e depois as cortinas de renda. Em frente, um edifício com dois leões esculpidos a adornarem a larga

escadaria. Na entrada lia-se Las Gortes . Era o Parlamento espanhol, nada menos.

Um táxi circundou a praça do lado direito, onde uma estátua de Neptuno decorava uma fonte seca; um elétrico amarelo passava. No passeio, lá em baixo, um velhote agitava pedaços de papel. Loteria, dizia com voz aguda, rouca. Mas com lotaria e tudo o mais, a cidade possuía um ritmo lento, pacífico, a anos-luz de distância da agitação de Manhattan.

Às nove e trinta entrei no Palace Bar. Edmundo Lassalle levou a minha mão aos lábios, saudando-me com um sorriso deslumbrante. Quando nos sentámos perguntou:

- Que toma? Aqui toda a gente toma um xerez seco ou um gin fizz.

- Não bebo - respondi.

- Divína - sussurrou. - é melhor para o seu trabalho, minha querida. - O seu sorriso continuava a envolver-me.

- Faz alguma ideia de quem seja aquele rapaz bem-parecido que se encontrava no vestíbulo? - perguntei.

Ele encolheu os ombros.

- Apenas um admirador, presumo. A sua chegada causou sensação.

Olhei-o com desconfiança.

- Ele levou-me as malas para o quarto e quando lhe quis oferecer uma gorjeta não a aceitou. Falava perfeitamente inglês. Suponho que poderia ser alemão.

- Não se preocupe. É nova aqui. Vai ficar sob observação durante uns tempos.

- Visto que vamos trabalhar juntos, não acha que eu devo conhecer a sua cobertura?

- A minha cobertura É ser mexicano. - Tentei não rir.

Que outra coisa poderia ele ser? - O representante de Walt Disney em Espanha. Isto dá-me a possibilidade de parecer neutral e permite-me contactar com pessoas dos dois lados.

O plano é levá-la à recepção da marquesa de Torrejón, onde encontrará espanhóis, e também embaixadores estrangeiros, alguns espiões inimigos, muitas mulheres ricas e bonitas de outros países. Hoje em dia, só mulheres com influência podem obter vistos de saída dos países em guerra. Madrid É considerada hoje em dia o

paraíso da Europa. Será a oportunidade ideal para a apresentar à alta sociedade da cidade.

Um homem baixo e gordo acompanhado por uma mulher loura parou junto da mesa para falar com Edmundo. O meu companheiro ergueu-se, murmurando algumas palavras para o homem, e sentou-se rapidamente outra vez.

- Um amigo meu, da polícia secreta. Não pude apresentá-la porque ele está com a amante. As amantes e as mulheres respeitáveis não contactam umas com as outras aqui - explicou.

Olhei novamente para a mulher, pensando se alguma vez conseguiria distinguir a diferença.

- Vai adorar esta cidade, minha querida - continuou Edmundo. - Toda a gente que aqui está merece ser conhecida. Ali - indicou com um gesto de cabeça - estão os italianos. Perto deles, os alemães. Por detrás estão os romenos, os polacos e os búlgaros. Os japoneses encontram-se naquele canto.

- Alguns deles são espiões inimigos? - perguntei.

- Alguns? - riu. - São todos espiões. Não

há aqui uma só pessoa de confiança.

- Isso inclui-o a si? - perguntei, sorrindo.

- De maneira nenhuma - novamente o brilho dos dentes brancos. Algo a respeito do seu sorriso, da sua maneira de falar, faziam com que eu o achasse tão suspeito como qualquer das outras pessoas que se encontravam na sala.

- Quem É a marquesa de Torrejón?

- É a mais popular líder social e as suas reuniões são famosas. Espero que tenha um guarda-roupa apropriado para as exigências da vida social de Madrid. Se assim não for, recomendo-lhe uma visita à Balenciaga. As mulheres em Madrid são especialmente chiques, embora a mulher do embaixador Haies seja francamente deselegante, ao passo que a mulher do embaixador alemão É de uma elegância que a torna muito popular. A maioria dos espanhóis são politicamente a favor dos aliados. Mas, minha querida, apesar de eu gostar muito dos americanos (e trabalhar para eles), as suas graças sociais não chegam aos pés das dos europeus. - Os seus olhos observavam constantemente tudo o que se passava na sala. Cada recém-chegado era

atentamente observado, mas a tagarelice de Top Hat nunca parava.

- As caçadas às perdizes são grandiosas. As mesas dos banquetes são postas em pleno campo, cheias de pratos e de cristais, e servidas por criados de libré e de luvas brancas.

Quando a Época da caça termina, começa o Carnaval, com os bailes de máscaras e as festas. A cidade inteira costumava sair para as ruas mascarada, mas Franco pôs fim a isso. Foi uma pena. Teria sido útil para nós. Eu adoro disfarces. E você? - esmagava uma batata frita enquanto falava e a maior parte das vezes não esperava pela minha resposta. O seu sotaque estrangeiro tornava sedutor tudo o que ele dizia. - A Quaresma marca uma pausa. Jogam às cartas nos seus palácios gelados. Há falta de carvão, sabe. é por isso que a maior parte dos vestidos da Balenciaga são de lã e de mangas compridas. Durante a Quaresma as senhoras tomam chá e rezam muito o terço; os homens jogam e gabam-se das suas conquistas, das suas seduições. Franco proibiu os casinos públicos. Os espanhóis são

jogadores natos. As apostas são permitidas no jogo do jai-alai na Calle Hermosilla. Há-de ver com que velocidade os agentes de apostas tomam nota delas e depois enrolam os papéis como se fossem bolas de tênis e as atiram para as bancas. O jai-alai É o mais rápido jogo de bola do mundo. Os jogadores são habitualmente bascos. Com alguma sorte, a Quaresma poderá ser temperada por algum escândalo romântico. Não existe divórcio e o adultério torna-se inevitável.

Edmundo ergueu-se outra vez, agora para cumprimentar uma mulher especialmente atraente que se sentou numa mesa por detrás da nossa.

- A guapíssima marquesa de Córdoba - murmurou ao sentar-se de novo. Mas nem sequer a chegada dela o distraiu dos seus propósitos de me informar totalmente a respeito da vida em Espanha. Continuou a sua descrição mais ou menos no ponto em que a deixara.

- Os grandes raramente vão para as suas propriedades no campo, embora as tenham imensas. O racionamento de gasolina É de trinta litros por mês, por isso muitos viajam

de comboio quando são obrigados a visitar uma das suas quintas ou ranchos. Mas todos preferem a alegria da capital à vida no campo, a não ser quando há caçadas, claro. A vida rural em Espanha é muito dura. Não há electricidade, nem canalizações, nem aquecimento, nem estradas decentes. Claro que a guerra civil também não ajudou a situação.

Edmundo gesticulava com os seus dedos graciosos. Frequentemente a sua voz erguia-se num crescendo agudo no fim de uma frase. Ainda não chegara a uma conclusão sobre a espécie de pessoa que era o meu novo colega, mas achava-o curioso.

- Um convite formal para jantar indica as vinte e duas e trinta, mas pode não se ser servido senão uma hora mais tarde.

Os ciganos que animam as festas com os seus cantos e danças nunca chegam antes das duas, por isso não vale a pena começar mais cedo. Também ninguém se levanta de madrugada.

E quero lembrar-lhe uma coisa: É considerado falta de educação telefonar a uma senhora antes do meio-dia.

Pediu outro gin fizz.

- Depois da Quaresma e da Semana Santa vem a Feira de Sevilha, em Abril. Que magníficas carruagens e cavalos! Os arreios são sempre enfeitados com sininhos e pompons!

Durante uma semana, dia e noite, ouve-se o som das castanholas e dança-se nas ruas. E, minha querida, os espanhóis são de fato democratas. Os mais democratas. Ciganos, pobres, ricos, nobres, pastores e vaqueiros, todos dançam e bebem em conjunto quando festejam um feriado. São orgulhosos e individualistas. Não têm inclinação para serem arregimentados, como os alemães. Invejam-se uns aos outros, mas são capazes de morrer por um amigo. Detestam cumprir as leis e são totalmente ingovernáveis. Gostam especialmente de se queixar do Governo, seja ele qual for (monárquico, republicano, democrático), e eles já os tiveram todos.

Deixou de falar durante uns segundos enquanto procurava nos bolsos outro maço de cigarros.

- Na verdade, Aline, terá de me oferecer

um desses maços de cigarros que têm no escritório para arranjam amigos. Estes cigarillos pretos espanhóis cheiram terrivelmente mal.

Fez sinal a um criado, levando expressivamente a mão à boca para explicar o que queria. Depois voltou novamente a sua atenção para mim.

- Maio É o mês da Feira de Santo Isidro, santo padroeiro de Madrid. Há touradas durante dezassete dias. Quando Junho chega, as mulheres e os filhos são enviados para o Norte.

Os maridos ficam aqui, supostamente para trabalhar, claro, - mas na verdade para se divertirem com as suas amiguinhas.

Durante o Verão, o tempo em Madrid É quente e seco, mas nunca insuportável.

O criado apareceu com um sortido de cigarros e charutos.

O meu companheiro esteve ocupado na transacção durante cinco minutos. Por fim pareceu ficar satisfeito e voltou a dedicar-se à tarefa que se impusera de fazer de mim a mais bem informada recém-chegada a Madrid.

- Haverá uma grande quantidade de personalidades espanholas e do eixo em casa da marquesa. Concentre a sua atenção nas mulheres, pois só por intermédio delas se pode entrar numa casa espanhola. A ideia de que as mulheres espanholas são submissas É ridícula. - Tirou do bolso um relógio de ouro preso por uma corrente do mesmo metal. - Deve estar esfomeada. Temos mesa reservada no Edelweiss.

- Um restaurante alemão?

- Sim. Para vermos melhor o inimigo. O Edelweiss É o restaurante favorito dos diplomatas alemães e simpatizantes da Alemanha.

Havia uma multidão esperando à porta, mas Edmundo e eu fomos prontamente conduzidos para uma mesa. A sala era despretensiosa, cheia de gente e do ruído de muitas vozes. Vi o criado andar à volta de Edmundo. Se está a ser pago por nós está a exagerar, pensei.

- Quererá o senhor Lassalle arenque fumado acabado de chegar de Berlim? - perguntava o homem. - Esta noite temos wiener schnitzel ou veado. - Apeteceu-me rir.

Ali estava eu a banquetear-me com as provisões vindas da capital inimiga.

Edmundo acendeu um cigarro comprido e delgado.

- Deve compreender a qualidade do mundo em que está a entrar, minha querida. Estamos agora na estação da caça. Perdizes e javali é o que se come. Raramente servem outra coisa quando se janta em casa de um aristocrata. Especialmente nos jantares oferecidos pelos grandes, que são a nata da nobreza. Vivem no meio do esplendor, mas certamente não dissipam os seus bens. Caçam quatro dias por semana e comem o resultado dos seus esforços durante sete dias. O trabalho, neste país, fica sempre em segundo lugar, em relação ao prazer de gozar a vida. E isto acontece a todos os níveis da sociedade.

Bruscamente, o meu companheiro calou-se. Depois disse:

- Repare naquele tipo alto e louro, naquele canto, à sua esquerda.

Olhei para lá de relance. Vi um rapaz de perfil, com uma cicatriz perto de um olho e um braço ao peito. Olhei interrogativamente para Top Hat.

- É Constantin von Weiderstock, discípulo favorito do almirante Wilhelm Canaris, que controla a Abwehr. Deve saber que, em Berlim, se trava uma luta pelo poder entre Himmler e o chefe deste rapaz, que É também o seu padrinho. Himmler quer ver-se livre do almirante Canaris, absorver a Abwehr, o melhor serviço de espionagem do mundo, e fundi-la com a Gestapo, que se encontra sob o seu comando. Tenta convencer

Hitler de que Franco não entrou na guerra a seu lado porque o almirante Canaris, que É amigo pessoal de Franco, o convenceu a não o fazer.

Eu já ouvira contar aquilo antes e ele deve ter-se apercebido disso. Olhou para o relógio.

- Quase meia-noite. Temos de correr para passarmos a meia-noite do outro lado da rua, no Teatro de la Zarzuela. As estrelas, Lola Flores e Manolo Caracol, são amigos, e bastante úteis. São também os melhores artistas de flamenco de Madrid.

Quando entrámos vimos no palco uma rapariga bonita, cigana, com um abundante cabelo comprido, preto e ondulado, olhos

enormes e corpo cheio de curvas que batia com os pés e agitava as mãos ao som da música cheia de ritmo tocada por dois guitarristas. Um homem forte, com um chapéu preto, de abas largas, calças pretas muito justas e camisa de seda vermelha, cantava La Ninha de Fuego.

A rapariga movia-se freneticamente, lascivamente, e o seu frenesim aumentava com o crescendo do ritmo. Quando a canção chegou ao fim, o pano desceu por entre aplausos tremendos, mas ninguém abandonou o seu lugar. Faltavam cerca de doze minutos para a meia-noite. Os empregados do teatro distribuíram pequenos cestos com uvas brancas por entre a assistência. No palco, cada um dos artistas tinha nas mãos um cesto semelhante. A assistência olhava para um gigantesco relógio que se via no palco. Depois um gongo solene, distante, começou a soar. Todas as cabeças se inclinaram. Os artistas comeram as suas uvas e todos fizeram o mesmo. à minha volta só ouvia um mastigar abafado. Top Hat tinha engolido tudo, até as peles e as grainhas, antes da última badalada. Quando ela soou, o

teatro encheu-se de risos e de gritos.

Edmundo voltou-se para mim e plantou um beijo húmido nas minhas duas faces.

- Feliz ano nuevo, Aline. - Depois olhou para o meu cesto meio cheio. - Não acabou de comer as suas doze uvas. é um mau presságio para 1944 - acrescentou com toda a seriedade.

Capítulo 9

Na manhã seguinte, fui acordada por pancadas suaves, mas persistentes na porta do meu quarto. Enfiei um roupão e perguntei:

- Quem é?

- El mozo de espadas.

- Moço de espadas? - Cautelosamente, abri a porta. Três homens vestidos de preto inclinaram-se respeitosamente. Um deles tinha na mão o maior cesto de flores que eu já vira - lindos cravos vermelhos. Os outros dois tinham trajes cintilantes dobrados sobre os braços.

- Senhorita Griffith, sou o mozo de espadas de Don Juan Belmonte, que lhe envia estes presentes.

- Belmonte?

- Sim, senhorita. - O homem sorriu.

- Se faz favor, pode dizer-me quem É Belmonte?

- A senhorita deve ter ouvido falar do grande Belmonte.

Abanei a cabeça.

- Deve haver algum engano.

- Não há engano nenhum - respondeu o homem delicadamente. - Don Juan viu a senhorita a noite passada no Teatro de la Zarzuela.

Aponte para os trajes reluzentes.

- Mas o que É isso?

- Senhorita, são os trajes de luces, que Don Juan usou em Toledo, quando lhe deram as duas orelhas.

As roupas eram bonitas - calças de cetim cor-de-rosa bordadas à mão e uma jaqueta curta bordada a ouro e cequins.

Antes de eu me aperceber disso, tinha uma capa nos meus braços, com os seus bordados reluzentes, e tão pesada que eu mal tinha forças para a segurar.

- Digam a Mister Belmonte que aceito as flores e que agradeço, mas as roupas não.

- Senhorita, não recuse, por favor. Don Juan nunca... nunca nos perdoaria.

- Lamento, mas está completamente fora de questão.

Levei cinco minutos para convencer o trio a partir.

Telefonei para Top Hat.

- Edmundo, É Aline. Desculpe acordá-lo. Agradeço-lhe muito a noite passada. Diga-me só uma coisa, e depois pode voltar a adormecer. Quem É Don Juan Belmonte?

- Um grande matador e filho do maior toureiro da história.

Mais tarde telefono-lhe, guapa.

Tomei um banho, vesti-me de uma maneira prática - calças e uma camisa de quadrados -, devorei o chá e o pão estaladiço com marmelada, enquanto procurava no mapa da cidade a Calle Alcala Galiano - aí, no número 4, ficava a American Oil Mission, onde eu devia começar a trabalhar no dia seguinte. Vestindo um casaco comprido, dirigi-me para a rua.

Naquele dia de Ano Novo, de manhã cedo, a cidade era minha. Meti-me num elétrico amarelo que subia a Castellana para a Plaza de Colón, onde uma estátua de Cristóvão Colombo olhava para o mundo. Apesar de estar uma fria manhã de Inverno, dois homens bebiam café, sentados numa esplanada, ao sol.

Caminhei pela Calle Alcala Galiano até ao número 4, um velho edifício de pedra,

junto do qual o condutor de um moderno Packard preto me olhou como já o tinham feito as pessoas no vestíbulo do hotel e no elétrico. Quando eu passei debruçou-se da janela.

- Porque É que uma rapariga tão bonita quer usar roupas de homem?

Apertei mais o casaco. Pelo menos percebia agora o motivo que levara as pessoas a olharem tanto para mim e percebi que seria melhor não voltar a usar calças compridas em Madrid.

Mudei rapidamente de direcção e dirigi-me para o centro da cidade. As lojas, nas ruas estreitas, como em Lisboa, eram pequenas e especializadas. As ruas tinham os nomes dos seus artigos: Rua da Prata, Rua do Ouro, Rua dos Correeiros, Rua dos Encadernadores. Os artigos expostos pareciam datar de há cinco anos atrás - cintas e coletes com barbas, chapéus altos, utensílios de cobre.

Havia mendicidade, e quando eu me sentei num banco na Plaza Santa Ana um engraxador colocou-se na minha frente, com um banquinho, e começou a engraxar-me os

sapatos. As mulheres vestiam de preto e usavam lenços de lã amarrados debaixo do queixo; os homens usavam compridas e volumosas capas ou sobretudos. A carruagem puxada por um cavalo que me conduziu ao hotel custou-me apenas dez cêntimos, apesar de o percurso pela Calle Alcala e pela Gran Vía levar meia hora. Carros e carroças puxadas a mulas metiam-se por entre os automóveis antigos, muitos dos quais funcionavam graças a um fogão colocado no porta-bagagens, queimando carvão de lenha. O cocheiro explicou-me que aqueles gasógenos eram uma solução por causa do preço da gasolina.

Quando entrei no vestíbulo do hotel os três homens continuavam à minha espera, com mais flores e os trajes cintilantes.

Mais uma vez aceitei as flores e recusei os trajes de luzes.

O meu quarto assemelhava-se agora a uma câmara funerária.

Meia hora depois, o telefone tocou.

- Senhorita Griffith? - Ele dizia Greefeet.

- A própria.

- Eu sou Juan Belmonte e gostaria de ter

o privilégio de sair consigo para lhe comprar uma caixa de chocolates.

Tentei não soltar uma gargalhada. O incrível convite encorajou-me.

- E quando é que gostaria de comprar esses chocolates, senhor Belmonte?

- O mais depressa possível, senhorita. Hoje à tarde seria perfeito. Podia ir buscá-la por volta das cinco horas. Será possível?

Visto não ter nada melhor para fazer, concordei.

- Mas como É que o reconhecerei? - Houve uma pausa antes de ele responder.

- Não É problema, senhorita. Reconhecê-la-ei eu.

O vestíbulo, que, de manhã, estava deserto como uma morgue, às cinco horas da tarde estava cheio de agitação. Uma das causas dessa agitação parecia ser um rapaz de cabelo escuro que assinava autógrafos. Olhei à minha volta e não vi ninguém à minha espera. Então o centro das atenções dirigiu-se para mim. Eu julgara que um matador fosse alto e forte, como um jogador de futebol. Ele era baixo, magro, de pele cor de azeitona e tinha um belo sorriso.

- Senhorita Griffith - disse levando a minha mão aos lábios. - Não posso pensar num presságio mais prometedor do que passar o primeiro dia do Ano Novo a comprar-lhe chocolates.

Pensei se se trataria de outra superstição espanhola.

- Posso tratá-la pelo seu primeiro nome?

- Chamo-me Aline.

Belmonte deu-me o braço e escoltou-me até a um carro rodeado de admiradores. O porteiro afastou a multidão e nós desaparecemos no Bugatti descapotável.

- É a primeira rapariga americana que eu vejo em Madrid.

- Belmonte tinha uns olhos escuros muito vivos e pestanas espessas e longas. - A que É que devemos a honra da visita da senhorita?

- Venho trabalhar em Madrid, Mister Belmonte.

- Por favor chame-me ,Juanito. Toda a gente o faz. - A expressão do matador tornou-se mais animada. - Então vai estar entre nós durante algum tempo? O suficiente para me ver na arena? A Época abre em

Março, mas as melhores touradas só começam em Maio. - Abrandou o andamento do carro quanto entrámos na Gran Vía. - E qual É o seu trabalho aqui?

- Estou na American Oil Mission.

- Maravilhoso. Por favor sirva-se da sua influência para termos mais gasolina. Os preços do mercado negro tornam cada vez mais dispendioso andar com este carro. Agora que está aqui, tenho a certeza de que as coisas irão melhorar.

Fez o carro parar na Calle Peligros, em frente de uma loja cujo letreiro dizia La Mahonesa , depois deu delicadamente a volta ao carro para me abrir a porta e para me conduzir ao interior da loja.

- Muito obrigado por ter aberto a loja neste feriado, Don José, e muito bom Ano Novo para si. - O dono da loja, obviamente encantado por receber o famoso toureiro, curvou-se repetidas vezes e começou por felicitá-lo pelas touradas da Época anterior. Juanito interrompeu-o para me apresentar. Don José inclinou-se profundamente na minha frente.

- Senhorita, É uma honra que me dá ao

visitar esta loja. Há cento e sessenta e seis anos que nós fabricamos os melhores chocolates de Espanha. Servimos a família real e os mais ilustres cidadãos do país. A senhorita irá ter uma caixa como as que preparamos para a rainha Victoria Eugenia. - Mostrou-me uma caixa forrada de seda cor-de-rosa e, pegando numa pinça que se encontrava sobre o balcão, começou a escolher chocolates de cada um dos grupos existentes na vitrina.

Ficamos a vê-lo durante alguns minutos. Depois, Belmonte deu-me o braço e voltou-se para sair, dizendo para o atarefado comerciante, quando chegámos à porta:

- Don José, estaremos no carro.

- E os chocolates? - perguntei eu. - Não temos de esperar?

- Certamente que não - retorquiu Belmonte. - Em Espanha, os cavalheiros não transportam embrulhos.

Alguns minutos depois, Don José apareceu com um tabuleiro de prata sobre o qual pousava a caixa.

- Os chocolates da senhorita - declarou orgulhosamente, com um largo sorriso.

De regresso ao hotel, Juanito disse-me os nomes das avenidas e das pessoas que viviam nos palácios e nas embaixadas ao longo da Castellana. Muitas pessoas acenavam para ele, ao passarem.

- Juanito! Juanito! - gritaram duas bonitas raparigas, esbeltas e morenas, da porta de um café que tinha escrito Chicote por cima da porta.

- Feliz Ano Novo, Juanito!

- Feliz Ano Novo, Carla. Feliz Ano Novo, María - respondeu Juanito.

- Admiradoras? - perguntei, sorrindo.

- Bem, sim, de certo modo.

- O Chicote É um bar popular?

- Não É sítio para si, Aline - respondeu Juanito.

- Por quê?

- Bem, não É respeitável. Aquelas raparigas são modelos.

- Que mal tem isso? - perguntei, admirada.

Foi a vez de ele me olhar com surpresa.

- Toda a gente sabe que os modelos não são respeitáveis.

Uma rapariga como você nunca iria ao

Chicote.

A mentalidade espanhola era decididamente diferente.

Quando nos aproximávamos do hotel vimos um Mercedes preto com uma bandeira alemã. Uma mulher que ia sentada atrás acenou para Juan.

- É a condessa alemã Podevils. é muito bonita e muito valente... e não É má toureira.

Quando, pouco depois, Juanito me convidou para jantar com ele na semana seguinte, aceitei. Ele conhecia toda a gente na cidade e isso poderia ser-me útil.

- Está bem, telefone-me.

Entrei no meu quarto - o telefone começou a tocar no momento em que abri a porta.

- Onde É que tem estado? - perguntou Top Hat.

- Andei a passear com o toureiro. Falei consigo esta manhã.

- Isso foi ao raiar da aurora, minha querida. Como É que conheceu Belmonte?

Contei-lhe o que se passara.

- Delicioso! - exclamou Top Hat. - Logo que a vi apercebi-me de que você era a

americana mais refrescante que eu já conhecera. - Fez uma pausa e depois continuou: - A propósito, tenho algo para si. Quer jantar comigo na segunda-feira? E guarde-me um chocolate, sim? Adoro chocolates.

Capítulo 10

O letreiro escrito sobre um tosco pedaço de cartão, dizia: Não funciona. O letreiro, como as paredes com marcas de balas de muitos edifícios, faziam-me lembrar que me encontrava num país a recompor-se da guerra e que muitas coisas não funcionavam. Subi os delapidados degraus de mármore até ao segundo andar, onde um letreiro por cima da porta dizia: OIL MISSION OF THE UNITED STATES OF AMERICA. Uma mulher conduziu-me ao escritório de Walter Smith, que, segundo me fora dito em Washington, era o verdadeiro representante da Oil Mission e não fazia parte das nossas operações OSS. Ele conduziu-me amavelmente por outra escada e bateu a uma porta.

Uma trovejante voz masculina disse-nos para entrar.

Atrás de uma secretária estava sentado um homem gigantesco. Levantou-se e pareceu-me ainda maior. Estendeu-me a mão.

- Miss Griffith, tenho estado à sua

espera.

Retribuiu o meu sorriso de modo fugidio, com formalidade.

Era um homem anguloso, de ossos grandes e rosto duro. Tinha olhos castanho-escuros, quase pretos, e abundante cabelo escuro.

- Sou Phillip Harris. Faça favor de se sentar.

Sentei-me na única cadeira existente na sala. As persianas fechadas não deixavam chegar até nós o sol e os ruídos da rua.

Phillip deixou-se cair pesadamente sobre o assento da cadeira.

Depois, sem mais preâmbulos, evitando fitar-me, começou a falar em voz baixa e controlada, indo directamente ao assunto.

- Felizmente que se encontra aqui. Tenho trabalhado para várias pessoas como você. Temos falta de pessoal desde que um agente triplo queimou metade do nosso grupo - e o embaixador tem feito o possível por nos dificultar a escolha de recrutas. Esse malvado agente trabalhava para os espanhóis, para os alemães e para nós ao mesmo tempo. Quando começou a aparecer

por aí com um carro novo e com uma amante cara, percebemos que não era com o dinheiro que lhe pagávamos que podia ter tudo isso. Nunca se É demasiado cuidadoso.

Lembre-se disso.

O corpanzil de Phillip fazia ranger a cadeira. Sentado, com os braços cruzados sobre o peito, ele fazia com que os objetos que se encontravam na sala parecessem minúsculos. Poderia aquele homem caminhar por uma rua sem dar nas vistas?

- Nós temos apenas uns doze agentes treinados em toda a Espanha. Os alemães possuem centenas deles. Isso pode dar-lhe uma ideia daquilo que temos de enfrentar. - Mudou de posição e eu julguei que a cadeira se ia partir.

- O seu encontro com Top Hat decorreu conforme foi planeado?

- Sim. Jantámos os dois.

- Isso É bom. Lembre-se que em Madrid só eu conheço a Operação Tourada. Você será o contacto entre Top Hat e eu.

Além disso, ele trabalhará consigo sempre que for conveniente, mas tem de levar em conta que ele tem outra missão. Não

se devem fazer confidências desnecessárias. Todas as informações deverão ser-me transmitidas a mim. Só eu reúno as peças do puzzle. Não há tempo a perder. A Operação Anvil deve começar cerca de uma semana depois da Overlord, que pode ocorrer em qualquer altura.

Continuava a falar sem me olhar. Fitava um lápis amarelo que fazia rolar entre as mãos. - O êxito da invasão do Sul depende principalmente das informações do OSS de Madrid.

Algumas das nossas informações sobre os movimentos de tropas alemãs são trazidas para aqui por agentes que vêm do outro lado dos Pirenéus. Também recebemos relatórios por meio da rádio. Os nossos transmissores, embora pequenos, alcançam Madrid. Transmitimos para a sede. é daqui - deixou cair o lápis e bateu com o punho sobre a mesa - que a Operação Anvil será assegurada. - Ergueu os olhos. - Miss Grif fith, se não seguir rigorosamente as ordens, poderá ser responsável por centenas, ou milhares, de mortes de soldados americanos. - A brusquidão e a magnitude daquela

afirmação, o tom que ele utilizou, fez com que o silêncio que se seguiu fosse tão intimidativo como as suas palavras. Não me atrevi a falar.

Ele pegou nuns papéis. - Leia estes relatórios e tente decorá-los.

A primeira folha dizia respeito a Ramón Serrano-Sunher.

O parágrafo era curto.

Ramón Serrano-Sunher, cunhado de Franco, ex-ministro, amigo de Hitler, Himmler, Goering e da maior parte dos oficiais de alta patente da Alemanha. Correm boatos de que

Franco o demitiu do seu lugar de ministro por causa dos seus esforços para que a Espanha entrasse na guerra ao lado do Eixo.

Príncipe Nikolaus Lilienthal, cidadão checoslovaco até 1925, utilizou mais tarde um passaporte diplomático alemão.

Activo no movimento nazi nos Sudetas na Checoslováquia durante o período de Munique de 1938-1939. Desde então, em íntimo contacto com Berlim, particularmente com Himmler e Goering. Procura actualmente transferir o capital dos seus

amigos alemães do grupo de Hermann Goering da Alemanha para a Espanha. é obrigado a retribuir a assistência económica recebida de Himmler, prestando-lhe serviços políticos em cooperação com a Gestapo. As autoridades de Berlim dão grande valor a Lilienthal devido à sua alta posição social e relações influentes em Espanha. A atitude que ele adopta em Espanha é a de se apresentar como um antinazi e monárquico, cuja única preocupação É o perigo comunista vindo de Moscovo.

Condessa von Firstenberg, residente no Palace Hotel de Madrid, recentemente chegada de Berlim, está em contacto com Walter Schellenberg, oficial da Gestapo, favorito de Himmler. Não tem meios de vida conhecidos em Madrid, além de uma possível assistência da Gestapo.

Franz ou Hans Lazaar, adido de imprensa da embaixada alemã em Madrid, actualmente responsável por um trabalho eficaz com os correspondentes espanhóis.

Quando ergui os olhos vi que Phillip Harris me observava.

- Posso pedir a Top Hat mais

informações a respeito destas pessoas? - perguntei.

- Sim, mas não quero que ele se envolva muito com qualquer destes suspeitos. Ele não É o tipo de pessoa que possa desempenhar o papel que temos em mente para si. Ele É óptimo num círculo diferente, mas poderá introduzi-la nos meios onde travará conhecimento com essas pessoas. Mas depois terá de progredir sozinha.

Pegou nos papéis que eu colocara sobre a mesa e guardou-os numa gaveta.

- Obviamente não lhe poderei dizer tudo agora, mas asseguro-lhe que a sua missão se irá tornando mais importante à medida que avance.

Portanto, aquilo ia ser a preparação para algo mais importante. Que seria?

- As suas outras obrigações, Miss Griffith, serão variadas.

Acima de tudo, deve proteger a sua cobertura. Não o fazendo porá em risco todos os outros. Isso significa que deve permanecer no escritório durante as horas normais do seu funcionamento. Tem de dar a impressão de ser um membro autêntico da Oil Mission.

Mantenha-se afastada do pessoal da embaixada. Não têm o seu treino em questões de segurança e inadvertidamente podem ser perigosos. Utilizaremos o seu apartamento (quando o tiver) para esconder agentes femininos que nos tragam informações de França. Aqui no escritório trabalhará nos códigos. Mas o seu principal objectivo será descobrir o agente especial de Himmler em Madrid. - Fez uma pausa.

Esperei que ele me encorajasse a fazer perguntas. Tinha uma centena delas para lhe fazer.

- Utilize o telefone com cuidado. Equipamento para registar conversas não existe, e, mesmo que o inimigo o tivesse, os ruídos e as interferências constantes tornariam impossível a gravação. Não corra riscos desnecessários. Há outro assunto, Miss Griffith, sobre o qual devemos falar. - Endireitou-se na cadeira e começou novamente a brincar com o seu lápis. - à mais leve indicação de que se está a deixar envolver num caso romântico será imediatamente enviada para Washington.

Ontem mesmo, em Lisboa, uma agente

membro do nosso pessoal suicidou-se. Tinha infringido as regras, mantendo um caso amoroso com um subagente português que transmitiu ao inimigo informações que ela lhe dera sem se aperceber disso.

Não conhecemos ainda a extensão dos danos causados, mas sabe como É que ela se matou? - Mais uma vez não me deu tempo para responder. - Meteu a cabeça no forno do fogão e ligou o gás. Uma trapalhada, não acha? Outra coisa que não poderá esquecer É que os círculos sociais onde se deverá mover nunca admitirão uma americana desconhecida cuja reputação não seja impecável. Estamos em Espanha, não nos Estados Unidos.

Corei, em parte de indignação.

- Não precisa de se preocupar, Mister Harris.

Ele abriu uma gaveta da secretária, entregando-me uma pequena Beretta 25.

- Sugiro-lhe que se habitue a andar sempre com isto.

Abri a mala e guardei a arma, com que já me familiarizara.

Não esqueça as munições - acrescentou

Harris. Ao entregar-me a pequena caixa, levantou-se. Percebi de que a nossa reunião estava terminada e agradeci-lhe, voltando-me para sair.

Não posso imaginar qual era a minha expressão ao fechar a porta. Fosse qual fosse, o rapaz que ia ao meu encontro soltou uma gargalhada.

- Olá, Aline. Eu sou Jeff Walters. Bem-vinda a Madrid.

Apertámos as mãos. Jeff tinha um rosto sorridente e simpático e conversámos descontraidamente enquanto caminhávamos pelo corredor. A sala onde entrámos estava mobilada com duas grandes secretárias com quadros de código. Jeff tornou-se imediatamente meu amigo, contando-me tudo a respeito dos meus colegas. Segundo ele dizia, toda a gente ali no escritório era afável e de fácil convívio - excepto o chefe. Phillip Harris - nome de código Mozart - vigiava toda a gente como um falcão, e qualquer afrouxamento nos regulamentos de segurança era severamente condenado. Jeff confessou-me também que andava fascinado por uma bonita rapariga, filha do cônsul

sueco. Continuou, informando-me de que todos os homens que ali trabalhavam eram casados, mas, que visto as mulheres não terem sido autorizadas a acompanhá-los, muitos aproveitavam a sua liberdade para andarem em companhia de belos modelos espanhóis e de bailarinas das comédias musicais.

- Chamam a isto o comboio suculento, o que estava certo até um dos nossos agentes ter sido morto. Durante os cinco meses da minha permanência aqui, um dos nossos subagentes apareceu morto com um arame enrolado à volta do pescoço e um antigo operador de rádio foi torturado de uma maneira que não lhe posso contar.

Tentei dar a Jeff a impressão de que não ficara especialmente intimidada. Encolhi os ombros e voltei-me para o trabalho que se encontrava sobre a minha secretária. Mas a verdade é que me estava a lembrar do punhal enterrado nas costas do agente estendido no chão do corredor do casino e do sangue que ensopava a carpete vermelha, e senti-me tremer por dentro. Teria de me habituar a coisas daquelas, que, pelos vistos, iam ser

rotina.

No centro da secretária estava um papel contendo as agora familiares palavras de código com cinco letras.

- Experimente esse primeiro - disse Jeff - Eu descodifiquei-o no fim-de-semana, mas antes de iniciar o trabalho de hoje quero ver se precisa de ajuda. - Sorriu. - Não se ofenda. Washington informou-nos de que É excelente nisso, mas não sei se aprendeu com o mesmo gênero de quadros.

O cartão, com cerca de sete polegadas de altura e doze de largura, encontrava-se na minha frente e fazia lembrar uma grande fotografia. Batendo na placa de letras do alfabeto, respondi:

- Não se preocupe. O quadro É maior do que o que utilizava nas minhas aulas, mas isso torna-o mais fácil.

A mensagem vinha de Lisboa. Jeff continuou a fornecer-me informações gerais enquanto eu descodificava.

- Os escritórios da embaixada ficam a quatro quarteirões de distância da Calle Miguel Angel, mas nós tentamos evitá-los... - Subitamente deixei de o ouvir. A informação

do telegrama absorvia toda a minha atenção.

PARA MOZART DE ZEBRA STOP
SUBAGENTE SOCRATES APANHADO A
VENDER INFORMAÇÕES AO EIXO STOP
SOCRATES FOI ELIMINADO STOP

- Que se passa? - perguntou Jeff - Está a ter dificuldades?

- Não, a descodificação É fácil, mas creio que este telegrama se refere a um homem que foi assassinado quando eu me encontrava no Casino do Estoril.

- Nunca o saberemos. Mozart diz-nos apenas aquilo que é indispensável.

O cadáver que eu vira tinha, então, um nome de código.

Socrates. Seria também ele o amante da rapariga a que Mozart se referira?

Os vestígios eram subtis, mas não o bastante. O meu quarto fora revistado com precisão. Felizmente eu preparara armadilhas, um foi aqui e ali, inspirada apenas na minha aprendizagem, mas também pelos japoneses que tinham viajado comigo no pequeno elevador do hotel e que tinham saído também no mesmo andar. Não restavam dúvidas de que em breve teria de

arranjar um apartamento.

Edmundo telefonou.

- Ouça, minha querida. Vá ter comigo ao vestíbulo às vinte e três horas. Calce os seus sapatos para dançar. Vamos a um nightclub.

Tive a certeza de que a noite seria destinada ao trabalho, mas esqueci-me de perguntar se a tardia hora indicava que devia jantar antes. As horas espanholas iam tornar difícil o meu descanso. Por isso resolvi deitar-me durante duas horas em vez de mandar servir o jantar no quarto. Top Hat riu à gargalhada quando, mais tarde, lhe contei o meu dilema.

- Só um bárbaro come antes das vinte e três horas em Madrid, minha cara. Jantaremos no sítio onde vamos. Nenhum restaurante, bom ou mau, servirá antes das vinte e duas horas e os clubes nocturnos servem muito mais tarde.

Subimos a Gran Vía de táxi.

- Edmundo, o meu quarto foi revistado. Quem poderá ter sido o responsável: a polícia secreta de Franco, os japoneses ou os alemães?

- Podiam ter sido os americanos -

respondeu com um risinho.

Top Hat pareceu-me cheio de excitação, mas não me revelou qual os objectivos da nossa saída.

Na Gran Vía passámos por uma porta coberta por um dossel, descemos uma escada alcatifada a vermelho e entrámos numa sala cheia de ostentação. O Pasapoga rivalizava com o Wonder Bar em fascínio. Bronzes reluzentes reflectiam-se nas paredes de espelhos, colunas de mármore, candelabros cristalinos. Uma orquestra tocava música de Guí Lombardo.

- Não É maravilhoso? - perguntou Edmundo, sorridente.

- Tão vistoso, tão barroco. O local preferido pelos espanhóis para trazerem as suas amantes.

A cada passo sorria e cumprimentava qualquer pessoa, gozando o seu papel de homem mundano. Depois de nos termos sentado e de Edmundo ter encomendado qualquer coisa para comermos, a orquestra fez um intervalo e o chefe aproximou-se da nossa mesa. Edmundo apresentou-o.

- Aline, quero que conheça RenÉ Blum. -

Baixou a voz.

- René é francês e veio há um ano de Paris, escapando por pouco à Gestapo. Graças aos seus esforços, ajudamos muitos judeus a fugir para Espanha.

O músico sentou-se a meu lado. Gostei dele logo que vi o seu rosto redondo, sorridente.

- Você será o meu contacto com René quando eu estiver fora da cidade, Aline. Ele É o meu melhor agente.

Blum sorriu.

- Edmundo exagera. Qualquer pessoa na minha posição poderia dar informações sobre estrangeiros em Madrid. Todos eles aqui vêm. Muitos embriagam-se e revelam assuntos confidenciais. Limito-me meramente a transmitir aquilo que ouço e vejo e, naturalmente, estou em contato com os meus amigos judeus que ainda estão em França. Trabalhamos todos em conjunto para os tirar de lá.

Quando os criados se afastaram, Top Hat tratou de fazer com que eu pudesse contactar René quando ele estivesse a viajar ou durante qualquer emergência. Depois de

termos trocado os nossos números de telefone e indicado as horas mais apropriadas para telefonar, René voltou para junto da sua orquestra.

- Edmundo, Mozart sabe que eu entrei em contacto com este homem?

- Pode ficar descansada que nenhum de nós pode utilizar um subagente ou apresentá-lo a alguém do OSS sem autorização prévia. Mozart mete o nariz em tudo. Blum É de inteira confiança. Metade da família dele foi feita prisioneira pelos alemães. Não se preocupe. Ele nunca porá em perigo a sua cobertura.

Os pares começavam a dirigir-se para a pista de dança e os criados continuavam a passar com copos em tabuleiros de prata. Ouviam-se gargalhadas e vozes por toda a sala. De repente Edmundo pôs-me uma mão no braço e disse:

- Precisamos de dançar, Aline. é absolutamente necessário.

Conduzindo-me para a pista de dança, Top Hat guiou-me nos passos de um complicado tango. Fiz o possível por seguir os seus passos sinuosos; ele fazia-me

rodopiar, baixava-me nos seus braços, erguia-me e subitamente obrigava-me a fazer uma pirueta. Ter-me-ia sentido completamente pateta se não fosse a graça e o total controlo dos seus movimentos. Outra pirueta e depois... um choque. Tinha batido noutro dançarino e voltei-me rapidamente para pedir desculpa.

Bem constituído, de cabelos claros, com um braço ao peito e uma cicatriz em forma de foice junto de um dos olhos – estava face a face com Constantin von Weiderstock! Atordoadado durante um momento, ele não deixou, no entanto, de se inclinar.

- A culpa É inteiramente minha, senhorita. Na minha situação não tenho o direito de me encontrar numa pista de dança.

- Enquanto conduzia o seu par para fora da pista, Von Weiderstock voltou-se mais uma vez para me olhar. Edmundo piscou um olho e fez-me girar novamente nos seus braços.

- Ele julga-a espanhola. Provavelmente falaria muito melhor em inglês. Todos os alemães o falam. Você parece espanhola. é uma vantagem. Integra-se bem neste

ambiente.

Agora terá uma desculpa para lhe falar da próxima vez que o vir e eu aposto que ele fará tudo para arranjar essa oportunidade.

Teria Edmundo feito com que eu chocasse com o afilhado de Canaris para sua própria conveniência? Canaris podia ser uma figura-chave na missão de Edmundo. Olhei para a orquestra.

René Blum agitava a sua batuta com gestos animados e precisos, como se o compasso fosse a sua única preocupação.

Quando Edmundo me conduziu para fora da pista de dança, passámos por uma mesa onde um grupo de pessoas pedia autógrafos. Juanito levantou-se de um salto e, apesar de estar a uma certa distância, inclinou-se profundamente.

Sorri e Edmundo murmurou baixinho:

- Minha querida Aline, tem de me apresentar ao grande Belmonte.

E avançámos por entre o grupo de admiradores do toureiro, até que eu e Juanito ficámos frente a frente.

- É um prazer vê-la, Aline - disse Belmonte com o seu habitual formalismo.

- Juan, gostaria de lhe apresentar Edmundo Lassalle. - Ansiosa por evitar o grupo que nos fitava, acrescentei: - Foi bom encontrá-lo, Juan -, e voltei-me para me afastar. Tarde de mais, claro, pois Edmundo conhecia várias das admiradoras de Belmonte e começou a cumprimentá-las com grande profusão de beijos e abraços. Juanito observava-me, de sobrolho franzido, o que acentuava o seu nariz ligeiramente adunco e tornava a sua pele trigueira um pouco mais pálida. Tentava descobrir por que razão estaria ele tão obviamente aborrecido.

Não levei muito tempo a descobri-lo.

- Não aprovo este seu admirador, Aline. Se fosse um cavalheiro, nunca a traria a um sítio destes.

Capítulo 11

Como prometera, Top Hat levou-me à recepção da marquesa de Torrejón cerca de uma semana depois. Dessa vez foi buscar-me às 21 e 30. Na Calle Ferraz, em frente de um palácio de granito ainda com as marcas das balas deixadas pela guerra civil, Edmundo bateu energicamente as mãos, enquanto olhava para os dois lados da rua.

- Onde estará o sereno? - perguntou. - Devia estar aqui à espera, visto estar a decorrer uma festa tão importante.

- Quem É o sereno? - perguntei.

- O homem que abre as portas das casas desta área durante a noite. Os serenos formam uma parte importante da vida nocturna desta cidade. As pessoas são observadas pelos porteros durante o dia, mas os serenos protegem os edifícios durante a noite. - Enquanto ele falava, ouvia-se um ruído de uma bengala a bater no pavimento da rua. - Ah, lá vem ele - disse Edmundo.

Do escuro saiu um vulto que vestia umas calças largas, um casaco até à altura do

joelho e uma bufanda de lã embrulhada à volta da boca e do pescoço. Trazia também um boné escuro inclinado para os olhos. Apressou-se a escolher uma grande chave de ferro do molho que trazia preso à cintura, mostrando ao mesmo tempo o bastão de polícia que tinha debaixo do braço e dizendo com voz forte: Buenas noches, señores. A pesada porta com barras de ferro foi aberta.

- Este é um dos poucos grandes palácios que sobreviveram ao cerco de Madrid - explicou Top Hat enquanto subíamos as escadas. - O cerco durou quase três anos.

No enorme salão, velhas tapeçarias desbotadas cercavam os homens, que envergavam trajes de cerimónia, e as mulheres, que, cobertas de jóias, vestiam Balenciagas escuros.

- A propósito, a mãe da marquesa era mexicana. Uma compatriota - confidenciou Edmundo.

- Meu caro - disse, voltando-me para ele e imitando-o. - E eu que julgava que o senhor fosse um grande de Espanha.

- Sou um grande do México - retorquiu ele. - Pelo lado da minha mãe descendo de

Cortés; pelo lado do meu pai de Montezuma. Agora conhece o meu segredo, o mistério do meu sangue selvagem: É o asteca que há em mim. Lembre-me um dia de lhe mostrar as minhas tatuagens tribais.

- Você é tão modesto...

- Minha querida - retorquiu Edmundo -, como dizia La Rohefoucauld: A humildade É a pior forma de vaidade.

A cada passo, Edmundo parava para beijar a mão, ou dar uma palmada nas costas, ou um abraço. Apresentou-me ao duque e à duquesa de Lerma, a Marcela de Juan - uma beldade chinesa -, ao prelado francês Monsenhor Boíer-Mas, com a sua faixa vermelha em volta da sotaina negra, à bela condessa de íebes. Quando me apresentou à condessa de Orgaz, fez uma pausa, dizendo:

- O mais famoso quadro de El Greco representa o funeral de um antepassado desta senhora, no século dezasseis. Venha - disse pouco depois Edmundo, conduzindo-me através da sala apinhada para ir ver um Goía. - Observe a dama daquele retrato. - Eu obedeci. - Agora venha comigo.

Levou-me para o meio de um grupo de

convidados que rodeava uma mulher cuja identidade eu descobri imediatamente. A sua semelhança com o retrato da sua antepassada era bem visível.

- Mimosa É a raposa mais astuta de Madrid - confidenciou-me Edmundo. - Nada do que se passa nesta cidade escapa aos olhos dela.

- Edmundo, seu pícaro. Onde É que tem andado metido?

- A marquesa de Torrejón (uma criatura pequena, frágil, com cabelo pintado de castanho, duas manchas de rouge nas faces e várias fadas de pérolas luminosas em redor do pescoço magro) viu Edmundo e fitou-o com o seu olhar penetrante quando nos acercámos do seu círculo. - Blanca Velaíos está furiosa consigo por não ter aparecido na festa dela. - Só então a marquesa pareceu dar pela minha presença. Beijando a mão coberta de anéis que ela lhe estendia, Edmundo fez as apresentações.

- Que encanto ter uma rapariga americana entre nós!

Gosto imenso dos americanos. Têm, como se diz?, spunk. - A marquesa falava um

inglês impecável, com uma pronúncia nitidamente britânica. - Há aqui muitos jovens que ficarão encantados por a conhecerem, minha querida.

Depois a marquesa apresentou-me ao grupo que a rodeava - o ministro dos Estrangeiros, Lequerica; uma linda mulher loura, a duquesa de Sueca; a princesa Agata Ratibor; o embaixador inglês, Sir Samuel Hoare, e a mulher.

O mobiliário era Luís XVI misturado com o inglês Queen Anne. Por cima de uma imensa lareira apagada via-se um retrato de Donha Mimosa com um vestido de chifon florido e pequenos sapatos de cetim de biqueiras pontiagudas, numa época em que o seu cabelo castanho ainda não era pintado.

Mesmo em frente da marquesa havia uma mesa de jogo dourada, sobre a superfície da qual ela batia com um pequeno baralho de cartas. De repente ela disse:

- Edmundo, isto É terrível. Hoje quase pus os meus amigos a dormir com a minha leitura das cartas. Mas, pergunto, a culpa É minha? Eu sou apenas um meio. As cartas falam por si próprias. Será minha a culpa seja

não há nada de novo a dizer sobre as pessoas que aqui se encontram? - A observação de Mimosa suscitou vários gestos de apreço. Encorajada, ela prosseguiu: - é realmente uma pena. Gostaria de facto de lhe ler as cartas, mas claro que É impossível no meio de tanta gente. As próprias cartas corariam. - A marquesa estava encantada. Toda ela parecia faiscar.

Edmundo, sentindo-se no seu elemento, não se deixou ficar para trás.

- Minha querida Mimosa, lisonjeia-me, mas a verdade é que as suas interessantes leituras das cartas devem certamente grande do seu sucesso às maquinações da sua viva imaginação.

Os olhos cheios de vivacidade da marquesa pousaram-se uma vez mais sobre mim. Coçou ao de leve as faces muito vermelhas.

- Gostaria de lhe fazer uma leitura, Miss Griffith. Tenho a impressão de que as cartas têm algo de especial para lhe dizer.

Que maravilhoso. Uma estranha absoluta. - O entusiasmo dela provocou murmúrios de apoio da parte do seu grupo.

Voltando-se para mim, Edmundo disse em voz alta:

- O que é que eu lhe disse? Ela não É divina?

Sorri, mas teria preferido não ser tão cedo o centro das atenções.

- Dêem-lhe espaço - ordenou a marquesa. - Venha sentar-se ao pé de mim. Qual É o seu nome, minha filha? Aline?

Sente-se aqui.

O embaixador inglês levantou-se. A princesa Ratibor abriu um leque de seda e agitou-o.

- Mimosa faz tudo para que as suas festas sejam as mais divertidas.

Edmundo sentou-se junto dela, resplandecente de satisfação.

O ministro Lequerica observou:

- Tenha cuidado, senhorita. A marquesa É uma feiticeira.

Lê os nossos pensamentos como se fossem os dela.

Reparei que outras pessoas se tinham aproximado. Que podia eu fazer? A antecipação era como uma corrente de ar. Seria obrigada a sentar-me apertada entre a

marquesa e a condessa de íebes?

Nunca vira tais cartas. Eram numeradas, mas decoradas com trajes cheios de enfeites, desenhos de taças de ouro ou de cavaleiros do século XV. A marquesa começou a baralhar as cartas, colocando-as, uma a uma, voltadas para cima, sobre a mesa de jogo. Pares passeavam de um lado para o outro, os criados transportavam grandes tabuleiros com canapés e de outra sala partia o som de um piano e de vozes que cantavam.

Os olhos da marquesa pareciam fixos, vítreos.

- Bem, todos sabem que É a primeira vez que vejo esta rapariga. Tudo quanto sei a seu respeito, Aline, É que É conhecida de Edmundo e que É americana. Nada mais, não É verdade?

Respondi que sim com a cabeça. Havia pessoas na sala que conversavam entre si, mas a maior parte delas estava interessada nas cartas. A marquesa tirara uma carta com um nove, outra com um cinco e uma última com um sete e estudava-as como se elas lhe estivessem a fazer revelações. Depois falou:

- Vejo que se vai tornar famosa nesta

cidade, minha filha.

Por uma razão ou outra, correrá perigo. Ah, e vejo que não regressará ao seu país durante muitos anos.

Apesar de eu não acreditar na leitura das cartas, as palavras dela eram tão dramáticas que, como todos os que ali se encontravam, a ouvi atentamente.

Os olhos dela fitaram-me.

- Deverei continuar?

Disse que sim com a cabeça. Houve murmúrios de aprovação. Olhei para Edmundo. Os seus olhos um pouco oblíquos estavam colados às cartas. A princesa murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido. A marquesa tirou mais três cartas - um seis, um duque e um cinco.

- Ah, isto é sério - disse. - As cartas indicam que se vai ver envolvida numa conspiração internacional. - Olhou para mim.- Tem a certeza de que quer que eu continue, querida?

- Pode continuar. - Sorri. Ocorreu-me a possibilidade de as palavras dela poderem ter um significado para qualquer outra pessoa. Olhei à minha volta. A maior parte das

peessoas que se encontravam em redor da mesa observavam a marquesa, mas Edmundo e a princesa Ratibor pareciam concentrar-se nas cartas mais do que quaisquer outros. Ou seria imaginação minha? De cada vez ela apenas tirava três números. Isso costumava ser um sinal em números de código...

Donha Mimosa baralhou novamente as cartas e tirou mais três. Depois passou pelos cabelos pintados a mão ossuda, coberta de anéis.

- Existe alguém cujo bem-estar a preocupa, e com razão.

A vida dessa pessoa corre perigo. - Olhou-me de relance. - Desculpe, minha querida, mas eu estou apenas a interpretar as cartas. - Tirou outras três. Reparei nos números. Estaria ela a bater na segunda carta com a sua comprida unha por uma questão de nervosismo, ou para chamar a atenção de alguém?

Eu conhecia uma diversidade de códigos com base em números em vez de letras. Era possível. Virou mais três cartas.

- Intriga e aventura.

- Que espécie de intriga? - perguntou o

embaixador inglês, de pé, junto de mim. - Disse-me a mesma coisa há tempo.

- E a mim - exclamou a duquesa de Sueca, inclinada sobre as costas da cadeira de Edmundo.

- Como todos sabem, eu sou apenas uma intérprete - respondeu a marquesa, voltando-se. - Se quiserem, desisto do jogo. Estou a começar a aborrecer-me dele.

- Não - retorquiu a princesa. - Se as cartas dizem mais coisas, queremos saber.

Dessa vez, ao debruçar-se sobre a última carta, a marquesa suspirou:

- Oh, não, não posso prosseguir, minha filha! - Tocou-me num braço. - Devo ter-me enganado a deitar as cartas. Elas revelam forças do mal em torno de alguém em quem você está interessada, Aline. - Fez uma pausa. - Oh, espero que não se trata de um interesse pessoal. - O seu dedo ossudo bateu novamente na primeira carta antes de ela a apanhar e a juntar ao baralho. - Não, não leio mais cartas esta noite. Perdi o jeito.

- De maneira nenhuma - disse Edmundo. - Isto está mais divertido do que nunca. Continue, Mimosa.

A marquesa prosseguiu. Mais três cartas. Franziu o sobrolho e passou a língua pelos lábios finos. Os dedos de unhas vermelhas seguraram as pérolas.

- É estranho - murmurou. - às vezes a claridade surge muito depressa. Mas logo a seguir (puff!) desaparece. As cartas mostram-se obscuras. Não consigo entendê-las. - Enrugou a testa, confusa. - O que estou a ver não É nada relacionado com Aline Griffith.

- Diga o que vê - ordenou o embaixador.

- Vejo uma tourada - replicou Mimosa. - Oh, como são aterradoras todas estas cartas pretas: uma morte por assassínio. - Pegou apressadamente nas cartas. - Lamento, Aline.

Espero não a ter assustado com esta pequena distração.

Levantei-me.

- Oh, não, de maneira nenhuma. Até gostei.

A condessa de íebes interveio.

- É a minha vez, Mimosa. Quero saber o meu futuro. Espero que seja mais divertido do que o meu passado.

Tinha agora a certeza de que havia uma

mensagem nas cartas dela. Os números eram um código. Mas as suas palavras a respeito de uma conspiração internacional e de um crime fizeram-me pensar se ela teria conhecimento a respeito da minha missão. Impossível, decidi. De qualquer forma, interrogaria Edmundo logo que pudesse. Onde estaria ele?

Passei por vários salões, procurando-o. Ele parecia ter desaparecido. Depois cheguei à sala onde se tocava a música que eu ouvira. Uma dúzia de jovens reunia-se em volta de um piano. Uma rapariga bonita tocava e duas outras cantavam. Os seus esforços concertados eram encantadores. Após alguns minutos, senti uma presença a meu lado. Era Edmundo.

- Repare nessas três raparigas. Tente travar amizade com elas. Depois lhe explico porquê. Venho daqui a meia hora para a levar para jantar. - E desapareceu sem fazer ruído.

Aproximei-me então do piano e comecei a cantar, suavemente, em coro com as duas raparigas, que entoavam Good Night Sweetheart. Elas sorriram, encorajando-me.

Os seus rostos bonitos eram de um oval perfeito e cantavam com uma naturalidade encantadora. Acabada a canção, apresentámo-nos. Quando Casilda, a pianista, descobriu que eu era americana, exclamou:

- Conheço outra canção americana! Tem de a cantar comigo!

Antes que eu pudesse protestar, começou a tocar com todo o entusiasmo It Had to Be íou. Eu conhecia a canção e cantei-a o melhor que pude.

Tinhas de ser tu.

Tinhas de ser tu.

Procurei e, finalmente, encontrei alguém que me pudesse fazer sentir verdadeira e me pudesse

Fazer sentir melancólica...

Ou até ficar satisfeita,

Mesmo por estar triste,

Pensando em ti.

Esperava estar a cantar de uma forma agradável e melodiosa. No fim prolonguei as últimas notas para causar maior efeito.

O grupo gostou. Carmen, Casilda e Nena abraçaram-me e, quando eu lhes disse

que tinha trazido da América alguns discos, convidaram-me para jantar com elas na semana seguinte.

Logo que nos instalámos no táxi, Edmundo perguntou:

- Não achou Mimosa encantadora? Diverti-me imenso.

- Edmundo, tenho a certeza de que com aqueles números ela estava a transmitir uma mensagem a alguém.

- Claro que sim. Ela É brilhante. É um grande auxílio.

- O que É que quer dizer?

Os olhos pretos de Edmundo brilharam.

- A mensagem era para mim. Recordar-se dos números das cartas?

- Não me apercebi disso antes de ela começar a ler a segunda série de cartas. Mas ninguém poderia decifrar um código daqueles a não ser a pessoa a quem ele se destine. Você sabe-o perfeitamente. Como É que funciona? - A segunda carta era sempre a indicação. Um cinco, um duque e um ás. Depois repetia-se.

- E então?

Edmundo sorriu maliciosamente.

- A marquesa tem feito uns trabalhinhos para mim. Uma coisa aqui e ali. E a verdade É que conseguiu valiosas informações. - Depois de ter excitado a minha curiosidade, Edmundo bocejou despreocupadamente.

- Não me torture. Continue.

Retirou um sobrescrito de um bolso interior do smoking e meteu-o dentro da minha bolsa, junto do revólver.

- Entregue isso a Mozart.

- Diga-me o que a marquesa lhe transmitiu.

- Minha querida Aline - retorquiu Edmundo, sempre a sorrir -, É isso que me agrada em si. É tão impaciente como eu. Haverá por acaso sangue índio na sua família? Iria jurar que há algo em si que indica tal genealogia.

- Edmundo! - exclamei, exasperada. Era exactamente isso que ele desejava.

Em seguida fitou-me com ar grave.

- A marquesa descobriu um rumor de uma conspiração para assassinar uma alta personalidade. Uma coisa a ser realizada aqui em Madrid.

- E sabe de quem se trata?

- Ainda não. E possivelmente também ela não o sabe.

- Então quando?

- Foi isso exactamente o que eu descobri hoje. Dois, um, cinco. Vinte e um de Maio. - Tirando uma pequena agenda, examinou-a. - Oh, estou a ver! Muito interessante.

- Diga-me!

- é o dia da mais importante tourada da Feira de Santo Isidro.

Não consegui calar-me. Tive de lhe fazer a pergunta que me ocorrera.

- Franco costuma ir a touradas? - perguntei.

- Ah, teve uma ideia brilhante. Semelhante à minha. Sim, o Generalíssimo costuma ir às touradas, às vezes, embora não as aprecie.

- Se Mimosa Torrejón tivesse alguma informação sobre uma conspiração para assassinar Franco, porque não lho diria?

- A última coisa que a marquesa faria seria avisar Franco.

Não percebe que a nobreza espanhola não gosta de Franco, porque considera que ele está a usurpar o lugar do rei? Todos são

monárquicos e gostariam de o ver desaparecer para terem de volta o seu querido Don Juan, que se encontra no exílio, em Lisboa. Franco não o autoriza a entrar no país.

- Mas onde teria ido Mimosa obter a sua informação?

- As criadas e os criados escutam às portas. A criada dela, Salud, tem acesso a todas as casas importantes desta cidade.

Tem mais de oitenta anos e toda a criadagem das grandes casas lhe conta os mexericos de que tem conhecimento.

- Mas por que razão quererá Mimosa falar-lhe de um assunto relativo a Franco? é uma questão que diz respeito directamente aos espanhóis e não a nós.

- Engana-se - respondeu. - A Espanha poderia ser um último esforço de Hitler para ganhar a guerra, que não está a correr bem para ele. Com a Espanha a lutar ao lado dos alemães, a França não poderia ser libertada. As tropas aliadas nem sequer chegariam à Itália. Todo o curso da guerra poderia ser alterado.

- E quem iria Hitler colocar no lugar de

Franco?

- Não sei. Algum dos generais da Divisão Azul, que são a favor dos nazis, ou o cunhado de Franco, Serrano-Sunher, que se diz ser germanófilo.

Nesse momento, uma ideia atravessou-me o cérebro: Jupiter, Shepardson e Mozart tinham dado a Edmundo a mesma missão que a mim! Por alguma razão não confiavam nele. Algo se estava a passar... algo que me fora ocultado.

Olhando bem para Edmundo, perguntei:

- A marquesa merece confiança?

- Como já lhe disse, não confio em ninguém.

- É claro - respondi. - Nenhum de nós deve confiar em quem quer que seja.

Encontrávamo-nos sentados no Chipén, um restaurante barulhento na Calle Peligros, com paredes forradas de azulejos árabes, recantos dos lados formados por arcos, quando Edmundo tirou um objecto do bolso. Um pequeno vaso de porcelana, com flores douradas pintadas à mão, tão minúsculas que mais pareciam pontinhos. Colocou o bibelot sobre a mesa.

- Onde É que arranjou isso?
- Numa mesa da sala de Mimosa.
- Não compreendo.
- Minha querida, Mimosa tem milhares deles. Nunca dará pela falta deste.
- Mas você roubou-o, Edmundo!
- Gosto dele, Aline. Precisava de o ter.
Não o acha encantador?

Seria Edmundo um cleptomaníaco?
Embaraçada, mudei de assunto.

- Por que motivo queria que eu conhecesse aquelas raparigas?

- Porque são o gênero de raparigas que uma pessoa da sua idade deve ter por amigas nesta cidade. A principal razão de eu a ter levado à recepção foi precisamente para as conhecer.

Vão sempre às festas de Mimosa. E Mozart deu-me ordens para a ajudar a meter-se nos círculos da alta sociedade de Madrid. Não há melhor maneira de o fazer.

Soberbamente satisfeito consigo mesmo, Edmundo continuou a observar o pequeno vaso de porcelana, provavelmente para decidir onde o havia de colocar na sua coleção.

- Na verdade, desejei ficar com este vaso como recordação desta noite.

- O que É que quer dizer?

- Não viu como a princesa alemã reagiu? Como É que se costuma dizer? Tive-a literalmente a comer na minha mão.

- Isso nada tem de invulgar.

Ele animou-se.

- Acha que sim? Ela possui um dos mais notáveis títulos da Europa. No meu próximo relatório descrevê-la-ei como o último agente das SS a chegar a Madrid.

- Pensa então que ela seja uma agente inimiga?

- Oh, claro que não. Mas dá uma boa história. Há anos que esperava que uma mulher como Agata Ratibor entrasse na minha vida.

- Não percebo.

- Uma mulher com um tão grande título, atraente e à procura de marido. Porque não hei-de ser eu?

- Já a conhecia?

- A primeira vez que vi a princesa foi há duas semanas, no Estoril.

Depois de o criado nos servir a paella,

arrisquei-me a lançar uma linha.

- Ouvi dizer que um subagente chamado Socrates foi aí assassinado.

Edmundo começou a comer.

- Era meu subagente.

- O que sucedeu?

- O pobre diabo estava a vender segredos sobre remessas de munições dos aliados, não só à legação alemã em Lisboa, mas também aos japoneses. Não acha descaramento?

- Quem o descobriu?

Edmundo continuou a comer.

- Fui eu.

- Foi você? - Senti um pressentimento.

- Mas quem havia de ser, minha querida?

- E o que É que fez?

Levando o guardanapo à boca - um contraste flagrante: o do tecido branco contra a sua pele cor de caramelo, ele respondeu:

- Matei-o.

- Oh, Edmundo! - esbocei um sorriso, pensando tratar-se de uma brincadeira.

- Lembre-se, Aline: uma pessoa capaz de trair milhares.

Pense na multiplicação. Que outra coisa poderia fazer?

Veio-me outra vez à memória o cabo do punhal a sair das costas do homem estendido no chão e tive de parar de comer.

- Ficou chocada, não É? Pois bem, É bom que se prepare. Pode ser também obrigada a matar alguém. Não me agradou o método, mas foi silencioso. Pense nas consequências da acção dele. O que É que preferia? A morte de um agente duplo ou a morte de dez mil rapazes americanos?

Capítulo 12

Deve ter sido no começo de Fevereiro, cerca de três semanas mais tarde, às nove da manhã. Atravessava o vestíbulo do Palace, para ir para o trabalho. A minha atenção centrou-se numa enorme taça de rosas brancas que adornavam uma cómoda encostada a uma parede. Paco, o rapaz do elevador, dissera-me que as flores chegavam, diariamente, de Alicante.

Quando entrei na porta giratória pensei se alguma vez teria oportunidade de visitar essa cidade.

Foi então que o vi. O choque que senti foi tão grande que quase bati no vidro da porta que girava em sentido contrário.

O homem mostrou-se surpreendido com a minha atitude. Não me atrevi a olhar para trás e continuei o meu caminho até chegar à rua, ainda atordoada.

Saltei para um táxi. Logo que cheguei ao escritório dirigi-me para o gabinete do chefe.

- Mister Harris, hoje, ao sair do Palace, vi um agente que conheci na quinta com o

nome de código Pierre.

- Simm. - A voz de Mozart era glacial, assim como os seus pequenos olhos castanhos.

- Bem, pensei que gostasse de saber que ele se encontra em Madrid. - O que eu esperava era que Mozart me dissesse que Pierre estava ali para trabalhar connosco.

Remexendo-se na cadeira, Mozart anunciou calmamente:

- Claro que sei, Miss Griffith. Tenho conhecimento de tudo o que se relaciona com as nossas actividades neste país.

Pierre virá a Madrid de vez em quando. Isto É mais do que precisa saber a respeito das actividades dele.

Lembrei-me de Edmundo ter dito que a marquesa era a mais astuta raposa de Madrid e que não ocorria nenhuma intriga de que ela não tivesse conhecimento. A marquesa tinha um rival, Mozart, o Mastermind. Gostava de a ver ler as cartas dele. Contudo, sentia-me encantada. A fria reprimenda dera-me boas notícias. Voltaria a ver Pierre. Mas quando?

- Agora falemos do seu assunto. - Teve uma tossezinha seca. - Creio que o seu

primeiro mês de trabalho foi satisfatório.

Concordei com um aceno. Ele sabia que eu trabalhara com afinco na sala de código. Cada telegrama era uma aventura tão absorvente que eu sentia que estava a combater numa dúzia de frentes. Durante as noites assistira a inúmeros jantares e recepções, convidada por Belmonte e também por Casilda - vila, a rapariga que tocara piano em casa da marquesa.

- Tem alguma coisa a relatar a respeito da sua missão?

Havia um desafio implícito no seu tom de voz.

- Tenho aqui uma lista de todas as pessoas que conheci desde a minha chegada -, disse, entregando-lhe um sobrescrito.

- Bom, Miss Griffith. Vejo que já fez alguns conhecimentos úteis. - Dobrou meticulosamente o papel e guardou-o numa gaveta. - Apesar de não ser fácil arranjar um apartamento prático para o nosso trabalho, É urgente que arranje um. Isso tornará mais difícil que outras pessoas sigam os seus movimentos. Além disso, precisamos urgentemente de um sítio onde esconder

agentes femininas que venham de França. A propósito; apresse-se a organizar a sua corrente. Precisamos de gente para seguir os nossos suspeitos.

- Quero falar-lhe a respeito disso, Mister Harris. Eu própria ando a ser seguida. Isso começou dois dias após a minha chegada.

- Vou fazer o possível por arranjar alguém que a possa proteger, mas perdemos a semana passada um dos nossos melhores homens.

Não resisti a perguntar:

- Perdemos?

- Um que foi encontrado morto debaixo da ponte na Calle de Segovia. A coisa foi feita como se se tratasse de um suicídio, mas sabemos que ele foi atirado. O outro desapareceu.

Nesse momento, os meus esforços concentravam-se em manter uma indiferença igual à dele. Mozart acendeu um cigarro.

Esperei que ele falasse.

- Costuma trazer um revólver consigo?

- Sim.

- Não receie servir-se dele se for atacada. Se não houver testemunhas, nada sucederá e,

mesmo que haja, ninguém quer ir contar à polícia. Nenhum dos lados quer ser expulso do país.

Apesar de não voltar a ver Pierre, o mero fato de saber que ele estava perto fez-me pensar nele mais do que nunca. Sonhei com ele várias noites e mantinha-me alerta durante o dia.

Finalmente encontrei um apartamento na Calle Monte Esquina, uma rua paralela à Castellana e a curta distância do escritório. Uma semana depois, a casa estava alugada. A portera era considerada segura, por ser membro do clandestino Partido Comunista e por o irmão do marido ter sido recentemente libertado de Portiel, a prisão para os activistas políticos subversivos.

Nunca tinha tido um quarto só para mim. Em casa partilhava um quarto com a minha irmã ou com um meu irmão mais novo. Na universidade tinha uma companheira de quarto.

E agora possuía todo um luxuoso apartamento só para mim!

O meu salário era generoso e com o câmbio favorável da peseta quase tudo com

que eu podia sonhar se encontrava ao meu alcance. Um vestido feito na casa Balenciaga custava duzentos dólares; a renda do meu apartamento era de cinquenta dólares por mês. O dinheiro deixara de ser um problema. O marido da minha portera estava habitualmente embriagado e irritado. Donha Antonia, a portera, ignorava as suas vociferações e passava horas sentada na rua, em frente da porta, com um seio nu de fora, a amamentar o seu gordo bebê, mesmo nas manhãs mais frias.

A minha criada, Angustias recomendada pela criada de Jeff Walters e considerada capaz pela CE, era alta, ossuda, tinha cabelo preto e possuía dois dentes de ouro, proeminentes, que de certo modo indicavam que o seu estatuto social ficava acima do da portera, a quem ela tratava com desdém. Os irmãos dela tinham sido mortos durante a guerra civil. Um deles encontrava-se em Madrid quando a guerra começou e vira-se obrigado a alistar-se com os republicanos, que controlavam a cidade. O outro ficara em Burgos e fora forçado a alistar-se nas tropas nacionalistas, cuja sede

era ali. Angustias afirmou-me que não percebera por que motivo houvera guerra e que não sentia preferência por qualquer dos lados. Quando a portera falava contra Franco, Angustias respondia com um aceno afirmativo. Mas quando o homem do talho afirmava que os republicanos eram os culpados da miséria crónica da Espanha, ela concordava também. Angustias chamava à portera e ao marido rojos, dizendo que eles andavam a conspirar para provocar outra guerra civil.

- Eu não quero mais guerras. Sofremos muito com a última. Em Madrid quase morremos de fome. Só os russos conseguiam arranjar comida. Na estação central dos correios penduraram um cartaz com a figura de Estaline que tinha a altura de quatro andares e no Banco de Espanha tínhamos de ver a fotografia de um homem careca chamado Lenine.

Angustias disse-me também:

- As criadas que trabalham para os americanos conseguem arranjar farinha branca, açúcar, arroz e feijão preto, tudo o que está racionado. Por isso a senhorita

comerá bem quando conseguirmos arranjar uma cozinheira.

- Você não sabe cozinhar? - perguntei.

- Oh, isso não serve para a senhorita! A senhorita precisa de ter pelo menos duas criadas.

Apesar de eu tentar recusar, Cecília, a nova cozinheira, apareceu com dois sacos de pano pretos com os haveres e uma filha de doze anos. Quando perguntei se o marido de Cecília também fora morto na guerra, ela respondeu:

- Não, senhorita. Fugiu para o Uruguai com outra mulher, e muita sorte tive eu em ficar só com uma filha. A minha vida não tem sido fácil.

A filha, magra e pálida, olhava timidamente para o chão.

- Não se preocupe, senhorita - assegurou Cecília. - Engracia come pouco e pode dormir na minha cama.

Eu pensei que a criança ficaria bonita depois de ser bem alimentada e vestida com roupas capazes.

Todas as manhãs o meu vestido, meias, lenços, sapatos e até a carteira estavam

preparados no meu quarto de vestir. Angustias aquecia a casa de banho enchendo uma bacia de porcelana branca com álcool e pegando-lhe fogo.

A chama alta, azul e alaranjada, durava o tempo suficiente para eu tomar banho e vestir-me. A dedicação dela chegava ao ponto de passar a ferro até à meia-noite. Para isso utilizava dois grandes ferros de engomar que funcionavam a carvão e que tinham uma pequena chaminé por onde saía o fumo.

Certa vez, disse-lhe:

- Ouça, Angustias, aprecio as suas boas intenções, mas não consigo dormir com o barulho desses ferros.

Uma manhã fui acordada por um ruído assustador que vinha da rua. Sentei-me na cama, assustada.

- Que se passa? - gritei.

Angustias apareceu com as mãos nas ancas, rindo com gosto.

- Não me diga, senhorita, que nunca ouviu um burro a zurrar.

Corri para a janela. Na rua, um pequeno burro cinzento zurrava com todas as suas forças. O dono bem puxava por ele, mas o

animal estava decidido a não avançar.

Sentia-me feliz na minha nova casa, habituando-me a luxos que nunca conhecera. Continuava, no entanto, a aperceber-me de que era seguida. Os rostos mudavam; umas vezes eram mulheres e noutras alturas homens. Isso não me agradava. Indicava que se tratava de profissionais. Esperava que, a pouco e pouco, a rotina das horas do escritório, que eu mantinha escrupulosamente, os desencorajasse.

Quando acordava, de manhã, apetecia-me beliscar-me para ter a certeza de que tudo aquilo era verdade. A beleza da cidade, o profundo céu azul mesmo nos dias invernosos, as largas avenidas bordadas de árvores e as ruas estreitas e sinuosas, a delicadeza das pessoas, a beleza das crianças. O ritmo da cidade era apaziguante. Ninguém parecia ter pressa. O trabalho começava de manhã cerca das 10 horas e era aliviado por longas sextas à tarde. Os trabalhadores dos escritórios recomaçavam a trabalhar às 17 horas e continuavam até às 21.

Não havia turistas (apenas espanhóis e diplomatas estrangeiros) ajantarem nos

restaurantes, onde se comiam os melhores mariscos da Europa - iguarias como angulas, pequenas enguias apanhadas nos estuários de água fresca na costa do Atlântico; os perceves e também a pescada, um excelente peixe muito branco, que não existe na América do Norte. à noite ouvia-se o chamamento familiar Sereno! e depois o barulho da bengala de madeira a bater no pavimento da rua, e a resposta arrastada "Vo-oo-oí". A magia das pessoas e da cidade cativava-me.

O castigo em Espanha para a espionagem nacional era a pena de morte. Portanto, tive todo o cuidado em escolher a chefe da minha cadeia de mulheres.

Na Quinta tinham-me ensinado a formar uma cadeia, arranjando uma mulher de confiança que recrutaria outra, que, por sua vez, arranjaria outra ainda, até se formar um grupo de quinze. Umas eram secretárias, outras modistas, cozinheiras, mulheres-a-dias. Eu conheceria apenas a mulher recrutada por mim. As outras conheceriam duas, exceptuando a última.

Dessa maneira, se uma parte da cadeia

fosse apanhada as outras não seriam descobertas imediatamente.

Visto que me tinham aconselhado a não empregar ninguém que tivesse lutado ao lado dos nacionalistas de Franco, tive de escolher entre as republicanas. Apenas metade dos republicanos eram comunistas ou socialistas no início da guerra, em 1936, e muitos tinham passado para o lado dos nacionalistas quando perceberam que os republicanos eram a favor de um governo totalitarista controlado pelos soviéticos. Esses convertidos tinham permitido a Franco ganhar a guerra, apesar da fraqueza das suas forças e da pequena porção de território sob o controlo dos nacionalistas no início da guerra. Assim, os que agora se consideravam republicanos eram comunistas ou socialistas, e as ordens que eu recebera eram para recrutar gente desse grupo.

Nem a costureira que me fazia as cortinas para o apartamento nem a minha cabeleireira, ambas republicanas comunistas, foram consideradas de confiança. Precisava de alguém mais instruído. Ocorreu-me então pedir à portera se me arranjava uma

professora para eu aperfeiçoar o meu castelhano. Ela achou isso lógico.

- É uma boa ideia, senhorita. O espanhol americano não soa bem. Conheço uma mulher que foi secretária de um ministro durante a República. é uma pessoa suficientemente competente para ensinar a senhorita.

Pilar Hernández era feia, tinha cabelo grisalho e usava óculos. Vestia sempre o mesmo fato de saia e casaco de corte masculino e calçava sapatos pretos, de salto raso. Desde a primeira lição compreendi que era eficiente e capaz. No entanto, observei-a durante algumas semanas, na altura da nossa lição diária, e ela exprimiu algumas vezes os seus pontos de vista políticos.

- Nós, socialistas - por vezes referia-se a si própria como socialista e noutras como comunista -, estamos a tentar salvar a Espanha, dividindo a riqueza entre o povo. Acreditamos na igualdade, não em liberdade. Queríamos libertar as massas da tirania do capitalismo.

Por mais que tentasse, não conseguia convencê-la de que a democracia era a

maneira ideal de os pobres melhorarem o seu nível de vida.

- Ninguém pode fazer mudar a minha opinião, senhorita - respondeu ela. - Nos três anos da guerra perdi três irmãos (um em cada ano) por causa dos fascistas e de Franco.

Falava-lhe frequentemente acerca dos problemas que a American Oil Mission enfrentava relativamente aos seus embarques para Espanha, mas apercebia-me de que se Pilar fosse tão inteligente como parecia, logo que eu lhe falasse em espionagem compreenderia. Precisava de proceder com cautela.

Os nossos pontos de vista políticos continuavam a ser o principal tópico de conversa durante as nossas lições, mas Pilar era uma comunista firme e nada que eu pudesse dizer produzia o mais leve efeito. No entanto, eu gostava tanto dos rojos como dos fascistas. Todos os espanhóis que eu conhecia pareciam ter a mesma personalidade afectuosa. Possuíam também um respeito admirável pela dignidade pessoal uns dos outros. A minha portera trocava diariamente saudações com o nosso vizinho, o duque de

Silvela, sem qualquer vestígio de servilismo ou de superioridade da parte de um ou do outro, apesar de terem sido inimigos poucos anos antes. Maneiras impecáveis e respeito mútuo existiam a todos os níveis da sociedade.

O mesmo se passava com o bom senso e a coragem. Duas semanas mais tarde propus a Pilar a tarefa de formar uma cadeia de mulheres e ela aceitou.

Capítulo 13

Às 23 horas, o restaurante Horcher não estava ainda cheio.

Enquanto um criado de fraque nos conduzia para uma mesa, olhei à minha volta para os tectos altos, as paredes com painéis com a pátina do tempo; para os cortinados de veludo verde, para a luz velada e cor de Âmbar que irradiava de candelabros de prata.

Logo que me sentei, o criado colocou-me uma almofada debaixo dos pés.

- Ah! Disseram-me que É nas almofadas que costumam esconder os gravadores - disse eu a Edmundo, calcando a almofada com os pés.

Edmundo riu.

- Isso É ridículo. Uma almofada de baixo dos pés das senhoras É prática corrente em todos os restaurantes elegantes da Europa. Este É possivelmente o mais luxuoso da Europa de hoje. O proprietário, Otto Horcher, dirigia o melhor restaurante de Berlim e mudou-se para Madrid quando, há um ano,

os bombardeamentos começaram a afectar o seu negócio.

A minha atenção foi atraída para a porta, onde um homem baixo e gordo, completamente calvo, de cerca de sessenta anos, acabara de aparecer. O seu crânio brilhava. Circundava-lhe a nuca apenas uma orla de cabelo grisalho e encaracolado. Vestia um fato preto, camisa de riscas e colarinho engomado. Mas o que me fascinava era o monóculo entalado num dos olhos, obrigando-o a franzir a face gorducha. Os criados inclinaram-se quando ele atravessou a sala em direcção a uma porta existente na parede do fundo.

- Quem É aquele? - sussurrei para Edmundo.

- Hans Lazaar - respondeu Edmundo. - é, entre outras ocupações duvidosas, o adido de imprensa da Embaixada alemã e uma figura importante na vida social desta cidade.

Esperava não mostrar a excitação que causara em mim ver, finalmente, um dos meus suspeitos.

- Ele usa sempre aquele monóculo?

- Sempre. Ouvi dizer que oculta um olho

de vidro. Fui-lhe apresentado uma vez, mas não o conheço bem. Por isso não tenho a certeza.

- Talvez seja o monóculo que lhe dá aquele aspecto tão diabólico.

- Toda a gente fala disso. Alguns dizem que ele usa o monóculo como lente de aumentar, outros afirmam que se serve dele para reflectir a luz nos olhos das suas vítimas quando as interroga.

- Que vítimas?

- Bem, as pessoas falam a respeito de tudo nesta cidade.

Lazaar É um alvo óbvio, pois oferece festas sumptuosas num palácio que alugou na Castellana. Dizem também que possui uma propriedade no campo, perto de Toledo, com calabouços onde espiões simpáticos, como você e eu, desaparecem.

Olhando para a porta por onde ele passara, perguntei:

- Para onde foi ele?

- Para a casa de jantar privada. Reservada para amigos do Terceiro Reich, minha querida.

Houve novamente uma agitação entre

os empregados que se encontravam à entrada. Uma mulher deslumbrantemente bonita apareceu. Alta e delgada, talvez com uns trinta e cinco anos de idade, cabelo muito preto, uma capa de pele de marta a envolvê-la da cabeça aos pés, um vestido de cetim negro e um comprido colar de pérolas cintilantes.

- Quem é?

Edmundo voltou-se.

- É a condessa Von firstenberg, a única.

Vimo-la então atravessar a sala em direcção à mesma porta.

- Agora já sabemos com quem Lazaar vai jantar - comentei. Estava a tornar-se a noite mais importante da minha carreira.

- Podem lá estar outras pessoas - replicou Edmundo. - Talvez oficiais alemães de alta patente.

Decidi então que precisava de arranjar maneira de entrar naquela sala.

- Conhece-a, Edmundo? Ela deve ser fascinante.

- É de facto fascinante, mas infelizmente não tenho a sorte de a conhecer bem. O embaixador da Guatemala diz que a

encontrei no México, num casino, com dezasseis anos de idade. Pertence a "boas famílias". Não É de famílias distintas nem aristocratas. Pessoas da classe média, de Guadalajara.

Como eu, meio espanhola, meio índia. Não me lembro quem foi que a levou para Hollíwood. Esteve em Los Angeles apenas o tempo suficiente para conhecer um financeiro holandês (francamente Hollíwood era pequena de mais para as ambições de Glória) que a trouxe para a Europa. Depois houve um inglês e por fim Schellenberg. Mimosa terá de nos contar um dia a sua história toda. Agora pode ser uma viuva da guerra. Sei também que tem dois filhos pequenos e que vive sozinha... mas não será por muito tempo. Correm boatos de que anda muito com um rico Senhor March e também com Ahkmet Fakrí, filho do embaixador egípcio, bastante mais novo do que ela. Vai precisar não só de dinheiro, mas também de um novo passaporte, se os alemães perderem a guerra.

- Que quer dizer com esse "se? - perguntei, assombrada com a observação de Edmundo.

- Não fique indignada. Devia ter percebido que eu estava a brincar. Bem, minha querida, uma coisa devo eu dizer a respeito da Schellenberg : tem um estilo sublime. E uma grande força de vontade. Não É totalmente aceite por todas as grandes damas de Madrid. Faz muita concorrência a essas senhoras.

- Edmundo bebeu um grande gole de vinho tinto. - As mulheres têm todas as razões para sentirem inveja dela. Em Berlim era famosa; até o Fóhrer se mostrou impressionado com ela, segundo diziam. Além disso, É inteligente, pois quando ninguém podia viajar para parte alguma, ela conseguiu ir para Paris e para Roma.

- E Lazaar? Que tem ele a ver com ela?

- São amigos íntimos. Não sei o que ele fará por ela, mas pode ter a certeza de que lhe É útil para alguma coisa. Para obter um visto espanhol conseguiu que o embaixador de Espanha em Berlim se apaixonasse por ela. Depois seduziu o general Wolff, das SS, para conseguir sair da Alemanha e vir para Espanha.

- Onde É que Lazaar vai buscar o

dinheiro? É rico?

- Aqueles que o conheciam de Berlim afirmam que ele não tinha dinheiro.

Pondo de parte Lazaar, Edmundo continuou:

- Ela fará tudo para manter o seu estilo de vida: porque não? Possui um dom raro. Em Berlim dava-se com todos os grandes (Schellenberg, Goering, Himmler), todos os que detêm o poder, íntimos de Hitler. Tenho tentado conhecê-la melhor, mas nunca consegui que ela falasse comigo.

Não sou suficientemente rico, poderoso, nem chique, infelizmente.

Tudo quanto Edmundo dizia me tornava mais determinada a espreitar para aquela sala.

- Oh, está tanto frio aqui - disse para o criado, que enchia o copo de Edmundo. - Deve vir ar dessa janela perto da nossa mesa. Poderíamos mudar para aquela ali?

- Se a senhorita prefere, claro que mudaremos a mesa.

Antes de ele ter acabado de falar já eu me levantara. A qualquer momento podia entrar outra pessoa e ocupar a mesa, e aquele

era o único sítio do qual eu poderia espreitar para dentro da sala.

- Realmente, Aline. Esta É a pior mesa de toda a sala - queixou-se Edmund logo que nos sentámos. - Não estava frio nenhum e pelo menos podíamos conversar sem sermos ouvidos.

Enquanto ele falava, um criado abriu a porta especial. Vi apenas uma pequena parte da mesa e a capa de peles da condessa nas costas de uma cadeira.

- Ah! - exclamou Top Hat. - Agora percebo porque quis mudar de mesa. - Abanou a cabeça. - Um esforço perdido.

Daqui não vai ver coisa alguma. Eles têm sempre a porta fechada. Mas nada a detém, pois não, minha querida? Digo-lhe uma coisa, Aline, você É a mulher do meu coração. Se ao menos tivesse um título... Diga-me o que vai vendo, minha querida, porque eu só poderei olhar para lá através do espelho da sua caixa de pó-de-arroz. - Solto uma pequena gargalhada.

- Creio que Horcher não gostaria de ver um homem a empoar-se no seu restaurante.

Outro criado entrou na sala especial,

levando bebidas. Dessa vez vi apenas Lazaar, mas pude pelo menos perceber que havia pessoas à mesa. Apesar de a porta só se abrir por breves momentos, distingi dois outros homens junto da condessa e de Lazaar, mas a porta fechou-se antes que eu lhes pudesse ver as caras. Esperava que um dos criados abrisse um pouco mais a porta, mas, a pouco e pouco, as pessoas que se encontravam lá dentro iam sendo servidas sem que a porta se abrisse mais. A não ser que me lembrasse de qualquer stratagem, não conseguiria ver as pessoas que se encontravam lá dentro.

Finalmente, vi três criados dirigirem-se para a sala reservada, evidentemente para servirem o prato principal. Justamente quando o primeiro ia a entrar, fiz um gesto largo, como se estivesse a mostrar a Edmundo uma nova jogada de ténis, e fiz cair a garrafa de vinho que se encontrava sobre a mesa.

A garrafa, o gelo e a água foram parar ao chão mesmo em frente da porta aberta. A agitação atraiu o próprio Horcher ao local. Toda a gente quis limpar o vinho entornado, que se tinha espalhado mesmo sobre a

carpete da sala reservada.

Os que lá se encontravam dentro, atraídos pelo barulho, tinham-se voltado, e nesse momento pude ver claramente o rosto do homem que se sentava diante da condessa. Não restaram dúvidas no meu espírito a respeito de quem se tratava - apenas estávamos distanciados, mais ou menos, uns seis metros.

Um momento depois, a porta voltava a fechar-se e a ordem ficava restaurada.

- Levará algum tempo até que voltemos a ser bem recebidos aqui, receio bem - exclamou Edmundo, rindo. - Mereceu a pena tanta confusão, Aline?

Pus manteiga num pedacinho de pão, falando tão despreocupadamente quanto a minha excitação o permitia.

- Que É que pensa? Eu apenas vi Heinrich Himmler.

Edmundo olhou-me, assombrado.

- Está doida, Aline. Ou então bebeu muito vinho tinto.

- Não bebi uma só gota. Veja, o meu copo está cheio. - Já não era totalmente abstinência, mas um só copo de vinho

durava-me para a noite inteira.

- Não está boa da cabeça. Isso É impossível. Se Himmler se encontrasse em Espanha, eu teria sabido.

- Estou a dizer-lhe que o vi - sussurrei.

- Aline, Himmler não vem a Espanha desde 1941 . Mas eu hei-de descobrir.

Depois do jantar, Edmundo mandou vir outro café, e outro ainda. Levou o seu tempo a fumar um charuto e a beber um conhaque. O restaurante foi-se esvaziando a pouco e pouco.

Por fim, a condessa e Lazaar apareceram e, pouco depois, Constantin von Weiderstock saiu também - era ele o homem que eu não conseguira ver bem - e mais ninguém!

- Como vê, estive a imaginar coisas, minha querida. Nem sombras de Himmler.

- Edmundo, tem de haver outra saída. Não olhe para mim como se eu estivesse doida. é uma cara que eu conheço bem.

Nesta altura estávamos já de pé e preparávamo-nos para sair.

- O que É que tenciona fazer? - perguntou Edmundo.

- Que pergunta! Contar a Mozart,

naturalmente.

Detestava pensar em acordar Mozart à uma e meia da manhã, apesar de ser a essa hora que os jantares terminavam habitualmente, mas, logo que Top Hat me deixou em casa, saí outra vez e corri pela Calle Alcala Galiano deserta, até ao escritório. Mozart teria provavelmente de enviar um telegrama para Washington com a notícia que eu lhe ia dar, e de qualquer modo era melhor utilizar aquele telefone. Devia ter rebentado um cano na rua, pois o gorgolejar da água a correr pelo pavimento era o único som que se ouvia.

Foi o próprio Mozart que atendeu o telefone.

- Está? - perguntou com voz seca. Não estava a dormir.

- Daqui fala Aline. - Era obrigatório dizer o meu verdadeiro nome, pois podia dar-se o caso de estar alguém a ouvir.

- Que há? - perguntou Mozart após uma pequena pausa.

- Estive a jantar no Restaurante Horcher e acho que gostará de saber que Heinrich Himmler também lá estava, numa sala

privada.

Mozart suspirou, cansado.

- Se isso fosse verdade, eu saberia se ele se encontrava na cidade. Existem em Madrid muitos homens atarracados, com óculos, que podem ser confundidos com ele. É tudo?

- Mas tenho a certeza de que o vi.

- Alguma outra pessoa pode confirmar a presença dele?

- De momento não. Edmundo encontrava-se comigo, mas não o viu. Esperámos para o ver sair, mas deve tê-lo feito por outra porta.

- Não existe outra porta na sala de jantar privada. Boa noite, Miss Griffith.

Caminhei pelo corredor deserto e vi luz por debaixo da porta da sala de código. Jeff estava sentado à sua secretária.

- Algo de novo? - perguntei.

- Estou a decifrar uma mensagem chegada esta noite. Ben contactou-nos há cerca de uma hora.

Apesar de em Madrid a noite estar enevoada, lembrei-me que havia lua cheia, a data marcada para um lançamento em França. O nosso avião era de Argel, ou

lançaria um agente de pára-quedas ou aterraria num local iluminado pelas lanternas dos maquís, partindo outra vez sem desligar os motores. Um operador de rádio avisava-nos sempre, em Madrid, se tudo corraera bem, e indicava a data e a hora do próximo contacto pela rádio.

- As notícias são boas - disse Jeff-, e foi um novo agente com o nome de código Pierre que enviou a mensagem.

- Deixe-me ver isso - tirei o papel das mãos de Jeff. Ele levantou a cabeça surpreendido.

- Que se passa, Aline?

Eu nem podia acreditar. Seria Pierre? O meu Pierre?

- Havia um rapaz que fez o treino comigo e que tinha esse nome.

Jeff pareceu divertido.

- Você deve estar louca por ele.

- De modo nenhum. É apenas curiosidade - respondi, atirando com o papel para cima da mesa. - Até amanhã, Jeff.

Atravessei os escritórios desertos, pensando no que se passara. O silêncio, a escuridão fizeram com que eu apressasse o

andamento. Quando entrei na minha rua, ouvi passos atrás de mim e não vi o sereno. Corri e creio que quem me seguia fez o mesmo. Quando cheguei à minha porta, passei por entre as grades de ferro sem meter a chave na fechadura, contente por não terem colocado ali o vidro desde a guerra civil, e também por ser tão magra. Depois subi as escadas a correr.

Senti-me desencorajada por Mozart não ter acreditado em mim, mas pelo menos ficara a saber que Pierre estivera em Espanha. Ia a caminho de França e poderia voltar ali outra vez. Isso fez-me sentir mais feliz. Deixei-me cair na cama exausta, mas momentos depois levantei-me para ir buscar o revólver à carteira e o meter debaixo da almofada. Apesar de começar a estar habituada à tensão, não valia a pena correr riscos, pensei.

Adormeci com uma certa satisfação. Estava, finalmente, a caminho de descobrir pelo menos dois dos suspeitos da minha lista.

Os velhos edifícios de granito e os troncos cinzentos das árvores sem folhas brilhavam à luz do Sol enquanto o elegante

Bugatti de Belmonte percorria as ruas.

- Gostou dos chocolates? E dos cravos? -
Agora estes presentes tinham-se tornado uma rotina.

- Sim. Tudo em Madrid me agrada.

Juanito voltou-se para mim.

- Mas não o Pasapoga, espero.

- Juan, isso foi há mais de dois meses.
Para quê falar outra vez no caso? Não fazia ideia de que não fosse um lugar apropriado para se ir. Edmundo disse-me apenas que íamos dançar nessa noite.

- Dançar? O seu companheiro comportou-se como se se estivesse a ensaiar para ir para a arena.

Sorri.

- Edmundo É meio louco, mas tem um grande sentido de humor.

Olhando bem em frente enquanto virávamos uma esquina, Juan disse:

- Não creio que seja um bom amigo para si. A Espanha é muito diferente da América. Aquilo que É aceitável para os homens não o É para as mulheres.

- E acha justo?

Juanito sorriu.

- Sim, acho.

- Pois bem, eu não.

Talvez se tenha apercebido da minha irritação, pois não voltou a falar no assunto.

- Bem, cá estamos - Juan apontou para o pequeno curso de água que corria lá em baixo. - O Manzanares. Claro que a seca o afectou, mas, de qualquer modo, queria mostrar-lho. Na véspera de Santo António, as raparigas que querem arranjar mando nesse ano atiram moedas para este rio.

Juanito voltou-se para mim.

- Espero que não se encontre ocupada no dia dez de Junho.

- Não tanto quanto sei - respondi, abanando a cabeça. - Ainda falta muito tempo.

- Bom. Então fica combinado. Aline. Nessa noite atirá uma moeda para o Manzanares comigo a seu lado... e depois nunca mais deixará a Espanha. Santo António É o padroeiro dos namorados.

Não respondi. Os modos formais de falar, a sua maneira de andar rígida, medida, eram inacreditáveis, mas quer eu gostasse dele quer não, ele era-me útil. Conhecia toda

a gente.

Encontrávamo-nos sentados, num café, ao ar livre na margem árida do rio. Apenas alguns clientes gozavam o sol daquela tarde de Março. Depois de beber um pequeno copo de xerez Tio Pepe, Juan sugeriu que fôssemos à Igreja de Santo António de la Florida, que ficava do outro lado da rua. Fiquei perturbada por segundos, ao passar da claridade forte do sol para a escuridão da pequena igreja, mas pouco depois reparei que o tecto resplandecia de frescos.

- Foram pintados por Goia - disse Juanito, olhando para cima. Depois acrescentou: - Os olhos daqueles quadros são como os seus, cheios de um fogo ardente.

Abanei a cabeça e tive dificuldade em conter uma gargalhada. Ele era impossível...

Dali fomos para a Plaza Maíor, uma praça impressionante do século XVI, rodeada por arcadas e lojas em edifícios simétricos ornados de numerosas varandas.

- Dali É que a família real e a corte costumavam ver as touradas - explicou Juan. - Por vezes, quando o matador se saía muito bem, as damas atiravam pérolas para a arena.

- Olhou para mim. - Como os seus dentes.

- Os meus dentes?

- Os seus dentes são como pérolas, Aline.

"E a minha boca como uma ostra, pensei, incapaz de falar.

Descemos umas escadas gastas pelos séculos - os famosos degraus de Guchilleros - e, depois de passarmos por uma miríade de câmaras abobadadas, chegámos a uma sala numa cave onde havia um bar onde comemos pão estaladiço, acabado de cozer, e queijo manchego, e bebemos vinho tinto.

Juanito ergueu o copo e disse, como seria de esperar:

- Este vinho É tão vermelho como os seus lábios.

Bebi em silêncio.

- Ao nosso futuro - acrescentou Belmonte. Um futuro com Juan Belmonte? Era coisa que eu não podia imaginar.

- Era aqui que o famoso bandido Luis Candelas costumava esconder-se, Aline. Roubava aos ricos e dava aos pobres, tal como o vosso Robin Hat.

- Hood - corriji. - Robin Hood.

Pouco depois, caminhámos ao longo da Calle de Segovia - o mais antigo barrio de Madrid - e entrámos num restaurante.

- A especialidade da casa É leitão assado
- disse Juanito.

Olhou para mim, por momentos, e começou a abrir a boca.

- Oh, por favor, Juanito, não me compare com um leitão assado.

Ele atirou a cabeça para trás e ambos rimos às gargalhadas.

Quando pudemos falar, eu disse-lhe:

- Francamente, Juanito, se continua a dizer coisas tão disparatadas será o fim da nossa amizade.

- Que alívio - respondeu ele. - Mas as mulheres espanholas esperam que um homem as elogiem a todo o momento.

- Não creio que raparigas como as Avilas queiram isso, nem sequer as cantoras de flamenco.

Vozes que cantavam anunciaram a entrada de uma tuna, um grupo de estudantes que tocavam uns instrumentos em forma de ovo, vestidos de preto e com fitas multicolores a penderem-lhes dos ombros.

Cantaram várias baladas e Juan lançou sobre eles uma chuva de pesetas.

Belmonte não fez mais nenhuma declaração tola, e passado um bocado, perguntei-lhe se conhecia a condessa Von firstenberg.

- Claro que a conheço. Porque pergunta?

- Poderá apresentar-ma?

- é evidente que não. Ela não É uma amiga adequada para si.

Juanito pertencia, na verdade, a outro século.

Capítulo 14

Percebi nos olhos dela, por detrás dos óculos, que estava excitada. Com o pretexto das lições, tinha na mão um pequeno quadro negro onde escrevera a giz a conjugação dos verbos irregulares.

- Tem razão - disse logo que me sentei ao lado dela. - Está a ser seguida à noite. Mas não pudemos identificar o homem. Ele desaparece na Ribeira de Curtidores, no Rastro, na parte velha da cidade. É uma rua cheia de casas decrepitas.

Vivem lá muitos ciganos, e há também muitas pensiones, onde os camponeses se instalam quando vêm a Madrid. Existem por ali muitos vagabundos e vigaristas. É um sítio difícil para encontrar alguém.

- Pilar, continuem a segui-lo. Também ando a ser seguida de dia. Anda mais de uma pessoa atrás de mim. Tenho também outro trabalho para si. A condessa Von firstenberg vive no Palace Hotel. Quero que obtenha o maior número possível de informações a respeito dela.

- Isso é fácil. Trabalha no hotel uma das nossas mulheres, como criada. É uma das melhores.

- Pilar, espero que tenha seguido o sistema que lhe expliquei. Para sua própria protecção, deve conhecer apenas uma das mulheres recrutadas por si, não as outras.

- Não se preocupe, senhorita. Foi exactamente o trabalho que eu fiz durante a guerra. Ninguém a conhece e isso É que deve ser mantido em segredo.

- Vi Heinrich Himmler na sala de jantar particular do Restaurante Horcher, mas preciso de provas de que ele ali esteve. Descubra se existe uma passagem secreta para aquela sala. Verifique a lista dos passageiros da Lufthansa que entraram e saíram de Madrid, e também daqueles que tomaram o comboio da noite para Barcelona e Irén e quaisquer outras vias utilizadas por personalidades vindas de Berlim. Sabe qual

É o aspecto de Himmler?

- Como É que pode pensar que eu não conheço esse monstro? Se ele esteve em Espanha, as mulheres que trabalham comigo descobri-lo-ão, pode estar certa.

Foi nos fins de Março que as irmãs vilas me convidaram para ir jantar com elas. Foi o sereno que me abriu a porta do velho edifício, puxando o cordão de um gongo que anunciava a minha chegada para as pessoas que se encontravam em casa.

A escadaria era larga e grandiosa e no patamar havia uma sereia esculpida em madeira que adornava a popa de um navio do século XVI, mas os degraus estavam gastos e não eram alcatifados. Um criado de cabelos brancos, elegante na sua casaca azul, onde se viam botões dourados com o brasão da família, recebeu-me no vestíbulo da entrada, apenas enfeitado com duas armaduras sobre pequenos pedestais. Segurou o meu casaco e conduziu-me através de uma vasta sala cuja parede do fundo se encontrava totalmente coberta por um enorme órgão.

Passámos por salas com mobiliário antigo francês e inglês, caminhando sobre um velho carpete; correntes de ar frio passavam por entre os desbotados cortinados azuis. Lembrei-me que as pessoas se estavam ainda a recompor da guerra e que muitas casas

antigas tinham sido utilizadas como aquartelamentos militares depois do cerco de Madrid. A voz de Casilda gritou lá de dentro:

- Evaristo, traga a senhorita para aqui, que está quentinho.

- Levantou-se de onde estava sentada junto a uma mesa redonda coberta por um pano de veludo que chegava ao chão. - Desculpe eu não ir recebê-la à outra sala, mas temos aqui braseira e está um ambiente mais confortável. Costumamos ficar neste compartimento até a sala de jantar pequena estar aquecida. Este racionamento do carvão e do coque É terrível.

Fui cumprimentar as outras duas irmãs e apresentaram-me a outra rapariga - loura, de olhos azuis, uma beleza clássica.

- Esta É a minha melhor amiga - disse Casilda. - Carola Lilienthal.

Eu nem podia acreditar na minha sorte. Aquela rapariga era com certeza filha do príncipe Nikolaus Lilienthal, um dos que se encontravam na minha lista. Carola era suficientemente bonita para fazer perder a cabeça a qualquer um, mesmo no El Morocco. Além disso apercebi-me, logo a seguir, de

que era extremamente simpática.

- Aline, não posso deixar de lhe dizer que sei tudo a seu respeito. Casilda nunca pára de falar de si e tenho ouvido também outras amigas referirem-se-lhe. Até soube que esteve uma noite no Chipén com Juan Belmonte. Como vê, sei tudo o que se passa nesta cidade.

Conversámos durante o jantar como se a tivesse conhecido durante toda a minha vida. As raparigas estavam ansiosas por ouvir falar da vida nas universidades americanas e das modas na América, e por sua vez também me falaram das suas festas e passatempos, que se relacionavam mais com a preocupação de arranjar um marido do que com trabalhar ou estudar. Depois do jantar, tocámos os discos americanos que eu levei comigo. O One O'Clock jump, de Benní Goodman, tornou-se o favorito delas; nunca o tinham ouvido antes. Ensinei-lhes o jitterbug e elas mostraram-me como se dançava o chotis e mesmo algumas danças sevilhanas. De certo modo, dava-me a sensação de ter voltado aos meus dias da universidade; era o primeiro momento de despreocupação que eu tinha

desde há meses, e permitia-me descontrair-me muito mais do que as grandes recepções a que Edmundo me levava.

Quando chegou o motorista de Carola para a levar para casa, ela ofereceu-se para me levar também. No caminho disse-me:

- Tem de ir passar um fim-de-semana connosco. Que diz ao fim-de-semana do dia um de Abril? Vai gostar de El Morisco. Teremos lá uma porção de convidados e dançarinos de flamenco também.

Limitei-me a olhá-la. Aquilo parecia até fácil de mais.

- Não aceitarei um não como resposta, Aline - disse ela quando eu saí do carro.

- Não se preocupe - respondi. - Terei esse fim-de-semana livre.

Chovia. Não havia táxis e eu precisava de ir ao apartamento de Pilar, na Calle Conde Duque. Ninguém tinha um chapéu de chuva. Angustias nem sequer conhecia uma loja que os vendesse.

- Quem quer um chapéu de chuva, senhorita? A água que Deus envia do céu é boa para a pele, e significa sorte e riqueza para a Espanha - explicou Cecilia, a

cozinheira.

A estreita escada do velho prédio onde vivia Pilar cheirava a óleo de fritar, um cheiro que eu começava a considerar nacional. Pilar abriu a porta e levou um dedo aos lábios, aconselhando silêncio. Apontou para um rádio em bastante mau estado.

- A Pasionaria está a falar de Moscovo. Foi a mulher que nos inspirou para lutarmos na nossa guerra.

A forte voz de mulher transmitida pela rádio exortava: "Camaradas, não desesperem. Os nossos irmãos estão a reunir-se no Sul da França para recuperarem a nossa amada pátria!

O programa político continuou, enfadonho e repetitivo.

Olhei para o relógio. Estava ansiosa por receber os relatórios de Pilar a respeito de Himmler e de Von firstenberg; e queria estar no Hotel Ritz às 22 horas. Juanito oferecia uma festa de anos em honra do toureiro, seu amigo, Manolete.

Agora ouvia-se no rádio uma voz de homem: "Espanhóis, tenham cuidado com o imperialismo americano! Quando esta guerra

acabar, o bom povo soviético eliminará a sede do sistema capitalista, os Estados Unidos da América.

Era difícil acreditar que os soviéticos fossem capazes de fazer uma emissão daquelas contra nós, sendo nossos aliados.

Pedi a Pilar que desligasse o rádio.

- Não pode crer nessas falsas informações acerca do meu país, Pilar.

- Não se preocupe, senhorita. Agora sou-lhe leal. Temos um inimigo comum: Hitler. Mas depois da guerra verá como o sistema soviético é muito melhor do que o vosso. Dentro de vinte anos a Rússia será o país mais rico da Terra!

Abanei a cabeça, aborrecida. Depois olhei para o quarto despido e frio, com uma lâmpada nua pendente do teto. Era como uma cela. Não admirava que houvesse comunistas naquele país.

Pilar entregou-me dois pedaços de papel.

- Está aqui o relatório sobre a princesa, mas não temos informações sólidas a respeito de Himmler. Contudo, um homem com o aspecto dele esteve no Restaurante Horcher a

semana passada. Pudemos também determinar que existe uma porta invisível na parede da sala de jantar privada. É frequentemente utilizada por certas personalidades. - As notícias dela eram encorajadoras, mas eu receava que não fossem suficientemente definidas para agradar a Mozart.

De pé, à fraca luz da lâmpada, li o relatório, dactilografado numa máquina certamente muito antiga.

Condessa Von firstenberg

(semana com início em 23/3/44)

20/3

11hOra - Pequeno-almoço no quarto. Telefonemas de: Sr. Stiller, esposa de um funcionário da Embaixada alemã, Sr. Hans Lazaar, Sr. Ahkmet Fakrí, filho do embaixador egípcio, e um homem não identificado.

13 hOra - Foi ao cabeleireiro Rosa Zavala (mesmo em frente do Palace Hotel) .

14 e 30 - Almoço no Palace Grill com a condessa Podevils.

17 horas - Salão de alta costura de Ana de Pombo, Calle Her mosilla, 14.

18 e 30 - Regresso.

22 horas - Sr. Fakrí, embaixador do Egipto, veio buscá-la.

22 e 30 -Jantar no Orcapón, Carrera San Jerónimo (com Fa krí). Depois do jantar o agente perdeu o rasto - nenhum táxi pode acompanhar um Mercedes.

04 e 30 - Regresso.

21/3

13 oras - Pequeno-almoço.

13 e 42 - Telefonema de Berlim - Sr. Walter Schellenberg.

15 e 30 - Foi buscar os filhos ao Colégio Alemão.

16 e 30 - Calle Lope de Vega, 12, Sapataria Franciseo Franjul.

17 horas - Salão de alta costura de Ana de Pombo, Galle Hermosilla, 14.

18 e 30 - Regresso ao hotel.

22 - Carro da Embaixada alemã veio buscá-la.

22 e 30 - Jantar na Castellana, 49, casa de Hans Lazaar.

02 horas - Regresso.

02 e 30 - Telefonema de Berlim.

22/3

11 horas - Pequeno-almoço.

12 horas - Massagista - Conchita.

13 horas - Manicura - Carmen Tirano.

16 e 30 - Telefonemas de: condessa PODEVILS, Sr. Lucas de Tena, sapateiro Sr. ALVAREZ, Galle Gonde Duque, 25.

17 horas - Salão Ana de Pombo.

18 e 30 - Regresso.

22 horas - Carro da Embaixada italiana veio buscá-la.

22 e 30 - Jantar com o Sr. e a Sr. San Justa, Embaixada italiana.

01 hora - Abandona embaixada em companhia do Sr. Ahkmet Fakrí.

01 he 15 - Dançar, La Reboite, Calle Prim.

05 horas - Regresso.

Fiz uma pausa para olhar para Pilar, que me fitava com os seus modos habituais.

- Isto É incrível, Pilar, e muito útil.

Um brilho de satisfação transpareceu nos olhos dela.

- Dentro de poucos dias terei os nomes e os números de telefone da agenda dela. As minhas raparigas trabalham depressa.

Contando o dinheiro dos salários,

acrescentei-lhe quinhentas pesetas.

- Isto É para si, Pilar, para viver mais confortavelmente.

Aqui gela-se.

Ela recusou, mas eu insisti. Sabia que aquele dinheiro seria suficiente para três meses de carvão e de coque no mercado negro. A minha criada e a minha cozinheira ganhavam cento e cinquenta pesetas por mês, o que equivalia a cerca de quinze dólares cada uma. O vestido Balenciaga que eu comprara na semana anterior custara a quantia exorbitante de duas mil pesetas, mas para mim era bastante menos do que aquilo que eu pagaria por um vestido da Hattie Garnegie. Entreguei-lhe o dinheiro.

Ela aceitou-o.

- Vou recrutar outra cadeia para dar mais informações à senhorita.

Saí, esperando não estar a contribuir para o Partido Comunista (antiamericano) Espanhol.

Capítulo 15

A guerra não prosseguia como seria de esperar. A Operação Overlord e a Operação Anvil não podiam ser postas em ação até que a campanha italiana tivesse êxito, e nessa altura encontrava-se num impasse. A 15 de Março houvera um forte bombardeamento aliado sobre Cassino, destruindo um antigo mosteiro que ali havia, pois os nossos oficiais julgavam haver ali um posto de vigia alemão. Tinham-se enganado e o bombardeamento havia permitido aos alemães instalarem-se lá utilizando as ruínas e os destroços deixados na cidade para encobrirem as suas tropas. Todos nós esperávamos que esse engano não tivesse sido provocado por falsas informações dadas pelo OSS de Itália. Além disso, apesar do grande número de veículos e de homens desembarcados em Anzio, as nossas tropas não avançavam dali. Embora as nossas forças tivessem debilitado a supremacia do Eixo no mar, os desaires em Itália estavam a criar uma tensão que nos afectava a todos.

Mozart mostrava-se especialmente

taciturno nesses dias e a nossa equipa estava mais nervosa do que o habitual. A 27 de Março, Mozart anunciou que os nossos escritórios iriam ser imediatamente transferidos para outro lado. Ostensivamente, a desculpa era a Oil Mission necessitar de mais espaço, mas Mozart informou-nos laconicamente.

- Washington exige maior segurança para os nossos arquivos OSS e deseja maiores cautelas por parte dos nossos agentes.

Os quadros dos códigos foram escondidos nos arquivos e os transmissores em grandes caixas de equipamento. Foram necessários dois dias para se fazer a mudança para o último andar da residência do embaixador americano, e durante esse tempo não foram decifradas quaisquer mensagens.

A nossa nova sede, o Palácio do Duque de Montellano, era rodeado por um grande jardim e ficava ainda mais próxima do meu apartamento. Quando lá cheguei no primeiro dia, o porteiro abriu uma porta contígua ao grande portão de ferro forjado e indicou-me um caminho ensaibrado que ia dar a uma porta lateral. Dirigi-me imediatamente ao

gabinete de Mozart e entreguei-lhe o relatório de Pilar sobre a condessa, informando-o de que um elemento da cadeia de Pilar confirmara que Himmler estivera no Restaurante de Horcher na semana anterior.

- Quero provas, Miss Griffith - disse enfaticamente Philip Harris. - Essa mulher É de confiança? Não será uma criatura sem qualquer instrução? Obviamente não foi um criado quem deu essa informação. Ela viu-o pessoalmente? Notícias tão importantes como a estadia de Himmler em Madrid têm de ser verificadas por informadores de confiança.

- Mas É verdade que existe uma porta secreta nessa sala, e ele, muito provavelmente, ter-se-á servido dela para entrar e sair sem ser visto.

- É ridículo. Não posso enviar para Washington uma informação tão mal fundamentada. - E com um aceno despediu-me.

O chefe não era pródigo em elogios. Sabia que os outros sentiam, por momentos, o mesmo desencorajamento. Por isso encolhi os ombros e tentei não me mostrar desapontada. Walters esperava-me na nova

sala de código. - Agora que eu já fiz todo o trabalho pesado É que você chega - gracejou Jeff - Temos aqui uma pilha de telegramas para decifrar, mas primeiro quero que aprecie a linda vista para o jardim.

O sol iluminava a grande sala do sótão. Olhei pela janela, para os relvados verdes, velhos castanheiros, acácias, carvalhos e arbustos em flor. Jeff conduziu-me para a outra janela, voltada para a Castellana. Não se viam ainda crianças a brincar ali, mas algumas carruagens com os habituais cavalos esqueléticos esperavam clientes. Vi passar dois automóveis. Do outro lado da rua havia um palácio semelhante àquele em que nos encontrávamos.

- É a casa do famoso primeiro-ministro da Monarquia, o Conde de Romanones - disse Jeff, enquanto eu me voltava e me preparava para começar a decifrar o meu primeiro telegrama de Londres.

PARA MOZART DE CHESS STOP
ESPANHOL PRISIONEIRO BRITÂNICO A
TRABALHAR COMO AGENTE ALEMÃO
SOB NOME DE CÓDIGO GARBO ENVIOU
MENSAGENS PARA BERLIM POR

INTERMÉDIO GUILLERMO EM MADRID
STOP.

Jeff e eu divertíamos-nos a ver qual dos dois conseguia decifrar mais depressa. O telegrama seguinte era semelhante a outros que tínhamos recebido na semana anterior.

DE HOTSPOT PARA MOZART STOP
PEDE-SE AGENTES GOM CONTACTOS EM
IT LIA PERTO BISENTI AJUDE NOSSO
AGENTE FRITZ NECESSITA
URGENTEMENTE EVACUAÇÃO STOP.

Vários telegramas depois, decifrei um que atirei imediatamente para cima da mesa de Jeff.

- Veja isto, Jeff. Parece que o período de brandura dos alemães está a terminar. O telegrama dizia:

HITLER ORDENA à WEHRMAGHT O
SEGUINTE: TROPAS DE SABOTAGEM E
TERROR QUER ARMADAS OU
DESARMADAS COM OU SEM UNIFORME
DEVEM SER LIQUIDADAS ATÉ AO
ÚLTIMO HOMEM STOP ISTO INCLUI
AGENTES INIMIGOS EM PA SES
NEUTRAIS STOP

Depois de ler, Jeff comentou:

- Isto significa que se formos apanhados, ou mesmo suspeitos, as ordens agora são para matar. Trata-se de uma infracção à Convenção de Genebra. - Bateu no revólver que trazia no cinto. - O meu conselho É ter-se cuidado onde quer que se esteja, Tiger. A mim não me apanharão a correr riscos .

Fiquei no escritório durante a comprida hora de almoço espanhola e aproveitei uns momentos de descanso para ler o jornal. Os resultados do trabalho de Lazaar como adido de imprensa cobriam uma página inteira do Informaciones, segundo o qual os alemães estavam a ganhar a guerra. Apesar de se tratar de propaganda, o facto de os aliados terem desembarcado na Sicília em Setembro e ainda não terem avançado tornava fácil para a imprensa espanhola dar as vitórias dos aliados em pequenas notícias das páginas interiores. E eu que estivera preocupada por a guerra poder acabar antes de poder ser enviada para o ultramar...

Voltei ao trabalho e vi que todos os telegramas desse dia confirmavam notícias excepcionalmente importantes. Outro

telegrama de Londres dizia:

PARA MOZART DE CHESS STOP
HIMMLER PREPARA-SE PARA INTEGRAR
SERVIÇOS SECRETOS ABWEHR NA
GESTAPO APÓS REMOÇÃO CANARIS
STOP WALTER SCHELLENBERG
CONTROLA AGORA TODOS OS SERVIÇOS
SECRETOS ALEMÃES NO ESTRANGEIRO
STOP.

Já ao fim da tarde estava ainda a decifrar
os últimos telegramas. Decifrei
mecanicamente:

PARA MOZART DE CHESS STOP
INFORMADOR DE CONFIANÇA DIZ QUE
HIMMLER ESTEVE EM MADRID
URGENTEMENTE...

A minha temperatura subiu e eu
apressei-me a decifrar o resto.

...E EM BARCELONA STOP
INVESTIGUE URGENTEMENTE STOP

Que dizia aquele! Levantei-me de um
salto e corri para o gabinete de Mozart, mal
me preocupando em bater à porta.

Ele falava ao telefone, por isso coloquei
o telegrama em frente dele e saí.

Enquanto trabalhava nos últimos

telegramas, pensava na reacção de Mozart. Não era aquele telegrama prova suficiente de que eu tinha tido razão ao dizer que vira Himmler no restaurante? Estava tão absorta que nem ouvi a porta abrir-se.

Mozart, apesar do seu tamanho, movia-se tão silenciosamente como um gato. Frio, impenetrável, como sempre.

- Miss Griffith - disse, dirigindo-se a mim -, pode vir ao meu gabinete por uns momentos?

Logo que entrei, ele perguntou:

- Diga-me uma coisa, quem É que viu com Himmler, naquela noite, no Horcher?

Contei-lhe precisamente o que vira e esperei pelo comentário dele.

- Obtenha pormenores sobre a visita de Himmler. Com quem esteve. Quantas vezes ali foi. Onde ficou. - Depois, inesperadamente, recostou-se para trás e perguntou: - Diga-me, Aline, que tem feito ultimamente? Tem mais algumas pessoas na sua lista?

Disse-lhe que tinha conhecido a filha do príncipe Nikolaus Lilienthal.

- Isso É excelente. Quanto tempo pensa

que demorará até conhecer o pai dela?

- Carola convidou-me para ir passar o próximo fim-de-semana na sua casa de campo.

- Ótimo. Temos tentado meter alguém dentro dessa casa.

Pode fazer umas investigações quando lá estiver. Falaremos disso no sábado, antes de você partir.

Nesse dia, ao princípio da noite, sentei-me à secretária, para escrever à minha mãe. Só o pensar que poderia ser Mozart a censurar as minhas cartas inibia-me de escrever fosse o que fosse. A minha mãe perguntava-me, nas cartas dela, com que "rapazes eu trabalhava e saía. Até então a única pessoa em que me atrevera a falar fora Juanito, e a ideia de que eu passava as minhas horas livres com um toureiro não a encantava.

Finalmente decidi, por não saber que mais dizer, enviar-lhe uma receita de paella dada por Cecilia. Edmundo ficara de me ir buscar às 22 horas para me levar a um cocktail oferecido por Ralph Forte, correspondente da Associated Press. Depois

disso iríamos a uma festa ao La Reboite, um nightclub.

Fui para o quarto e enfiei um vestido de seda vermelho que nunca usara. Reparei que os cravos de juanito começavam a murchar, e enquanto me penteava pensava na falta que sentia dos seus estranhos cumprimentos. Estava a pintar os lábios quando um ruído estranho me fez sair da minha nostalgia:

Alguém tentava abrir ajanela da varanda do quarto contíguo.

O meu revólver estava na minha frente, junto dos cosméticos. Segurando-o, passei para a outra sala e escondi-me atrás dos cortinados.

Lentamente, a janela de vidro foi-se abrindo. Do sítio onde me encontrava vi a mão de um homem afastar as cortinas de renda. Pensei em disparar imediatamente contra quem quer que fosse, mas resolvi não o fazer e esperar que o intruso se mostrasse. Por fim, o vulto apareceu, saindo por detrás das cortinas.

- Pierre! Que está a fazer aqui?

Fiquei imóvel, como que paralisada, ainda empunhando o revólver, que apontava

ao peito de Pierre. Ele aproximou-se de mim, sorrindo, e, pegando-me na mão, levou-a aos lábios.

- Como está, Tiger? Não esperava ver-me tão depressa, não é? - Outra vez aquela voz sedutora!

Apesar de a noite estar fria, Pierre não trazia sobretudo.

Vestia apenas um fato escuro, como se fosse para uma festa.

- Como É que descobriu onde eu vivia? - perguntei, confusa.

- Isso faz parte da nossa profissão, não É verdade? Sentemo-nos aqui. Temos muito que conversar e...

Interrompi-o.

- Pierre, que está a fazer aqui? Há pouco quase disparei sobre si.

- Não lhe posso dizer muita coisa. Você sabe melhor que ninguém porquê. O seu chefe ficava furioso se soubesse que eu estou agora a visitá-la.

A ideia de pensar que ele correria perigo para me ver agradava-me. Exasperava-me pensar que Edmundo devia estar a chegar.

Pierre puxou-me para o sofá e

sentámo-nos ambos. Subitamente, Pierre levantou-se e, tirando um cravo vermelho que se encontrava numa taça em cima da mesa, sentou-se mais perto de mim.

- Gostaria de ter comprado uma flor suficientemente bela para condizer com um rosto que não consigo esquecer, mas esta terá de servir.

Partiu o caule e prendeu o cravo entre os meus cabelos.

O beijo dele foi suave ao princípio; mas depois rodeou-me o corpo com os braços e apertou-me com força contra si.

Nesse momento a campainha tocou. Ouvi os passos de Angustias no corredor, preparando-se para ir abrir a porta.

- Quem É? - perguntou Pierre, levantando-se.

- Oh, É o meu contacto que me vem buscar para me levar para uma festa.

Pierre dirigiu-se rapidamente para a janela.

- Não posso ser visto, Tiger. Não É possível infringir as regras muitas vezes. Não sei se a poderei voltar a ver tão cedo.

- Inclinou-se e beijou-me rapidamente. -

Não me esqueça.

- Depois dirigiu-se para a varanda. As cortinas agitaram-se e ele desapareceu.

Angustias e Edmundo conversavam no corredor. Fui à janela, espreitar para fora. Nem vestígios de Pierre! Lá em baixo via as sombras do pátio interior. Como teria ele entrado ali em casa?

Devia ter vindo pelo telhado inclinado. No entanto, o seu fato estava impecável. Bem, todos nós tínhamos aprendido esses truques. A excitação de ter estado com Pierre transparecia provavelmente no meu rosto, porque Edmundo disse-me:

- Divina, parece que viu um fantasma!

E eu pensei: “Isso É o que Pierre terá de ser daqui em diante”.

Um fantasma. Mas, pelo menos, estava perto.

No sábado, algumas horas antes de partir para a festa na casa de Carola, Mozart deu-me as suas instruções.

- Existem várias razões para que Lilienthal se encontre no topo da nossa lista, Miss Griffith. Sobretudo porque o nosso contacto em Berlim sugere a possibilidade de

ser ele o agente especial de Himmler aqui. Soubemos que altas personalidades alemãs foram convidadas dele nessa propriedade perto do Escorial. Sabemos também que o local É perfeito para ocultar a estação de rádio que opera a partir desta área para Berlim. - Entregou-me uma caixa de cartão do tamanho de uma caixa de chapéus e bastante pesada. - Tem aqui um detector de rádios. Deve estar preparada para o usar.

Abri a caixa e tirei de lá o pequeno aparelho. Era um dos muitos aparelhos sofisticados com que Whiskeí nos familiarizara na Quinta.

- Outra razão poderosa - continuou Mozart - É o facto de o tipo perder uma fortuna se os alemães não ganharem a guerra. Tudo quanto ele tem está ligado a eles... fábricas na

Alemanha, propriedades na Checoslováquia. Vai ter de descobrir o que se passa. Reviste-lhe o cofre, fotografe tudo o que encontrar, especialmente o passaporte, com os vistos de entrada e de saída. No dia do ajuste de contas vamos precisar de todas as provas contra ele.

Mozart dirigiu-se para um canto da sala e tirou de lá a mais pequena de três malas de cabedal pretas.

- Estas malas são para você utilizar. Todas elas possuem fundos falsos e esta tem uma variedade de material que lhe poderá ser útil. - Olhou para o relógio. - Dentro de cinco minutos tenho uma reunião com o embaixador. Ele queixa-se constantemente para Washington de que a nossa organização não obtém resultados que justifique a nossa presença aqui.

Quer-nos daqui para fora. Por isso seria ótimo se você descobrisse este fim-de-semana qualquer prova incriminatória. - Mozart parecia descongelar, o que não era habitual nele. Abanando a cabeça, observou: - Estou sujeito a muitas pressões. Continuo à espera que a invasão se realize, quer seja a Operação Overlord ou a Anvil. Todos, mesmo os alemães, sabem que a nossa primeira invasão deve dar-se na Primavera, se quisermos tirar vantagem do tempo, antes da chegada do próximo Inverno. Eles também estão preocupados. Não se esqueça disso. - Fez um gesto com a sua grande mão. - Bem, boa

sorte, Aline.

Nessa tarde, Casilda, Aline e eu fomos conduzidas de carro através dos montes que ladeiam as montanhas de Guadarrama, passando por bosques de carvalhos e pinheiros. Quando nos aproximámos da cidade de El Escorial a paisagem mudou e passámos a ver apenas grandes blocos de pedra cinzenta sobre o terreno árido.

- Veja, Aline - disse Casilda, apontando para as agulhas das torres de quatro cúpulas. - é o mais importante palácio real de Espanha, construído por Filipe II, no século XVI. Foi o mesmo arquitecto que construiu o palácio dos Lilienthal. Dentro de vinte minutos estaremos lá.

A estrada que ia dar ao palácio dos Lilienthal descia um monte, do alto do qual eu vi um imenso edifício de pedra, quadrado, cor de areia, brilhando aos últimos raios do sol da tarde. Telhas vermelhas, poeirentas, cobriam o telhado. As portas da entrada encontravam-se abertas e um Mercedes-Benz estava estacionado no local. Alguém descarregava a bagagem desse carro. Quando o nosso automóvel parou, olhei para o brasão

de pedra sobre a porta, para os jardins que desciam em declive, reparei na capela e novamente na fachada da casa, com inúmeras janelas protegidas por grades de ferro à altura de um segundo andar. A mim o edifício parecia-me impenetrável e austero, fazendo-me lembrar cavaleiros com armaduras e os contos de fadas das crianças.

Os meus saltos enterravam-se no cascalho enquanto eu transportava na mão a caixa de chapÉus que continha o equipamento que Mozart me dera. Felizmente conseguira guardar tudo ali: detector de rádios, produtos químicos, arames e limas, pó especial, e a nova "máquina de espião". O motorista tirava agora do carro as minhas malas de xadrez vermelho, que eu preferira às que Mozart me dera. Não só os seus fundos falsos não teriam enganado um agente profissional, como a sua aparência masculina não seria apropriada para uma rapariga.

Casilda deu-me o braço.

- É encantador, não acha? E vai ver que família maravilhosa!

As palavras dela causaram-me

apreensão. E se eu descobrisse que o pai de Carola ocultava agentes alemães ou que se tratava do agente especial de Himmler em Espanha? Aceitar a hospitalidade de uma amiga para procurar descobrir provas incriminatórias contra a família dela repugnava-me. Entrei no vetusto palácio com o coração pesado.

Para além das portas duplas, abertas, do vestíbulo podia ver-se um pátio quadrado, com o dobro do tamanho de qualquer ginásio, rodeado por cinquenta graciosas colunas de granito, e em cima, no segundo andar, por uma varanda com uma balaustrada de pedra com mais colunas. O vestíbulo não tinha qualquer mobília, a não ser uma mesa de madeira encostada à parede. O mordomo convidou-nos a assinar o livro dos hóspedes, colocado sobre a mesa, entre dois grandes candelabros de pedra. Ao pegar na caneta, observei o número de páginas já assinadas. O livro teria assinaturas de convidados de muitos anos anteriores. Talvez, mais tarde, eu pudesse examiná-lo.

Criados de libré chegavam para transportar a nossa bagagem e duas criadas

indicaram-nos o caminho por uma escada estreita. Os compridos corredores sem aquecimento eram gelados como os de uma catedral. Finalmente, no fundo de um corredor, nas traseiras do edifício, a minha bagagem foi colocada numa pequena sala com vigas de madeira no tecto, uma lareira e paredes brancas. Contíguo à sala havia um quarto com uma cama rodeada de um dossel de damasco vermelho.

A criada acendeu uma luz de um candeeiro que se encontrava em cima de uma mesa, a um canto, e saiu, dizendo que voltaria em breve para arrumar as minhas coisas.

Precisava de arranjar rapidamente um sítio onde esconder o equipamento que ocultava dentro da caixa de chapéus. Os produtos químicos estavam já ocultos em caixas com os meus cosméticos. Só na casa de banho encontrei um sítio ideal. Apesar de a grande janela existente por detrás do toucador ser visível do pátio, a outra janela dava para a direção oposta, para uma penedia pedregosa, e pondo-me em pé em cima da sanita, podia chegar-lhe facilmente.

Lá em baixo não havia qualquer passeio, caminho ou jardim. A mala à prova de água cabia perfeitamente no parapeito e ficaria invisível.

Alguns minutos depois, encontrei Casilda no gélido corredor. Descemos para o primeiro andar e percorremos vários salões, até chegarmos a uma sala vasta onde crepitava uma alegre lareira. Várias pessoas tomavam chá. Um homem alto e louro, vestindo roupas próprias para caçar, entrava nesse momento na sala pelo lado oposto e comentava:

- Uma grande caçada, Niki. Cinquenta pares de animais.

Mulheres envergando vestidos de lã e enfeitadas com jóias comiam bolinhos e conversavam. O cheiro dos seus vários perfumes chegava até nós. Carola levantou-se quando nos viu e veio beijar-nos.

- Sinto-me feliz por a ter aqui, Aline. Venha. Quero apresentá-la ao meu pai. A minha mãe só a verá mais tarde. Ela nunca toma chá.

Conduziu-me para um grupo que se encontrava a um canto e pôs a mão no braço

de um homem alto e corado.

- Papá - disse. - Lembra-se de eu lhe ter falado de Aline Griffith? Conte-lhe que imitámos um grupo de cantoras chamado... quais são os nomes dessas raparigas americanas, Aline?

- As irmãs Andrews.

O príncipe Niki sorriu. No entanto, estava confuso.

As irmãs Andrews? Cantam ópera?
Carola e eu rimos.

- Nada disso, papá. Cantam jazz.

Era duvidoso que o príncipe percebesse bem, mas continuou a sorrir.

- Devo dizer que um dia experimentei tocar acordeão e achei engraçado. - O inglês do príncipe era fluente, mas falava com um forte sotaque alemão. - De qualquer modo, Aline, é um prazer conhecer uma amiga de Carola e tê-la como nossa convidada.

A sua amabilidade pôs-me à vontade e voltei-me para conhecer as outras pessoas. O meu prazer, ao começar a reparar nos rostos que me rodeavam, transformou-se em assombro.

Numa cadeira perto da lareira

encontrava-se Constantin von Weiderstock. Noutro círculo, tomando chá, estava a condessa Von firstenberg com Hans Lazaar. E como se esses não fossem suficientes, reconheci Mimosa Torrejón, o conde e a condessa de íebes, e o duque de Durcal, um cavalheiro idoso que Casilda me apresentara na semana anterior.

Três em quatro pessoas da minha lista encontravam-se no mesmo sítio. Era como apostar tudo num só número e ter jackpot. Naquele momento decidi que antes de o fim-de-semana terminar havia de revistar todos os seus quartos.

Depois, outro rosto familiar, Nena, a irmã de Casilda, aproximou-se de um rapaz sentado junto da condessa de Schellenberg e Lazaar. Reconheci-o imediatamente - era o rapaz que se aproximara de mim no dia em que eu chegara ao hotel e me levara as malas para o quarto. Havia duas cadeiras vazias no círculo deles, mas antes de poder chegar a uma delas ouvi:

- Aline, Aline Griffith, como vai, minha filha - A voz aguda da marquesa de Torrejón deteve-me. Acenou-me e os seus olhos vivos

fixaram-se em mim. Dirigi-me para ela.

- Estou encantada por a ver, minha querida. - A marquesa apertou-me a mão com uma afeição excessiva, pensei. - Vai ser um fim-de-semana encantador, não acha?

- Oh, sim - concordei imediatamente. Encantador e atarefado.

- Deve ficar satisfeita por saber que deixei as minhas cartas em casa. Não diga nada: toda a gente ficou aliviada com isso.

Nunca me lembraria de maçar este encantador grupo de pessoas com a minha leitura das cartas. E francamente, minha querida, as leituras são muito sombrias. Sinal dos tempos que estamos a viver.

Sorri delicadamente para a excêntrica Mimosa. Depois pedi licença para me afastar e dirigi-me para o grupo onde se encontravam dois dos meus suspeitos.

Primeiro, Nena apresentou-me ao rapaz que eu vira no hotel, que era o Conde de Quintanilla.

- Creio que já nos encontrámos - disse ele, sorrindo. Fiquei embaraçada, lembrando-me da gorjeta que quisera meter-lhe na mão no dia em que chegara ao

hotel.

Em seguida fui apresentada a Carlos Beistegui, um homem delgado, de cabelo grisalho e olhos claros. E finalmente - finalmente - a Gloria von Firstenberg e a Hans Lazaar.

A condessa era ainda mais deslumbrante vista de perto, e era simplesmente a mulher mais bem vestida que eu já vira.

O mais pequeno pormenor - o fato de lã escocesa preto e vermelho, o papagaio de rubis e brilhantes na lapela, os elegantes sapatos de cabedal feitos à mão, o casaco preto de pele e cabedal colocado num braço da cadeira - indicava bom gosto. A pele muito branca, o cabelo abundante e as maçãs do rosto salientes faziam-me perceber que estava a ser apresentada a uma das belezas do meu tempo.

- Encantada, Aline - disse em voz baixa, maravilhosa.

O monóculo de Hans Lazaar observava-me. Ao pé, ele era ainda mais estranho - as suas feições feias, a cara redonda faziam-no parecer o mau de um

filme. Levantando-se, disse num inglês frio, preciso:

- Muito prazer, Miss Griffith.

Carola serviu-me uma chávena de chá de uma mesa com tampo de mármore que se encontrava encostada à parede.

O monóculo de Lazaar estava ainda assestado sobre mim.

- É claro. Lembro-me perfeitamente. - Voltando-se para a condessa, sentada à sua esquerda, perguntou: - Não se recorda, Gloria? No Restaurante Horcher? Há algumas semanas?

A condessa encolheu os ombros e passou as mãos pelas tranças lustrosas.

- Hans, a sua memória assombra-me. Como É que consegue recordar-se de tal pormenor? Eu não consigo lembrar-me de uma única coisa que tenha feito ontem. - Voltando-se para o grupo acrescentou: - Sabem que ele tem uma memória absolutamente fotográfica?

- Que pena lembrar-se de tão pouca coisa da sua vida, minha querida. A condessa, sobre quem se poderiam escrever volumes... - disse o suave Senhor Beistegui.

- Nesse caso tenho sorte em não me lembrar de coisa alguma - retorquiu a condessa. - Não quero uma única palavra escrita sobre mim. Prefiro permanecer um mistério.

- A condessa? Um mistério? Não há nada de misterioso numa linda mulher que tem dado brado em todas as cidades em que tem estado. Há anos que não perde uma festa.

- Gloria, você nasceu no século errado - disse Lazaar com os seus modos rígidos. - Teria brilhado em Versalhes.

Felizmente o rumo da conversa foi desviado da memória de Lazaar, embora o seu monóculo permanecesse obstinadamente fixo sobre o meu rosto. Pouco depois os grupos começaram a dispersar.

Uma hora mais tarde - deve ter sido por volta das 19 horas -, quando eu me encontrava sentada diante da pequena lareira do meu quarto, perdida nos meus cálculos, com um casaco pelos ombros por causa do frio, ouvi uma pancada ligeira na minha porta.

Quando abri, fiquei surpreendida por

ver Mimosa Torrejón, que parecia aflita.

- Que se passa? - perguntei rapidamente.
E logo a seguir acrescentei: - Faça favor de entrar.

A mulherzinha baixa e magra entrou e fechou cuidadosamente a porta.

- Não me sinto bem hoje. Mas não foi por isso que resolvi vir falar consigo. Posso sentar-me?

- Com certeza. Desculpe.

Sentando-se numa cadeira em frente da lareira, Mimosa olhou-me longamente. Os seus olhos pareciam brilhar mais do que nunca, como pequenas pedras preciosas. Pensei se ela teria estado a chorar.

- Não sei quem você É nem o que faz - disse, por fim, no tom com que lera as cartas.
- Mas estou aterrorizada e não tenho mais ninguém com quem falar. Sei que É amiga de Edmundo e por isso corri o risco de vir ter consigo. Estou assustada. Preciso de confiar em alguém.

Disse a mim própria que teria de ter cuidado com cada sílaba que pronunciasse.

- Agradeço a sua confiança, Mimosa.

A marquesa passou os dedos pelas

pÉrolas que trazia ao pescoço.

- Eles andam atrás de mim, minha filha. Eu sei-o. Fui descoberta.

- Quem É que anda atrás de si? Que quer dizer?

- Os alemães. A Gestapo, nada menos.

- Mas por quê? - Contive a respiração.

- É isso que lhe venho contar. - Olhou furtivamente para a porta, depois colocou uma mão ossuda no meu joelho. -

Tenho informações vitais para os americanos. Edmundo encontra-se fora da cidade e eu não tenho outra maneira de os avisar a não ser falando consigo.

Mimosa estremeceu e estendeu os pés para o lume. Olhou silenciosamente para as chamas. A tremura cessou. Pensei se aquilo seria fingido. Voltou-se para mim. Tinha a testa enrugada e os olhos franzidos. Ou a ansiedade dela era genuína ou a marquesa era uma grande atriz.

- Quando li as cartas para si senti que era uma pessoa em quem podia confiar.

- Continue, por favor - murmurei o mais apaziguadoramente que me foi possível. - Eu sou uma boa ouvinte.

- Se eles desconfiam que conheço o segredo deles, matam-me. - Estremeceu outra vez. - E se descobrem que eu lhe contei, matam-na também a si. São inexoráveis.

- Mas quem são eles?

- Oh, não me atrevo a pô-la em maior perigo, dizendo-lhe os nomes deles.

Comecei a pensar que o espírito dela estava perturbado por passar a vida a ler as cartas. Nada do que ela dizia fazia sentido.

- Minha querida, deve tomar a sério o que lhe digo. Os alemães conspiram para assassinar Franco. Eu sei como isso se passará e quem está a organizar a conspiração. Estão furiosos com o Generalíssimo. Ele não os tem ajudado como eles queriam, oferecendo-lhes a Espanha numa bandeja. Por isso querem substituí-lo por outro que leve a Espanha para a guerra.

- Levou a mão à barriga e fez uma careta de dor.

- Não se sente bem? Posso ir buscar-lhe alguma coisa?

- Muito obrigada, minha querida. Ficarei bem logo que tenha transmitido à pessoa apropriada as notícias que tenho.

- Mas porque não conta ao general Franco que sabe dessa conspiração?

- Minha querida, eu sou monárquica. Não quero saber desse homem e também não tenho qualquer influência sobre ele. Está a usurpar o lugar do rei, que devia ter regressado do exílio quando acabou a guerra civil. Em vez disso o nosso rei, Don Juan, É forçado a viver exilado no Estoril.

- Mas o que É que pensa que eu possa fazer por si?

- Pode fazer algo por si mesma, minha filha. Pode ajudar a proteger o seu próprio povo nessa guerra terrível. - Observou a minha reacção a essas palavras. - O verdadeiro problema é um problema dos aliados. Há alguém que está próximo dos americanos envolvido no caso... um traidor, alguém que finge estar a trabalhar para os americanos mas que na verdade está a trabalhar para os alemães. - Recostou-se para trás na cadeira, com os ombros descaídos. Um longo suspiro fez-me compreender que lhe custara muito contar-me o que acabara de me dizer.

Não me atrevi a falar. O que ela me dizia

abria perspectivas assustadoras.

- Sim, vejo que compreende que se trata de um problema delicado e complexo. Devo falar com o seu embaixador. Imediatamente.

- Certamente conhece o embaixador e pode falar directamente com ele. Porque não lhe telefona já?

- Não existem telefones aqui nas montanhas, nem em qualquer outra área rural. Não estamos num país moderno como o seu. E mesmo que eu conhecesse o seu embaixador não falaria abertamente com ele, nem lhe telefonaria. Nesse caso não teriam dúvidas a meu respeito, se É que ainda as têm. Não.

Peço-lhe que entre imediatamente em contacto com ele logo que chegue a Madrid. Arranje maneira de ele ir à Igreja de San Firmín dos Navarros às onze e um quarto, na primeira manhã possível. Sei que ele É um homem religioso e a igreja fica perto da sua residência. Poderá facilmente lá ir sem despertar suspeitas. O mesmo se passa comigo. Há mais de trinta anos que lá vou diariamente e a essa hora a igreja está habitualmente deserta. Ninguém se

incomodaria a seguir-me. Telefone-me, Aline, e diga-me qual é o dia. Tenho pensado muito nisto. é o único procedimento a seguir.

A referência de Mimosa a um agente duplo era algo que Mozart precisava de saber urgentemente.

- Como É que sabe tudo isso, Mimosa? Talvez se tenha enganado a respeito da existência de um traidor.

Ela abanou a cabeça.

- Um erro? Infelizmente para mim não se trata de um erro.

Eu vi-os, com os meus próprios olhos. E ouvi cada palavra que pronunciaram. - Encolheu os ombros magros. - Tudo sucedeu da maneira mais accidental. Eu estava sentada numa silla de manos (uma cadeirinha para transporte de pessoas do século quinze) . Conhece-as, não? Eram transportadas por quatro criados ou presas a burros. Já deve ter visto muitas. Eu própria tenho duas em minha casa. Muitos amigos meus herdaram essas reminiscências do passado e utilizam-nas para a decoração das suas casas. - Mimosa não esperou que eu lhe respondesse. - Estava cansada nessa noite, em

casa do duque de Medinacelli, e procurei um lugar sossegado para descansar do barulho que as pessoas faziam. Entrei então numa sala vazia onde havia uma dessas cadeirinhas. Instalei-me lá dentro e fechei a porta, tentando imaginar o que as pessoas sentiriam ao serem transportadas naquelas cadeiras tendo apenas uma janela minúscula para espreitarem para fora. Mal tinha entrado na cadeirinha, apareceram eles. O que me impediu de me mostrar nessa altura foi ter visto ali uma pessoa que eu não sabia que se encontrava em Espanha... alguém que eu conheço muito bem. - Fez uma pausa e abanou a cabeça com um ar infeliz. - Eles começaram imediatamente a falar dos pormenores da conspiração. Eu nem me atrevia a respirar. Fiquei assustadíssima por estar a ouvir aquilo tudo. Como poderia deixar de os ouvir?

- Mas por que motivo está tão assustada? Eles viram-na?

- Não, mas depois de eles terminarem a conversa abri a porta da cadeirinha para sair. Nesse momento, um criado que devia tê-los visto sair dali entrou na sala e olhou-me,

estupefacto. Claro que ficou com a impressão de que eu me escondera ali propositadamente. Que havia de dizer? Qualquer coisa que eu dissesse ainda tornaria as coisas piores. Aquele criado trabalhou em tempos na Embaixada alemã. é uma pessoa de quem não gosto. Anda sempre a observar tudo. Não me surpreenderia se ele fosse pago pelos alemães para lhes fornecer informações.

- Mimosa ergueu-se. - Oh, estou perdida, sinto-o. Quando li as cartas para si percebi que se tramava alguma conspiração contra Franco. Muita gente espera que venha a ser tentada alguma coisa destas. Mas eu agora sei quem se encontra envolvido no caso.

Abriu a porta e espreitou para os dois lados do corredor.

- Não posso permanecer aqui nem mais um segundo. Não deve dizer a ninguém que eu estive no seu quarto. - Depois afastou-se rapidamente pelo corredor.

As palavras de Mimosa fizeram-me esquecer tudo o resto, enquanto tomava banho e me vestia para o jantar. Não tinha maneira de contactar Mozart antes de regressar a Madrid. Às 21 e 30 fui juntar-me

às outras pessoas no grande salão, onde se tomavam as bebidas.

Gloria e Carola conversavam junto da vasta lareira e outros convidados encontravam-se em grupo perto da mesa onde dois criados preparavam as bebidas. Mimosa ainda não aparecera, e o mesmo sucedeu até às 22 e 30, hora em que fomos para a mesa. Não me atrevi a perguntar a quem quer que fosse por ela.

Quatro reposteiros com mais de dez metros de altura, com brasão da família bordado, cobriam as paredes da sala baronial, que era uma combinação do rústico e do barroco. Viam-se candelabros de prata sobre a toalha de damasco branco, carpetes valiosas cobriam o pavimento de tábuas largas, vasos esculpidos adornavam a pedra da chaminé caiada de branco.

Reparei imediatamente que as pessoas se encontravam sentadas segundo as regras do mais rigoroso protocolo. O príncipe alemão tinha uma condessa espanhola ao seu lado direito e à sua esquerda outra dama nobre, cujo nome eu não ouvira ainda. Os jovens com títulos sentavam-se em lugares

mais importantes do que pessoas mais velhas que os não tinham. Todos os lugares estavam ocupados e Mimosa não aparecera. Por isso percebi que não a esperavam para o jantar.

A princesa Lilienthal era muito bela - alta, elegante, distinta - e fez com que o duque de Durcal, que se sentava à sua direita, risse durante toda a refeição. Seis criados com a libré da família, azul e vermelha, serviam as dezoito pessoas que se encontravam à mesa.

Fiquei instalada entre Quintanilla e Beistegui. Este informou-me que possuía uma casa na Castellana e que essa casa estava vazia porque ele vivia habitualmente em Paris, mas que tinha uma piscina. Quando lhe disse que gostava de nadar, ele respondeu-me:

- Tem sorte. Quando começar a estar calor, em Maio, darei ordens para que a piscina seja cheia. Peço-lhe que a utilize à sua vontade. Irá descobrir que não existe praticamente mais nenhuma piscina em toda a cidade.

Depois do jantar passámos para um enorme salão, onde se viam muitas cadeiras colocadas em círculo. Muitos convidados que

não tinham estado presentes durante o jantar encontravam-se já nesse salão. Estava a ser servido conhaque aos homens e sumo de laranja às mulheres. Subitamente apareceu um grupo de ciganos acabados de chegar de Madrid, falando em voz alta, batendo com os tacões no soalho antigo de tábuas largas, para lhe experimentar a ressonância e fazendo vénias para cumprimentar toda a gente. Só quando o silêncio se tornou total É que um homem magro, de faces encovadas e cabelos gordurosos, pousou uma mão nas costas da cadeira do guitarrista e começou a entoar um canto triste.

Não havia mais nenhum instrumento, apenas uma guitarra, mas a assistência ouvia enfeitiçada. De quando em quando, algum hóspede murmurava um "Olé. No fim de cada canção os aplausos entusiásticos indicavam o seu sucesso. A seguir levantou-se uma cigana, afastando a comprida cauda do seu vestido de folhos, de pintas vermelhas e brancas, e começou a mover-se, espalmando as mãos sobre o corpo, ritmadamente.

Quando ela levantou a saia, para dançar,

reparei que as suas pernas peludas pareciam pesadas e que calçava uns sapatos velhos; o cabelo que ela tinha preso sobre a nuca tinha um aspecto oleoso. Mas quando ela se começou a mover, tornou-se bela e cheia de magnetismo. Os movimentos graciosos do seu corpo, o erguer da cabeça, o modo sensual como torcia os braços e as mãos, tudo isso enfeitiçava os espectadores.

O ritmo da dança e as canções quase me tinham feito esquecer as minhas preocupações a respeito de Mimosa e do trabalho que tinha de fazer. Toda a gente estava absorvida pelos movimentos da cigana que dançava o flamenco. Apesar de me encontrar muito nervosa, sabia que tinha sido treinada para momentos como aquele.

Um criado passou junto de nós levando nas mãos um tabuleiro com copos cheios de sumo de laranja.

- Com licença - murmurei, levantando-me. Beistegui olhou-me e o mesmo fizeram Casilda e Luis Quintanilla.

Aos seus olhares interrogativos, respondi calmamente:

- Vou buscar as minhas castanholas. -

Sorri. As suas expressões revelaram perplexidade e eu aproveitei para me afastar antes que me fizessem mais perguntas.

Atravessei lentamente os salões fracamente iluminados. Um relógio bateu horas, algures. O meu relógio de pulso marcava uma e meia. No vestíbulo, decidi fotografar o livro dos hóspedes. Podia obter provas de que Himmler estivera ali! A minha máquina fotográfica encontrava-se oculta no esguio isqueiro que eu trazia na pequena bolsa de noite. Com ela fotografei, página a página, o livro com as assinaturas dos convidados.

O vestíbulo estava mal iluminado, mas a película era, felizmente, muito sensível. Depois ouvi passos.

Meti rapidamente a máquina na bolsa.

- Aline, que está a fazer? - perguntou a voz quase infantil de Carola.

- Ia a caminho da casa de banho e senti-me fascinada pelo vosso livro de hóspedes. Que vida interessante a sua família tem tido. E esta linda casa. Nunca vi nada que se parecesse com isto.

Ela soltou uma risadinha.

- Nunca penso nisso... para mim É apenas a minha casa e a minha família. Vai ver amanhã. O exterior É muito bonito.

Nesse momento o amanhã parecia estar muito distante.

Achei que não faria mal perguntar a Carola:

- Como está a marquesa? Não a vi aparecer esta noite.

Franzindo a testa, Carola respondeu:

- O papá disse que ela adoeceu subitamente. Foi conduzida a Madrid. Partiu pouco antes do jantar. Eu ia buscar um xaile. Quer ir comigo?

Carola não se apercebeu de como as informações que me havia acabado de dar me tinham perturbado. Significaria aquilo que Mimosa decidira contactar imediatamente o embaixador? Ou estaria tão nervosa que teria adoecido de verdade? Ou...

Fosse o que fosse, uma coisa era certa. Eu precisava de ter cuidado.

- Sim, vou consigo e, se não se importa, gostava de a ouvir contar mais coisas acerca desta casa.

Subimos umas escadas e percorremos

um corredor até ao quarto dela, sempre a conversar. A certa altura, ela parou e pôs-me as mãos nos ombros. Ficámos voltadas uma para a outra.

- Aline, É capaz de me dizer uma coisa com toda a franqueza?

- Pergunte - respondi, sorrindo.

- Constantin parece-me tímido. Mal disse uma palavra fosse a quem fosse. Mas tenho a impressão de que quer falar comigo.

- Bem, dê-lhe uma oportunidade para isso. Ele tem estado a olhar para si toda a noite.

Carola sorriu.

- Obrigada pelo encorajamento.

Continuámos a andar e eu aproveitei a companhia dela para me informar sobre quem ocupava os quartos pelos quais íamos passando. Sem querer, ela estava a ser simultaneamente o meu guia e o meu anjo-da-guarda. Felizmente, todos os convidados em que eu estava interessada ocupavam quartos do meu corredor.

Chegámos ao quarto dela, cheio de pequenos quadros lindamente emoldurados e de belas figuras de porcelana. Pensei em

Edmundo, que teria ali um vasto campo de caça. Depois de Carola se ter abrigado com um xaile, voltámos pelo mesmo caminho. Foi agora a minha vez de a fazer parar.

- Considerar-me-ia doida se eu andasse um bocado pela casa? Tudo isto, os quadros, as tapeçarias, tudo me encanta, e eu gostaria de poder contemplar cada objecto com sossego. Acha que levarão a mal? E, com franqueza, ainda não sou grande apreciadora dos cantares do flamenco.

- Claro que pode andar à vontade. A minha casa É a sua casa, como se diz em Espanha.

Separámo-nos ao fundo das escadas. Vi-a desaparecer e olhei para o meu relógio. Quanto tempo demoraria ainda a festa? Casilda dissera-me que aqueles espectáculos de flamenco duravam até de madrugada. Esperava que ela tivesse razão.

Comecei pelo primeiro quarto do corredor. Fiz girar lentamente a maçaneta da porta. Lá dentro a escuridão era completa. Acendi a luz. A cama estava aberta. Um pijama de homem encontrava-se em cima da colcha, pronto para ser vestido, e havia um

roupão de seda sobre uma cadeira. Aproximei-me em bicos dos pés de um enorme armário, que abri com todo o cuidado. Lá dentro, as calças de lã castanha que Beistegui usara nessa tarde, ao voltar da caça, identificaram-no. Trinta segundos depois encontrava-me de novo no corredor.

Abri a porta seguinte. O cheiro a perfume indicou-me que estava no quarto da condessa. O quarto estava iluminado pela luz suave do candeeiro da mesa-de-cabeceira, mas precisei da minha minúscula lanterna elétrica para observar roupas e gavetas. De súbito, ouvi um ruído e imobilizei-me, mas apercebi-me, de imediato, que se tratava apenas do vento que abanava ligeiramente as janelas do velho edifício. Sobre a secretária havia uma folha de papel. Aproximei-me mais e vi que era uma carta começada. A caneta estava ao lado dela. Inclinei-me. Aquilo era demasiado bom para ser verdade: "Liebe Heinrich . Poderia bem ser Heinrich Himmler. Inclinando a luz sobre a carta com uma mão, disparei a pequena máquina fotográfica com a outra. Se alguém abrisse a porta nesse momento, eu estava perdida.

Passei rapidamente em revista os cosméticos e os perfumes na casa de banho. Não descobri nada de interesse, até que a luz da minha lanterna incidiu sobre um objecto metálico. Uma pequena pistola Beretta estava pou sada na borda da banheira de esmalte branco. Aparentemente, a condessa tomava banho com água, sabonete e um revólver.

Tinha de sair dali. O tempo era essencial. O quarto de Lazaar cheirava a talco e a cabedal de sapatos novos. Apesar de examinar tudo - os forros de cada fato, as solas dos sapatos, todos os compartimentos da sua pasta -, encontrei apenas um relatório oficial sobre tungsténio, que achei que merecia ser fotografado. Nesse instante, o filme acabou-se e eu perdi uns segundos preciosos a colocar outro rolo na máquina. Finalmente apaguei a lanterna e saí para o corredor, fechando a porta com cuidado. Estava novamente em segurança. Mas dei dois passos sobre o pavimento alcatifado e parei petrificada.

Ele encontrava-se talvez a uns oito metros de distância, encostado a uma parede, como se tivesse combinado encontrar-se

comigo naquele corredor deserto. Um braço estava apoiado sobre o peito, seguro por uma tira preta, da cor do smoking.

Constantin dirigiu-se para mim. Dar meia volta e seguir na direção oposta só poderia mostrar que me sentia comprometida. Decidi avançar para ele. Cada passo que dei exigiu-me um grande esforço. Ao passar junto de Constantin von Weiderstock, percebi que ele estava embriagado. Ele baixou a cabeça, num breve cumprimento.

- A Fröulein está a perder um belo espectáculo. Ou talvez se esteja a divertir à sua maneira.

Passei por ele sem dizer uma palavra, sorrindo apenas. Segui ao longo do corredor. Era impossível revistar agora o quarto de Mimosa. Talvez pudesse encontrar lá algo que me desse uma indicação sobre a sua súbita partida.

Decorrera uma boa meia hora, mas toda a gente continuava sentada, em silêncio, como na igreja. A música e o canto prosseguiam no mesmo frenesim apaixonado. No entanto, em comparação com

as minhas pulsações desordenadas, aquela dança poderia parecer uma valsa.

Da minha cama podia ver as estrelas brilhantes por cima dos montes. Os meus sonhos foram interrompidos pela recordação do tom de terror que vibrava na voz de Mimosa ao falar de um traidor aos americanos. Estaria ela a imaginar coisas?

Não. Edmundo afirmara ser ela a mais astuta raposa de Madrid. Os meus pensamentos eram contraditórios. Ao ouvir Mimosa, algumas horas antes, sentira-me ligeiramente preocupada. Agora estava tão assustada como ela estivera.

Subitamente tive a consciência de um som vago. Estava alguém no meu quarto. Só a luz das estrelas o iluminava, mas eu podia ver os contornos de um vulto que se aproximava da minha cama. A silhueta aproximou-se e inclinou-se sobre mim.

Lembrei-me com desespero que deixara a Beretta dentro da bolsa, em cima do toucador.

Uma voz de homem murmurou:

- Que estava a fazer no quarto de Hans Lazaar? - Reconheci o sotaque de

Weiderstock. O cheiro a álcool era repugnante. Falava num tom levemente divertido. - Não tenha receio - murmurou. - Sei tudo a respeito de vocês, raparigas americanas. Concedem facilmente os vossos favores.

Tentou beijar-me, mas falhou e caiu. Depois segurou-se aos lençóis, numa tentativa de se meter dentro da minha cama.

Estava completamente embriagado. Fechei os punhos e bati-lhe.

- Saia daqui.

Constantin cambaleou, caindo de joelhos junto da cama.

Passado um momento, ouvi a voz dele outra vez.

- Vi a maneira como olhou para ele esta tarde. Sei bem como são as mulheres americanas. São todas fáceis. - A voz era pastosa e o tom conciliatório.

Era inofensivo como um rapazinho Ébrio. Quando tentou beijar-me outra vez puxei-lhe pelo braço ferido. Gemeu.

- Vá-se embora. Saia daqui. Antes que eu grite. Antes que eu o magoe.

Ele riu.

- Você magoar-me? Isso dá-me vontade de rir.

Desta vez atingi-lhe o braço ferido, com força. Constantin gemeu mais alto e depois pôs-se de pé, a cambalear.

Tive de agir depressa. O seu estado de embriaguez podia permitir obter dele informações valiosas. Acendi a luz e saltei da cama. Enfiei o roupão e empurrei Weiderstock para cima numa cadeira - a mesma que a marquesa ocupara horas antes. O quarto estava agora iluminado.

- Sente-se - ordenei, empurrando-o, enquanto ele gemia e parecia querer vomitar. Aproveitando o seu atordoamento, fui buscar ao meu estojo de cosméticos uma pequena cápsula. Era de sódio amobarbital, aquilo a que chamavam na Quinta o "soro da verdade" e que resultava com grande rapidez numa pessoa que tivesse consumido muito álcool.

- Você está embriagado e amanhã de manhã vai lamentar o seu procedimento. Mas não se preocupe. Eu compreendo.

Tem uma ideia errada acerca das raparigas americanas.

Quando me viu no corredor, andava

perdida. Também bebi de mais. Herr Lazaar não estava no quarto quando eu lá fui.

Encontrava-se lá em baixo, na festa. Enganei-me na porta do quarto. Nada mais.

Olhei para a janela e vi que o céu começava a clarear.

Weiderstock apoiou a cabeça nas mãos. Apressei-me a deitar, num copo, água do jarro que tinha sobre a mesa-de-cabeceira e a misturar-lhe o pó da cápsula, mexendo com um dedo.

- Tome. Um pouco de bicarbonato de soda fá-lo-á sentir-se melhor.

Levando o copo aos lábios, ele murmurou:

- Merda, que estou eu a fazer? - Havia arrependimento na voz dele.

- Beba isso e sentir-se-á melhor. Amanhã de manhã não se recordará de coisa alguma.

Observei-o e vi que ele estava a ficar cada vez mais tonto.

Os duzentos miligramas de sódio amobarbital actuariam rapidamente, mas durante pouco tempo. Daí a três minutos ele estava mole como manteiga, no entanto permanecia consciente. Tive que lhe

endireitar os ombros largos com ambas as mãos.

- Constantin, sabe por que motivo partiu a marquesa de Torrejón?

- Não - respondeu ele passado um momento.

- Quantas vezes esteve com o príncipe Lilienthal?

- Três ou quatro - o jovem alemão falava com voz arrastada, quase como um americano do Sul.

- Conhece bem Hans Lazaar, Constantin?

Ele escorregou-me nos braços. Tive de o endireitar de novo.

- Não.

- Por que razão esteve Heinrich Himmler em Espanha?

- Não sei.

- Está a mentir, Constantin. Deve dizer-me a verdade.

- Não sei - repetiu. - Ele não me disse. - Levou um minuto a dizer estas palavras.

- Por quê?

- Não confia em mim.

- Que quer dizer com isso?

- Nenhum deles confia. Nenhum deles confia em mim.

Nem Himmler, nem Lilienthal, nem Lazaar. Pensam que sou estúpido. Julgam que não sei que querem eliminar o meu padrinho.

Tinha um tesouro nas minhas mãos.

- Porque pretendem eles eliminar o seu padrinho? Que quer dizer com isso?

- Himmler detesta-o.

- Por quê?

- Têm inveja. Himmler tirou o lugar ao meu padrinho.

Foram precisos vários minutos e muitas sacudidelas para lhe arrancar esta frase. Sentia as mãos dormentes do ar frio das montanhas que entrava pela janela aberta.

- Qual É o seu trabalho para a Gestapo em Madrid? Qual é precisamente o seu trabalho?

Os produtos químicos estavam a fazer efeito. O alemão estava prestes a mergulhar na inconsciência. Repeti a pergunta três vezes. Finalmente murmurou:

- Sou apenas um moço de recados, levo papéis de um lado para o outro. Sou um

fantoche. Eles apanharam o meu padrinho e querem apanhar-me a mim.

Tinha a pergunta crítica na ponta da língua: "Quem é o agente especial de Heinrich Himmler em Espanha?". Mas era demasiado tarde. Pouco depois Von Weiderstock não era capaz de dizer fosse o que fosse. Tive grande dificuldade em o fazer despertar o suficiente para o tirar do meu quarto. Felizmente ele estava instalado na mesma ala do castelo. Vi-o cambalear e cair já no fundo do corredor.

Alguém havia de o encontrar ali e de o levar para o quarto. Pelo menos já não haveria o perigo de o relacionarem comigo.

Na manhã seguinte, depois da missa, demos um passeio a cavalo. Carola aproximou a sua Égua da minha montada e perguntou-me:

- Diga-me, Aline, não acha Constantin encantador?

- Ainda não tive oportunidade de falar com ele.

Ela riu.

- Diga-me a verdade. Acha que ele gosta de mim?

- Claro que sim. Vejo-o frequentemente a olhar para si.

Durante todo o caminho de regresso, Carola falou constantemente de Constantin.

Sempre que nesse dia me encontrei face a face com Weiderstock, ele fitou-me com uma expressão perplexa, mas tão distante como sempre. O pó resultara.

À hora da siesta, depois de toda a gente se ter retirado, e de ter mesmo desaparecido a música de Beethoven tocada no gramofone, desci até ao vestíbulo. O silêncio era total. Numa bolsa de cabedal suspensa do meu cinto encontrava-se a minha máquina fotográfica e alguns arames destinados a abrir fechaduras. Fui atravessando calmamente os salões até chegar ao escritório particular do príncipe Lilienthal. Carola tinha-mo indicado na noite anterior. Não havia qualquer ruído. Felizmente os aposentos dos criados eram distantes dali e eles pareciam também dormir a sesta. Olhei para o meu relógio e calculei que demoraria cinco minutos. Depois, fazendo girar a maçaneta da porta, entrei.

Uma das janelas que davam para uma

varanda estava aberta, e uma ligeira brisa agitava as cortinas. A sala continha uma grande secretária, algumas cadeiras, um armário onde se viam pistolas e espingardas, algumas estantes com livros e um enorme cofre. Dirigi-me para a secretária e abri a primeira gaveta. Logo em cima estava o passaporte do príncipe. Era do Liechtenstein, não da Alemanha. Depois de o fotografar, dirigi-me para o cofre e, ajoelhando junto da porta, comecei o meu trabalho. Subitamente as portas duplas que davam para o corredor abriram-se com estrondo e surgiram quatro gigantescos cães de caça da Baviera! O barulho que eles faziam acordaria toda a gente. Os cães, rosnando e mostrando os dentes, não me permitiam chegar à porta. A única possibilidade de fuga era a janela. Saltei no ar, indo cair com tanta força que tive de morder a língua para não gritar. Estava no roseiral da princesa, magoada e suja, mas pelo menos os cães não me tinham seguido e estavam calados. Estava tudo novamente silencioso.

"Oh, Aline, És uma louca!, foi o que pensei a seguir, porque se encontrava alguÉm

na minha frente apontando-me uma arma e sorrindo bastante amigavelmente.

- Bem, bem, parece-me que temos aqui uma atleta.

Um fugidio e cruel sorriso transformou momentaneamente aquele rosto.

Respirei fundo e levantei-me, sacudindo a terra da saia.

- É especialista em saltar de janelas, Miss Griffith?

- Creio que sim quando sou perseguida por cães.

- O que é que fazia no meu escritório? - O príncipe, o meu principal suspeito, não perdia tempo. Quando o vi fitar-me tão de perto, tive a impressão de que estava a olhar para ele pela primeira vez. Os dentes grandes e irregulares, o rosto de feições grandes e fortes, com marcas de bexigas, e os ousados olhos azuis... Era constituído como um tronco de árvore e tinha um peito largo.

- Bem, estava só a vê-lo. Carola disse-me que não fazia mal eu andar por aí a ver a vossa bonita casa. A sua coleção de armas fascinou-me.

- Realmente vocês, americanos, são

estranhos. Limita-se a admirar armas de fogo ou também sabe disparar? Porque não me mostra?

- Não sou perita, mas posso tentar.

O príncipe Lilienthal olhou à sua volta e depois entregou-me a arma.

- Tente atirar para ali. - Segui a direcção do dedo dele.

Por cima de um muro que circundava o roseiral, viam-se alguns vasos de argila vermelha.

- Oh, não poderia...

- Vá, Aline. São de fácil substituição. - Pareceu-me que a ordem dele nada tinha da afabilidade da véspera.

Olhei para os frágeis vasos colocados sobre o muro. Erguendo a arma à altura do ombro, puxei o gatilho, mas o recuo da espingarda fez-me perder o equilíbrio.

A bala perdeu-se muito acima dos vasos, que permaneceram intactos.

O príncipe abanou a cabeça.

- Poucos americanos percebem de armas. Na minha família até as mulheres sabem manejar uma arma de fogo. - Pegou na espingarda e apontou rapidamente para os

vasos, que pareciam encontrar-se numa carreira de tiro. Acertou nos dois primeiros, carregou novamente a arma, falhou um tiro e acertou outro, voltou a carregar e acabou com os últimos dois vasos, em sucessão.

No mesmo muro, mais adiante, havia mais uma série de vasos semelhantes. Não pude resistir.

- Importa-se que eu experimente outra vez, com aqueles?

- Com certeza que não - replicou, rindo. Mais uma vez me entregou a arma. Segurei-a com as duas mãos perto da anca direita, baixando-me ligeiramente. Um a um, os vasos foram estilhaçados. Carreguei a arma sem mudar de posição e continuei até ter destruído doze, sem falhar um só.

Quando o último tiro soou, mal tive tempo para ver a expressão assombrada do príncipe, porque o barulho fez com que várias pessoas assomassem às janelas para ver o que se passava. O príncipe voltou-se para mim.

- Para a próxima vez que desejar ver a minha colecção de armas, diga-me. Terei todo o prazer em lha mostrar.

Apareceram dois criados a correr para ver o que sucedera.

A condessa Von firstenberg atravessava o caminho de cascalho, movendo-se com a graça felina de uma pantera. Era uma visão fresca, envolta em seda branca.

- Meu caro Niki, É esta a maneira que você tem de acordar os seus convidados que dormem a sesta? Que está a fazer?

- Apenas a mostrar a Aline como se manejam armas de fogo.

Olhando para mim e para o príncipe, a condessa não percebia o sentido das palavras dele.

- Tenho a certeza de que está a assustar Aline com as suas demonstrações. Niki gosta de se exhibir diante de raparigas bonitas. A propósito, Aline, era a si que eu procurava.

- A mim?

- Sim. Pensei que podíamos tomar chá no meu quarto e ter uma conversa, se não tem mais nada para fazer. Pode dispensá-la, Niki?

- Com certeza. - As palavras do príncipe eram cheias de delicadeza, mas eu senti que ele desconfiava de mim.

Seguindo a condessa para dentro de casa, ainda atordoada pelo que acabara de se passar, não me atrevi a pensar naquilo em que me iria meter.

Um dos salões por onde passámos estava ocupado. Sentados num sofá, em frente do lume, Carola e Constantin conversavam calmamente. Ela parecia aborrecida. Cumprimentando-os rapidamente, continuamos o nosso caminho.

Só depois de estarmos instaladas na salinha da condessa e de ela me ter servido uma chávena de chá É que começou a falar.

O seu queixo descansava sobre as pontas dos dedos, de unhas pintadas de vermelho.

- Soube que teve ontem uma conversa com Mimosa Torrejón. - As palavras dela deixaram-me gelada. Apesar de continuar a deitar creme no chá, os grandes olhos da condessa pediam-me uma resposta. Não recebendo nenhuma, a condessa continuou: - Ela disse-me que simpatizava muito consigo.

Visto ela ter desaparecido bruscamente, pensei que você pudesse dizer-me o que se passou.

- Carola contou-me que ela foi conduzida a Madrid. Sentiu-se doente, ao que parece. Podia ter feito a pergunta aos Lilienthals - repliquei.

A condessa franziu os olhos.

- Pensa que eu lhe estaria a fazer a pergunta a si se a não tivesse feito já a eles? Mas mostraram-se muito fechados a esse respeito, e isso aguçou a minha curiosidade. Informaram-me apenas de que ela se sentiu subitamente muito doente.

- E isso não satisfaz a sua curiosidade?

- Não.

- Por quê?

- Não acredito nisso.

Também eu não acreditava. Olhei à minha volta, pela sala, pensando se a arma da condessa ainda estaria na borda da banheira.

- E porque é que não acredita?

- Não sei. Mas não acredito. Encontrei Mimosa pouco depois de ela ter saído do seu quarto. Não a achei assim tão doente.

- Lamento não a poder ajudar mais.

- Bem, talvez possa - retorquiu ela, sorrindo enigmaticamente.

- Que quer dizer com isso?

A condessa ergueu-se e caminhou até junto da secretária, e da gaveta de cima retirou uma caixa de veludo preto. Não se encontrava no quarto dela na noite anterior, disse tinha eu a certeza. Voltou para a sua cadeira e abriu o estojo. Os meus olhos ficaram deslumbrados pelo brilho das jóias.

- São peças muito belas - declarou. - Deve apreciá-las.

Ergueu-as, uma por uma, para eu as ver à luz. Umas tinham esmeraldas e outras safiras. Nunca vira jóias tão deslumbrantes. A condessa olhou-as languidamente.

- Apesar de gostar de coisas bonitas, separo-me facilmente delas. Como a marquesa, sou médium. As coisas passam através de mim.

Ocorreu-me que ela estivesse a querer subornar-me de qualquer maneira. Fomos então interrompidas por uma leve pancada na porta. Antes de responder, a condessa guardou as jóias no estojo e escondeu-o atrás da almofada da cadeira.

- Entre, Hans. Tenho uma visita que o vai encantar.

Muito direito, rígido, de ar sombrio,

Lazaar entrou na sala.

Limitou-se a inclinar-se ligeiramente na minha frente, para me cumprimentar. Por momentos ambos ficaram a observar-me.

Era algo de fazer arrepiar, não por causa daquilo que os olhares deles exprimiam, mas sim por aquilo que não exprimiam.

Eram imperscrutáveis.

- Por favor continuem a conversar. Não quero interrompê-las.

A condessa explicou rapidamente as circunstâncias em que me havia encontrado, concluindo com uma franca narrativa da nossa conversa. Admirei-me da sua necessidade de dar explicações. Sentia-me, além disso, ansiosa por sair dali.

A condessa indicou então uma cadeira a Lazaar. O monóculo dele fixou-se em mim.

- Tenha cuidado com o sítio onde esconde as suas jóias, Gloria. Tenho a certeza de que posso ser franco diante de Miss Griffith. Alguém esteve no meu quarto ontem à noite. Com efeito, o meu quarto foi revistado.

- O que É que está a dizer, Hans? Por que motivo havia alguém de querer revistar o

seu quarto? E como o sabe?

Um sorriso terrível, que ainda o tornava mais feio, se possível, apareceu no rosto de Lazaar. Ele ergueu um dedo.

- Adivinhei, querida Gloria.

Outra pancada na porta.

- Oh, adoro pequenas reuniões. E você, Aline?

Quando a condessa abriu a porta vi que se tratava de Niki Lilienthal.

Seria uma conspiração? Como pudera eu ser tão cega?

Como É que eles iriam ver-se livres de mim? Tão depressa como da marquesa de Torrejón?

- Não fazia ideia de que você fosse tão popular, Aline. Todos parecem gostar de si. Você já É como uma velha amiga da família.

Durante momentos pensei se Gloria teria envenenado o chá - senti-me esgotada. Forçando-me a sorrir, declarei:

- Passei um fim-de-semana maravilhoso, apesar de muito curto, mas preciso de ir para o meu quarto arrumar as malas.

Luis Quintanilla vai levar-me a mim, Casilda e Nena para Madrid dentro de uma

hora. Tenho de estar no escritório amanhã de manhã, cedo.

Logo que cheguei ao meu quarto fui ver se a mala de lona ainda se encontrava no parapeito do lado de fora da janela.

Não vi sinais de alguém lhe ter mexido. No entanto, os fios que eu deixara nas gavetas e nos armários do meu quarto tinham sido mexidos. Que melhor explicação para o chá no quarto de Gloria? Fora o tempo suficiente para alguém revistar-me o quarto.

Antes de partir, Carola apareceu no meu quarto. Depois de a olhar, perguntei:

- Que se passa?

Carola fitou-me com ar triste.

- Ele deixa a Espanha amanhã.

- Quem?

- Quem É que pensa? Constantin.

- E parte para onde?

- Para Berlim.

- E por quê?

- Digo-lhe se prometer não contar a ninguém. A ninguém!

- Prometo.

- Ele afirma que se está a preparar em Madrid algo de terrível. Não me quis dizer de

que se trata, mas disse que queria estar o mais longe possível.

- Espero que ele não seja enviado de novo para a frente.

- Ele está assustado - explicou Carola. - O padrinho dele já não goza da confiança de Hitler. E eles podem mandar Constantin para a frente russa.

Lentamente perguntei:

- Então por que motivo quer ele voltar para Berlim?

- Ele diz que na frente sabe tomar conta de si mesmo, mas que aqui está rodeado de inimigos. - Fiquei calada. - Oh, Aline, peço-lhe desculpa. Fui uma péssima companhia durante este fim-de-semana, pensando apenas em mim e nas minhas fantasias. Prometa-me que voltará em breve.

Impulsivamente, abracei-a.

- Não seja tola. Passei um tempo maravilhoso e voltarei quando quiser convidar-me outra vez.

Precisava de voltar ali - não conseguira realizar a minha principal tarefa. O detector de rádios continuava sem ser utilizado.

Capítulo 16

Apesar de ser tarde quando cheguei a casa no sábado à noite, preocupada com a urgência da informação da marquesa de Torrejón, liguei para Mozart. Ele não estava. Na manhã seguinte, quando lhe contei em pormenor tudo o que se passara, ele não teve qualquer reacção. Nem sequer pestanejou. Eu agora já sabia que geralmente era essa a sua atitude quando ocorriam grandes crises.

O seu primeiro comentário quando eu acabei foi:

- Não mencione a ninguém a observação da marquesa a respeito de um traidor. Compreende?

- Sim.

Mozart prosseguiu:

- O facto de o passaporte de Lilienthal ser do Liechtenstein é uma protecção perfeita e uma boa cobertura ao mesmo tempo. Ele É o número um da nossa lista negra e poderá ser o agente especial de Himmler aqui, mas, Miss Griffith, precisamos de provas. - Apontou para o detector que eu colocara

sobre a cadeira. - Terá de ser convidada outra vez para procurar a estação secreta de rádio.

Pediu-me que esperasse que ele contactasse com o embaixador e sugeriu-me que telefonasse à marquesa para confirmar o encontro para o dia seguinte.

Foi a própria Mimosa que atendeu o telefone, como se estivesse à espera do meu telefonema, e soltou um suspiro de alívio quando eu disse:

- Amanhã, terça-feira. - A sua única resposta foi:

- Obrigada, minha filha. Possa o bom Deus recompensá-la.

Mozart ouviu atentamente a gravação da conversa. Parecia aliviado.

- Muito bem, Tiger. Quando o filme for revelado dir-lhe-ei se há alguma coisa que possa afectar a sua missão.

Nessa noite, já tarde, Edmundo telefonou-me.

- Está sentada? - A voz dele alertou-me imediatamente.

Que seria agora? Teria morto outro agente em Lisboa, onde estivera pouco tempo antes?

- Estou deitada. Estou na cama. Que se passa?

- Mimosa Torrejón morreu. De um ataque cardíaco, segundo me disseram. - Durante um segundo senti-me incapaz de pronunciar uma única palavra. Ouvi de novo a voz de Edmundo: - Está? Está? - Depois, resmungando: - A maldita linha está outra vez cortada.

- Não. Estou a ouvi-lo. Mas sucede que a notícia que me deu me causou um choque terrível. Falei esta manhã com ela e encontrei-a em casa do príncipe Lilienthal este fim-de-semana.

Nem posso acreditar.

- O que eu não acredito É que ela tenha morrido de um ataque cardíaco. Era uma das pessoas mais enérgicas e saudáveis que eu já vi. Nunca a ouvi queixar-se sequer de uma dor de cabeça.

Nessa altura lembrei-me da imagem de Mimosa a fazer uma careta de dor e a levar a mão ao abdómen. A impressão que tivera fora de que o nervosismo lhe provocara um ligeiro ataque de diarreia. Mimosa dissera: "Eles andam atrás de mim.

E mostrara-se aterrorizada. A minha intuição dizia-me que alguÉM a envenenara. O aviso dela soava-me aos ouvidos: "E se descobrem que eu lhe contei, matam-na também a si.

- Está, Aline? - A voz de Edmundo parecia desesperada.

- Sim, desculpe. Estava a lembrar-me de coisas que ela disse. Mostrou-se muito ansiosa por falar consigo.

- Não vale a pena levantar-se a estas horas. De que serviria isso? Ela já está morta. Que havemos de fazer? Mas quero saber tudo quanto se passou nesse fim-de-semana e tudo o que ela lhe disse a meu respeito.

- Não me importo nada de me levantar. é urgente que falemos o mais depressa possível.

- Que diz amanhã de manhã?

- Quando quiser. - A cabeça latejava-me.

- Quando é o funeral?

- Amanhã iremos apresentar os pêsames. Você poderá ir comigo.

- Claro que irei. Gostava muito dela.

- Eu adorava-a. Era a minha mais leal amiga.

- Irá muita gente?

- Ninguém ousará não ir. Será a sua última grande reunião mundana.

- Quando É que ela morreu?

- Há poucas horas, creio. Fui visitá-la logo que chegou o meu comboio e fiquei assombrado quando me disseram que ela tinha morrido. Claro que fui lá imediatamente. Havia uma multidão de parentes afastados a chegarem. Pobre Mimosa.

Os parentes só estão interessados em saber quem irá ficar com o dinheiro dela. Creio que os parentes mais chegados vivem em França, por isso vai haver disputas entre pessoas que não queriam saber dela para nada.

- A que horas me vem buscar?

- Amanhã de manhã, por volta das onze e meia. Visto que as pessoas não são embalsamadas neste país, a lei obriga a que os funerais se realizem no prazo de vinte e quatro horas depois da morte. O enterro será cerca das treze horas. Os serviços religiosos podem só ter lugar daqui a uma semana.

Quando acordei Mozart para lhe dar a

notícia, ele resmungou:

- Uma grande perda. - Eu sabia o que ele queria dizer.

Perdera, por horas, a agulha magnética que apontaria para um traidor entre os seus agentes. Não se tratava de uma perda pequena para ele.

Quando Edmundo chegou, na manhã seguinte, percebi que se sentia mais infeliz do que nunca.

- E se, antes de irmos enfrentar a multidão, me oferecesse uma chávena de café e me contasse o que se passou no fim-de-semana?

Repeti-lhe as palavras de Mimosa, com excepção da sua referência a um traidor. Ele ouviu sem fazer comentários. Estávamos ambos deprimidos. Finalmente, Edmundo quebrou o silêncio.

- Pensa que um desses alemães do EL Morisco liquidou a minha querida amiga? Lilienthal É um pássaro estranho.

A sua amizade com nazis importantes É pública. Mesmo assim seria capaz de tal atrocidade? Cada vez penso mais que ela não morreu com um ataque cardíaco. - Depois

levantou-se. - Vamos. Vamos tentar descobrir isso.

Enquanto seguíamos para casa de Mimosa, de táxi, ele explicou-me o protocolo.

- Nos funerais espanhóis só os homens vão ao cemitério. As senhoras ficam em casa do defunto para consolar as mulheres da família, enquanto o corpo É levado para ser enterrado.

A procissão para o cemitério deve ser impressionante.

Provavelmente o caixão seguirá num carro funerário aberto puxado por quatro reluzentes cavalos negros com enormes plumas também negras. Mimosa não havia de querer que eu não comparecesse. - Suspirou. - Pelo menos não está calor. Nós, homens, temos de seguir atrás do caixão pelo menos durante dez quarteirões, antes de ser considerado próprio entrar nos automóveis para continuar o caminho para o cemitério. Quando descemos do táxi em frente do velho edifício na Calle Ferraz, tivemos de esperar até passar uma pitoresca procissão. Vários padres, vestidos de negro, com sobrepelizes de algodão branco com largas rendas,

transportavam grandes crucifxos e eram seguidos por uns vinte rapazes, também com sotainas pretas, cada um deles empunhando uma vela. Um dos rapazes tocava ritmadamente uma pequena campainha.

Os transeuntes benziam-se e paravam para os deixar passar.

- A visita dos padres da paróquia para dar os últimos sacramentos - explicou Edmundo. - Neste caso, visto ela ter morrido subitamente, limitaram-se a visitá-la e a abençoá-la para não perderem os seus emolumentos.

No vestíbulo mal iluminado, o mordomo de Mimosa, que eu conhecia das recepções, encontrava-se de pé junto de uma mesa, com ar grave e gravata preta. As pessoas faziam bicha para assinarem o livro das condolências. Edmundo sussurrou:

- Este costume permite às famílias enlutadas saber quem lhe apresentou os pêsames e, ainda mais importante, saber quem o não fez. Se alguém eliminou a nossa amiga, pode apostar que o seu nome se encontra ali. Que melhor forma haverá de parecer inocente do que misturar-se com os

que choram a vítima? Ele (ou ela) poderá encontrar-se neste momento lá em cima. Mantenha os olhos bem abertos.

No alto da escadaria principal, em frente do salão grande, sacerdotes recebiam os visitantes. Para além via-se uma multidão heterogênea, damas elegantemente vestidas e pastores pobremente trajados, acompanhados das suas mulheres.

- Provavelmente são empregados de alguma das quintas ou ranchos da marquesa - explicou Edmundo.

Freiras andavam de um lado para o outro com as suas coifas brancas, que pareciam borboletas gigantescas flutuando acima da multidão. As criadas da marquesa andavam de um lado para o outro, com os seus uniformes negros amarrotados por uma noite passada sem dormir. Eram elas que, soluçando, davam a única nota trágica ao ambiente. A maior parte das visitas conversavam e riam como se estivessem numa festa.

- Veja quem ali está - disse Edmundo, dando-me um toque com o cotovelo. Num grupo de embaixadores e de homens e

mulheres que eu nunca vira, encontravam-se a condessa Von Schellenberg, Hans Lazaar e o príncipe Lilienthal. - O trio traiçoeiro.

- Por favor, Edmundo.... Pode alguém ouvi-lo.

- Minha querida - replicou ele num sussurro -, estou a dizer isto propositadamente. Mimosa aprovaria. Afinal, existem possibilidades de que alguém daquele encantador trio seja o responsável pelo desaparecimento da nossa amiga. Vamos vê-la.

Edmundo conduziu-me para outro salão, onde uma grande vela colocada num gigantesco candelabro de bronze iluminava o caixão, colocado no centro da sala quase vazia. Apenas se encontravam ali duas freiras mergulhadas em profundas preces passando as contas dos rosários e murmurando as mesmas palavras em uníssono.

Aproximámo-nos em silêncio da urna esculpida e ajoelhámo-nos.

- Jesus - murmurou irreverentemente Edmundo -, parece a Minnie vestida de freira.

Eu nem podia crer no que os meus olhos viam. Mimosa estava vestida com o mesmo

traje negro das freiras e tinha as mãos juntas sobre o peito, com os dedos entrelaçados a prenderem uma grande cruz de madeira e um rosário.

Edmundo não podia estar quieto.

- Deviam-na enterrar com as cartas dela também.

Parecia-me menor do que em vida. Nenhum rouge avivava as faces magras e pálidas; uma faixa engomada, branca, rodeava-lhe a cabeça. O hábito de freira parecia exagerar a estreiteza do seu corpo. Olhei interrogativamente para Edmundo. Ele compreendeu imediatamente e respondeu de cabeça baixa, como se estivesse a rezar:

- Em Espanha É a maneira habitual de vestirem as pessoas que morrem.

Subitamente inclinou-se sobre o caixão como se fosse beijar o rosto magro. Em vez disso, fez o sinal da cruz com uma das mãos e com a outra afastou a tira engomada que cobria o pescoço da marquesa - e numa fracção de segundos vimos os vergões. Os gestos dele tinham sido tão rápidos que as freiras, que continuavam a rezar de cabeça inclinada, não deram por nada. Aqueles

dedos hábeis de cleptomaniaco tinham agora servido, não para roubar um dos bibelots de Mimosa, mas sim para descobrir uma verdade assustadora. Mimosa fora estrangulada.

- Bem, bem - murmurou Edmundo, levantando-se. - Agora sabemos.

Quando me levantei senti as pernas a tremer. Quando nos juntámos à multidão de amigos que se encontravam na sala contígua, o trio, agora sentado, olhou-nos com bastante interesse. Schellenberg, Lazaar e Lilienthal cumprimentaram-me com um baixar de cabeça. Apesar de estar atordoada, senti-me na obrigação de os cumprimentar também e lhes apresentar Edmundo.

- Não se quer sentar? - perguntou a condessa, cujo rosto se encontrava coberto por um véu.

Sentei-me ao lado dela e Edmundo instalou-se a meu lado.

- Que choque terrível - disse Gloria von firstenberg para os dois quando se inclinou para me beijar. - Obviamente, Mimosa estava mais doente do que nós julgámos no fim-de-semana.

- Quando ela se queixou de dores no peito não fiz ideia de que se tratasse do primeiro de vários ataques cardíacos - declarou Lilienthal. - Eu queria que ela ficasse, mas ela insistiu em ser conduzida a Madrid. Devia saber que se encontrava gravemente doente. Felizmente Hans tinha lá o seu motorista que a trouxe aqui.

Edmundo deu-me um ligeiro pontapé. Os nossos pensamentos convergiam. Fora Lazaar o responsável pela sua viagem de regresso.

Era agora Lazaar que abanava a cabeça.

- Quando Pedro voltou disse-me que a marquesa parecia estar a sentir-se melhor. - O seu monóculo reflectiu um raio de luz. - A verdade É que nunca ninguém sabe quando chega a sua vez.

Estaria ele a tentar assustar-me, ou a avisar-me?

- Mimosa esteve no quarto de Aline pouco antes de regressar a Madrid por se sentir doente - anunciou Gloria ao pequeno grupo. - De que é que ela lhe falou, Aline? - O olhar da condessa pareceu-me gélido naquela fracção de segundo, ou seria impressão

minha? Talvez também ela sentisse a tensão do mundo em que vivia, ou dar-se-ia o caso de estar assustada?

Sabia tão bem como eu que Mimosa fora estrangulada. Ou teria sido ela quem a matou?

- Nós não estivemos a conversar - retorqui. - A marquesa foi ao meu quarto para ver se eu tinha uma aspirina ou qualquer outro remédio para lhe acalmar o estômago. Infelizmente não tinha.

Uma mulher magra e muito velha, vestida de negro, passou a pouca distância de nós, despertando a atenção do trio e de Edmundo. Pus-me de pé.

- Preciso de voltar para o trabalho. - Os dois homens levantaram-se quando Edmundo e eu saímos. Quando nos encontrámos a uma certa distância perguntei: - Quem era aquela mulher para quem estava a olhar?

- A criada particular de Mimosa. Vive naquela casa há tanto tempo como ela. Provavelmente até nasceu lá. Deve saber a verdade acerca da morte da patroa, pois com toda a certeza foi ela que a vestiu.

- Então porque É que ela não diz que Mimosa foi estrangulada?

- Isso É um mistério. Deve ter as suas razões. Pode estar tão assustada que receie falar. O facto de o trio observar tão atentamente a velha criada pode significar que também eles não acreditam no ataque cardíaco.

Edmundo acompanhou-me até à rua.

- Mimosa estava prestes a solucionar a minha missão.

Deve ter tido uma indicação de quem está a planear a conspiração contra Franco. A minha pouca sorte! E eu receio que ela, sem querer, a tenha envolvido neste mistério. A Gestapo possui uma rede gigantesca e Lazaar pode estar ligado a ela.

- Edmundo chamou um táxi. - Tenho de ficar para acompanhar o funeral. Diga imediatamente a Mozart que ela foi assassinada e peça-lhe que nos dê a ambos alguma protecção.

Vamos precisar bem dela. Mas não pense que ele se preocupa com o que nos possa suceder.

Durante todo o caminho para o

escritório tentei imaginar por que razão parecia Edmundo detestar tanto o chefe. Sabia agora que a missão de Edmundo estava relacionada com a descoberta de quem estaria a planear a conspiração contra Franco. Seria a mesma pessoa que eu procurava? Olhando para trás, pelo vidro, vi um Mercedes preto e a seguir um Renault também preto. O Renault seguia-me há semanas, mas o Mercedes era novo.

Nessa altura ocorreu-me uma ideia. Porque teria Edmundo ido examinar o pescoço de Mimosa para descobrir se ela fora assassinada? O estrangulamento era apenas um de entre muitos métodos. Porque não teria ele pensado numa ferida de punhal no coração, ou numa bala, ou em veneno, ou em qualquer outro meio que não seria revelado pelo exame do pescoço?

Capítulo 17

- Protecção! Diga a Top Hat que vá para o diabo. Ele ainda não cumpriu a missão dele. Você também não, Tiger.

Ambos têm cadeias de subagentes a quem podem ordenar que os protejam. Temos falta de pessoal. Não posso dar satisfação aos pedidos que me fazem de Washington, Londres e Argel.

Estamos em guerra. Pense naqueles que se encontram na frente. Põem a vida em risco e o mesmo têm de fazer vocês. Foi para isso que aceitaram este gênero de trabalho.

Era a primeira vez que eu via Mozart perder a calma. Algo se passara. No entanto, perguntei-lhe pelo filme que eu sabia ter sido revelado e pelas fotografias do livro de hóspedes.

- Apenas um monte de nomes distintos, a maior parte deles ininteligíveis. Nada de Himmler nem de oficiais importantes. - Quase cuspi as palavras.

- E o relatório de Lazaar sobre o tungsténio?

Mozart sorriu sem vontade.

- Nada que não se possa obter entrando na Embaixada alemã e indo buscar ao balcão da recepção.

- E a carta de Gloria von Firstenberg? - Sentia-me desanimada.

O chefe abriu uma gaveta e tirou de lá um papel. Com o seu tom mortalmente monótono, leu:

- "Caro Heinrich, estou a escrever-lhe para lhe dar notícias minhas. Cheguei ao EL Morisco para passar o fim-de-semana com Hanz Lazaar e vários outros convidados.

O tempo está óptimo. Céu azul, dias frios, campos a perder de vista, montanhas cinzentas como aço. Como está o tempo aí em Berlim, meu caro Heinrich? Estou preocupada consigo, por saber como vão as coisas. Sinto saudades das nossas noites de Berlim. Eram boas. Receio que seja um fim-de-semana monótono. Conhece a marquesa de Torrejón? Encontra-se aqui e fala tanto que às vezes apetece asfixiá-la. As irmãs vilas, duas patetinhas, chegaram esta tarde com uma rapariga americana em quem não confio. E imagine quem a pequena

Carola Lilienthal anda a namoriscar? O seu preferido - Constantin von Weiderstock. Diga isso ao padrinho dele. Na verdade, estou mortalmente aborrecida. Só Lazaar me diverte com a sua grotesca perversidade. Lilienthal mostra-se falsamente galante, como de costume. Como É que a encantadora mulher o suporta? A carta termina aqui - continuou Mozart. - Experimentámos várias formas de detectar tinta invisível e nenhuma resultou. Claro que estas palavras podem ocultar um código. Mas esse gênero de código, como sabe, É indecifrável. No entanto há vários pontos a considerar. - Os seus pequenos olhos fixaram-se em mim. - Apesar de haver muitos Heinrichs na Alemanha, é possível que esta carta fosse dirigida a Himmler.

O que intensifica o interesse sobre a bela condessa como uma das principais suspeitas. Na quinta-feira seguinte, 6 de Abril, Angustias acordou-me como habitualmente, levando-me o pequeno-almoço à cama.

Afastou os cortinados de algodão branco e abriu as portinholas de madeira, deixando entrar o sol, que iluminou a taça com cerejós

de Málaga que vinha no meu tabuleiro. Da cama podia ver um retângulo de céu azul. Outro dia perfeito! Depois ouvi tocar à porta, e Angustias apressou-se a ir ver quem era. Poucos momentos depois voltou.

- Estão duas mulheres na sala à espera da senhorita!

Esperava apenas uma. Por duas vezes, durante o mês anterior, dera abrigo a uma agente de França que trazia informações militares que eram transmitidas para Londres, onde estavam a ser feitos os planos para a Operação Anvil e a Overlord. Havia vinte divisões de combate aliadas em Itália, mas obviamente isso não era suficiente para permitir às nossas forças avançarem. Planos para a Operação Anvil estavam a ser preparados no Sul de França. Aquelas mulheres traziam mapas com a localização de fortificações costeiras, armadilhas, barreiras nas estradas, o número de tropas alemãs e outras informações necessárias para os generais que preparavam a invasão.

- As mulheres estão com um aspecto horrível - disse Angustias, franzindo o nariz.
- E cheiram pior!

Vesti rapidamente um roupão e dirigi-me para a sala.

Duas mulheres sujas e amarrotadas puseram-se de pé quando me viram. Uma mão de uma delas estava embrulhada numa ligadura suja; a face apresentava uma ferida que parecia ter sido feita por uma faca. Angustias tinha razão quanto ao cheiro.

Sorri.

- Bem-vindas. Ainda bem que chegaram em segurança.

Que trouxeram?

A mulher ferida meteu a mão debaixo da blusa e tirou de lá um embrulho manchado.

- Eu chamo-me Marta. Madeleine, a minha companheira, não fala espanhol, mas foi ela que obteve esta informação.

Guiei-a através dos Pirenéus até Madrid. Visto não termos bilhete de identidade, temos de esperar aqui que nos conduzam de novo até à fronteira. O camião de peixe que nos trouxe fará outra viagem na próxima segunda-feira. Poderemos ficar aqui até essa altura?

- Claro que podem. Uma de vocês terá

de dormir no meu quarto, mas não há qualquer inconveniente, visto que irei passar o fim-de-semana fora.

Estávamos na Quinta-Feira Santa, o começo dos mais importantes feriados do ano. Lojas, teatros, cinemas, estava tudo fechado - até os restaurantes fechavam. Apontando para a mão ferida, perguntei.

- Querem que lhes arranje um médico?

- Oh, não, muito obrigada, senhorita. Não queremos ser vistas. Não sairemos de casa. Precisamos de descansar. A travessia das montanhas foi perigosa e extenuante. Todas as estradas estão cheias de espiões não só alemães, mas também de Franco. Temos de nos mover como raposas. Será esta a minha última viagem. Já matei dois guardas civis e se for apanhada serei abatida sem julgamento.

Enquanto me vestia admirava-me da coragem e energia das mulheres bascas. Eram melhores correios do que os homens e nada lhes metia medo.

Algumas horas mais tarde, um motorista do escritório foi buscar-me para me conduzir ao palácio dos vilas, em Toledo,

para onde eu fora convidada para assistir às procissões da Semana Santa. Conseguimos despistar o Renault que nos seguia nas ruas estreitas perto da Puerta del Sol. Ao passarmos pela cidade vimos muitas mulheres a entrarem e a saírem das igrejas, vestidas de preto e com pentes altos na cabeça e mantilhas de renda. Paco, o motorista, disse-me:

- É costume as mulheres visitarem sete igrejas na Quinta-Feira Santa e usarem mantilhas.

Durante o resto do percurso de quarenta e cinco minutos para Toledo, ele descreveu-me as procissões em Sevilha, Granada e em muitas pequenas cidades. Mostrava-se orgulhoso das tradições do seu país e, como a maior parte dos espanhóis gostava de falar.

Quando nos aproximámos de Toledo, o sol brilhava sobre as espessas muralhas de pedra, dando realce às arcadas e as muralhas com ameias. A cidade medieval, fortificada, ficava alcandorada sobre uma montanha rochosa, rodeada pelo rio Tejo, atravessado por várias pontes ornamentadas. A estreita

estrada empedrada passava por debaixo de um Gigantesco arco de pedra com um torreão redondo dos dois lados, e depois seguia ao longo de uma encosta em declive. Burros, carroças, crianças, galinhas e mendigos tinham de se afastar para deixarem passar o automóvel até chegarmos à Plaza de Zocodover, onde um polícia nos disse para prosseguirmos a pé, visto as ruas estarem fechadas para a procissão dessa noite.

- Muitos destes edifícios foram construídos antes do século doze - explicou-me Paco, que transportava as minhas duas malas enquanto caminhávamos pelas ruas estreitas, ladeadas por antigos palácios de granito, todos eles com brasões nas suas fachadas. Muitos edifícios tinham torreões e todos eles apresentavam complicadas grades de ferro forjado sobre as janelas. As duplas portas abertas do Palácio vila revelaram um pátio rodeado por colunas de granito. No centro desse pátio duas criadas limpavam as compridas folhas verdes de várias plantas. No alto de uma escadaria larga, Casilda e a irmã esperavam-me. Estavam muito excitadas.

- O que É que pensa? Vai conhecer o general Franco.

O papá convidou-o para vir aqui esta noite ver a procissão.

- Pensei que vocês, os aristocratas, fossem monárquicos e não gostassem de Franco - respondi, surpreendida.

- Isso É mais ou menos verdade. Mas quando o chefe do Estado faz uma visita oficial a Toledo vem para esta casa, porque os reis também o faziam quando vinham à cidade.

Falámos da morte de Mimosa, e verifiquei que nenhuma delas desconfiava de que ela não tivesse morrido de morte natural.

- Ela era tão divertida... - disse uma das irmãs. - Iremos sentir a falta das festas dela. E foi graças a ela que a conhecemos a si, Aline.

Depois do chá, Casilda levou-me para o quarto dela.

- Devia pôr uma mantilha para assistir à procissão. Nós fazemo-lo, e se a senhora Franco vier também usará uma, com certeza. Tenho um pente alto e uma bela mantilha preparada para si, e María colocar-lha-á. Ninguém sabe colocar uma mantilha melhor

do que María.

A cabeleireira esperava-nos com as mantilhas de renda preta com cerca de dois metros de largura e três de comprimento.

Sentei-me em frente do toucador e ela penteou-me o cabelo para trás, prendendo-o num largo carrapito. Depois enfiou a travessa para baixo do cabelo de modo a não poder cair.

A mantilha foi colocada por cima da travessa de dentes compridos e depois presa aos meus ombros para eu poder mexer a cabeça à vontade sem ela cair. Em seguida, a orla da renda foi presa também ao meu cabelo, à frente, emoldurando-me assim o rosto. Quando me levantei vi que a mantilha me cobria toda, desde a bainha do vestido até quinze centímetros acima da cabeça. As raparigas riram.

- Parece mais espanhola do que eu! - exclamou Casilda, encantada.

Carmen colocou então as mantilhas às outras. Quando estavam a acabar ouviu-se uma agitação na rua, lá em baixo, anunciando a chegada do Generalíssimo. Corremos para ajanela e vimos três Mercedes Benz. Quando

Franco saiu do carro lembrei-me do aviso de Mimosa e pensei: "Como seria fácil disparar sobre ele de uma das varandas das proximidades!".

Alguns segundos mais tarde dirigimo-nos para o alto da escada, onde o conde de vila, rodeado pelos convidados e pelos criados da casa, esperava.

Eu nunca tinha visto Franco e observei-o enquanto esperava que chegasse a minha vez de lhe ir apertar a mão. Envergava uma farda branca, com o peito cheio de condecorações, e trazia um boné vermelho na cabeça. Era mais baixo do que eu supusera, mais gordo também, com um nariz grande, uma pele macia e bronzeada e uma expressão agradável. Visto de perto, não era nem o monstro descrito por Pilar, nem também carismático. Teria passado despercebido em qualquer grupo de espanhóis se não se soubesse que era o grande Caudillo.

A mulher era mais alta do que ele, delgada e distante. Depois de uma série de apertos de mão, durante os quais mal foram ditas algumas palavras, dirigiram-se para um dos salões com o conde e os outros

convidados. A agitação que o Caudillo provocava era o único sinal do seu poder; poucos oficiais o acompanhavam. Preparava-me para os seguir quando Casilda me segurou por um braço.

- Venha para a varanda. Não pode perder nada da procissão.

Eu queria saber alguma coisa a respeito daqueles que acompanhavam Franco - seria o mínimo que Mozart esperaria.

Mas não podia recusar-me a acompanhar a minha amiga.

A escuridão foi invadindo gradualmente as ruas. Depois, o lento rufar de um tambor ao longe foi impondo silêncio.

Vi então surgirem figuras encapuçadas, como membros da Ku Klux Klan, trazendo cada uma delas uma vela acesa na mão. Atrás vinha uma multidão com centenas de velas acesas, iluminando uma estátua que avançava em direcção a nós, oscilando. Alguns dos vultos encapuçados caminhavam de pés descalços sobre o pavimento empedrado. Lembrei-me que os compridos trajes escuros podiam perfeitamente esconder uma arma. Seria um disfarce perfeito, pensei.

Subitamente, de uma varanda do lado oposto da rua, uma voz começou a cantar.

Era uma voz quase irreal, uma bela voz de mulher. O grande andor, transportado às costas de uns vinte homens, parou.

Quando o cântico terminou, os homens ergueram novamente o andor e inclinaram-se, primeiro em direcção à cantora e depois em direcção a nós, dando a impressão de que a estátua fazia uma vénia. Só então percebi que o Generalíssimo se encontrava mesmo atrás de mim. Voltei-me e tentei afastar-me, mas ele impediu-me.

- Tenho visto esta procissão toda a minha vida, senhorita.

O mesmo não se passou provavelmente consigo.

- Não sabia que Vossa Excelência se encontrava aí - respondi. - Se soubesse teria saído daqui.

- E eu não sabia que havia uma rapariga americana disfarçada sob essa mantilha. - O Generalíssimo sorriu. A sua voz aguda surpreendeu-me. Os seus modos eram afáveis e despretensiosos. Preparava-me para lhe contar o que Mimosa me dissera a

respeito das ameaças à sua vida, quando apareceu um dos seus seguranças.

- Excelência - murmurou -, seria bom mudar de varanda.

O Generalíssimo voltou-se para mim.

- É pena. Gostaria de explicar o significado desta procissão a uma americana.

Percebi que ele tinha consciência das ameaças à sua vida.

Ao entrar no meu apartamento na segunda-feira de manhã, muito cedo, tão cedo que as minhas criadas ainda não estavam levantadas, fui direita ao meu quarto. Quando vi que estava ali uma pessoa a dormir voltei-me para sair. Era uma das mulheres bascas. Provavelmente não tinham ainda partido. Nesse momento o ruído da janela a bater com o vento fez-me voltar.

Surpreendida por a janela estar aberta, preparei-me para a fechar. Olhei para a cama ao passar por ela e instintivamente levei a mão à boca para abafar um grito. A almofada e o lençol estavam cobertos de sangue! O corpo que estava na cama era de uma mulher com cabelo preto e comprido. Tinha um horrendo buraco aberto numa das têmporas.

O sangue escorrera-lhe pelas faces, formando sulcos escuros. Ao lado dela havia um revólver.

Podia ouvir a minha respiração ofegante. Por um momento fiquei demasiado chocada para reagir. Depois peguei no telefone e liguei para Mozart. Quando disse a frase-código para uma emergência, ele não perdeu tempo com palavras.

- Não faça nada até eu chegar. Quando saí do quarto, Cecilia começava a acender o fogão de carvão, na cozinha.

- Senhorita, está tão pálida! Aconteceu alguma coisa

- Não, não. E não acordem a mulher que dorme no meu quarto.

- Vou chamar Angustias para ajudar a senhorita.

- Não, não É preciso. - Só a ideia de ouvir os gritos de Angustias ao saber que uma mulher se suicidara ali em casa me apavorava.

Dirigi-me de novo para o meu quarto, fechei a porta à chave por fora e guardei a chave. Depois fui para a sala esperar a chegada do chefe.

Subir as escadas a correr deu ao seu rosto inexpressivo um tom vermelho-vivo.

- Uma das mulheres bascas está morta. Creio que se suicidou. Acabei de voltar do fim-de-semana em casa dos vilas e encontrei-a na minha cama com um buraco na testa.

O chefe olhou pensativamente para todos os lados e perguntou calmamente:

- Quem sabe o que se passou?

- Que eu saiba ninguém.

- E as suas criadas?

- Até agora vi apenas a cozinheira. Presumo que a outra mulher está ainda a dormir, e Angustias também.

- Qual delas está morta? - O chefe respirou fundo.

- Não sei. O buraco na testa, o sangue, o comprido cabelo caído. Não sei. Venha ver.

Mozart seguiu-me. O ruído dos seus grandes pés era o suficiente para acordar qualquer pessoa. Angustias, desgrenhada, apareceu ao fundo do corredor. Quando viu o chefe desapareceu apressadamente.

O espectáculo da mulher morta era ainda mais macabro do que anteriormente. O

sol entrava agora pela janela meio aberta e vi que o sangue salpicara a parte de cima da cama.

- Pode identificá-la? - perguntou Mozart.

- Eu nunca viqualquer delas.

Mal cabíamos no pequeno quarto. Debruçando-me sobre a mulher e tirando-lhe uma madeixa de cabelos da cara, reconheci a espanhola, Marta.

Mozart estava visivelmente irritado.

- Porque há-de ser justamente aquela que nos pode criar problemas? Se formos apanhados a dar asilo a uma comunista espanhola seremos expulsos do país. Temos de tirar daqui o corpo sem demora e sem que ninguém (incluindo as criadas) saiba disto. - Olhou mais de perto para a mulher.

- Ouvi dizer que ela era emotiva, desequilibrada. Provavelmente trata-se de um suicídio.

A arma encontrava-se junto da mão direita da mulher. Reparei então que a ligadura lhe prendia os dedos de tal maneira que ela não poderia sequer ter pegado na arma.

- A mão... - murmurei.

- O que é? - perguntou Mozart.

- Olhe! - E aponte para o Colt 45 e para a mão ligada.

O chefe pegou no telefone.

- Jeff, diga a Ronní que venha consigo a casa de Tiger e traga um carro grande. Depressa. E proceda de modo a não despertar as atenções. Não traga motorista.

Depois desligou e pediu-me um cobertor para embrulhar o corpo.

- Um lençol daria muito nas vistas. E arranje-me um lenço para lhe envolver a cabeça.

- Talvez tenha tirado conclusões apressadas - murmurou Mozart, examinando o quarto. - Esta mulher não puxou o gatilho. No entanto, temos de a levar daqui. Podemos investigar depois.

Pegou no cobertor, puxou as cobertas para baixo e enrolou a mulher nele. Guardou a arma no bolso. O lençol e a almofada com sangue estavam já embrulhados noutro cobertor na altura em que Ronní e Jeff apareceram. Estes transportaram rapidamente a morta para o carro.

Entretanto, na cozinha, Engracia

preparava-se para ir para a escola. As duas criadas e Madeleine bebiam café e comiam bolos. Todas sabiam que algo se passara.

Madeleine foi a primeira a falar.

- Marta está doente? Aquele homem alto era o médico?

- Sim. Gostaria de saber se ela esteve doente ontem. Queixou-se durante o dia ou à noite?

- Marta nunca diz nada, mas que eu saiba não esteve doente.

Angustias e Cecilia também não tinham reparado em nada de inusitado. Pedi-lhes que permanecessem na cozinha enquanto o médico não saísse.

O chefe andava na sala para trás e para diante, quando eu voltei.

- Temos outros agentes que podem levar a agente francesa pelas montanhas e o meu motorista pode conduzi-la até à fronteira. Isso não é problema. É uma sorte essa mulher espanhola não ter família. Mande a francesa embora para eu poder tratar deste caso. Entretanto, pergunte às suas criadas se não ouviram nada de anormal esta noite.

- Já o fiz. Não ouviram coisa alguma.

Pensam que Marta está doente.

- Diga-lhes que ela foi conduzida para um hospital.

- Isso É fácil, mas Angustias vai dar pela falta da almofada, dos lençóis e dos cobertores.

- Deixe-a dar, mas certifique-se de que ela não fala do caso a ninguém. - Apontou para o sofá. - Sente-se, Tiger.

Obedeci, mas ele continuou a andar de um lado para o outro. Dois passos para a esquerda e outros dois para a direita.

- O assassino não quis matar Marta. Quis matá-la a si.

Poucas pessoas sabiam que você não se encontrava em casa.

Ela foi morta na sua cama, à noite, no escuro e à queima-roupa. O criminoso entrou pela janela. Não sabia que se encontrava outra pessoa na sua cama, mas quando souber que se enganou pode voltar. O mínimo que deverá fazer É mudar de quarto. - Antes de sair voltou-se. - Preciso de ir a Argel durante uns dias. Vá para o escritório, como de costume, e não diga nada acerca deste assunto. Quando regressar vou tratar

de lhe assegurar a protecção que você pediu.
Entretanto, tenha cuidado!

Capítulo 18

Duas semanas mais tarde, no fim do dia 1 de Maio, Edmundo telefonou-me para me dizer que me iria buscar às 22 horas para me levar ao Pasapoga.

Havia uma razão crucial para isso, embora ele se recusasse a dizer-me qual era. Quando ele tocou à porta, eu própria fui abri-la.

- Divina - murmurou ele observando o meu vestido. - Mas está muito pálida.

- Não posso imaginar por que - respondi secamente. - Tenho uma vida muito monótona. - Não lhe podia explicar que andava a dormir mal, num pequeno divã, há mais de duas semanas.

Edmundo ajudou-me a vestir o casaco e saímos. No táxi, confidenciou-me:

- René telefonou-me esta manhã. Disse-me para a levar e ir ter com ele ao Pasapoga. Parece que tem duas notícias explosivas para nos dar, mas ao telefone não quis dizer o que era.

Gostaria de pedir a opinião dele a

respeito do assassinio de Marta, mas não o fiz. Entregou-me um sobrescrito, que eu reconheci como sendo um dos que ele costumava enviar a Mozart.

- Não tive a sorte de descobrir o assassino da marquesa.

Até a velha criada dela desapareceu. Por isso inventei uma história de espiões, que você pode ler antes de a passar a Mozart. Não posso perder a reputação, sabe?

Meti a carta no bolso, ansiosa por a poder ler, e não mencionei as minhas apreensões por causa dos falsos relatórios que ele transmitia ao chefe.

René não se encontrava no Pasapoga. Quando o proprietário se queixou de que ele não aparecera nem telefonara, Edmundo ficou visivelmente agitado. Deu-me o braço e puxou-me para a rua. Disse ao motorista:

- Calle Rivera de Curtidores, pronto. - Expressão mexicana que ele usava sempre que ficava excitado.

- Onde vamos agora?

- À residência de Blum. Passa-se alguma coisa.

Quinze minutos depois descíamos o táxi

numa rua de fraca aparência. Diante das portas duplas de um edifício cuja fachada necessitava urgentemente de ser pintada, Edmundo bateu as palmas para chamar o sereno. Ninguém apareceu. Ele bateu as palmas de novo. Depois tentou a campainha do portero.

Ninguém atendeu.

- Bem, tenho de entrar pelos meus próprios meios. - Do bolso interior do seu casaco cinzento tirou uma lima fina.

Ajoelhando, inseriu-a na fechadura e fê-la girar até soltar a mola.

Abriu a porta e com um gesto do seu braço magro convidou-me a entrar. Dirigimo-nos para um pátio aberto, passando por um curto túnel, depois subimos uma estreita escada de ferro que contornava o pátio. Era óbvio que Edmundo já ali estivera.

No terceiro andar abriu novamente a fechadura da porta do apartamento de Blum. Fazendo girar lentamente a maçaneta, empurrou-a. Ouvi um ruído estranho, semelhante a um silvo que partia da escuridão. Tirei tão depressa a pistola da pequena bolsa bordada com pérolas que a

rasguei.

- Calma! - ordenou Edmundo. - é apenas o gato. Que tem você hoje, Aline?

Edmundo acendeu então a sua pequena lanterna elétrica e eu vi que também ele empunhava uma arma - um estilete fino como um furador de gelo.

Subitamente lembrei-me do corpo apunhalado no Casino do

Estoril. Recordei-me então da frieza com que Edmundo confessara ter morto o agente traidor quando nos encontrávamos no pequeno restaurante alemão. Soltei uma exclamação abafada.

- Está doida? - O sussurro de Edmundo foi veemente. Entrámos no apartamento. Olhei para trás. Lá em cima as estrelas

brilhavam. Não se ouvia um único som nos outros apartamentos que davam para o pátio. Parecia que estávamos num edifício vazio. Fechando a porta, depois de entrarmos, Edmundo acendeu as luzes e apagou a sua lanterna. Continuava a empunhar o estilete. O gato de Blum não se via em parte alguma. Guardei novamente o revólver na bolsa. A casa estava vazia.

O apartamento era inesperado naquele prédio antigo e mal tratado. Era bonito, cheio de objectos antigos e a um canto tinha um enorme piano de cauda.

- Você examina o salão e a sala de jantar - disse Edmundo. - Eu vou ao quarto.

Revistei a casa. Vi um objecto a brilhar entre duas almofadas de seda estampada sobre o sofá e fui apanhá-lo. Reconheci imediatamente o papagaio de brilhantes e rubis de Gloria von Firstenberg - vira-a com ele no EL Morisco. Fui logo ter com Edmundo.

- Guarde-o na sua bolsa para o dar a Mozart. Blum não está aqui. Precisamos de o ir procurar.

Era uma faceta de Madrid que eu não vira e que Edmundo conhecia tão bem como o salão mais requintado. Fomos de bar em bar - antros, como Edmundo lhes chamava. Salas cheias de fumo onde se viam ciganas, se ouvia tocar guitarra e castanholas. Em toda a parte onde entrávamos Edmundo encontrava alguém a quem perguntar por René Blum. Mostrava-se mais sério do que eu já alguma vez o vira.

Finalmente fomos para a Calle Nunhez de Arce, na Plaza Santa Ana. Entrámos num bar cuja fachada era de azulejos azuis e brancos, com flores, e onde se lia em letras muito pequenas "Villa Rosa, eram duas horas da manhã". A porta da entrada era semelhante às de todos os outros bares onde tínhamos entrado. Além da sala principal, havia mais duas pequenas salas onde grupos de pessoas viam dançar o flamenco.

O ruído das vozes e o bater dos pés era ensurdecedor.

Dirigimo-nos para uma mesa a um canto, onde reconheci a bailarina de flamenco que vira na véspera de Ano Novo - Lola Flores. Depois reparei que, sentado ao lado dela, estava Juanito Belmonte! Este enviara-me um ramo de cravos ainda na véspera e eu recusara dois convites dele para jantar na semana anterior e também nessa noite. Quando viu Edmundo mostrou-se aborrecido.

- Juanito, que surpresa! - exclamei.

Os olhos de Lola faiscaram.

- Edmundo! Por onde tem andado?

Havia mais três pessoas à mesa deles -

uma mulher e dois homens. Um dos homens levantou-se e foi buscar duas cadeiras. Todos se apertaram, Edmundo e eu sentámo-nos. Imediatamente, ele e Lola começaram a falar confidencialmente. Na minha frente, Juanito, nada dizia. Pouco depois Edmundo pousou-me uma mão no braço.

- Não olhe, mas temos um tipo estranho entre nós.

Não tive tempo para responder. Juanito estava a meu lado e convidava-me para dançar. Um organillo começara a tocar um pasodoble, e alguns pares dirigiam-se para o pequeno estrado destinado a ser pista de dança, entre o bar e as mesas.

A pequena sala estava cheia de gente. Segui Juanito e de repente vi o homem que Edmundo detectara.

A porta de uma das salas das traseiras encontrava-se entreaberta e por detrás da bailarina de flamenco vi o homem, em cuja casa eu estivera cerca de um mês antes. As suas feições feias abriam-se num sorriso e ele não tirava os olhos do corpo contorcido da jovem bailarina. Não havia dúvidas de que Niki Lilienthal gostava de flamenco.

Belmonte segurou-me na mão direita e pousou a sua mão direita na minha cintura. Começámos a dançar ao ritmo do pasodoble. Murmurou ao meu ouvido:

- O que significa aquele homem para si?

- Edmundo? é um bom amigo.

- Disparate.

- Estou a dizer-lhe a verdade, Juanito. - Continuava a tentar descobrir quem se encontraria na outra sala com Lilienthal, mas a porta estava apenas ligeiramente entreaberta.

- Parece que tenho um rival - insistiu Belmonte.

- Os espanhóis são todos ciumentos?

- Quando lhe telefono diz-me sempre que tem que fazer, mas depois arranja tempo para sair com ele.

- Oh, não exagere. Tenho saído consigo quase todas as semanas desde que o conheço. Não posso sair todos os dias. Trabalho e tenho muito que fazer.

- Não sei como É que pode ter tanto para fazer se a Oil Mission não está a entregar gasolina nenhuma nestes últimos tempos.

Juanito tinha razão. O embaixador

americano tinha parado as remessas, para desencorajar o Governo espanhol de vender tungsténio aos alemães.

Nesse momento Edmundo deu um salto e agarrou um homem que ia a passar. O homem começou a correr para a porta. Num ápice, Edmundo ficou a meu lado, com a minha bolsa e o meu casaco na mão.

- Venha, Aline, aquele homem sabe algo a respeito de Blum. - Depois voltou-se para Belmonte e acrescentou com os seus modos felinos: - Lamento acabar com a vossa dança tão abruptamente.

Julguei que Belmonte lhe fosse dar um soco. Olhou-me com indignação.

- Adiós, Juan. Telefone-me amanhã, antes da tourada - gritei.

Sáímos a correr atrás do homem, que desaparecia ao fundo da rua.

- Aquele homem sabe que eu procuro Blum e está a tentar fugir. Aposto que sabe algo acerca de Blum. Depressa!

Inclinando-me, descalcei os meus sapatos vermelhos de salto alto e tentei correr o mais rapidamente possível ao lado de Edmundo. O homem que seguia à nossa

frente mandou parar um táxi e nós saltámos para outro.

- Siga-o! - gritou Edmundo, entregando ao homem uma mão-cheia de pesetas. O velho carro pôs-se em andamento com um chiar de pneus.

Os dois veículos lançaram-se em corrida pela rua tortuosa, um atrás do outro. Edmundo amparou-me para eu não ser atirada para a frente quando o motorista guinou de repente para a esquerda e depois para a direita. Seguíamos mesmo atrás do outro táxi, sem nunca o perdermos de vista. Subitamente, o carro da frente pareceu diminuir a velocidade - o nosso motorista teve de aplicar os travões. Edmundo puxou-me para baixo, empurrando-me a cabeça contra o assento. O ruído do vidro estilhaçado foi terrível. O tiro acertara em cheio no centro do pára-brisas. O carro deu uma volta sobre si mesmo.

O táxi que ia à frente do nosso seguiu a toda a velocidade.

Edmundo sentou-se e eu levantei-me de um salto. O motorista agitava os braços no ar e chorava. Abanava a cabeça para trás e para

diante, em estado de choque. Várias janelas dos prédios abriram-se e viram-se luzes.

Edmundo murmurou:

- Aquele tipo podia ter morto qualquer de nós, mas provavelmente destinava-se apenas a não nos permitir continuar a perseguição.

Ajudámos o motorista a sair do carro. Começara ajuntar-se gente e só pudemos sair dali quando nos assegurámos de que o motorista se encontrava bem e depois de Edmundo ter dado ao homem o dinheiro do vidro. Estivemos cerca de dez minutos sentado junto dele, enquanto ele ia bebendo uma garrafa de vinho tinto e se ia recompondo. A multidão na rua engrossara consideravelmente, mas Edmundo conseguiu conduzir-me para longe do ajuntamento.

Finalmente encontrámos outro táxi e Edmundo deu-lhe a morada de Blum. Olhámos um para o outro no escuro. Finalmente Edmundo disse:

- O homem que disparou sobre nós era o guitarrista da festa do príncipe. Deve saber muita coisa. Caso contrário não se iria arriscar a disparar um tiro daqueles.

- Porque é que pensa que René esteja em casa agora? - perguntei.

- É o sítio óbvio para se estar a estas horas da madrugada.

A não ser que...

Tínhamos chegado junto do prédio onde vivia Blum. Este não abriu a porta, mas a fechadura cedeu às manobras de Edmundo com a mesma rapidez que anteriormente. Dessa vez não ouvimos o gato. Com efeito, estava tudo diferente. O apartamento era um caos. Havia uma mesa partida no meio da sala, duas cadeiras de pernas para o ar, o sofá estava cheio de pedaços de porcelana de um candeeiro partido e um quadro caíra da parede. Edmundo foi acender as luzes do quarto.

- Aqui está tudo em ordem - disse.

Na sala, copos e garrafas do bar encontravam-se espalhados pelo chão. Algumas garrafas tinham-se partido e o seu conteúdo escorria sobre a carpete, ensopando-a. Edmundo baixou-se e serviu-se de um cálice de xerez, que milagrosamente permanecera intacto.

Dirigindo-me para o piano, um belo

Steinwaí, sentei-me.

Não sei por quê. Toquei com um dedo numa tecla - um dó. Em vez do som melodioso que esperava ouvir, senti um ruído surdo. Experimentei novamente, tocando em mais teclas, e ouvi o mesmo som surdo. Levantei-me e fui espreitar para dentro do piano. Abafei um grito. Edmundo correu para mim.

O corpo pequeno e magro de Blum encontrava-se enrolado dentro do piano. A sua camisa branca estava rasgada e ensanguentada, pondo-lhe o peito a descoberto. Na testa e na face havia um sulco de sangue. Depois vi as marcas em volta do pescoço - mãos fortes tinham deixado ali marcas vermelhas.

Os vergões de Mimosa estavam escuros, mas de resto eram semelhantes. Blum fora estrangulado.

- Está morto - disse Edmundo. - E a pessoa que o matou era conhecida dele. A porta não foi forçada. A morte não ocorreu há muito tempo. Não percamos um minuto. Talvez possamos apanhar o assassino.

Lembrei-me dos acontecimentos das

últimas semanas. Primeiro Mimosa, depois Marta e agora Blum. Estariam as três mortes relacionadas - seria o assassino o mesmo?

Descendo a escada a correr atrás de Edmundo, ia-me lembrando dos meus suspeitos. Lilienthal, Gloria Firstenberg, Hans Lazaar - eram amigos uns dos outros. E Serrano-Sunher - que eu nunca encontrara - talvez estivesse também ligado a eles de alguma maneira. Quando chegámos à rua silenciosa, perguntei a Edmundo:

- Pensa que quem disparou sobre nós se encontra ligado a

- Você leu os meus pensamentos melhor que Mimosa - retorquiu Edmundo. - Que pena não poder ouvi-la ler as cartas. Venha. Vamos voltar a essas casas onde se dança o flamenco. Tenho a impressão de que o assassino seguiu Blum a partir de uma delas. Pode ser que encontremos alguém que se lembre de ter visto Blum esta noite.

Apesar de andarmos de casa em casa, ninguém se recordava de ter visto René Blum. Edmundo acabou por me ir deixar em casa por volta das três horas da manhã.

Vi a noite empalidecer e clarear a andar

de um lado para o outro do meu quarto, recordando os pormenores das últimas horas. Nada podia perguntar ao chefe; ele encontrava-se em Argel. Estariam Lilienthal e Lazaar a trabalhar em conjunto sob as ordens de Himmler? Gloria não era com certeza suficientemente forte para poder fazer aquilo à sala de Blum e de o meter depois dentro do piano. Mas poderia ter contratado um assassino. "Custa apenas quinhentas pesetas, dissera Edmundo.

Se pudesse falar com Pierre, talvez ele me pudesse aconselhar. Parecia-me uma ironia estarmos a trabalhar para a mesma causa e não podermos colaborar uns com os outros. Recordei-me então do papagaio de Gloria, que guardara na minha carteira. Quando fui tirá-lo de lá, verifiquei que desaparecera. Devia ter caído no decorrer daquela noite louca.

Senti-me ainda mais desanimada, pois o alfinete poderia servir de pista.

Quando fui pendurar o meu casaco toquei num dos bolsos.

Lembrei-me então que Edmundo me dera o seu último relatório.

Resolvi lê-lo, como ele me dissera que fizesse. Estendi-me em cima da cama, enquanto a aurora tornava o quarto violeta, e, com as pálpebras pesadas de exaustão, li:

"Meu caro amigo Mozart.

Tenho visto a princesa Ratibor sempre que possível, e posso dizer-lhe com verdade que conquistei a afeição dela. Para ser franco, foi só durante o nosso último encontro romântico, em Lisboa, que consegui arrancar-lhe a confissão de que é paga pela Gestapo, em Madrid - exactamente por Karl Wizner, que É o chefe - para obter todas as informações que possa.

Bem, há apenas uma coisa a fazer. Para me agradar e satisfazer os desejos dela, terá de fornecer às SS uma porção de falsas informações. Meu caro, tenho a princesa na mão, se assim o posso dizer. Considero portanto seguro afirmar que podemos contar com a ajuda da princesa a partir de agora, embora, É claro, o preço sejam as minhas atenções - e ela É muito exigente. Felizmente É algo que eu faço com prazer.

Mantê-lo-ei, como sempre, a par do que se for passando.

Envie-me todas as desinformações' que achar convenientes.

Top Hat

Edmundo era um mentiroso incrível. Não só me dissera que a carta era uma história inventada como se oferecia para transmitir informações falsas ao Eixo por intermédio de um agente alemão que não existia. E sentia-se orgulhoso da sua duplicidade ao ponto de me convidar a conhecê-la.

Fechei os olhos, dormitei e depois adormeci, apesar de me lembrar que seria provavelmente eu, e não Marta, que quisessem matar naquela mesma cama.

O dia seguinte era o 2 de Maio, feriado que comemorava o dia em que os espanhóis se tinham revoltado contra as tropas francesas que ocupavam o seu território e contra o irmão de Napoleão, que ele lhes impusera como rei. Acordei tarde. Toquei a campainha e Angustias apareceu imediatamente.

- Don Juan Belmonte telefonou duas vezes, senhorita, e está novamente ao telefone.

A voz de Juanito estava agitada.

- Você ontem saiu a correr da Villa Rosa, sem me dar tempo a perguntar-lhe quem ia consigo à tourada hoje. Espero que não seja o seu amigo Edmundo.

- Nada disso. Vou com Carola e com as irmãs vilas.

- Bom. Não chegue tarde. Espero que a corrida seja boa, especialmente por ser a primeira a que vai assistir. Nunca se sabe o que se irá passar. - A voz de Juanito revelava um nervosismo inusitado. - O sucesso depende por vezes mais dos touros do que do matador. Se os touros não são valentes, se não atacam, não há maneira de o matador poder fazer uma boa faena. Tem de compreender isso.

Não me preocupava nada com aquilo. Estava ainda sob o efeito dos acontecimentos da noite anterior e a corrida de touros não me interessava nada. No entanto, tentei mostrar-me entusiasmada.

- Ficarei emocionada por o ver na arena, Juanito.

- Também verá Manolete. É um amigo meu e É sempre uma honra tomar parte

numa tourada ao lado dele. Espero que os meus touros sejam tão bons como os dele. Deve chegar à praça de touros pelo menos com quinze minutos de antecedência. Em Espanha É o único acontecimento que ocorre a horas certas.

Os nossos lugares, segundo afirmou Casilda, eram sensacionais. Barreiras de sombra. Lugares à sombra, difíceis de arranjar e muito caros.

- Olhe - disse Carola, fazendo adeus para Gloria Firstenberg, que se encontrava a pouca distância de nós. - Que chapéu! Aposto que o comprou em Paris.

A condessa estava belíssima, com um fato de saia e casaco azul debruado a vermelho e o cabelo brilhante preso num carrapito sob o chapéu vermelho, de abas largas. Pensei se ela teria dado pela falta do papagaio de brilhantes. As mulheres que se encontravam naquelas bancadas estavam bem vestidas. Muitas usavam chapéu e outras mantilha de renda colocada sobre o pente alto.

Lola Flores resplandecia sob uma mantilha de renda branca, com um ramo de

cravos vermelhos atrás da orelha esquerda.

- Gloria faz questão de se vestir de modo a atrair as atenções - acrescentou Nena. - E isso não é elegante.

- Quem são os homens que estão com ela? - perguntei.

Carola respondeu:

- Um deles é o embaixador alemão. Não o conhece ainda,

Aline? O outro É Walter Schellenberg. é um nazi importante; que pena, É tão atraente...

Portanto, o novo chefe do departamento estrangeiro da Gestapo encontrava-se a uma pequena distância de mim. Olhei novamente para lá. Sabia tantas coisas a respeito dele que era fácil odiá-lo. Isso agradava-me. Receava estar a tornar-me demasiado indulgente para com o inimigo. Não podia deixar de gostar de Carola, apesar daquilo que o pai dela pudesse ser.

- Quem É aquela mulher de aspecto incrível com um grande chapéu com plumas e cabelo frisado cor de laranja? - perguntei.

Elas riram.

- É Ana de Pombo - informou Casilda. -

é uma mulher estranha. Trabalhava com uma das principais casas de alta costura de Paris e voltou há pouco para Espanha depois de ter passado vários anos em França. A cave da sua casa em Madrid está decorada a preto e ela dança flamenco a meio da tarde, enquanto os convidados bebem chá. Pode imaginar uma coisa dessas? Flamenco a meio da tarde?

- Tem um amante argentino vinte anos mais novo do que ela. Olhe, lá está ele. - Nena apontou para um homem sentado ao lado da estranha Ana de Pombo. Depois disse adeus para a bonita loura filha do duque de Alba, que se encontrava acompanhada pela tia, a duquesa de Santonha.

Um murmúrio geral fez-nos voltar a cabeça a tempo de vermos o general Franco entrar no camarote real. Ele, a mulher e os que os seguiam mal tinham acabado de se sentar quando as trombetas anunciaram que a corrida estava prestes a começar. Recordei-me da interpretação de Edmundo da leitura das cartas feitas pela marquesa. Um assassinio numa tourada.

Franco!

Toda a gente se sentou e a banda

começou a tocar um pasodoble. As portas do lado oposto da arena abriram-se e o desfile dos toureiros, picadores, bandarilheiros e peões - todos eles vestidos com reluzentes cetins, enfeitados com pérolas e cequins - começou. Casilda puxou-me por um braço.

- Olhe para Juanito. Talvez coloque a capa dele em frente dos nossos lugares.

Tive de desviar os olhos de Gloria Firstenberg, que parecia entreter Schellenberg com a sua conversa.

Juanito vinha à frente, juntamente com Manolete e outro matador. A capa bordada que trazia sobre um ombro cintilava ao sol, o exótico chapéu de matador, a montera preta, estava inclinado sobre as sobrancelhas espessas. O seu rosto tinha uma expressão terrivelmente grave. Avançaram sobre a areia dourada da arena, com as suas pernas cobertas com meias cor-de-rosa-vivo, marchando ao compasso da música e dirigindo-se para o camarote do director da corrida que ficava mesmo por cima de nós, logo ao lado do de Franco. Juan inclinou-se profundamente, cumprimentando o director da corrida, com o chapéu na mão, como os

outros fizeram também. Depois Juan fez sinal a um dos seus peões, entregando-lhe a cintilante capa verde e apontou em direcção a nós. Num minuto, a capa foi estendida em frente dos nossos lugares. As minhas amigas estavam entusiasmadíssimas.

Os matadores deram umas voltas, agitando as suas capas vermelhas e amarelas no ar, as trombetas anunciaram que o primeiro touro ia sair, e nessa altura eu vi um perfil familiar a falar com Schellenberg. Fiquei imóvel, a observar.

- Aline, que se passa consigo? Manolete vai tourear.

Carola mostrava-se assombrada. Eu tremia. O homem que falava com Schellenberg era o mesmo que saíra a correr da Villa Rosa na noite anterior. O homem que disparara contra o nosso táxi.

Não quis que Carola reparasse para onde eu estava a olhar e voltei-me novamente para a arena.

O grande Manolete era esbelto, tinha um ar macilento e não me impressionou com o seu primeiro touro. Com efeito, achei que as touradas eram cruéis e desagradáveis. Não

mais voltaria a ir ver nenhuma. Casilda explicou-me que o touro não era bom. Manolete tivera de o matar rapidamente, o que não lhe permitira brilhar, mostrando a sua habilidade e coragem.

Levantámo-nos, como o fez quase toda a assistência, enquanto o corpo do animal morto era arrastado para fora da arena por cavalos guiados por homens que vestiam blusas vermelhas e empunhavam compridos chicotes, os monosabios. Olhei novamente para Schellenberg. O homem já não se encontrava ali.

Schellenberg e Gloria continuavam a conversar animadamente. Quem pensaria que havia guerra?

Então as trombetas soaram de novo e um gigantesco touro preto e branco entrou na arena. Vi-o passar como uma locomotiva em frente dos nossos lugares. Na arena deserta estava só aquele animal feroz, selvagem, procurando uma vítima. Então, solenemente, Juanito apareceu por detrás de uma pequena abertura, erguendo a sua capa vermelha no ar, para atrair a atenção do touro, e gritando: "Eh toro, toro! A multidão era como uma só

pessoa - contendo a respiração na expectativa do que iria passár-se. O touro atacou então. Tinha pelo menos quatro vezes o tamanho de Juanito e devia pesar dez vezes mais do que ele.

Contive a respiração, horrorizada, sem saber que esperar.

Dava-me a sensação de que o animal iria directamente ao encontro do corpo de Juanito. Ele dirigia-se para ele, sozinho na enorme arena. Depois... o touro passou por entre a capa, erguendo-a no ar como se fosse um trapo. Numa fração de segundo, o touro voltou a atacar e foi novamente iludido, parecendo cada vez mais feroz, mais decidido a dilacerar o toureiro.

Esqueci Schellenberg, a guerra, a minha missão. Nunca pudera imaginar tamanha excitação, tão intensa, de tal modo hipnótica - uma luta de morte desenrolava-se perante os meus olhos. E a vítima certa seria com certeza o meu amigo! Quanto tempo levaria? Novamente o touro procurou o homem. Desta vez ia certamente dilacerá-lo. Juanito puxou a capa mais para perto do seu corpo e, justamente no momento em que o animal

alcançava o pesado tecido, Juan torceu-se, envolvendo o corpo na capa e fazendo com que o touro mergulhasse no ar. A multidão gritou com uma só voz: "OIÉ! Descontraí-me. Mas apenas durante uma fração de segundo. Juan iludiu o touro várias vezes, com os chifres do animal quase a roçarem-lhe pelo corpo; o touro lançava-se com todo o seu peso sobre a capa. Juan movia-se com gestos graciosos, lentos, deslocando-se no momento preciso para evitar as pontas afiadas e cor de marfim.

Então deu-se o inevitável. Ao passar pelo toureiro, o touro tocou-lhe ao de leve com um dos chifres e Juanito foi atirado ao ar. Os peões correram para a arena, agitando as suas capas.

Juan jazia inerte no solo. Tinha a certeza de que estava morto.

As minhas mãos apertaram com força o varão de ferro. Os homens murmuravam palavras em voz baixa, as mulheres gritavam. A força do touro era tal que só um dos seus chifres a roçar por Juanito fora o suficiente para o atirar ao ar como uma boneca de trapos. Um dos sapatos pretos de toureiro, de

Juanito, ficara caído na arena.

Então, com grande assombro, vi Juanito levantar-se. Um fio de sangue escorria-lhe pelas calças de cetim verde e via-se um rasgão na jaqueta bordada. Mas ele corria novamente para o touro com a capa vermelha na mão, como se nada tivesse sucedido, e com maior determinação ainda do que dantes. Com um gesto de insolência e indignação, desafiou o touro, ao mesmo tempo que indicava aos peões que desaparecessem. Dessa vez, quando o touro atacou, Juan estava preparado. Sabia agora que o animal atacava do lado esquerdo. Por isso Juanito puxou-o muito, muito de perto, para a direita. A multidão soltou um angustiado "Ahhh! Até o animal ter passado pela capa. Depois demonstrou a sua alegria, manifestando-se ruidosamente, num delírio de gritos e de exclamações. Permaneci sentada, exausta. O que eu presenciara era inacreditável. Até esqueci que o bandido da véspera se encontrava ali na praça.

Os picadores entraram na arena com os seus cavalos protegidos por panos acolchoados. O homem de espadas de

Juanito, um dos que apareceram à minha porta no primeiro dia, correu para ele para examinar o corte. Juan afastou-o e entrou novamente na arena. O touro já deitara ao chão dois cavalos com os seus cavaleiros, e os bandarilheiros tinham-lhe espetado no dorso três pares de bandarilhas coloridas. Juan pegou novamente na capa e aproximou-se do animal para a parte mais importante da faena.

Mais uma vez atraiu o touro para junto do seu corpo, num círculo tão pequeno que o animal estava quase dobrado em dois, preso à cintura do toureiro como uma toalha, com os chifres a não mais de uma polegada de distância. Cada movimento era um encanto de elegância, de leveza e de precisão.

De quando em quando, Juan afastava o animal com um agitar da capa e caminhava então para a assistência, com as costas voltadas para o touro, numa arrogante exibição de temerário desdém. De cada vez que isso sucedia a multidão gritava, deliciada. Depois matou o touro com uma só estocada da comprida e reluzente espada.

Após ter dado a volta à arena, seguido

dos seus peões que devolviam as flores, os chapéus, os charutos, que o público entusiasmado lhe atirava, parou em frente de nós para oferecer a orelha que lhe fora dada como prêmio. O seu gesto foi tão inesperado que por pouco não deixei cair o horrível troféu .

- Que sorte, Aline... um toureiro famoso atirar-lhe uma orelha logo na primeira corrida a que assiste.

Olhei para aquele prêmio que tinha na mão. Sim, eu tinha sorte. Sempre tivera sorte.

Depois lembrei-me do possível assassino. Não vi sinais dele.

Schellenberg falava agora com a mulher do embaixador. De repente, com grande surpresa minha, vi Edmundo acompanhado por dois homens que eu desconhecia. Devia ser terrível ter de ir assistir a uma tourada pouco depois de ter encontrado um amigo morto, pensei. Edmundo viu-me também e apontou para o camarote de Franco. Estava cheio de guardas civis e de polícias, mas não se via Franco. Olhei novamente para Edmundo e vi-o voltar a cabeça para todos os lados. Não percebi o que se passava. Nessa

altura vi dois guardas civis a correrem pelas bancadas que ficavam imediatamente abaixo do camarote do general. Havia uma certa agitação entre as pessoas que ali se encontravam e eu não percebia bem o que elas murmuravam. Perguntei a Casilda.

- Meu Deus! - exclamou a minha amiga.

- Tentaram matar Franco.

- Morreu? - perguntei.

- Não. Quem disparou sobre ele falhou. Dizem que Franco saiu ileso.

- Franco está a salvo - era o murmúrio que corria por entre a multidão.

As trombetas soaram mais uma vez e toda a gente se voltou para a arena. Num minuto, o incidente pareceu esquecido e as atenções da assistência concentraram-se no que se passava lá em baixo. Confusa por tantas emoções, mal vi a faena seguinte.

No fim, a opinião geral era de que Juanito fora o herói do dia. E eu estava impressionada. Era preciso ser valente para encarar a morte quase diariamente, sem mostrar sinais de medo ou de nervosismo. Ser capaz de rir na véspera e no dia seguinte, sem comentar o perigo.

Telefonei a Edmundo logo que cheguei a casa. Ele não estava e eu deixei recado para ligar para mim quando chegasse.

Quando o fez, a nossa conversa foi breve.

- Sim, Franco não foi atingido. Procuram agora o homem que disparou sobre ele.

- Como é que isso se passou?

- Um tiro disparado enquanto a multidão gritava por Belmonte... Claro que o disparo não se ouviu. Que diz agora da "leitura das cartas da minha divina Mimosa?

O telefonema de Edmundo fora feito mesmo a tempo. Prometera a Juanito ir jantar com ele se a corrida corresse bem, e ele já se encontrava lá em baixo à minha espera. Talvez me tivesse tornado sua admiradora. Juan reparou na diferença quando abriu a porta do carro para eu entrar. Quando depois se inclinou para fechar a porta reparei pela primeira vez nos seus fortes dedos morenos. Fomos até Monte Esquina sem dizer uma palavra. Depois voltei-me para ele.

- Que lhe hei-de dizer? Tenho estado a pensar num cumprimento original, algo que ainda não tivesse ouvido, mas não consigo

encontrar nada. Juanito, você é extraordinário.

Ele esboçou um ligeiro sorriso.

- Obrigado, Aline. Vindo de uma americana, esse cumprimento É original. Poucos compatriotas seus compreendem a arte da tourada.

- A sua actuação foi incrível, mas o touro não tinha muitas possibilidades.

- Agora está a ser muito americana. Não acha que a morte na arena é mais gloriosa do que num matadouro de Chicago?

O touro tem as mesmas oportunidades que o toureiro: vários matadores são mortos ou gravemente feridos em cada época.

Esses touros são preparados para a luta e gostam dela. São capazes de atacar tudo o que se mova... não apenas a capa vermelha do toureiro, mas até mesmo um carro em movimento.

O novo respeito que sentia por ele fez com que me deixasse influenciar mais facilmente. No dia anterior não teria acreditado numa palavra do que ele dizia.

- Sabe, Aline, para compreender a Espanha terá de pôr de parte as suas ideias

estrangeiras. Não pode julgar os outros países como julgaria o seu próprio. Cada nação tem os seus costumes, que se desenvolveram por causa do seu clima, geografia ou necessidades. Esta habilidade foi inventada pelos nossos antepassados para se defenderem contra o ataque dos bois selvagens que sempre existiram aqui. Hoje em dia, a tourada celebra tanto a coragem do homem como do animal. Se executada com graça, É uma experiência incomparável.

Concordei de todo o meu coração. Logo que chegámos ao Guria, uma tasca conhecida pela sua cozinha basca, Juanito foi rodeado por admiradores, mas finalmente ficamos sentados frente a frente numa mesa sossegada diante de duas tigelas com angulas.

- Juanito, Edmundo disse-me que foi publicado um romance acerca da sua vida.

Um olhar sobre Juanito indicou-me que fizera mal em mencionar o nome de Edmundo.

- Penso que o seu amigo É um... um impostor.

Sorri.

- Diz isso porque não o conhece. Edmundo É um pouco estranho, admito, mas É um bom amigo.

Juanito franziu o sobrolho.

- Tenho uma coisa a confessar-lhe, Aline. Sou um homem muito ciumento.

- Ah, sim? - exclamei, rindo. - Não fazia ideia. Fale-me desse romance.

- A minha história não É uma história feliz. A minha mãe pertencia a uma família pobre de Sevilha; o meu pai também.

Apaixonaram-se um pelo outro e depois ele tornou-se o maior toureiro do mundo. Tencionavam casar quando ele regressasse das suas corridas de Inverno na América do Sul. Pouco depois de ele sair de Espanha a minha mãe descobriu que estava grávida. O pai pô-la fora de casa e ela viveu da costura até o meu pai regressar. Mas o meu pai casara com uma rapariga peruana muito rica e recusou-se a ver a minha mãe e a mim. Só quando eu tinha dez anos É que ele me reconheceu legalmente.

Não teve outra hipótese, porque eu era tão parecido com ele que as pessoas me faziam parar na rua para me dizerem:

"Deve ser filho do grande Belmonte! Tornei-me toureiro, não porque gostasse muito de o ser (para lhe falar com franqueza não gosto, Aline), mas por ser a única maneira de poder ser suficientemente rico para pagar à minha mãe todos os sacrifícios que ela fez por mim. Sei que nunca serei um grande matador como o meu pai, mas pelo menos hoje posso dar à minha mãe todo o luxo que ela desejar. Não me importo que escrevam o que quiserem a meu respeito. Consegui aquilo que mais ambicionava. - Sorriu com simplicidade. - Pode compreender isto?

- Sim, compreendo. - Juanito engrandecia-se a meus olhos, minuto a minuto.

Capítulo 19

Quando Mozart regressou de Argel, contei-lhe da morte de René Blum e da tentativa de assassinio de Franco. Nenhuma menção de qualquer dos factos aparecera na imprensa ou na rádio espanholas, sujeitas a censura.

Durante as minhas demoradas explicações, Mozart tamborilou com os dedos sobre o tampo da secretária vazia.

- Talvez a marquesa fosse uma fonte de informações mais digna de confiança do que nós pensávamos - admitiu de má vontade. Ia continuar a falar, mas calou-se. Decididamente, estava hesitante a respeito de qualquer coisa. Tomando uma decisão, inclinou-se para abrir uma das gavetas da secretária e retirou de lá um contentor metálico que abriu com uma chave que tinha no bolso direito do casaco. Mostrou-me então uma pequena caixa de remédios preta.

- É meu dever dar-lhe isto. - Fez passar a pequena caixa de uma mão para outra e em seguida entregou-ma.

Não precisei de a abrir para saber o que continha. A letal pílula L. Bastava um rápido aperto entre os dentes - tinham-nos dito de preferência entre os molares -, e a morte era imediata.

- Aconselho-a a estar em guarda - disse Mozart. - Protegê-la-emos o mais possível. Lembre-se que a maior parte dos nossos agentes têm já uma caixa semelhante.

Uma vez de regresso à sala de código, tive de enfrentar os meus receios. Havia algo mais nas mortes de Mimosa, Blum e Marta do que aquilo que Mozart me queria dizer. A principal razão da pílula L era permitir ao agente evitar divulgar informações que prejudicassem toda a rede, quando interrogado sob tortura.

Imersa nos meus pensamentos, olhando pela janela, percebi que estava a observar o jardim de Carlos Beistegui. Recordei-me do convite dele e pensei que nadar um pouco poderia melhorar a minha disposição. Cecilia levou-me um cesto com um almoço de piquenique - peixe frito, tortilha com ovos e cebola e alguns alperces. Uma hora depois, batia à porta que dava para o jardim da Calle

Fortuní. Expliquei quem era.

O guarda deixou-me entrar e conduziu-me, por um jardim com grandes castanheiros e loendros em flor, até uma pequena piscina rectangular, numa das extremidades da qual se encontrava um homem dos seus quarenta e cinco anos, magro e distinto, comendo o que ia tirando de um cesto semelhante ao meu. Quando me viu levantou-se e inclinou-se delicadamente.

O guarda indicou-me um compartimento para ir mudar de roupa. Esforcei-me por não tocar nas roupas do homem, no pequeno espaço disponível, vesti o fato de banho e fui instalar-me na outra extremidade da piscina. O cavalheiro ergueu-se de novo até eu me sentar, mas não pronunciou uma única palavra. Continuou a ler papéis que tirava de uma pasta e eu estendi-me para apanhar um bocado de sol.

O meu silencioso companheiro mergulhou na piscina e nadou várias vezes para trás e para a frente. Quando ele saiu, esperei alguns minutos e fiz o mesmo. Durante as restantes duas horas tentámos não interferir um com o outro. Sentia-me grata

por poder estar ao sol e ler sem ter de conversar. Os espanhóis sabem ser maravilhosamente discretos.

O meu cabelo estava ainda húmido quando voltei a casa, e encontrei Edmundo estendido numa cadeira a tomar um uísque com soda. Ele desaparecera da minha vida desde o dia da corrida de touros. Nesse dia nem a criada abrira a porta quando eu toquei à campainha.

Quando viu a minha expressão de surpresa, Edmundo explicou-me:

- Estou num dos meus dias maus. - Senti simpatia por ele. Estava naturalmente deprimido por causa da morte do amigo. O mesmo sucedia comigo. Passara-se apenas uma semana, e todos os dias eu perguntava a mim mesma quem o teria morto.

- Não vai ficar tão calma quando eu lhe disser o que tenho - continuou Edmundo, pousando o copo. - René não teve funeral.

- Que quer dizer?

- Quando telefonei à criada dele no dia seguinte ao do assassinio, para saber a hora do enterro, ela estava horrorizada. Não sabia onde ele estava e disse-me que a casa estava

em desordem e que alguém roubara o piano. é uma mulher leal; se soubesse que ele tinha morrido tinha-me dito. Aqui tem. Alguém fez desaparecer o piano com o corpo mesmo debaixo dos nossos narizes. Sou um espião que não vale nada. Há uma semana que ando à procura de pistas.

Sentei-me. Que se iria passar a seguir? Como podia um objecto tão grande como um piano desaparecer sem ninguém dar por isso?

- Não pense que não interroguei a criada, o porteiro e todos aqueles que viviam por cima dele. Há apenas um apartamento vazio por baixo do dele. Ou foram pagas para não falarem ou receiam pela sua vida. Suspeito que o porteiro sabe mais do que diz. Alguém está a pressioná-lo.

- Parece-me que Lilienthal poderá estar envolvido no caso - sugeri. - Ele estava no Villa Rosa no mesmo grupo que o homem que disparou sobre nós. E Gloria também pode estar envolvida. Lembre-se de que o alfinete dela estava no apartamento de René.- Eu próprio cheguei à mesma conclusão. Por isso É que aqui estou. Você pode ajudar porque os conhece melhor do que eu e tem

acesso a eles por intermédio das suas amigas.

Mas creio que quem fez aquilo foi uma só pessoa, a trabalhar sozinha. Por quê? - perguntará você. Porque Hitler É demasiado paranóico para confiar em mais do que um chefe: você conhece o provérbio que diz que cozinheiros a mais estragam o caldo.

Em segundo lugar, não seja tão ingênua que pense que qualquer dos elementos do trio traiçoeiro teria confiança nos outros, por um minuto sequer. - A verdade É que não consegui saber nada mais a respeito da morte de Blum do que aquilo que já se sabia. Parece lógico presumir que o bandido que nós perseguimos e que nos perseguiu (nunca lhe perdoarei o tiro desnecessário) está metido em tudo. Calculo que esse homem tenha feito o trabalho sujo. Mas para qual deles a essa questão que teremos de responder.

- Mozart disse-me que quer provas concludentes. Isso faz-me lamentar ter perdido o que perdi, além do sono, nessa noite. O papagaio de diamantes e rubis de Gloria Firstenberg.

Edmundo sorriu e declarou, numa meiga consolação:

- Bem, que seria de esperar depois de andarmos a correr daquela maneira? Ninguém é perfeito.

- Bem, sou uma rapariga que trabalha e preciso de manter as aparências. Tenho de voltar para o escritório.

Fomos juntos até à rua e eu chamei um táxi. Eram já 17 horas. Quando entrei no escritório Jeff disse-me:

- Mozart está à sua procura. Já veio aqui meia dúzia de vezes para saber se você já tinha chegado.

Bati à porta do gabinete de Mozart.

- Entre - disse ele. - Algumas notícias a respeito de Blum? - perguntou imediatamente. Conte-lhe tudo o que Edmundo soubera. Mozart abanou a cabeça com pessimismo durante uns segundos. Depois disse: - Sente-se, Tiger.

Obedecendo, observei-o. Inclinado sobre a enorme secretária, que além do telefone e do mata-borrão não tinha mais nada em cima, olhava-me com o seu rosto quase inexpressivo.

Pensei se ele tiraria todos os papéis e canetas da secretária antes de cada reunião.

Mozart parecia sempre controlado e calmo, no entanto os seus pequenos olhos castanhos - absurdos num rosto tão grande - pareciam por vezes evitar timidamente os meus. Talvez fosse tímido diante das mulheres.

Como havia de saber? Só vira uma vez o chefe fora do escritório, e fora no meu apartamento, quando a mulher basca fora assassinada. Achava-o corpulento, enfadonho e... qualquer outra coisa. Que seria? Não o sabia dizer. Com a luz fraca que iluminava debilmente o grande aposento, ele parecia menos corado e menos escarpado. As janelas fechadas impediam que entrasse a luz do sol-poente e chegassem até nós os ruídos da Galle Eduardo Dato e da Calle Castellana.

- Temos um trabalho para si - continuou calmamente. - Parece que não há ninguém com maior experiência que possa viajar hoje. - julguei ouvi-lo suspirar. Seria de desapontamento. - Partirá esta noite, no comboio das vinte e duas horas, para Málaga.

Engoli em seco.

O chefe fez uma pausa, talvez esperando uma resposta. Mas Edmundo avisara-me há muito: "Conserve a boca fechada. Ele faz

sempre as coisas à sua própria maneira. Um arrepio de excitação percorreu-me a espinha. No entanto, continuei a olhá-lo em silêncio, inexpressivamente.

- O seu amigo Edmundo chama-lhe "a nossa frente elegante". Bem, espero que isso seja uma vantagem para nós.

Ostensivamente você vai aproveitar um fim-de-semana para ver mais alguma coisa deste país extraordinário. é uma frívola rapariga americana em passeio turístico. Pode ser saudável fazê-la sair de Madrid durante uns dias.

Nenhuma inflexão transparecia na voz dele, nada revelava as suas intenções. Fazia-me lembrar um cirurgião ou um gato-pingado. Abrindo uma gaveta, retirou de lá um sobrescrito transparente com um rolo lá dentro.

- Com certeza já ouviu falar em microfilmes, não? - A palavra era nova e indicava uma recente descoberta tecnológica.

- Nesta película estão indicados os nomes e endereços de espanhóis dispostos a esconder (e ajudar) os nossos agentes na clandestinidade que se encontram em Málaga

a caminho dos Pirenéus. É o culminar de cerca de ano e meio de "pesquisas, como certamente sabe. Trata-se da compilação dos esforços de quatro colegas seus. é necessário que isto seja entregue a Blackí, o seu contacto em Málaga, que acaba de chegar de Argel num submarino e que foi transportado para terra num barco a remos. Blackí e aqueles que o acompanharam precisam imediatamente de casas seguras.

Tirou o rolo do sobrescrito e desenrolou-o com dois dedos.

- Todas essas indicações num pequeno pedaço de película.

Engenhoso, não É? Não deve dizer uma só palavra a Blackí quando se encontrar com ele. - Abanou a cabeça, sempre sem um sorriso. - O que daria um dos homens da polícia secreta de Franco para apanhar isto, nem quero pensar! Levante-se. Involuntariamente, hesitei. Depois levantei-me.

O chefe levantou-se também e ficámos frente a frente. Dei um passo atrás. O hálito dele cheirava a charuto. Mantive-me imóvel, rígida.

- É assim que o deve usar - explicou. - Mas por dentro do vestido. - Estendeu a mão e começou a desenrolar o rolo do microfilme, enrolando-o ao mesmo tempo em volta da minha cintura. Estranhamente, as mãos daquele homem grandalhão, de aspecto brutalhado, vestido com um horroroso fato de mau corte, eram delicadas ao tocarem-me ao de leve na cintura.

- Terá de utilizar adesivo. Não será confortável.

Mozart voltou a enrolar o filme e a guardá-lo no sobrescrito, que colocou a um canto da secretária. Apontou para uma mesa que ficava perto da janela fechada. Sobre ela havia um candeeiro e uma mala nova.

- Preparámos esta mala para si - disse, abrindo-a. No fundo havia uma pasta bastante grande. - Contém um transmissor. - Utilizando as duas mãos, rnovimentou a mala até soltar a parte da frente. Era uma parte falsa. Os meus olhos abriram-se de espanto: Debaixo dela, um Golt automático brilhava como um peixe reluzente. - é um presente para Blackí - declarou Mozart com ar despreocupado. - Vai dentro da mala

quando for para o seu hotel. No último momento possível antes de fazer o contato, terá de retirar o filme da sua cintura e colocá-lo também na pasta.

É uma precaução que tomamos - explicou Mozart. - Se por qualquer razão sucedesse alguma coisa à mala, as provas recriminatórias não seriam encontradas. A não ser que também a apanhassem a si, claro. - As suas sobrancelhas ergueram-se.

- Está a tentar assustar-me? - perguntei, lamentando logo a seguir tê-lo feito. Ficámos num silêncio absoluto, no grande gabinete mal iluminado.

Nenhuma sombra, nenhuma mudança de expressão transpareceu no rosto dele. Não me olhou.

- Agora quanto aos contactos - prosseguiu friamente. - Amanhã, às catorze e trinta, no primeiro banco da catedral de Málaga, estará sentado Blackí, tendo ao pescoço um lenço branco. Ajoelhe no mesmo banco durante alguns minutos. Se não estiver a ser observada, passe-lhe a pasta e o microfilme. Se vir alguém a olhá-la deixe a pasta no banco quando se levantar. Se esse

encontro falhar, por qualquer motivo, o encontro seguinte será às dezoito e trinta no mesmo local, no mesmo dia. O terceiro encontro será às catorze e trinta do dia seguinte. Em Espanha as igrejas estão sempre abertas. Se ocorrer algum problema, alguma emergência, telefone-me. Se alguém a estiver a ouvir e isso puser a sua missão em perigo, sirva-se do seu código pessoal. Qual é?

- O soneto vinte e quatro de Shakespeare
- respondi.

- Que versos? Diga-me.

Olhei-o: “Porque através do pintor se deve ver a sua arte, para descobrir onde está retratada a vossa verdadeira imagem”.

Tive a impressão de que ele quase sorriu, ou foi o mais parecido com um sorriso que a sua expressão permitia.

- Gosto desse - disse quase com entusiasmo. - Gosto mesmo muito. - Pensou uns momentos. Depois, espetando o dedo indicador, acrescentou: - Lembre-se, Tiger: “Contudo, olhos tão astutos querem favorecer a sua arte; Atraem, mas o que vêem não sabe o coração”. E com isto voltou-se e encaminhou-se para a sua secretária.

Espantoso! Ele gostava do meu soneto preferido! Não me mexi. A mesa separava-nos, mas estávamos mais perto do que antes.

Mozart abriu uma gaveta.

- Aqui tem o seu bilhete para Málaga. Pode haver problemas no comboio. Há agora uma nova lei que exige que os viajantes tenham licença para viajar. Os alemães receberam as deles há uma semana; nós estamos ainda à espera. Você conseguirá provavelmente passar sem ela, devido à sua idade e tudo isso. Mesmo que tivesse um agente disponível não o poderia mandar. Se a apanharem, tente sobretudo destruir o microfilme.

Fez-se silêncio; houve uns momentos de embaraço. Depois ouviram-se passos de alguém a caminhar no corredor.

Subitamente Mozart olhou-me de frente. Uma alteração - uma mudança subtil - deu-se no rosto dele.

- Pode interessar-lhe saber que a minha intenção não é assustá-la. Não gosto de a enviar (nem a qualquer outra pessoa) para o perigo. Trata-se infelizmente de uma parte do

meu trabalho que cumpro o melhor que posso. - Depois, simples, lentamente, concluiu: - Não pedi para ser um carrasco.

Fez uma pausa. - Tenho sentimentos, sabe? Isso talvez seja um choque para si. - No momento seguinte tinha baixado de novo os pequenos olhos, voltando a ser novamente ele, fechado, mudo.

Capítulo 20

Quando estava a fazer as malas tocou o telefone.

- Olá, estrangeira. Telefonei-lhe várias vezes, mas você é impossível de contactar.

- Oh, Juanito, ainda bem que telefonou. Tenho querido falar consigo.

- Que diz a irmos jantar hoje?

- Gostaria muito... mas É impossível. Vou passar uns dias fora. Oh, a propósito, obrigada pelos cravos. - Os constantes presentes de flores transformavam o meu apartamento num verdadeiro jardim.

A voz dele tornou-se mais fria.

- Para onde vai?

- Para Málaga.

- Com quem vai?

- Sozinha.

- Porque é sempre tão misteriosa a respeito de tudo quanto faz, Aline?

Apesar de se querer mostrar agradável, via-se que a paciência de Juanito se estava a esgotar.

- Não é mistério nenhum. O meu patrão

deu-me uns dias livres. Sempre desejei ir a Málaga mesmo antes de sonhar em vir trabalhar para Espanha. Tenho trabalhado muito e preciso de descansar.

- Tenho uma grande ideia. E se eu fosse consigo para lhe mostrar a cidade? Tenho lá um amigo que é o maior cantor de flamenco de Espanha. Arranjará um espectáculo de flamenco em sua honra.

- Agradeço-lhe muito, Juanito, mas não - respondi rapidamente. - Se eu fosse consigo começavam a dizer que eu era sua novia. Sabe isso. E não tem uma corrida em Barcelona na segunda-feira? Se fosse a Málaga, como havia de chegar a tempo?

- E o que É que acha que fazem os toureiros no auge da Época? Viajamos durante toda a noite e as cuadrillas seguem-nos noutro carro. Faço isso quase diariamente em Julho e Agosto.

- Se chegasse a Barcelona tão cansado que fosse apanhado por um touro, sentir-me-ia responsável por isso.

- Se você se preocupasse comigo a esse ponto, talvez valesse a pena - respondeu Juanito. A minha falsa preocupação não o

enganara.

- Juan, jantamos juntos para a próxima semana.

Juanito suspirou.

- De touros percebo eu. De mulheres, não. Fico à espera da semana que vem e espero que faça uma boa viagem e descanse, se é isso que deseja. - Fez uma pausa e acrescentou: - Aline...

- Sim...

- Cuidado!

- Prometo.

Desliguei e pensei que tinha pena que nunca fosse Pierre a falar comigo ao telefone. Visto que ele não me telefonava, calculei que se encontrasse em França a fazer explodir pontes e caminhos-de-ferro, o trabalho mais perigoso dos OSS.

Nessa noite, Madrid foi fustigada por um grande temporal, acompanhado por uma brusca baixa de temperatura.

O velho táxi conduziu-me ao longo da Castellana; uma janela partida, arranjada com fio eléctrico preto, abanava a cada rajada de vento e parecia ir acabar de se estilhaçar.

Alguns vultos caminhavam

apressadamente, com lenços a cobrirem-lhes a cabeça e a boca e flutuando em redor delas como papagaios de papel. “Deve-se tapar a boca por causa do vento da noite”, informara-me muitas vezes Angustias.

“Ele transporta germes”.

A cúpula dourada da Estação de Atocha apareceu à vista.

Mesmo antes de o táxi parar com um ranger de travões, pedintes esfarrapados batiam à porta, com as pequenas mãos estendidas a pedirem uma peseta.

O brilho amarelado dos candeeiros de gás iluminava a azáfama no interior da estação - pessoas, malas, embrulhos passando em todas as direcções. Enquanto abria caminho para a via número quatro, vi duas mulheres vestidas de preto, com lenços pretos na cabeça, que caminhavam na minha frente, levando nas mãos dois sacos de pano poeirentos. Jovens soldados com as suas fardas de caqui passeavam para trás e para diante. Um velhote mal vestido, sentado atrás dum balcão improvisado, tentava encorajar-me a comprar finos palitos de massa frita em óleo, embrulhados em cones

de papel oleoso. No fim de uma fila de pessoas que esperavam para comprar bilhetes, vi uma mulher grávida que embalava um bebê que chorava, enquanto outra criança um pouco maior dormia a seus pés.

Quando cheguei aos degraus da carruagem-cama número dois, o condutor verificou o meu número na lista que tinha na mão. Antes de entrar na carruagem observei os passageiros.

Felizmente. Subindo os degraus de outra carruagem, um pouco mais adiante, estava um homem gordo, com chapéu de coco e sobretudo comprido com uma larga gola de veludo – Hans Lazaar. Seguia-o um criado que transportava uma almofada e, ao que me pareceu, roupa de cama. Que estaria Lazaar a fazer ali? Subi rapidamente para a minha carruagem.

O compartimento era luxuoso e antiquado. Espessos reposteiros de veludo, cortinas de renda branca nas janelas, um sofá de pelécia vermelha, uma mesa de mogno polido a um canto e maçanetas de cobre reluzentes. Pela porta aberta vi a casa de

banho, com um lavatório de mármore e um espelho vitoriano.

Que pena eu não poder fazer aquela viagem em paz...

O apito tocou; estávamos prontos para partir. Da janela vi um oficial do exército saltar para os degraus. Depois outro homem atraiu a minha atenção. Havia algo de familiar naquele vulto baixo, corpulento, com um fato amarrotado e um ar que não era habitual nos passageiros de primeira classe. Abri uma ligeira fenda da minha porta quando ele entrou no corredor.

Vi-o parar junto do condutor, a quem entregou uma mão-cheia de pesetas. Estaria a imaginar coisas, ou já teria visto aquele indivíduo várias vezes à esquina da minha rua? Sentei-me, mal me atrevendo a mexer-me. Lazaar estava no comboio. O homem com mau aspecto poderia ser pago por ele, ou talvez fosse apenas um passageiro atrasado a pagar o seu bilhete. Esperava que Lazaar não soubesse da minha presença no comboio.

Passei a mão pela mala que continha o transmissor e a pistola e apalpei o rolo de

microfilme. Afinal era apenas uma questão de horas. No dia seguinte, às 14 e 30, tudo estaria terminado.

Uma pancada na porta fez-me dar um salto. Estava ainda mais nervosa do que imaginara.

- Quem é? - perguntei.

- Polícia, senhorita.

Espreitei pela abertura da porta, tirei a corrente e abri-a.

Na minha frente encontrava-se um homem uniformizado, com um distintivo reluzente na lapela.

- O seu passaporte, por favor, senhorita.

Fui buscá-lo à carteira e entreguei-lho.

- Agora a sua licença para viajar.

- Licença para viajar? De que É que está a falar?

- Senhorita - explicou o polícia. - Devia saber que se trata do novo regulamento para estrangeiros. Não pode sair de Madrid sem ele. Certamente que o sabia.

Fingi surpresa.

- Não, não sabia. Lamento imenso.

- Nesse caso amanhã terei de a levar ao comissariado, em Málaga. - Abanando a

cabeça afastou-se em direcção a outro compartimento, apesar de eu lhe pedir para reconsiderar.

Fiquei zangada comigo própria por não ter tratado melhor daquele assunto. Cobrindo as costas com o casaco, enrosquei-me a um canto, perto da janela. Lá fora, a escuridão era completa, não se via nem o perfil de uma árvore nem o conforto de uma luz. O vento gemia impiedosamente. Era o que me apetecia fazer. Ir à esquadra da polícia podia ser uma complicação muito séria, especialmente se ali abrissem a minha bagagem.

Não tencionava despir-me e deitar-me.

No entanto, o balouçar do comboio fez-me dormir e, apesar do meu desejo de me manter acordada, com a luz acesa e voltada para a porta, dormi profundamente até já ser dia, quando o comboio transpunha as montanhas, nos arredores de Málaga. Era a região infestada por bandidos descrita por Prosper Mérimée e Théophile Gautier um século antes. E continuava a ser uma visão de cortar a respiração: verdes campos de cana-de-açúcar, graciosas palmeiras, manchas

de flores, formando carpetes multicolores. Como podia estar a haver uma guerra em qualquer outro sítio? Certamente ali não havia guerra; nenhum perigo me espreitaria naquele paraíso.

Quando saí para o corredor, o polícia estava à minha espera, preparado. Também eu, com um maço de pesetas na mão. Arvorando o meu sorriso mais inocente, disse-lhe:

- Ficar-lhe-ia muito grata se me deixasse ir diretamente para o meu hotel. Tenho apenas dois dias para ver esta linda cidade.

O polícia olhou-me com severidade.

- Marcelo Domínguez não aceita subornos, senhorita. Vamos imediatamente para a esquadra da polícia. - Nessa altura o comboio já se encontrava parado na estação. O polícia pegou nas minhas malas e indicou-me que o seguisse. Passámos por grupos de ciganas de saias compridas e crianças nos braços, por carros onde vendiam cerejas vermelhas em cestos de vime, cravos perfumados, gardénias, rosas. Procurei ver Lazaar ou o outro passageiro suspeito, mas não vi nenhum deles.

Chegamos a uma praça onde algumas crianças brincavam no chão, à sombra das palmeiras. Ao centro havia uma fonte onde as mulheres enchiam bilhas de barro vermelho. Algumas transportavam-nas sobre a anca, outras levavam-nas à cabeça, apoiados em rodilhas. Chegava até mim o cheiro salgado do Mediterrâneo, mas estava demasiado preocupada para poder apreciar.

O comissariado de Málaga ocupava um edifício caiado de branco ornamentado por um pátio interior cheio de plantas.

No entanto, a sala onde entrámos era triste e pobremente mobilada. Ao lado viam-se três pequenas celas vazias, com grades de ferro.

Um polícia com a barba por fazer, que dormitava junto da porta, sobressaltou-se com a nossa chegada. Por cima da cabeça dele, na parede, havia um emblema de pano descolorido da Falange, seis flechas cruzadas sobre uma grande águia; na outra parede via-se uma fotografia de Franco.

- Ramiro - disse alegremente o meu acompanhante, dando uma palmada nas costas do outro. - Vai dizer a Don José que

preciso de lhe falar.

- Impossível - respondeu o outro com um sorriso desdentado. - Don José está em Ronda para assistir à tourada.

Don Marcelo puxou o boné para a nuca e sentou-se, pousando a minha mala no chão, a seu lado.

- Quem toureia hoje?

- É um mano a mano entre Domingo Ortega e Gitanillo de Triana. Don José nunca poderia perder uma coisa dessas.

- Sim, sim. E se a tourada for boa ele há-de festejar. Vocês sabem tão bem como eu que porção de vinho tinto Don José pode consumir. - Abanou a cabeça outra vez. - Bem, nada se pode fazer. Ele não volta antes de amanhã.

Levantou-se e dirigiu-se para o fundo da sala, onde um homem dormia sentado a uma mesa, com a cabeça apoiada sobre os braços cruzados.

Bateu no ombro do homem.

- Acorda, Damian. - O outro não se mexeu. Ele sacudiu-o com mais força e elevou a voz. - Vá, Damian. Tens uma prisioneira.

O homem levantou a cabeça, abrindo os olhos raiados de sangue. Durante uns segundos permaneceu imóvel e depois levantou-se de repente, fazendo cair a cadeira. O estrondo ecoou pela sala.

Don Marcelo explicou:

- Esta senhorita É americana, estás a ouvir? - Esperou para ver se as suas palavras tinham sido compreendidas. - Veio de Madrid no expresso da noite e não tem licença para viajar.

Damian começou a olhar-me.

- Que posso eu fazer, Don Marcelo?

- Que podes fazer? Bela pergunta para um polícia! - Don Marcelo começava a perder a paciência. - Ela É tua prisioneira. Não pode sair daqui nem falar com quem quer que seja sem autorização de Don José.

Interrompi-os.

- Por favor deixem-me telefonar para o cônsul americano em Málaga. O assunto seria rapidamente esclarecido.

Don Marcelo respondeu logo:

- Nada disso, senhorita. - Olhou vitoriosamente para os dois homens, que esperavam a sua decisão, e depois para mim.

- Está prisioneira da Espanha. Isto aqui não É a América. A lei espanhola É que determinará o que deve ser feito consigo.

O meu primeiro impulso foi mostrar-me indignada, mas depois lembrei-me da pistola, do transmissor e do microfilme.

- Estou então sob prisão sem possibilidade de me defender?

- Senhorita, não tem necessidade de se defender. - Baixou a voz. - Tomaremos bem conta de si. A nossa prisão É asseada e tem todas as conveniências modernas. - Percebi que estava com sorte e que ele queria dizer que havia sanitários. - Só Don José poderá decidir o que deverá ser feito.

Nada havia a fazer a não ser seguir o polícia, que me conduziu à cela gradeada. Don Marcelo pousou a mala no banco, a meu lado.

- Creio que a senhorita não ficará desconfortável. - Fez uma vénia e foi-se embora.

Cada minuto que passava era uma tortura. Doze horas. Doze e trinta. Treze horas. Não podia acreditar na minha pouca sorte.

Quando Ramiro voltou para a sua cadeira perto da porta e deixou cair novamente a cabeça para o peito e quando Damian estava outra vez a dormir sentado à secretária, meti a mão por baixo da blusa e comecei a desenrolar o filme, enrolando-o ao mesmo tempo com todo o cuidado. Por fim, guardei-o no bolso da saia.

O tempo ia-se escoando. às 14 e 30 chegaram e partiram.

Um cigano andrajoso apareceu à porta. Sem falar, lançou um olhar importuno a Ramiro, cuja cabeça se erguia quando alguém empurrava a porta. Ramiro enxutou-o e o rapaz desapareceu em silêncio como um cão batido. Damian continuava a dormir. Eu estendi-me sobre o banco duro.

Às 18 e 30, hora do meu segundo contacto, sentia-me desesperada. Precisava de sair dali de qualquer maneira. Chamando pelo polícia sonolento, pedi-lhe que me deixasse dar uma volta pela sala.

- Esta cela tão pequena põe-me nervosa. Preciso de mais espaço.

Abri muito a boca, como se fosse gritar, e comecei a sacudir as grades.

- Não, não - a voz dele implorava. -
Tenha paciência, senhorita - disse Ramiro,
caminhando pesadamente sobre o pavimento
de azulejos e tirando do cinto uma grande
chave redonda. - é contra as ordens,
senhorita. Mas não posso ouvir uma mulher a
gritar.

Quando a porta da minha cela se abriu,
ele apressou-se a ir fechar a porta da frente.
Entretanto, o outro indicava com um gesto
largo que eu podia andar em volta da sala,
que não era muito espaçosa. Ao princípio
caminhei a passos largos, tentando observar
todas as possibilidades. Mas não havia
qualquer saída. A janela tinha grades. Uma
porta entreaberta, de donde saía um cheiro
repugnante, “era a conveniência moderna
orgulhosamente mencionada antes”.
Espreitei para dentro e vi que havia ali uma
pequena fresta junto do tecto, por onde
passava o ar e a luz. Os meus dois guardas
não estavam a correr riscos. Tinham-se
tornado atentos e observavam os meus
mínimos movimentos.

Quando contornei a secretária de
Damian, no fundo da sala, os meus olhos

fixaram-se numa folha de papel que se encontrava sobre o tampo. Parei para a olhar. Damian, vendo o meu olhar, levantou a folha amarela.

- Veja, senhorita, leia os assuntos importantes que são tratados neste comissariado. Trabalhamos muito, como pode ver. - Continuava a agitar o papel. Logo que lhe peguei reconheci o endereço da Embaixada alemã no alto da folha. Era uma lista de artigos que deviam ser embarcados no Cabo de Buena Esperanza, com partida de Málaga para Buenos Aires a 10 de Junho, dirigidos ao Sr. Don Hans Schumacher, na Embaixada alemã em Buenos Aires. O remetente era um Karl Wizner, da Embaixada alemã em Madrid. Os meus olhos percorreram a lista dos artigos enviados. Fora por causa daquele carregamento que Lazaar se deslocara a Málaga?

12 quadros entrados em Bilbao no Monte Aíala, vindos de Amesterdão; chegada 23 de Março de 1944

6 quadros de Cézanne

2 quadros de Van Díek

3 quadros de Rubens

I anónimo do século XVIII

1 piano Steinwaí, engradado n.o 5788

Quando li a última linha lembrei-me que o piano que vira em casa de Léon Blum, naquela noite horrível, era também um Steinwaí. Seria o mesmo piano? Estaria o corpo de Léon Blum no engradado que transportava o piano? Decorei a lista.

Os meus pensamentos dirigiram-se de novo para Lazaar. Ele era capaz de tudo. Não teria certamente escrúpulos em expedir um corpo dentro de um caixote. Mas o cheiro não atrairia as atenções?

As minhas responsabilidades pareciam multiplicar-se. Teria de descobrir o que havia naquele engradado. Mas como poderia fazê-lo se nem sequer via maneira de sair da esquadra da polícia. E o problema mais importante continuava a ser que o transmissor, a arma, o rolo de microfilme podiam ser descobertos, o que levaria à captura de dezenas de espanhóis leais à nossa causa. Decidi meter o filme na sanita se ainda o tivesse em meu poder e me encontrasse ali à hora do meu último contacto com Blackí, no dia seguinte às 14 e 30, embora isso

significasse um malogro total.

Sentia-me desanimada. As horas que se seguiram foram as mais longas da minha vida. Mais tarde apareceram outros dois polícias, mas mostraram-se tão impossíveis de subornar como os outros. A minha única esperança era que Don José voltasse em breve e que não me revistassem.

Na manhã seguinte, Damian e Ramiro voltaram, cumprimentaram-me cordialmente e ofereceram-me um café espesso, horrível. A manhã foi decorrendo, minuto a minuto, sem que Don José desse sinais de vida. Iria faltar ao meu último contato.

Cerca do meio-dia e meia hora, a porta abriu-se e entrou um homem rubicundo. Os dois polícias puseram-se em sentido.

- Don José! - exclamaram ao mesmo tempo.

- Como vão as coisas, rapazes? - Avançou até ao meio da sala e, antes que qualquer dos outros pudesse pronunciar uma única palavra, exclamou: - Mas que faenas! Ortega foi una maravilla! - O chefe da polícia tomou as poses de um matador, com uma imaginária muleta na mão, imitando os

passes que vira na véspera. O abdómen protuberante de Don José não fazia lembrar muito a silhueta de um toureiro, mas ele tinha uma certa graça e estilo ao executar os clássicos passes.

Fez girar a imaginária capa em volta do corpo, voltou-se e de súbito viu-me. A sua manoletina foi prontamente interrompida. - O que é isto? - Dirigiu-se para mim para ver melhor.

Forcei-me a sorrir.

- é uma americana - respondeu Damian, com tanto orgulho como se tivesse apanhado um tubarão branco nas águas azuis do Mediterrâneo.

- Mas que maneira de tratar uma linda senhorita, Damian.

- Don José meteu a mão pelas grades para apertar a minha. - Bem-vinda a Málaga, senhorita. Não se preocupe. Sejam quais forem os seus problemas, eu resolvo-os. Damian, abra esta porta. - Tirou uma cadeira de detrás de uma mesa, limpou-a de pó com a mão e ofereceu-ma. Eram já 13 horas. - Faça favor de se sentar. Que posso fazer por si?

Quando acabei a minha história, o chefe

da esquadra tirou uma chave do bolso e abriu a gaveta da secretária, tirando de lá canetas, papéis, carimbos.

- Vamos já resolver isto. Basta carimbar o seu passaporte e assiná-lo.

Mais de vinte e quatro horas na prisão para aquilo. Tirou uma caneta do bolso e assinou com um dramático floreado todo em ziguezagues. Depois pegou num carimbo, molhou-o numa caixa com tinta e bateu com ele sobre o passaporte.

A página continuou tão branca como antes. A tinta secara.

Abanando a cabeça, Don José ordenou a Damian que fosse comprar um pouco de tinta - coisa que me pareceu levar anos. Finalmente o carimbo oficial ornou a página. Don José entregou-me orgulhosamente o documento. Nessa altura o meu relógio marcava as 13 e 20 e eu estava frenética.

- A senhorita está livre. Pode partir. - Mas, levantando a mão, reconsiderou. - Não, É melhor vir alguém identificá-la.

São apenas formalidades, claro. Vou telefonar ao cônsul americano. Apesar de ser domingo, eu sei o número do telefone da casa

dele. Somos bons amigos.

Quinze minutos depois, o cònsul americano, alto, jovem e simpático, entrou a coxear.

Don José deu-lhe uma palmada nas costas, segundo o afectuoso estilo espanhol.

- Não se importará de cumprir esta tarefa, meu rapaz - declarou o chefe. - Trata-se de identificar o passaporte de uma bonita compatriota. - Então Don José voltou-se para mim. - Apresento-lhe Barnabí Conrad, um excelente toureiro. Esta perna aleijada É a recordação de um touro Romero, no México.

Apertamos a mão. O cònsul declarou o meu passaporte em ordem. Don José transportou a minha explosiva mala para o carro, colocando-a no assento de trás do descapotável verde de Conrad.

Eram 14 e 20 quando saímos da esquadra.

- Quer almoçar comigo e ir à tourada depois? - perguntou Conrad, pondo o carro em andamento. - Nunca comerá melhores mariscos do que em Málaga.

Hesitei. Sabia que não teria tempo de ir

ao Miramar, livrar-me de Conrad e chegar à catedral às 14 e 30 para entregar as encomendas a Blackí. Conrad apercebeu-se da minha relutância.

- Desculpe. Tem planos para se encontrar com alguém aqui? Com um amigo, talvez?

- Não, nada disso. é que tenho um recado importante a fazer. Prometi à irmã Catherine, de Nova Iorque, que entregaria uma caixa com velas feitas por ela a um padre da Catedral de Santa Maria logo que chegasse a Málaga. Como é agora a primeira oportunidade que tenho de o fazer, gostaria de me desempenhar já da incumbência para depois não pensar mais nisso.

Conrad sorriu.

- Isso É fácil. A catedral fica-nos em caminho.

Quando ele estacionava em frente da igreja, voltei-me no meu lugar e separei do resto da mala a pasta especialmente preparada por Mozart. Depois saí rapidamente do carro, para evitar que o cônsul tivesse tempo para me acompanhar.

- Volto já! - gritei subindo os grandes

degraus de pedra.

Abri uma pequena porta de madeira ao lado da entrada e entrei na quase obscuridade da catedral. Os meus olhos levaram uns segundos a adaptar-se à fraca claridade. Sobre o altar, onde ardiam velas, via-se um tríptico dourado. Alguns fiéis ajoelhavam junto do altar. Pálidos raios de luz passavam pelos vitrais góticos, iluminando aqueles que se encontravam a rezar na parte da frente da igreja. Mas nos bancos de trás não se via ninguém.

Senti-me desanimada. Olhei para o relógio e esperei que Blackí não se atrasasse muito e que o cônsul não viesse investigar. Em silêncio, sentei-me numa das extremidades do banco que me fora indicado. à medida que os minutos iam passando eu pensava o que diriam as freiras de Mount St. Vincent se soubessem que eu estava na igreja com uma arma e uma mala com material incriminatório à espera de um agente comunista.

Calculava que Blackí fosse comunista, como a maior parte dos espanhóis que trabalhavam com o Maquis.

Um homem entrou no banco e ajoelhou a curta distância de mim. Trazia um lenço branco, sujo, em redor do pescoço.

Tudo se passou em poucos momentos. Sem voltar a cabeça, empurrei a arma, embrulhada no meu lenço branco, sobre o banco de madeira. Uma mão estendeu-se para ela. Um segundo depois, o lenço foi-me devolvido. Depois empurrei a pasta contendo o transmissor. Em seguida estendi-lhe a palma da mão com o microfilme. Nem o senti tocar-me para mo tirar.

Barnabí Conrad lia o jornal de domingo quando eu cheguei junto dele. Enquanto esperava tinha descido a capota do carro. Partimos. O vento primaveril fazia-me esvoaçar o cabelo em todas as direcções - e eu tirei o lenço branco do pescoço para o pôr na cabeça. Pela primeira vez nas últimas quarenta e oito horas descontraía-me. Agora podia gozar a beleza da cidade! Conrad conduziu o carro pelo centro de Málaga, até a um restaurante na praia. Comemos chanquetes, um peixe muito pequeno, frito, delicioso, e a seguir caranguejos e boquerones, uma espécie de sardinhas.às 16 e

30 íamos a caminho da praça de touros para assistirmos à corrida.

Mais tarde, o simpático cônsul passeou comigo pelas bonitas ruas de mármore em torno da Calle Larios e mostrou-me os luxuriantes jardins e parques da cidade, assim como a vista que se desfrutava do Clube Náutico. Tudo resultara melhor do que eu tinha planeado.

O Hotel Miramar ficava voltado para o mar. Apenas uma estreita via férrea separava os seus jardins do murmúrio lento das vagas. O meu quarto era magnífico, com uma enorme cama de mogno e uma varanda voltada para África, que ficava apenas a doze milhas de distância. Enquanto me encontrava estendida na grande banheira de porcelana, pensando na maneira de contar a Mozart o que se tinha passado comigo, alguém abriu a porta do meu quarto. Chamei a criada e disse-lhe, sem a ver:

- Pode fazer o favor de fechar a porta da casa de banho?

Estou na banheira.

A porta fechou-se suavemente e eu continuei a descansar.

Um banho quente sabia-me melhor do que nunca, depois de ter passado um dia e uma noite sentada num duro banco de madeira.

Depois de lavar a cabeça e de vestir um roupão turco do hotel, abri a porta que dava para o quarto.

O espectáculo que se me deparou deixou-me sem fala.

O quarto encontrava-se numa desordem total. Alguém tirara as minhas roupas do armário de mogno e as atirara de qualquer maneira para o chão. Todas as gavetas e portas do armário estavam abertas. Um batom rolava ainda sobre a carpete. As almofadas da cama espalhavam-se por todo o lado.

Mas havia no entanto uma coisa que me animava: a pasta e o microfilme tinham já sido entregues. Passei revista a tudo e não dei por falta de coisa alguma, nem do dinheiro, nem sequer do meu revólver. Afinal tivera sorte por a polícia me ter levado para a esquadra. Se tivesse ido directamente para o hotel, o equipamento, o microfilme e a pistola podiam ter sido roubados. Lembrei-me do

provérbio espanhol que Juanito tantas vezes repetia: "Não há mal que não venha por bem. Seria Lazaar o responsável? Ter-me-ia ele visto? Mais ninguém sabia que eu me encontrava em Málaga - apenas Mozart e Belmonte. Toquei para chamar a criada.

- Senhorita! Senhorita! - exclamou a horrorizada mulher ao ver o quarto. - O diretor tem de vir aqui imediatamente. - E saiu a correr. Quando o director do hotel apareceu levou as mãos à cabeça.

- Lamento imenso, senhorita! Alguém deve ter vindo procurar as suas jóias. Oh, É perigoso viajar com jóias - admoestou.

- Não tenho jóias - repliquei. - E nada me foi roubado, mas gostaria de saber como É que alguém pôde entrar no meu quarto sem minha autorização.

O diretor não sabia que dizer. Erguia as sobrancelhas numa expressão de desespero. Por fim, inclinando-se profundamente na minha frente, saiu do quarto.

- Um roubo, um roubo - repetia a criada.

E assim foi considerado. O que seria melhor? Não voltei a insistir em que não fora roubada, pois não podia dizer a ninguém que

quem entrara no meu quarto procurava algo muito mais valioso do que jóias.

Capítulo 21

Ao dirigir-me a pé para casa, algumas semanas depois, ia tornear o canto de Monte Esquina quando uma figura embuçada passou por mim - um dos muitos monges que se viam por toda a parte nas ruas. Esse monge, contudo, não só me olhou como me agarrou por um braço e me fitou directamente.

Por um momento fiquei assombrada e a seguir quase explodi com gargalhadas. Edmundo passava delicadamente a mão sobre o seu fino bigode.

- Divino, não acha? Felisa, da Balenciaga, fê-lo para mim.

- Edmundo, não me diga que estive em minha casa assim disfarçado!

- Angustias e Cecilia quase se ajoelharam na minha frente.

Era de esperar. Mas eu afiancei-lhes que não estava ali para lhes levar os últimos sacramentos.

- Pelo menos ainda não.

- Não fale assim. Deus sabe que tem

havido ultimamente mortes que cheguem.

- Venha a minha casa. Estou desejosa de falar consigo.

- Não. Estou com uma pressa terrível.

- Vai entrar para uma Ordem?

- Só se for a Ordem de Santa Mimosa, minha querida. - Edmundo benzeu-se. - Mas aviso-a, Aline. Estou prestes a desvendar alguns mistérios. Positivamente. O meu sangue asteca tem de vingar Mimosa e René Blum! Não há melhor maneira de investigar do que usando este hábito. Com ele posso entrar em quase todos os sítios deste país. Falei com a velha criada que lavou e vestiu o corpo de Mimosa. Confessou ter visto as marcas no pescoço da marquesa, mas continua a não querer falar do assunto. Provocaria um inquérito e um escândalo para a família. Ela sabe qualquer coisa que receia contar. E você? Que tem feito?

Contei-lhe rapidamente que estivera em Málaga e descobrira que a Embaixada alemã estava a enviar obras-primas e um piano Steinwaí para fora do país.

- Não acha que se trate do piano de Blum com ele lá dentro? Mozart diz que eu

sou louca por imaginar uma coisa dessas.

Edmundo ergueu a cabeça com tanta vivacidade que o capuz quase lhe caiu para os ombros.

- Compreendo-a muito bem. Porque não me disse isso mais cedo?

- Telefonei-lhe centenas de vezes. Você nunca atendeu o telefone. Onde esteve?

Edmundo apontou para o hábito.

- Onde havia de ser? A trabalhar. Sabe quando é que esse navio parte?

- Ainda há muito tempo para fazer alguma coisa. Não partirá antes do dia dez de junho.

- Bem, você com certeza não pode lá voltar.

- Pois não. Nesse caso terá de ir você.

- A Málaga? Está doida? E que diria a Ordem?

- Não brinque com coisas sérias. Quem há-de ir então?

- Peça ao seu toureiro para ajudar. Ele não suspeitará. Belmonte sabe que você é americana e que deseja ajudar os seus nesta guerra. Todas as pistas levam às casas de flamenco onde René passava o seu tempo

livre. Juanito conhece os ciganos melhor que ninguém. Você tem de fazer tudo quanto lhe for possível.

Se descobrirmos o corpo de René, poderemos vir a saber quem o matou. E lembre-se de Mimosa. O mesmo poderá acontecer a um de nós. - Reajustou o capuz, que resvalara durante a animada conversa. - Diga-me uma coisa, Aline. Que fez mais em Málaga além de descobrir o embarque de pianos?

- Pouca coisa. Vi Lazaar no comboio, passei a noite na prisão... e, sim, o meu quarto foi totalmente revistado enquanto eu tomava banho.

- Oh, você tem um delicioso sentido do humor!

- Infelizmente estou a falar a sério.

Os olhos de Edmundo abriram-se de espanto.

- Aline, você é espantosa. Não me torture mais. Quem pensa que possa ter feito isso?

- O que é que acha?

- Lazaar?

- É o que eu imagino.

Edmundo benzeu-se rapidamente.

- Mozart não é da mesma opinião - acrescentei.

- Minha querida, quem é Mozart comparado com o pícaro de Mimosa? O meu trabalho de detective junto da princesa continua. Ela é muito exigente, mas eu tenho a paciência de um rei. Talvez eu devesse esperar mais um bocado: qualquer dia poderá aparecer em Madrid uma rainha deposta. De qualquer modo, digo-lhe que me sinto muito deprimido.

- Por quê?

- Porque as suas viagens parecem-me mais excitantes do que as minhas. Creio que vou ter de passar a apimentar mais os meus relatórios.

- Isso não lhe deve ser difícil. Você É o Mata Hari da literatura.

- E você, minha querida, É a minha protegida preferida.

- Você sabe que tenho dificuldade em acreditar na sua devoção por Mimosa. Quando um dia lhe perguntei se confiava cem por cento nela, você respondeu-me: implicitamente não.

- Minha discípula, isso era quando ela estava viva. - Levou a mão ao capuz para o ajeitar. - Não se deve acreditar em ninguém vivo, na nossa profissão pelo menos. Mas agora que a minha querida Mimosa já se não encontra entre nós, digo-lhe que confio nela. E faço votos para que quem a matou tenha o pescoço torcido muito em breve.

- Por favor, Edmundo, lembre-se da sua sagrada vocação.

- Claro que me lembro. Os votos de Edmundo Lassalle não são de pobreza ou de castidade. Nunca! Estou consagrado tão-só aos votos da espionagem.

- E acima de tudo da nobreza.

- Não seja profana, querida. Está a falar com um monge.

- Quer dizer um lobo com hábito de monge.

- Você é pecadoramente deliciosa. Logo que tenha dito as minhas orações irei ensinar-lhe um ou dois provérbios. Como:

“O Senhor nunca dorme. Dança até de madrugada, como nós. - O meu monge inclinou-se e beijou-me a mão, desaparecendo em seguida rapidamente, no

crepúsculo”.

Dez minutos depois o telefone tocou. Era Belmonte.

- Guapa, como correu a sua viagem? Viu tanto de Málaga como desejava?

- De certo modo vi.

- Hoje vem jantar comigo. Deve recordar-se da sua promessa.

Tinha-a esquecido completamente, mas o convite não podia ir mais a propósito, se queria que, Juanito me ajudasse a descobrir o que se encontrava dentro do piano.

Juanito disse-me que ia convidar os seus amigos Alvarez e Pickmans para jantarem também connosco, mas eu afirmei-lhe que preferia que jantássemos a sós para falarmos de assuntos confidenciais importantes. Ele ficou encantado. Às 22 horas foi buscar-me, conforme o combinado.

- Vamos jantar ao L'Hardí, numa sala de jantar privada.

Ficaremos sozinhos.

Uma escada estreita conduziu-nos a uma pequena sala.

Velas ardiam sobre a toalha de damasco branco; espessos cortinados de pelécia

vermelha cobriam a entrada e estavam tão fechados que ficávamos completamente isolados. Fiquei surpreendida. Juan riu-se.

- Estes pequenos salões destinavam-se a aventuras amorosas e conversas confidenciais. As senhoras respeitáveis não frequentavam os restaurantes públicos antes da guerra civil. - Fez um gesto que abarcava todo o compartimento. - Estas mesmas paredes presenciaram muitos segredos, até mesmo conspirações contra os governos.

- Então estamos no local apropriado.

- Sou todo ouvidos, Aline.

O pequeno rosto moreno de Juanito estava ardente.

- Por onde hei-de começar? No passado fim-de-semana, em Málaga, estive na prisão. - Esperei que ele se mostrasse chocado.

- Sei isso - respondeu calmamente Juanito.

Não pude ocultar a minha surpresa.

- Não ache isso estranho, Aline. Tenho amigos por toda a Espanha.

- Mas como? Como soube? Quem lhe contou? - A resposta dele era vital.

- Digamos que foi alguÉM que sabe que

eu a admiro. Aline, que anda você a fazer? Não me diga que anda a conspirar para fazer um golpe de Estado.

Tive de confiar nele.

- Não, mas estou a conspirar contra os alemães e preciso da sua ajuda.

Os olhos de Juanito encheram-se de um espanto infantil.

- Ah, isso explica tudo. - Disse que sim com a cabeça como se falasse consigo mesmo.

- Em que lhe posso ser útil?

- Enquanto estive na prisão vi um pedido oficial da Embaixada alemã requerendo licença de embarque para um piano ser enviado para Buenos Aires.

- Que tem de estranho que um piano seja enviado para a Argentina?

- Não seja impaciente. Na noite em que me viu sair a correr do Villa Rosa com Edmundo, perseguíamos um criminoso.

Seguimo-lo de táxi e ele disparou sobre nós.

- Mas que tem isso a ver com um piano?

- Tudo - continuei. - Edmundo pensa que esse homem conhecia René Blum, sabia que ele tinha informações importantes para

nós e que nós íamos procurá-lo.

- Continuo a não ver qualquer ligação - Juanito parecia sinceramente confuso. Segurou-me a mão. - Por favor tente explicar-se melhor.

Tirando a mão, expliquei:

- Quando chegámos ao apartamento de René... vi-o.

- Pronto. Ainda bem. Que lhes disse René a respeito do homem que disparou sobre vocês? Conhecia-o?

- Juanito, René estava lá, metido dentro do piano. Morto.

Fora estrangulado.

Juan não disse nada. Mas a sua expressão era de cepticismo.

- No dia seguinte, o corpo de René desapareceu... e o piano também.

Juan olhava-me com uma expressão tal que eu pensei que ele me julgava louca.

- Acredita em mim, não acredita?

- Não percebo nada. Em primeiro lugar, porque É que alguém havia de querer matar René Blum? Era simpático para toda a gente.

- Juan parecia sinceramente amargurado.

- Ele ajudava a fazer sair judeus

(especialmente crianças) da França para a Espanha. Pode ter a certeza de que os alemães não gostavam dele.

- René tinha informações para o seu amigo Lassalle? - Juan continuava de sobrolho franzido. - E você ajuda-o?

Sorri e disse que sim com a cabeça. Percebi que ele começava a compreender.

- Então Edmundo é uma... espécie... de...

- Associado de negócios - sorri muito afectuosamente. Estava afinal a revelar o meu disfarce e o de Edmundo também.

Mas não podia fazer outra coisa para conseguir o auxílio de Juanito.

- Então ele não É meu rival?

- Claro que não. Você tem de me ajudar, Juanito. É a única pessoa em quem confio. Compreende que o meu país está em guerra e que eu devo fazer tudo quanto puder para o ajudar... como você fez quando o seu esteve em guerra também.

Juanito pousou-me uma mão num braço.

- Com certeza. Farei tudo quanto puder para a ajudar.

- Poderá encontrar um cigano que seja

capaz de guardar segredo, que tivesse conhecido René Blum e as casas de flamenco que ele frequentava? Será capaz de arranjar alguém nessas condições que queira trabalhar para nós?

Juan abanou a cabeça uns momentos.

- Não, não creio... - Depois o seu rosto iluminou-se. - Talvez conheça exatamente a pessoa indicada. Um amigo meu que odeia os alemães, o que o torna de inteira confiança para este trabalho. A filha dele foi violada por um alemão há algumas semanas, e ele está decidido a vingar-se. No mundo dos ciganos isso significa que nenhum cigano casará com a filha dele. - Falava agora com mais entusiasmo. - Claro, José Heredia é o nosso homem.

- Posso confiar nele, inteiramente?

- Não pode haver ninguém mais perfeito para essa delicada missão. E conheço-o desde sempre. Vivia perto de nós, em Triana, e foi ele que me ensinou a arte de tourear. É a única pessoa em quem confiaria para fazer esse importante trabalho para si. Lembre-se: os seus problemas são os meus problemas, Aline.

Belmonte aparecia nas arenas quase todos os dias desse mês.

- Valência, Palma de Maiorca, Alicante e na província nortenha de Guipézcoa. Só no fim de Maio É que teve tempo de me apresentar a José Heredia.

Estacionando o seu Bugatti descapotável na estrada que fica a meia hora de distância, a sudoeste de Madrid, Juanito apontou para os vastos campos atapetados de papoilas vermelhas.

Ao longe via-se um acampamento cigano, com as suas carroças cobertas de lona e tendas improvisadas, obscurecidas em parte pelo fumo das fogueiras acesas ao ar livre.

- Estes ciganos vivem como nómadas, em tendas, viajando de país para país, vendendo e comprando cavalos. As mulheres são tão orgulhosas e altivas como os homens e trabalham mais. E, creia, são tão hábeis como eles a manejar uma faca.

Pode apostar que todas as mulheres usam uma faca, geralmente escondida nas ligas das meias. As ciganas são tão hábeis em roubar (embora algumas o não façam) que os

camponeses e os agricultores fecham as galinhas e os burros logo que vêem uma. Em contrapartida, podem ser os amigos mais leais, mais dedicados.

No acampamento viam-se inúmeros homens com velhas calças de bombazina e camisas de algodão de cores alegres. As mulheres usavam compridas saias rodadas, coloridas. Vi também um número incontável de crianças barulhentas, cavalos, burros e porcos.

Logo que aparecemos, Belmonte foi rodeado. Depois apareceu um homem que se dirigiu para ele - e eu percebi imediatamente que se tratava de José Heredia. Tinha um rosto marcado pelas intempéries e no entanto era bem-parecido, com um largo sorriso e cabelo preto, que começava a tornar-se grisalho. Juanito abraçou o cigano e deu-lhe umas palmadas nas costas, como se não se vissem há anos. Depois apresentou-me.

Seguimos José até uma cabana e sentámo-nos em bancos com três pés. José esperou que Belmonte explicasse os motivos da nossa visita.

- Preciso da sua ajuda, José. Gostava que

fizesse algo para esta minha amiga, mas considere isso como um favor pessoal feito a mim. é importante, secreto e possivelmente perigoso.

Algo mesmo apropriado para si, hen, José? - E Juan sorriu afectuosamente.

Continuando a olhar-nos, José esperava.

- A minha amiga procura alguém que ela julga ter sido morto por um alemão.

Observei a reacção de José. Ele nem pestanejou. Expliquei-lhe então só aquilo que ele precisava de saber a respeito do desaparecimento de René Blum e falei-lhe do engradado com o piano que se encontrava em Málaga.

- O que é que acha? - perguntou Juan a José.

O cigano tinha uma voz rouca, como se tivesse cantado muitas canções de flamenco na noite anterior - ou talvez fosse um grande fumador.

- Isso é como uma segunda hipótese de eu voltar à arena.

Estou pronto, Don Juan. Sabe o que penso dos alemães.

Quando começo?

- Imediatamente - respondi. Em seguida perguntei: - O que é que quer dizer com o voltar de novo à arena?

Belmonte ia começar a responder por ele, mas José disse:

- Como Don Juan lhe contará, eu não era um mau novilheiro e esperava vir a ser um matador. Mas fui ferido por um touro em Cáceres e... decidi não voltar à arena. Às vezes lamento a minha decisão. Agora tenho outra oportunidade. Isto satisfaz a senhorita?

Sem saber bem que responder, limitei-me a dizer que sim com a cabeça. Só depois de termos saído do acampamento dos ciganos É que perguntei a Juan o que Heredia quisera dizer.

- José é muito modesto. Foi comparado aos grandes toureiros ciganos, como El Albaicín e Gitanillo de Triana - toda a gente pensava que ele ia ter um futuro espectacular. Mas depois de Cáceres José começou a ter medo. Sucede a muitos.

O verdadeiro teste do toureiro É o seu primeiro ferimento devido a uma cornada.

- Isso já lhe sucedeu, Juan?

Ele suspirou.

- Oh, sim, muitas vezes.

- Como é que não tem medo? - íamos a caminho do carro.

- Sinto-me mortalmente assustado sempre que entro na arena, Aline.

O infindável oscilar das papoilas vermelhas parecia inclinar-se para concordar com ele.

Seguindo através dos campos, ia observando as costas do orgulhoso toureiro que avançava na minha frente - e subitamente lembrei-me de Pierre. Como estes dois homens eram diferentes!

Capítulo 22

No dia 4 de Junho chegou a notícia de que as nossas tropas tinham finalmente tomado Roma. No dia 6 de Junho, o tão esperado Dia D começou.

Esperávamos que a invasão no Sul de França ocorresse cerca de uma semana depois, mas as nossas tropas foram detidas por combates na Normandia. Não se sabia quanto teríamos de esperar pela Operação Anvil. A invasão da Normandia surpreendera o Eixo e grande parte do mundo pelo local inesperado e pela sua colossal escala - um marco na história militar. Ninguém tinha dúvidas de que os nossos rapazes venceriam, mas os alemães resistiam e as baixas de ambos os lados eram enormes. Todos nós esperávamos que o nosso trabalho em Madrid pudesse ajudar a evitar o mesmo quando a Operação Anvil tivesse lugar. Era mantido completo segredo acerca do local do desembarque da Operação

Anvil. No escritório fazíamos apostas sobre o local onde ele poderia vir a dar-se.

Alguns apostavam que seria na fronteira entre a França e a Itália, outros que seria na área de Marselha.

Cerca de uma semana mais tarde chegou outra boa notícia.

Um telegrama de Jupiter para Mozart. Jeff, que começara a decifrá-lo, entregou-me o papel.

- Isto diz-lhe respeito, Aline. é do grande chefe em Washington. Deve ser importante.

Descodificando as letras, li:

ENVIO PIERRE MISSÃO ESPECIAL
PARA MADRID STOP USE TIGER COMO
CONTACTO STOP

Era a melhor notícia desde que soubéramos do desembarque Overlord. Só saber que Pierre estaria perto de mim aliviava-me. Quando levei o telegrama a Mozart ele mostrou-se, como sempre, pouco comunicativo.

- Teremos de arranjar maneira de você encontrar Pierre publicamente. Algo como fizemos com Top Hat. Dir-lhe-ei depois o que se deve fazer.

Quando voltei ao meu escritório o telefone tocou.

- Aline, pode vir ter comigo ao Prado? É muito urgente.

Agora que já nada me surpreendia, pude responder calmamente:

- Sim, príncipe Lilienthal. Com certeza.

- Bom. Estarei junto da entrada, na porta que dá para as traseiras do Ritz.

Antes de sair passei pelo escritório de Mozart para o informar do meu invulgar encontro.

- Tenha cuidado com esse tipo e conte-me o que ele lhe disser.

Tinha visitado o Prado várias vezes durante os últimos meses, mas ele nunca deixava de me assombrar - um dos maiores museus do mundo, contendo tesouros da arte ocidental. Ninguém parecia seguir-me quando subi as escadas que davam acesso ao museu. Não corria riscos e servira-me de todos os truques aprendidos durante o meu treino para despistar quem quer que fosse que eu vira ao sair da residência do embaixador. Lilienthal esperava-me e começámos a caminhar pelo largo corredor central, voltando depois à esquerda, numa sala dedicada a El Greco. Era óbvio que

Lilienthal não tinha qualquer intenção de admirar as famosas obras-primas nas suas imensas molduras douradas.

Passados uns momentos, Lilienthal disse:

- Carola não faz ideia de eu lhe ter pedido para vir aqui... nem qualquer outra pessoa, claro. Gostaria que as coisas ficassem assim. Posso confiar em si, Aline?

- Claro que sim. - Continuámos a andar pela sala deserta. Eu tinha a carteira com a minha Beretta debaixo do braço. Até um museu podia ser considerado, pelo meu perseguidor desconhecido, um local apropriado para me matar.

- Bem, digo-lhe que de um modo geral sempre me considereei um bom alemão. Digo isto porque em várias alturas da História as minhas terras e as terras dos meus antepassados foram ocupadas pelo inimigo. Quando Hitler subiu ao poder, em 1933, parecia que ia fazer grandes coisas pelo país. Depois mudou. Senti-me alarmado, mas publicamente adoptei a atitude de esperar para ver, como o fizeram muitos dos meus amigos. Em breve se tornou evident,e aquilo

que nos esperava, embora eu continuasse a dar a Hitler o benefício da dúvida.

Afinal, a Alemanha estava num caos e eu tinha de admitir que era necessária muita tenacidade para juntar as peças do puzzle. Espero não a estar a aborrecer, Aline.

- A aborrecer-me? De maneira nenhuma. Faça o favor de prosseguir. Eu sou uma boa ouvinte.

- Sim. Mimosa disse-me isso. A última vez que a vi viva.

Naquele sábado, no El Morisco. Bem, como ia dizendo, Hitler parecia ser o homem capaz de trazer a Alemanha para o século vinte e de fazer dela uma grande potência mundial. Não há dúvidas a esse respeito, seja o que for que venha a suceder.

É difícil não nos deixarmos arrastar pelos acontecimentos, sabe? E é claro que toda a gente pensou: “Talvez ele me deixe em paz!” Eu pensei isso antes de algumas das minhas propriedades e empresas passarem a ser controladas pelos nazis. Depois vi Hitler enlouquecer com o poder. Felizmente a minha mulher É espanhola e nós temos vivido quase sempre aqui.

Quase todos os meus filhos aqui nasceram. Mas os meus negócios estão todos na Europa Central. Hoje em dia, tudo se encontra nas mãos dos nazis. Não tenho nada em meu nome.

Mas isso não tem importância. Pelo menos a minha mulher e os meus filhos estão em segurança.

Devia acreditar nele? Não podia imaginar que o corado príncipe fosse um tão bom actor. Mas a verdade É que também não podia imaginar que aquele homem robusto, distinto e elegantemente vestido não tivesse dinheiro. Porque estaria a contar-me tudo aquilo?

- Vou agora surpreendê-la ainda mais. Se fosse só pelo dinheiro, provavelmente não faria o que estou prestes a fazer.

Posso viver sem o meu dinheiro. Não gosto, mas posso. A minha mulher tem o suficiente para vivermos como vivemos aqui em Espanha. O meu orgulho pode ser ferido, mas a minha consciência sobreviverá. Por outras palavras, Aline, não é o dinheiro que motiva as minhas acções neste momento. é precisamente a minha consciência.

- O que quer dizer?

- Ultimamente, a Gestapo em Madrid tem feito muita pressão sobre mim. Querem que eu os deixe instalar uma estação de rádio no El Morisco, com a qual poderão receber informações dos agentes alemães do Sul da França. - A observação fez-me lembrar que, visto eu não ter voltado a ser convidada para El Morisco, não pudera prosseguir as minhas investigações a respeito do transmissor. Estaria ele a dizer-me a verdade?

Lilienthal continuou: - Com essa estação eles poderiam também interceptar comunicações transmitidas para Madrid e poderiam comunicar directamente com Berlim. Por isso É que o jovem Weiderstock se encontrava em El Morisco nesse fim-de-semana, para me falar do assunto. Claro que eu sei que ele apenas faz recados e que o padrinho dele se encontra em dificuldades em Berlim. Quando lhe disse que não, partiu muito aborrecido.

Eu ouvia-o, não me atrevendo a dizer uma só palavra.

O príncipe fez-me parar - estávamos no meio da sala.

- Creio que não aguento mais.

- O que é que quer dizer?

- Até agora, o horror do sistema comunista na Rússia, dominando a Europa Central com os seus banhos de sangue e o seu terror, impediu-me de ajudar os aliados. Mas hoje em dia Hitler tornou-se um louco e destruir-nos-á. - Parou, como se pensasse no que iria dizer a seguir. - Ontem foi-me transmitida uma informação de tal modo importante para o êxito dos aliados que a minha consciência me obriga a dar parte dela, sejam quais forem as consequências. Foi por isso que lhe pedi que se encontrasse aqui comigo.

- Porque é que me diz isso a mim, príncipe Lilienthal, em vez de falar com alguém mais importante?

Ele escolheu cuidadosamente as palavras.

- Eu estou na lista negra dos americanos. Não conheço americanos. Se me vissem a conversar com alguma alta personalidade americana, podia acabar como a nossa amiga Mimosa. Além disso, os alemães exerceriam represálias sobre parentes meus que se

encontram sob o domínio do Reich. Você é a única americana com quem eu posso falar sem levantar suspeitas por parte dos alemães.

- Sorriu por um segundo. - Conhece o embaixador americano em Paris?

- Não. Ou melhor, sim. Já o encontrei, mas não tenho contactos com ele.

- Não importa. Para si É simples falar com ele. Gostaria que lhe transmitisse uma mensagem muito delicada. Não fale dela a mais ninguém. Compreende? - Disse que sim com a cabeça. Os olhos dele estavam fixos em mim. - Não percebe?

Ninguém suspeitará que você seja a mensageira de importantes informações secretas. Você está totalmente acima de qualquer suspeita.

Estaria ele a tentar dizer-me que sabia que eu estava envolvida nos serviços secretos? Continuava a pensar que ele desconfiava de mim desde que eu saltara da janela do escritório dele.

Respondi o mais calmamente que pude:

- Farei tudo o que me for possível. Qual É a mensagem?

- Um parente meu, um membro da

família real italiana que trabalha no gabinete do general Karl Wolff, o chefe da Gestapo na Itália, ouviu uma conversa telefónica entre Wolff e Himmler.

O príncipe olhou-me. Depois observou a sala para ver se ninguém se encontrava por perto. Os rostos compridos e magros das pinturas de El Greco, os olhos escuros e tristes, pareciam também fitar-me como se estivessem à espera das transcendentais informações do príncipe.

Quando por fim começou a falar, Lilienthal olhou-me fixamente, falou lentamente, pronunciando bem cada palavra, com o seu inglês perfeito, mas onde era evidente um forte sotaque alemão.

- Himmler informou claramente Wolff que tem um agente da Gestapo a trabalhar no interior (repito, no interior) dos serviços secretos americanos em Espanha.

As palavras dele foram para mim como um choque eléctrico. Tentei ocultar a minha reacção. Não deveria evidenciar qualquer reacção para além de um pequeno olhar de surpresa.

O pavor gélido que me estava a penetrar

devia permanecer totalmente oculto. Mas a notícia era de arrepiar!

- Gostaria que eu repetisse a mensagem?

- perguntou Lilienthal.

- Não, obrigada. é bastante simples. Agradeço-lhe a confiança que depositou em mim e transmitirei a mensagem ao embaixador o mais depressa possível.

Estava a pensar - aquilo significava que o agente especial de Himmler podia ser um do nosso próprio grupo. Talvez mesmo Edmundo - ou até Mozart.

Quase tropecei ao sair do museu, confusa, assustada, tentando calcular as implicações do que acabara de saber. Se a mensagem era verdadeira, qualquer colega meu poderia ser o agente culpado. Não só os quatro suspeitos da minha lista eram perigosos, mas um dos do meu próprio grupo podia ser um traidor. éramos tão poucos... Jeff Walters, Larrí Mellon, os outros que trabalhavam no escritório. Oh, e se fosse Mozart! Ou Edmundo!

Subitamente senti-me sozinha, encurralada. Sem a autorização de Mozart eu nada podia fazer. Ele seria o agente ideal para

Himmler colocar dentro do nosso grupo. Era ele, afinal, quem conhecia todas as operações, todos os relatórios dos agentes e subagentes. Mas eu sabia também que Edmundo era pouco escrupuloso. A única consolação era dentro em breve ir entrar em contacto com Pierre.

Quando cheguei ao escritório, Mozart tinha saído e só devia voltar no dia seguinte. Isto deu-me tempo para decidir o que havia de fazer.

A tarde foi uma verdadeira provação. Jeff reparou nisso.

- Que tem, Aline? - perguntou. - Você parece que acabou de perder o seu último amigo.

- Talvez. - Observei-o pela primeira vez com desconfiança. Para onde ia ele quando saía do escritório?

Mostrava-se estranhamente misterioso a respeito do que fazia, no entanto fazia-me sempre perguntas acerca das minhas actividades.

Oh, aquilo era impossível. Suspeitava de toda a gente. Havia apenas uma pessoa a quem eu poderia transmitir a mensagem de

Lilienthal: Jupiter. Mas esse encontrava-se longe, em Washington.

Visto estar de serviço na sala de códigos nessa noite, apareci ao portão à meia-noite, como costumava fazer muitas vezes para decifrar uma mensagem altamente secreta, diferente das outras por requerer acção imediata e transmissão ao chefe.

Um guarda sonolento abriu-me a porta.

- Está alguém a trabalhar aqui esta noite? - perguntei.

- Não está lá ninguém, senhorita. Os seus compatriotas estão ainda a celebrar a invasão. Parecem muito satisfeitos.

Eu quase esquecera o Dia D. O facto de esperar por ele tanto tempo e as pressões a que estava a ser sujeita fizera com que me tivesse praticamente esquecido dele.

Quando cheguei à sala de código comecei a trabalhar com rapidez. Podia aparecer alguém a qualquer momento. Ronnia ia às vezes ali, durante a noite, para escutar uma das nossas estações de rádio em França.

DE TIGER PARA JUPITER STOP
LILIENTHAL INFORMOU-ME HOJE QUE

UMA FONTE LIGADA À FAMÍLIA REAL
ITALIANA TRABALHANDO NO
GABINETE DA GESTAPO ITÁLIA OUVIU
CONVERSA TELEFÔNICA ENTRE
GENERAL WOLFF E HIMMLER
INDICANDO HIMMLER TEM AGENTE A
TRABALHAR NO INTERIOR REPITO
INTERIOR SERVIÇOS SECRETO
AMERICANOS ESPANHA STOP
ACONSELHE SE DEVO COMUNICAR ISTO
A MOZART STOP TIGER PARA JUPITER

Peguei no telefone e, como era costume,
transmiti a mensagem em código por
intermédio do serviço telegráfico espanhol.

Não havia outro modo de fazer a
mensagem chegar às mãos de Jupiter, visto
que o Governo espanhol só autorizava que
certos telefones transmitissem mensagens em
código para fora do país.

Saindo do jardim para a rua, comecei a
caminhar rapidamente em direcção ao meu
apartamento, gozando o ar fresco da noite.

Gradualmente, fui-me apercebendo de
passos atrás de mim.

Continuei com o mesmo andamento e
voltei a cabeça, mas não consegui ver

ninguém à fraca claridade da luz de gás dos candeeiros da rua. Talvez fosse o sereno a fazer as suas rondas; Talvez não. Pus a mão sobre o pequeno revólver que tinha na mala.

Voltei da Calle Fortuní para a Calle Marqués de Riscal e ouvi o mesmo ruído suave de pés. Dessa vez vi um vulto a uns cinquenta metros de distância. Comecei a andar mais depressa e a pessoa que me seguia apressou o passo também. Felizmente que calçava umas sandálias sem salto e a minha saia era larga. Corri até à minha porta e não a abri, pois não havia tempo para tirar a chave, e enfiei-me por entre as grades de ferro. Uma vez na escada, corri para o meu apartamento, no segundo andar, fechei a porta à chave e dirigi-me à janela para espreitar para a rua. Vi ainda o vulto de um homem a dirigir-se para a esquina seguinte, onde desapareceu, no escuro.

Pensei quanto tempo demoraria a receber resposta ao meu telegrama. Não havia tempo a perder. A Operação Anvil poderia começar a qualquer momento. Heredia entraria em contacto comigo em breve e Pierre também. Se a indicação de

Lilienthal era correcta, não só todos nós estávamos em perigo, mas o desembarque no Sul de França, que envolveria milhares de americanos, poderia ser um desastre.

No dia seguinte, a voz do cigano que me falou ao telefone foi difícil de ouvir. Não só havia ruídos na linha como também no sítio de onde ele falava.

- Senhorita, completei o trabalho que me deu.

- Descobriu o engradado do piano? - perguntei.

- Sim, senhorita, mas É uma história complicada.

- Don René estava lá?

- Preciso de falar com a senhorita. Não posso ir a sua casa.

Poderá vir ao teatro?

- Ao teatro? - Julguei ter percebido mal.

- Sim, senhorita, o Teatro Maravillas, onde a minha filha trabalha.

Não sabia que a filha dele trabalhava num teatro, mas sabia que com aquela ligação nunca conseguiria entender coisa alguma.

- Muito bem, mas terá de ser já.

- Muito bem, senhorita. O melhor É

comprar um bilhete e sentar-se na última fila da plateia, para podermos conversar sem sermos observados.

- Esteja preparado, José. Vou já para aí.

Os teatros de Madrid dão dois espectáculos diários: uma matinée às 19 horas e outro espectáculo às 23. Eram já 19 e 30 e eu ia à recepção da Embaixada da Roménia às 21 horas.

Telefonei a Edmundo e disse-lhe que fosse ter comigo à última fila da plateia do Teatro Maravillas. Quer se descobrisse que ele era um agente duplo ou não, a verdade é que René fora seu subagente. Ao lado de José Heredia e com o meu revólver a postos, calculava que estaria protegida.

O antigo teatro da Calle Malasana estava quase vazio. Fiquei parada na escuridão, por segundos, antes de conseguir distinguir o vulto de Edmundo a meio da última fila. Sentei-me ao lado dele e inclinei-me para falar. Ele levou um dedo aos lábios para me pedir silêncio.

- Ouça esta canção. é a minha preferida de todas as zarzuelas espanholas.

A última coisa que me interessava

naquele momento era uma canção, mas não podia deixar de a ouvir. No meio do palco, um homem, a cantar, caminhava lentamente ao lado de duas raparigas vestidas com compridos vestidos com pintas e, lenço branco na cabeça. Apesar do meu estado de agitação, fui logo cativada pela melodia. "Una morena í una rubia , repetia o cantor, olhando primeiro para uma rapariga e depois para outra. Quando a canção terminou, por entre os calorosos aplausos da assistência, Heredia apareceu ao meu lado. Apresentei-o a Edmundo e perguntei:

- Então que descobriu, José?

- Encontrei o engradado número cinco mil setecentos e oitenta e oito, senhorita.

- Descobriu o corpo de Blum? - perguntei com o pulso a bater aceleradamente.

José fez uma pausa, hesitante.

- Não.

Soltei um suspiro de alívio.

- Descobri dois corpos.

- O quê?

- Encontrei lá dois corpos. Um homem e uma mulher. Mas nenhum era Don RenÉ

Blum.

Até Edmundo ficou sem saber o que dizer.

- O homem vestia um uniforme alemão, mas não tinha identificação - continuou.

- Que fez você, José?

O cigano teve um sorriso fino. Os seus dentes brilharam apesar da obscuridade.

- Bem, vi a morada de onde o piano viera, escrita num dos lados do engradado. Dizia: “Embaixada alemã, Castellana, Madrid”. A autoridade do cais ficou-me grata por eu ter descoberto os corpos que iam ser enviados para fora do país e concordou em que eles deviam ser remetidos para o sítio de onde tinham vindo, depois de as autoridades serem notificadas.

Edmundo deu-lhe uma palmada nas costas.

- Bravo, José!

Pensei se o monóculo de Lazaar sairia do seu lugar quando ele soubesse da remessa.

- José, agiu brilhantemente - disse eu, felicitando-o. - Está disposto a continuar a ajudar-nos?

- Sim, senhorita. Certamente que sim.

- Conhece o Villa Rosa?

- Ninguém o conhece melhor do que eu.

- Pode saber quando É que René foi aí visto pela última vez e com quem? é urgente sabermos quem o matou e como fizeram desaparecer o seu corpo.

- Senhorita, irei a todos os cafés que o senhor Blum frequentava. Conheço-os bem. Quero ajudá-los, por razões particulares. A propósito, a rapariga que está agora no palco, a magra e morena, É minha filha.

Paramos de falar para olhar para a bonita rapariga cigana que dançava ao som do flamenco. Não admirava que José Heredia quisesse encontrar o homem que atacara uma rapariga tão bonita e tão jovem.

Capítulo 23

- O que É que o seu amigo Lilienthal tinha para lhe dizer, Tiger?

Olhava agora para Mozart de uma nova maneira – como um suspeito. Nunca tinha pensado que chegaria o dia em que eu teria de lhe mentir.

- Um falso alarme. Parece que Carola ficou muito desanimada por Constantin von Weiderstock ter partido de Madrid tão subitamente. Lilienthal pensa que eu tenho grande influência sobre a filha e pediu-me para eu desencorajar o interesse dela pelo rapaz.

Mozart resmungou alguma coisa, e tossiu. Teria detectado a mentira na minha resposta?

Levantou-se e foi até à janela, erguendo a persiana para espreitar para baixo.

- Sabem alguma coisa a respeito de RenÉ Blum e do seu piano?

Contei-lhe aquilo que o cigano nos dissera na noite anterior.

Na sua presença, sentia mais do que

nunca que poderia ser Mozart o traidor. O meu desconforto devia ser demasiado óbvio porque Mozart disse:

- Você parece inusitadamente calada. Onde está o seu entusiasmo? As informações que me deu agora são importantes.

Podem causar muitas dificuldades aos alemães. é exatamente aquilo que desejamos. Está cansada?

- Não, não estou, obrigada. Deve ser do calor invulgar que faz hoje.

- Provavelmente. A propósito, vai haver um baile no clube Puerta de Hierro no dia 23. Seria bom se conseguisse ser convidada para lá ir. - Quando eu já ia a sair da sala, acrescentou:

- Fique com a tarde livre, Tiger, e descontrai-se.

Resolvi aproveitar a sugestão de Mozart e ir comprar algumas roupas. Desde o relatório de Pilar sobre Gloria von Firstenberg que eu tinha vontade de visitar a loja de Ana de Pombo. Se a condessa comprava ali os vestidos dela, a colecção tinha de ser a melhor da cidade.

O céu tinha o seu habitual tom azul

profundo, a aragem fazia agitar os ramos das árvores da Castellana. A fachada do número 14 da Calle Hermosilla não era muito diferente da de Hattie Carnegie, excepto em relação à larga entrada para carruagens no centro do edifício, franqueada por dois lances de escadas de mármore. Outra excepção era a criada pobremente vestida que me mandou entrar. Portas arqueadas davam para um vasto salão mobilado de uma forma excêntrica - peças de Luís XVI misturadas com art deco - e, com grande surpresa minha, vi que me encontrava completamente só naquele ambiente silencioso.

Passados alguns minutos, apareceu a mulher de cabelo frisado cor de laranja que eu vira na tourada. Vista de perto, Ana de Pombo parecia mais velha e não era fácil imaginá-la a dançar o flamenco ou a ter um amante jovem.

- Deseja alguma coisa? - perguntou ela num inglês perfeito, que me fez perceber que ela sabia quem eu era.

- Sim. Queria comprar alguns vestidos. Cheguei demasiado tarde? Ou cedo de mais? - Ela não me convidou a sentar.

- Sim... oh... sim. - Ficámos diante uma da outra, embaraçadas. - Com certeza. Só um momento.

Indicando-me um sofá de veludo azul, Ana de Pombo pediu licença por uns momentos. Olhei-me nas paredes de espelho.

Depois olhei para a janela que dava para uma varanda, admirei os enfeites do tecto alto. Finalmente, a estranha modista voltou a aparecer, trazendo consigo uma pilha de desenhos.

- Já nada resta da minha colecção. Tenho apenas esboços.

Deseja vê-los?

Examinei todos os desenhos - que não se assemelhavam nada aos vestidos que Gloria usava - e o meu espanto aumentou. Os figurinos pareciam ser pelo menos de dois anos antes.

- Talvez devesse ir à casa de Pedro Rodríguez ou de Flora Villareal - disse-me ela. - Eles têm algumas coisas que estou certa lhe poderão agradar. - Ana de Pombo forçou-se a sorrir.

- Não. Gosto destes modelos. Não me importo de encomendar sem os ver prontos.

Posso ver alguns tecidos?

Outro silêncio embaraçoso. Ouvia-se apenas o ruído abafado da Calle Hermosilla. Além de me parecer excêntrica, Ana de Pombo parecia-me também astuta.

- Só um instante, por favor - respondeu.

Esperei mais um bocado, mas quando a porta se abriu não foi Ana de Pombo que entrou.

- Oh, Aline! Ana disse-me que estava aqui. Que bela surpresa! - A condessa Von Firstenberg avançava para mim. - Como é que descobriu esta casa? Julgava tê-la só para mim.

É o meu segredo, sabe? Ana veste-me a mim e poucas mais.

Como soube?

- Não me recordo exactamente. Creio que foi uma das Avilas.

- Sim? Que estranho. Não pensei que as vilas se vestissem aqui. - Gloria sentou-se a meu lado. - Vim provar o vestido que hei-de levar ao jantar do clube Puerta de Hierro. Você vai?

- Que eu saiba não. Gostaria de ver o seu vestido.

- Prefiro fazer-lhe uma surpresa com ele. Você certamente será convidada. Vai lá estar toda a gente.

- Estou à espera de ver alguns tecidos.

- Ana é estranha, uma verdadeira boêmia. Desenha as suas ideias, discute-as com o cliente, e só então encomenda os materiais. Não há outro desenhador como ela. Tem um gosto impecável. é terrivelmente cara. Seria melhor para si ir a outro lado qualquer. Ana leva um tempo imenso para acabar qualquer coisa.

Os grandes e belos olhos de Gloria olhavam-me intensamente, como que para ver a minha reacção.

Gostaria de lhe fazer algumas perguntas, mas, em vez disso, levantei-me e disse:

- Tem razão. Sou uma rapariga que trabalha e não tenho tempo para esperar. - Mas tencionava fazer com que Pilar mandasse vigiar o estabelecimento de Ana vinte e quatro horas por dia. Pois se não descobrira nada mais, fizera pelo menos uma descoberta peculiar: Ana de Pombo não dirigia nenhum salão de alta costura. O salão

dela era falso.

Pilar não apareceu na minha casa para a “lição na semana seguinte”. Precisava de vê-la, não só porque as suas informações sobre a condessa seriam, a partir de agora, mais preciosas do que nunca, mas também porque queria pedir-lhe que pusesse uma mulher a trabalhar no falso salão. Finalmente, cada vez mais preocupada, perguntei a Dona Antonia se sabia alguma coisa sobre Pilar. A portera disse-me que não, mas que tentaria saber.

No dia seguinte, quando regressava do trabalho, Dona Antonia estava como sempre sentada numa cadeira junto da escada.

- Adivinhe onde está a sua amiga - disse com um encolher de ombros desdenhoso.

- Onde?

- Na prisão. Malditos fascistas

- Mas por quê? - perguntei, tentando não revelar o meu pânico.

- Diabos me levem se eu o sei. Desculpe, senhorita, mas só me apetecia apertar-lhes o pescoço.

Quando cheguei ao meu apartamento pus-me a pensar nas implicações da notícia

que soubera, que eram terríveis. Peguei no telefone e liguei para um homem que conhecera com Juanito, Paco Aílagas, o chefe das prisões. Expliquei-lhe que uma mulher que me dava lições de espanhol estava presa por razões que eu desconhecia e que gostaria de a ajudar a ser posta em liberdade. Afirmei-lhe que ela me parecia boa pessoa e honesta. Ele disse-me que iria ver e que teria muito gosto em me fazer um favor.

A espera foi angustiante. Quantas das nossas mulheres teriam sido apanhadas também? Avisei Mozart e fiquei sentada junto do telefone durante vinte e quatro horas. Aílagas telefonou finalmente. Parecia preocupado.

- Sabe por que motivo está Pilar presa, Aline?

Fingi despreocupação.

- Não. É grave?

- Se É grave? Não podia ser pior. Não posso libertá-la de maneira nenhuma.

- Mas que fez ela? - Tentei não me mostrar demasiado alarmada.

- Você nem vai acreditar. - Aílagas parecia assombrado.

- Ela É a dirigente das mulheres do Partido Comunista de Espanha.

Senti um imenso alívio, que tentei não revelar na minha voz.

- Mas não pode libertá-la, mesmo assim?
Ele riu.

- Aline, vocês, americanos, são na verdade estranhos. Se essa mulher fosse apenas uma comunista qualquer talvez eu lhe pudesse fazer esse favor. Mas você certamente ainda não compreendeu que ela É uma séria inimiga política do Governo.

Recebe ordens de Moscovo. Moscovo! Não sabe que os soviéticos estão neste momento a trabalhar também contra os americanos, embora sejam vossos aliados? Os serviços secretos soviéticos infiltraram-se em todos os governos democráticos da Europa. Pilar É tanto uma inimiga da América como o é da Espanha. Surpreende-me bastante que lhe tenha dado emprego. - Aílagas falava com voz natural, sem fazer qualquer insinuação.

- Bem, eu não fazia ideia nenhuma, Paco. Pilar nunca falou das suas ideias políticas comigo.

- Bem. Sugiro-lhe que encontre uma

professora mais apropriada. Uma que não esteja a conspirar para derrubar o Governo. Lamento não a poder ajudar.

Assim que desliguei pensei no que devia fazer a seguir.

Teria de criar uma nova cadeia. Liguei para José Heredia. Encontrámo-nos na Puerta del Sol como que por acaso, no meio do trânsito do meio-dia. Ao atravessarmos a rua ao lado um do outro, expliquei-lhe o que se esperava dele e pedi-lhe para começar a seguir Lazaar e Gloria Firstenberg. Apesar de não ter conseguido falar com Edmundo, disse-lhe que o contactasse quando não conseguisse comunicar comigo. Em poucos minutos ele percebeu o que se pretendia e cada um de nós seguiu o seu caminho. Depois de ter comprado meias e bugigangas corri para o escritório.

Como se as minhas preocupações a respeito de Pilar não fossem suficientes, passou-se uma semana sem que a Operação Anvil se desencadeasse e Pierre não apareceu em Madrid.

Continuava a ser seguida e sentia-me nervosa. Os avisos diários de Angustias não

ajudavam nada.

- Essa tal Marta, vinda de França, não estava nada doente quando foi para a cama naquela noite. Cecilia alimentou-a com o melhor que Madrid pode oferecer. Comeu mais que três homens. Não estava doente. A senhorita está a esconder-me alguma coisa, mas deve ter cuidado. Cecilia e eu costumamos ver um homem à esquina da rua a olhar para este prédio.

Quem mais aqui seria suficientemente importante para ser vigiado? Não é certamente o marido bêbado de Antonia, nem a família do primeiro andar.

Como Mozart esperara e Gloria previra, Casilda convidou-me para a festa.

- É a última festa da época, Aline, antes de toda a gente ir para o Norte passar o Verão. Tem de ir ao baile de São João em Puerta de Hierro, amanhã. Carola, as minhas irmãs, Luis, que você conheceu no El Morisco, todos vão. - Casilda estava entusiasmada. - Que tem mais para fazer? O seu amigo toureiro estará a tourear em Granada e você não aparece em nenhuma das nossas festas há duas semanas.

O convite dela encantou-me. Infelizmente, Mozart acabara de partir para Lisboa e só regressaria na noite seguinte, tarde de mais para me dizer o que queria que eu fizesse no baile. Mas eu sentia-me cansada de esperar que Pierre aparecesse, que a Operação Anvil se realizasse, que Heredia me desse notícias acerca do infeliz RenÉ Blum, e sentia-me ansiosa por me divertir um pouco.

- Obrigada, Casilda. Terei muito gosto em ir. Porque é que não vêm primeiro a minha casa tomar um cocktail?

- Obrigada. Com certeza que iremos.

Alguns meses antes eu transformara uma das divisões da minha casa num pequeno bar à americana com um sabor espanhol. Bandeirilhas, cartazes com toureiros e a capa de matador de Juan, que acabara por aceitar, enfeitavam as paredes. O bar estava bem fornecido com uísque, difícil de encontrar, e com cigarros americanos, que eram quase impossíveis de obter.

O gramofone tocava Melancholí Babí, de Sinatra, quando, às 21 horas, as irmãs vilas e os seus convidados chegaram.

Carola veio com Pucho Gamazo; depois

chegaram um jovem artista português, Pedro Leitão, e Luís Quintanilla, o espanhol que eu conhecera no El Morisco. Quando Edmundo apareceu, puxou-me para a entrada, onde me ofereceu uma caixa embrulhada num papel de oferta.

- Isto é uma recordação da minha afeição especial por si, minha camarada de armas, minha protegida. Para a Divina! - murmurou.

Quando abri a caixa, vi uma camada de algodão, e sobre ele o papagaio de brilhantes e rubis que Gloria perdera em casa de René Blum. Olhei para Edmundo a pedir uma explicação.

- Não ralhe comigo. Eu devolvi-o, não devolvi? Não foi fácil. Mas afinal você merece-o, Aline. Considere isso a sua condecoração por serviços distintos.

- Andou com isto durante todo este tempo! - exclamei rindo. - Tirou-o da minha carteira! - E voltei a pensar que a personalidade de Edmundo tornaria fácil ser ele o agente duplo.

Edmundo mostrava-se radiante.

- Pense na minha posição de patrono da beleza: foi pura e simplesmente irresistível!

Tinha de ter esse objecto na minha colecção. Mas depois do Dia D decidi que o meu dever para com a minha camarada espia estava à frente da minha apreciada colecção. é com amor e gratidão que lho devolvo. Agora não falemos mais nisto, minha encantadora cúmplice.

- Edmundo, não posso ficar com isto.

- Bem, pelo menos guarde-o até poder servir-se dele para saber como foi parar ao apartamento de René Blum. Lembre-se de como meteram o nosso pobre amigo dentro daquele piano. E não minimize a importância dos meus presentes. Edmundo Lassalle é um Medici moderno, guardião de pistas para actividades de espionagem. Sou um homem do Renascimento e você é a minha Mona Lisa.

Não pude deixar de rir das observações dele.

- Está hoje muito bem-disposto, Edmundo.

- Porque não hei-de estar, minha querida? Os nossos rapazes estão a vencer na Normandia. E esta noite é a última festa da estação. Ah, Aline, que o meu epitáfio seja:

Edmundo Lassalle. A festa não terminou. Voltemos à sala, minha querida.

Todos os meus amigos pareciam estar a divertir-se, conversando animadamente e dando estalos com os dedos para marcarem o ritmo de Let's Fall in Love. Carola e as vilas começaram a dançar - parecia que a primeira já esquecera o seu entusiasmo por Weiderstock. Guardei rapidamente o alfinete na minha carteira.

Quando chegou a altura de sairmos metemo-nos todos no descapotável de Luis Quintanilla. As coisas estavam literalmente a aquecer. O calor do motor quase estragou as minhas meias de seda enquanto seguíamos pela estrada deserta a caminho do clube.

Capítulo 24

O Puerta de Hierro era um moderno chalé de tijolo, situado nos arredores da cidade e rodeado por um campo de golfe.

O seu caminho circular encontrava-se cheio de carros: alguns Rolls-Roíce antigos, Hispano-Suíços igualmente antigos, Peugeots, Citroùns, etc. Luis, a meu lado, explicava-me que não tinham sido importados carros desde 1936, ano em que começou a guerra civil. À entrada do chalé viam-se porteiros com uniformes azuis e amarelos.

A primeira pessoa que encontrei ao subir as escadas foi Gloria von Frstenberg, com Hans Lazaar.

- Oh, ainda bem que a vejo, Aline. Queria que fosse a primeira a ver o vestido que tanta curiosidade lhe despertou.

Estávamos agora em frente do bengaleiro. Gloria tirou a capa de seda vermelha que a cobria até aos pés, mostrando-me um dos mais espantosos vestidos que eu já vira e que estava bem de

acordo com a sua personalidade. O vestido, de seda pura, era branco, direito e sem ombros. Era bordado com pequenas estrelas azuis misturadas com desenhos geométricos pretos, que sugeriam - juro - pequenas suásticas. Ela era corajosa, disso nunca eu tivera dúvidas. Além disso, tinha de admirar a ironia de que ela dava mostras.

Lazaar reparou também no efeito do vestido. O seu sobrolho erguido parecia indicar o que ele pensava. Em voz alta disse:

- Um vestido elegante, Gloria. - Depois acrescentou, com um sorriso: - Além disso, você É uma mulher inteligente.

Pode ser uma vencedora com esse vestido.

- Porque não havia de sê-lo, Hans? - replicou Gloria com a sua voz ligeiramente rouca e musical. - Gosto de vencedores. Todos gostam.

Tirei também o meu agasalho e entreguei-o à rapariga do bengaleiro. Gloria recuou um passo para me observar. Soltoou uma exclamação:

- Você ultrapassou-me!

- Que quer dizer?

- Você está praticamente nua! -
Difícilmente se poderia dizer tal coisa. Eu vestia um vestido de algodão, criação de Hattie Carnegie (como de costume) da sua colecção de pronto-a-vestir para o Verão. A sua única característica invulgar era um corte triangular acima da cintura, deixando a descoberto uma pequena parte do corpo. Não o escolhera para causar choque. - Adoro esse vestido - disse Gloria. - E gosto da sua ousadia. É tão refrescante...

A sala estava cheia de gente que eu nunca vira, mas descobri de imediato, o homem que costumava estar comigo na piscina de Beistegui.

Disse-lhe adeus. Ele retribuiu o aceno e sorriu de um modo surpreendentemente amigável, pensei, lembrando-me da sua habitual circunspecção.

- Como é que conheceu Serrano-Sunher?
- perguntou Edmundo, que se encontrava a meu lado.

- Serrano-Sunher? - perguntei. - Aquele homem é Serrano-Sunher?

- O próprio.

- Bem, tenho almoçado sozinha com ele

durante as últimas oito semanas, pelo menos.

- Aline, você deve estar apaixonada. Porque não me disse que conhecia tão bem um homem tão importante?

- Não o conheço bem. Nunca nos falámos.

- Mas porque não aproveitou a vantagem de...

Interrompi-o.

- Edmundo, eu não fazia ideia de quem ele fosse. - As fotografias que Mozart tinha de Serrano-Sunher mostravam-no com um chapéu alto, cheio de plumas, e outra com o uniforme da Falange. Nenhuma delas tinha qualquer semelhança com aquele homem de cabelos grisalhos que eu costumava ver em calções de banho. - E passara eu tanto tempo a vê-lo. "Que bela espia és, Aline", pensei.

Os criados começavam já a servir o jantar. Eram cinco a servir cada mesa de vinte pessoas. Sobre as mesas viam-se candelabros de prata com velas e rosas cor de salmão a animarem as toalhas de damasco branco.

- Pela maneira como esta gente está vestida, dir-se-ia que vêm para o grande baile da condessa de Elda. - Edmundo estava

encantado e eu também. - Agora - continuou Edmundo -, se é a rapariga corajosa que eu acho que é, põe o meu presente ao peito e provoca escândalo.

- Não, Edmundo. Não posso fazer isso. Hei-de devolver o anel à sua legítima proprietária, na devida altura.

- Prometa que eu posso assistir.

Nesse momento reconheci alguém que distraiu a minha atenção de tudo o resto. Felizmente Edmundo não reparou na minha perturbação.

- Bem, bem - murmurou o meu companheiro -, parece-me que vamos ficar na mesma mesa que o Trio Traíçoeiro.

Ele viu-nos quando Edmundo me encaminhava para a mesa indicada por Casilda. Pierre fitou-me sem dar sinais de me reconhecer, depois afastou-se.

Lilienthal, Firstenberg, Lazaar, Carola e Nena, além de vários rapazes, encontravam-se já sentados quando nós chegamos. Teria Mozart arranjado maneira de Pierre me encontrar ali? Sentei-me e tentei tomar parte na conversa. Num canto, os músicos da pequena orquestra, envergando

smokings, começaram a afinar os seus instrumentos.

Nena vila apontou para Pierre.

- Olha, Casilda, aquele não É o homem atraente que encontrámos em Sevilha há dois anos?

- Sim, É verdade. Foi na festa do meu aniversário. O nome dele É Francisco qualquer coisa. Ele fez-te namoro. Lembras-te?

- Como havia de me esquecer? Ele É tão guapo!

Pode ter sido o momento mais triunfante da minha carreira no que diz respeito a autodomínio. Finalmente conhecia o seu verdadeiro nome. Francisco. Queria pedir a Casilda que me contasse mais coisas a respeito dele, mas, em vez disso, perguntei casualmente:

- De quem É que estão a falar?

- Daquele homem que acaba de entrar - respondeu Casilda. - Nena apaixonou-se por ele à primeira vista.

- É um velho amigo vosso? - perguntei.

- Nada disso. O meu pai nem gostava dele. Disse que era um caçador de dotes e um

aldrabão. Mas É bem-parecido, não é?

- Qual é a nacionalidade dele?

- Francesa. Mas fala um espanhol excelente. Olhem, vem para a nossa mesa.

Observei todos os rostos. Quem conheceria Pierre? Gloria von Firstenberg não. Quando ele se aproximou olhou-o com uma curiosidade que nada tinha de familiar. Lazaar também não. Esse pareceu nem reparar nele. Edmundo também não. Pierre estendeu a mão para Casilda.

- Olá, Francisco. Que surpresa vê-lo em Madrid! - Nena sorria-lhe.

Pierre beijou a mão às duas irmãs. Depois Casilda disse:

- Quero apresentar-lhe Aline Griffith.

Ele tocou-me na mão e murmurou algumas palavras, continuando a olhar para as outras. Depois inclinou-se sobre a cadeira de Casilda, conversando durante uns momentos.

Tentei iniciar uma conversa com alguÉm, mas ele voltou-se para mim.

- Como É que Casilda disse que você se chama?

- Aline. Aline Griffith.

- Não me esquecerei. - Em seguida convidou Casilda para dançar.

Durante a curta troca de palavras, Luis encontrava-se de pé a meu lado, esperando que eu fosse dançar com ele. Rodopiamos pela pista. Sem dúvida que o meu par era um dançarino maravilhoso, mas eu sentia-me tão perturbada com a presença de Pierre que lhe prestei pouca atenção. Este conduziu-me parajunto da mesa onde se encontrava Serrano-Sunher e outras pessoas.

- Aline, queria apresentá-la aos meus pais.

A condessa de Velaíos era uma mulher muito bonita e tão distinta como o marido. Quando a condessa viu que Serrano-Sunher já me conhecia, perguntou: - Ramón, como É que conheceu esta menina?

- Somos velhos amigos - respondeu ele, rindo.

Teria ele sabido, desde o início, com quem partilhava a piscina? Não havia tempo para o descobrir, porque Luis me levou dali, novamente para dançar. Tentei manter conversa com ele, continuando a observar Pierre.

- Os seus antepassados são espanhóis?

- Há centenas de anos. Porque pergunta?

- Você não me parece espanhol. Julgava que todos os espanhóis tivessem cabelo e olhos escuros.

- De modo algum. Como vê, na minha família somos louros.

- Desculpe-me a pergunta. Mas por que motivo o seu nome é Quintanilla e o do seu pai Velaíos?

- Quintanilla não é o meu nome, nem o do meu pai é Velaíos. Esses são os nossos títulos. O nosso nome é Figueroa.

O título do meu avô é Romanones, mas é claro que o nome dele é também Figueroa. Só uma pessoa de cada vez é que tem direito a um título. O que se segue em linha direta só o poderá usar quando o atual detentor do título morrer. Quando o meu avô morrer, o meu pai será o Romanones, porque É o mais velho. Se só houvesse raparigas, a mais velha herdaria todos os títulos. - Suspirou.

Provavelmente as minhas perguntas aborreciam-no, por isso mudei de assunto.

- Conhece o homem que chegou há pouco junto da nossa mesa?

- Só de vista. Contudo, devo avisá-la para ter cuidado com ele. Não tem boa reputação.

Cerca de uma hora mais tarde, Pierre apareceu outra vez, sentando-se num lugar vazio à nossa mesa e voltando-se ocasionalmente para mim.

- Dança?

Olhei para Nena, tentando mostrar surpresa, e segui-o para a pista de dança. Reparei que Luis nos observava atentamente. Gloria von Firstenberg parecia também olhar-nos com atenção.

No meio do salão, Pierre apertou-me mais contra si.

- Então, Tiger, finalmente podemos dançar outra vez.

- Que faz aqui? E tenha cuidado em me chamar Aline.

- Vim ter consigo para a avisar. Você corre perigo.

- De quê? De quem?

- Não conheço todas as respostas, mas tenha cuidado. Está satisfeita por me ver?

- Isto É bom de mais para ser verdade. Não pode ser real.

Enquanto dançávamos vi que toda a gente na mesa nos observava. Pierre mostrava-se imperturbável.

- Quero fazer-lhe uma pergunta. Já a queria fazer na noite em que a surpreendi em sua casa.

- De que se trata?

- Não seja tão impaciente, Tiger. Parece ser esse o seu único defeito.

Sentia-me bem, apertada nos seus braços másculos.

- Trata-se de uma simples pergunta. E contudo detém a chave para nós.

- O que é?

Ele inclinou-se mais para mim, roçando o rosto dele pelo meu.

- Confia em mim?

- Não devia confiar?

- Não está a responder à minha pergunta.

Edmundo e a princesa Ratibor passaram por nós a dançar.

Depois roçámos pelas irmãs vilas, que dançavam também.

- Como lhes hei-de explicar as suas atenções? - perguntei.

- Diga-lhes o que quiser. Diga-lhes que estou embriagado.

Não tenho muitas oportunidades de a apertar nos meus braços. - E sorriu com o seu habitual sorriso malicioso.

- Não exagere, Pierre. Nem sequer sei o seu apelido.

A música parou nesse momento e Pierre conduziu-me para o terraço. Um pequeno grupo estava reunido em torno de uma fogueira acesa no exterior, sob a luz das estrelas. Pierre explicou-me então que era aquela a maneira tradicional de festejar o São João, o santo que caminhara sobre as brasas ardentes.

Vimos um jovem par saltar a fogueira, soltando gritinhos de medo e de excitação. Pouco depois outro par saltou, soltando gritos, sobre as chamas que dançavam.

- Você não respondeu ainda à minha pergunta - disse Pierre, conduzindo-me para junto da fogueira. O cheiro da madeira queimada perfumava o ar, aquecendo-nos os rostos.

Olhei para Pierre. A pele dele parecia acobreada.

- Como É que não hei-de confiar em si, Pierre. Estivemos juntos na Quinta. Somos camaradas, afinal.

- Confie em mim! - murmurou ele apertando-me a mão.

Depois, antes de eu poder reagir, puxou-me pela mão e fez-me correr para a fogueira. Não consegui soltar-me da mão dele a tempo e então agarrei-a com mais força, para não cair. Subitamente, corri com mais rapidez do que alguma vez o fizera na minha vida. Saltando sobre as chamas, os nossos corpos descreviam uma espécie de dança, não pude deixar de gritar. Por instantes, as chamas rodearam-nos, queimando-nos as faces. Por fim, imobilizámo-nos, ofegantes, do outro lado, enquanto o grupo, que se tornava maior, aplaudia. Pierre apertou-me com força nos seus braços. Afastei-o rapidamente. Ficámos parados frente a frente, junto das chamas ardentes, com os nossos rostos dourados pela luz do braseiro.

- Ah! Você usa o anel que eu lhe dei! - exclamou Pierre, rindo.

- Uso-o sempre. Gosto dele.

- Se Mozart soubesse o que eu sinto por si, nunca teria marcado este encontro. - Tentou abraçar-me.

Afastei-o com um braço.

- Não seja ridículo, Pierre. Você acaba de me conhecer.

Lembra-se?

- Não. Neste momento não me lembro de coisa alguma. Mas se fosse a si não me voltava agora. Ali vem o nosso homem. E não se esqueça, Tiger. Trabalhamos em conjunto. Tenciono protegê-la.

Com efeito, não tinha qualquer intenção de me voltar. Continuei a olhar para as pessoas que rodeavam a fogueira. Luis observava-nos, mas quando me viu olhá-lo voltou a cara.

A calma da noite continuava a ser perturbada pelos gritos alegres dos jovens pares que saltavam as chamas azuis e amarelas, à mistura com os compassos do animado pasodoble que partiam do clube.

De súbito ouvi dizer atrás de nós, com uma voz calma, quase inexpressiva, a de Hans Lazaar:

- Olá Miss Griffith. - Depois voltou-se

para Pierre: - Como está, François? Há muito tempo que não o via.

Pierre cumprimentou-o friamente. As chamuscas crepitavam.

Lá de cima, as estrelas brilhavam com mais intensidade.

- O que o traz a Madrid? - Lazaar falava com ar frio, mas despreocupado. Percebi que ele ou não gostava de Pierre ou não o conhecia bem.

O monóculo do homem baixo e gordo iluminou-se, dando a impressão de que ele tinha uma moeda de cobre entalada na carne franzida. O fogo abrasava também o espesso cabelo de Pierre, tornando-o ainda mais atraente.

- Não vai conseguir ir para a frente com a sua traição, Lazaar. - Toda a atitude de Pierre se alterara. Os seus olhos refulgiam com a cintilação do fogo.

- A que se está a referir, meu rapaz? E que direito tem de me falar nesse tom? Mal o conheço, a não ser por uma noite em Paris, que prefiro esquecer.

- Não tenciono aceitar os seus actos de violência.

Não tinha a certeza de ter ouvido bem. A observação era inesperada para o alemão, mas ele não deixou de retorquir:

- De que está a Falar?

- Sei tudo a respeito de vocês todos - sibilou Pierre.

Lazaar permanecia imperturbável, imóvel como uma rocha.

- Você perdeu a cabeça.

- Perdi? - O mesmo sorriso perpassou pela face de Pierre.

- Fale-me da morte de Mimosa Torrejón.

Lazaar olhou fixamente para Pierre.

- Vá, fale-me.

- Você é louco furioso. De que é que está a falar?

Pierre mudou de posição.

- Sabe que ela foi assassinada. Fale-nos disso.

Lazaar respondeu, furioso:

- Se a excêntrica senhora foi assassinada, você devia ser o primeiro a estar preso, porque parece ser o único a saber disso. Tanto quanto sei, ela morreu de morte natural.

Nessa altura aproximaram-se outras

pessoas.

- Que se passa? - perguntaram.

Voltando-me, vi Gloria von Firstenberg com Niki Lilienthal e o meu amigo nadador, Serrano-Sunher.

- Tenho andado à sua procura, Hans.

Pierre afastou-me e murmurou em voz baixa:

- Agora tenho de me ir embora, mas quero levá-la a casa.

Espere-me à porta do clube, daqui a uma hora.

Disse que sim com a cabeça e ele correu para a direção oposta.

- Quer ir para dentro, Aline? - perguntou Lilienthal.

- Sim, acho que é uma boa ideia.

Começámos todos a caminhar para o chalé. Gloria deu o braço a Lazaar.

- De que estavam a falar, Hans?

- Nada de importante, Gloria. Absolutamente nada. - Voltou-se para mim e piscou-me um olho. - Estes jovens estavam a tentar convencer-me a saltar a fogueira.

- E conseguiram?

- Apenas conseguiram fazer-me sede.

- Há muito uísque lá dentro. - Voltou-se para Serrano-Sunher: - Ramón, porque é que você e Niki não voltam para a festa? Quero ter uma conversa com Aline.

Quando eles se afastaram, Glória disse-me:

- Pensando bem, é melhor irmos para dentro. Esta fogueira está demasiado quente para o meu gosto. - Deu-me o braço. - Preciso de falar consigo a sós. Imediatamente.

Conduziu-me para uma pequena sala de jogo, vazia, onde se viam troféus em armários de vidro. Caminhava tão depressa que eu tinha dificuldade em a acompanhar. Quando se voltou para mim, vi uma Gloria von Firstenberg que eu desconhecia inteiramente.

- Preciso de sair de Madrid, de partir. Você É americana.

Pode consegui-lo. - Passados uns momentos, ela acalmou-se e pouco depois adquiria a sua máscara habitual. Sorriu e murmurou roucamente: - Sabe, no fundo do coração, adoro os americanos. Afinal, sou mexicana.

Imóvel, continuei a observá-la.

- Quando eu era criança, em Guadalajara, a minha mãe costumava dizer-me: “Gloria, tu És a rapariga mais bonita do México e és inteligente. Aceita só o melhor. Podes ter tudo quanto uma mulher deseja neste mundo”. Se ouvisse isso vinte vezes por dia, Aline, É provável que acreditasse, e eu também acreditei. E havia de começar a querer só o melhor, como sucedeu comigo. Só o melhor que a vida tinha para me oferecer, em Guadalajara, Hollíwood, Nova Iorque, Paris, Berlim, Madrid. Tive o melhor de todos esses sítios, minha querida, e deixe-me dizer-lhe que agora também sei o que quero. Desejo voltar para o México, quero que os meus filhos tenham segurança. Você deve conhecer americanos influentes. Pagar-lhe-ei generosamente. Tenho as minhas jóias. Receberá a sua parte.

Encontrávamo-nos de pé no meio da sala deserta, mobilada apenas com algumas mesas de jogo, cadeiras de costas direitas e um grande sofá de cabedal encostado a uma parede. Gloria deixou-se cair sobre o sofá, a meu lado. Passou as unhas pintadas pelo cabelo. Parecia fatigada.

- Sim, posso dizer-lhe tudo. Quero sair de Espanha. Desejo começar uma vida nova - suspirou, brincando com o fecho da mala. - Quando conheci Firstenberg, em Paris, fiquei louca por ele. Finalmente! Tinha procurado sempre alguém como ele, e se levava tanto tempo era porque só queria o melhor: Um grande amor. Julguei tê-lo encontrado. Depois veio a guerra e estragou tudo. Ele foi enviado para a Rússia e... eu fiquei confusa. Passado um ano, sentia-me mais só do que um soldado na frente e pensava que ia enlouquecer se não começasse nova vida. Raramente tinha notícias do meu marido e passava o tempo preocupada, aflita, com medo que ele fosse dado como desaparecido ou morto. Passei a sair à noite, para esquecer. Creio que me perdi no turbilhão da vida de sociedade; foi fácil. Mas os bombardeamentos começaram e Berlim tornou-se uma cidade perigosa. Vim para aqui. Tive de pagar um preço por isso. Há sempre um preço a pagar, não se esqueça, Aline. Eu paguei, por tudo quanto fiz, mas...

Apareceu um criado, que perguntou se queríamos alguma coisa para beber.

Abanámos a cabeça. O criado afastou-se e a condessa voltou-se para mim:

- Há quanto tempo conhece Francisco?

A pergunta dela foi uma surpresa. À mesa, quando ele aparecera, dera a impressão de nunca o ter visto. Talvez fosse Pierre a verdadeira razão que a levara a arrastar-me para ali, para conversar.

- Encontrei-o hoje pela primeira vez. Não o conheço.

- Tenha cuidado, minha amiga. Ele é um aldrabão, um mentiroso. Há-de mostrar-se apaixonado por si, mas não acredite nele. A paixão dele é o dinheiro... as mulheres estão em segundo lugar. Serve-se delas sempre com um fim. - A voz dela erguera-se e era agora inusitadamente aguda.

- Então conhece-o bem? - perguntei.

- Demasiado bem. Conheci-o em Paris há dois anos. Não sei tudo acerca dos seus antecedentes. Perseguiu-me. Bem, não há outra maneira de o dizer: apaixonou-se violentamente por mim. Talvez pensasse que eu era rica. E era, nessa altura. Mas sempre houve algo que me fez suspeitar dele. Era devastador, tenho de o admitir, mas não me

apaixonei por ele. - Enquanto falava, Gloria ia ficando cada vez mais agitada.

- Já o tinha encontrado aqui em Madrid?
- Precisava de saber mais coisas.

- Ele teve a ousadia de aparecer no meu quarto, no outro dia. Assustou-me mortalmente... e com os meus filhos mesmo ao lado! Tive dificuldade em me livrar dele! Depois, quando fui a casa de Ana de Pombo para fazer a última prova deste vestido, ele seguiu-me. Falemos de outra coisa. - Sacudiu a cabeça, como se fizesse um esforço para se libertar dele. - Ouça, eu desejo realmente ser sua amiga e amiga dos americanos, Aline. - Os olhos dela estavam muito abertos e suplicantes, quase inocentes, como se tal palavra se pudesse utilizar em referência a qualquer coisa acerca de Gloria von Firstenberg.

Muito lentamente, abri a minha bolsa. Estendi-a para ela, devagar. Não creio que um único músculo do meu rosto se movesse.

Houve um momento de imobilidade e os olhos dela brilharam.

- Onde arranjou isto? - Gloria estendeu a mão para a jóia. Entreguei-lha. - Oh, muito

obrigada. Tinha perdido o meu lindo papagaio. Onde o encontrou?

- No sofá do apartamento de Blum. Na noite em que ele foi assassinado. Esteve lá nessa noite. Se quer que eu a ajude, tem de me contar o que se passou.

Por momentos, ela pareceu surpreendida. Depois começou a rir.

- A sua imaginação está positivamente desarranjada.

Adoro isso. Adoro. - Sem outra palavra deu-me a mão para me ajudar a levantar e conduziu-me para a casa de jantar. - Nunca estive em casa desse chefe de orquestra. Esse alfinete foi-me roubado e desconfio que por alguém que você conhece.

Queria saber como é que ela perdera o alfinete, mas já ela se encontrava nos braços de Miguel Primo de Rivera, prestes a rodopiar na pista de dança. Antes de começar a dançar, parou, abriu a bolsa, sorriu para mim e guardou o alfinete. Depois, com um gesto despreocupado, levou a mão ao espesso cabelo negro e dedicou toda a sua atenção à dança.

Precisava de encontrar Edmundo.

Durante meia hora procurei-o por toda a parte, dentro de casa e no jardim. Não o encontrei em parte alguma. Nem Carola, nem as vilas o tinham visto partir. Disse-lhes então que precisava de me levantar cedo no dia seguinte e que ia aproveitar uma boleia. Olhei de novo para o meu relógio: uma e meia. Pierre já devia estar minha espera há algum tempo.

Fui ao vestiário buscar o meu agasalho e desci os degraus do chalé. As implicações da última hora eram devastadoras.

Pierre esperava-me na sombra, à direita da entrada. O seu sorriso caiu sobre mim como um banho morno. Estendeu as duas mãos para mim.

- Vamos, Tiger. Levo-a a casa e conversamos. Explico-lhe tudo. Tenho estado à espera de lhe contar há muito tempo.

Abriu a porta de um Renault preto e eu entrei.

Sentado ao volante, Pierre ligou o motor e acendeu um cigarro. Os pneus rangeram sobre o caminho de cascalho. Mas alguém se aproximava a correr, gritando:

- Francisco! Francisco!

Virei a cara e vi Gloria von Firstenberg segurando a sua capa com as mãos e correndo desesperadamente para o carro.

Pierre travou.

Quando Gloria olhou para dentro do carro e me viu, a sua expressão foi primeiro de espanto e depois de receio.

Pierre sorriu lentamente para ela, aspirando o cigarro com prazer. Por qualquer razão parecia saborear aquele encontro.

Eu tinha observado muitos aspectos do comportamento da condessa, mas aquele era uma novidade. Ela parecia ter ficado muda.

- Qual É o seu problema, Gloria? - perguntou Pierre.

Vi a expressão do seu belo rosto e percebi que ela pensava que se tratava de um caso de vida ou de morte. Olhou-me e depois recuou um passo, erguendo-se em toda a sua estatura.

- Gostaria de discutir uma coisa consigo, já - declarou no seu tom mais profundo.

- Entre para o carro, Gloria. Levá-la-ei a casa também.

Pierre falava em tom afectuoso, ou pelo menos assim me pareceu.

- Isso é impossível, e você bem o sabe. O meu problema é urgente... uma questão de vida ou de morte. Se é tão homem como julga ser, virá lá para dentro. - Apontou um dedo esguio e comprido para mim. - Há muitos motoristas no parque de estacionamento para levarem esta rapariga a casa.

Pierre voltou-se para mim:

- Lamento, mas evidentemente trata-se de uma emergência. Vou já arranjar-lhe um motorista.

Saiu do carro e caminhou para a área de estacionamento.

Gloria subia os degraus e ficou à espera de Pierre. Este falou com um grupo de motoristas que se encontravam à entrada do parque de estacionamento. Voltou com um homem baixo e forte cuja cara eu não consegui ver. Gloria desaparecera no interior do clube.

- Não há problema - afirmou. - Este homem levá-la-á a Madrid. - Inclinou-se e deu-me um beijo na face. - Tenha cuidado até eu me encontrar consigo, amanhã - murmurou.

Depois, disse para o motorista: - Leve a

senhorita a Monte Esquina, 37. Veja se fica em segurança e traga-me de novo o carro para aqui.

Sem uma palavra, o homem sentou-se ao meu lado e pôs o carro em andamento, começando a descer o monte em direcção à estrada principal, lá em baixo.

Perguntei-lhe se sabia onde ficava a minha rua. Respondeu-me com um gutural "Sí" e não com o usual "Sí, senhorita" dos delicados espanhóis. Mas eu estava ocupada em tentar calcular o que se passava entre Gloria e Pierre. Evidentemente eles conheciam-se bem um ao outro. Não só ela o dissera como ele acedera imediatamente ao pedido dela. Sentia-me perturbada, para não dizer mais. Quando chegámos à estrada, o motorista enveredou para a esquerda, tomando outro caminho para a cidade. Foi então que esse estranho desvio me trouxe de novo à realidade, com um sobressalto.

- Porque é que vamos por esta estrada? - perguntei.

- É mais curta - respondeu.

Olhei para o campo aberto, para a zona despovoada do limite noroeste da cidade.

Um instinto pôs-me de sobreaviso mesmo antes de ele parar o carro na berma da estrada.

Quando ele parou, saltei do carro e comecei a correr. Daí a pouco embrenhava-me no matagal. Ouviu-o seguir-me e, apesar de a escuridão ser completa, receei que ele pudesse ouvir os meus passos a pisar o restolho. Enquanto corria, tirei a minha Beretta 25 da mala, que deixei cair. O meu vestido comprido prendia-se nos espinhos dos arbustos e os sapatos de saltos altos enterravam-se na terra, tornando-me difícil avançar. Sabia o que tinha a fazer.

Voltei-me e, sem hesitação, baixei-me e disparei sobre o vulto que corria para mim, a cinco metros de distância. Devo ter falhado, porque ele se lançou sobre mim e me agarrou o pescoço. Estava a estrangular-me! Reunindo todas as minhas forças, aponte-i-lhe a arma, sem saber se estava ou não sobre ele. Mergulhava na inconsciência quando ouvi o ruído de um tiro. O que eu disparara. Mas parecia-me vir de muito longe.

Depois, o silêncio.

Devem ter-se passado apenas alguns segundos. Comecei a respirar ofegantemente, mas estava viva. Estávamos ambos estendidos no chão, com o corpo dele parcialmente em cima do meu. O revólver encontrava-se ainda na minha mão. O corpo do homem era pesado e mole. Tê-lo-ia morto? Não podia perder tempo a descobri-lo. Revistei-lhe os bolsos e encontrei alguns papéis, cigarros e um punhal. Mais nenhuma arma. Corri em direcção às luzes do carro, que se viam brilhar para além dos arbustos. Tinha os pés arranhados e os braços também,

Mas não sentia dores. Só a exultação de me poder mexer, de estar viva. Sem grande dificuldade, voltei o carro em sentido contrário e dirigi-me para a estrada.

Enquanto conduzia sentia-me atordoada, mas tentava pensar. Quem teria mandado aquele bandido matar-me? Se Gloria não aparecesse, Pierre ter-me-ia levado a casa e eu estaria em segurança. Alguém contratara aquele homem, provavelmente para me seguir quando eu fosse para casa e para me liquidar quando estivesse sozinha. O pedido de Pierre para um motorista só lhe

tornara as coisas mais fáceis. Mas quem? Edmundo? Lazaar? Gloria? Até mesmo Serrano-Sunher o poderia ter feito. Ou Lilienthal, se a sua indicação fosse falsa.

Estavam lá todos.

Quando cheguei à Plaza de la Moncloa e voltei para Cea Bermúdez, comecei a pensar onde havia de deixar o carro. Algures, perto da minha casa, para não ser vista de vestido de noite manchado de sangue, mas não suficientemente perto para que pudessem relacionar o carro comigo. Afinal, o homem que fora visto a conduzi-lo seria encontrado - morto.

A três quarteirões de distância da minha casa, deixei o carro estacionado junto de uma árvore frondosa. Depois corri para casa, descalça.

A quem poderia telefonar? Não sabia o apelido de Pierre nem onde ele vivia. Por isso, a única pessoa em quem eu podia confiar não se encontrava disponível. Belmonte ia provavelmente a caminho de Granada, para Cádiz, para a sua próxima corrida. Qualquer outra pessoa era um possível inimigo. Não podia fazer outra coisa

senão chamar o meu chefe. No entanto, manter-me-ia alerta no caso de ser ele o agente duplo.

Capítulo 25

Vinte minutos após o meu telefonema, Mozart batia à porta da minha casa. Quando fui abrir, ele olhou-me com os seus pequenos olhos muito abertos.

- Que sucedeu? Você está num estado lastimoso.

- Estou bem. Entre. - Conduzi-o para a minha pequena sala; cada passo representava para mim um enorme esforço, mas tentei ocultar isso o melhor que podia. Pela segunda vez (o chefe não voltara a entrar no meu apartamento desde a morte de Marta), o grande rosto angular encontrava-se na minha frente, ele numa cadeira e eu no sofá.

- Esta noite, o jantar de festa no Puerta de Hierro revelou-se cheio de surpresas. A maior de todas foi no caminho de regresso alguém ter tentado matar-me... e eu ter de lhe dar um tiro.

- Está morto?

- Não sei.

- Sobre quem disparou?

- Também não sei. - Entreguei a Mozart

um maço de tabaco escuro, da marca Ducados, uma carta de condução, um bilhete de identidade em nome de Jorge Iglesias Suárez e um punhal. - Foi só o que encontrei.

- Devo dizer, Aline... - Quando É que ele alguma vez me tratara pelo meu nome? - que, se não revelou a verdadeira natureza do seu trabalho, está tudo bem.

- Não creio que o tenha feito.

- Diga-me em pormenor o que se passou.

- Para começar, encontrei Pierre.

Mozart disse que sim com a cabeça.

- Ótimo, a partir de agora será o meu contacto com ele.

Esperava que o chefe não tivesse reparado na minha alegria.

Continuei rapidamente:

- Pierre preparava-se para me vir trazer a casa, mas foi impedido de o fazer pela condessa Von Firstenberg, que insistiu para que ele ficasse lá. Pierre foi então procurar um motorista para me trazer. Foi esse que tentou matar-me.

Tanto quanto me lembrava, contei os pormenores a Mozart.

- Onde é que Pierre descobriu esse tipo?

- À entrada do parque de estacionamento, quase na nossa frente. Encontravam-se ali vários motoristas a conversar e esse homem era um deles.

- Pierre parecia conhecê-lo?

- Não me pareceu.

- Quem a viu com esse motorista?

- Além de Pierre, que eu saiba, ninguém.

Gloria já se afastara muito quando o homem entrou no carro.

- Onde é que deixou o carro e o corpo?

Contei-lhe, e ele ficou pensativo durante um minuto.

- Posso servir-me do seu telefone? -

Mozart dirigiu-se para o corredor. Quando voltou disse: - Mande alguém buscar o carro. Se o homem estiver morto (o que é incriminatório), poderá ser uma pista para aquilo que procuramos. Precisamos de saber quem quer apanhá-la. Vou ao escritório telefonar a Spider, coisa que raramente faço. Não é fácil. Leva horas e as chamadas para o ultramar são as únicas que eles gravam. Se Pierre contactar consigo amanhã (e espero que o faça), diga-lhe o que se passou. Pode

ser que ele conheça o motorista, ou o possa identificar, ou ainda encontrar alguns amigos dele. Há mais alguma coisa?

- Muita coisa, creio. - E comecei a contar-lhe aquilo que Gloria von Firstenberg me dissera e a estranha cena que fizera com Pierre. Disse-lhe também que Pierre acusara Lazaar de ter assassinado a marquesa de Torrejón, que Edmundo me entregara o alfinete de Gloria e que depois havia desaparecido misteriosamente. E por último dei-lhe a notícia de que conhecia Ramón Serrano-Sunher há meses.

No fim da minha narrativa, o chefe ficou silencioso. Finalmente levantou-se para partir. Fez uma pausa.

- Espero que me tenha contado tudo.

- Creio que sim.

- Acha? Pois tenho razões para duvidar disso - Tirando um papel do bolso, Mozart desdobrou-o cuidadosamente e entregou-mo. O telegrama de Spider dizia que o príncipe Lilienthal me dera informações sobre a existência de um agente duplo. Antes de eu poder reagir, Mozart acrescentou, calmamente: - Falaremos disso mais tarde. Já

temos problemas que cheguem para uma noite. é melhor descansar um bocado. - Depois saiu e eu fiquei a pensar.

O telegrama de Spider indicava que Mozart era de total confiança. Isso era um alívio, apesar de eu ter de passar pela humilhação de o chefe perceber que eu desconfiara dele. Fechei a porta à chave e fui para o meu quarto, que agora tinha sempre as janelas bem fechadas. Durante um bocado não consegui dormir. Teria eu morto um homem? Quem? Fora tudo tão rápido! Onde estaria Edmundo? A minha lista de suspeitos tornara-se mais pequena - tinha menos um. Ainda restavam todos os outros... e nenhuma resposta.

O telefone tocou às oito horas. A voz de Mozart.

- O seu amigo expirou. Mas não se preocupe. Encontrámos as suas sandálias e a bolsa e calculamos que nada disto transpareça. Os documentos dele eram falsos. Fale comigo depois de contactar Pierre. Ele não deixará de lhe aparecer hoje.

O choque de ter morto um homem era agora muito maior do que na noite anterior,

quando tudo sucedera. Quem seria ele?

Para quem trabalharia? Teria mulher e filhos? Essa ideia fazia-me sentir infeliz. Levantei-me e comecei a vestir-me. Enquanto estava no banho, o telefone tocou e fui atender toda molhada.

- Que sucedeu a noite passada? - perguntou Pierre. - Aquele diabo não me foi devolver o carro.

Sugeri-lhe que nos encontrássemos junto do Palace Hotel, para eu lhe contar o que se passara e ver se ele sabia alguma coisa a respeito do motorista.

Quando eu cheguei, Pierre estava à minha espera nas escadas. O porteiro, Pepe, saudou-me com o seu habitual sorriso amigável. Estava na nossa lista de pagamentos. Naturalmente na das outras potências também. De qualquer maneira, eu não podia deixar de simpatizar com ele. Pierre parecia-me mais atraente do que nunca; recordei-me então da conversa que tivera com Gloria na véspera. Ele beijou-me a mão e conduziu-me para uma mesa tranquila.

- Que se passa, Tiger? Hoje está a gostar

de mim?

- Sinto-me com uma disposição terrível e tenho assuntos muito sérios a tratar consigo. Tenho também poucas ilusões a seu respeito. Gloria disse-me que você esteve apaixonado por ela.

Ele riu.

- Gloria! Você tem ciúmes. Formidável! Como É que essa engolidora de homens podia ter o meu coração? Não, não, minha querida. Tenho outras razões para a perseguir. Agora conte-me quais são esses assuntos sérios.

Ambos pedimos chá e eu contei-lhe o ocorrido depois da minha partida. A expressão dele era de consternação e de incredulidade.

- Tiger, fui eu que a meti no carro com o motorista. Sou o responsável. Nunca a devia ter deixado ir sozinha com esse homem. Viu-me ir procurar um motorista que a conduzisse a Madrid. Ele foi o primeiro a oferecer os seus serviços. Deve ter sido contratado por Lazaar, mas eu nunca pensei que ele ousasse fazer-lhe mal depois de a ter visto comigo e de saber que eu conhecia tudo

a respeito dele. é um assassino vulgar. Um assassino sem coração.

Pierre estava verdadeiramente agitado. Tive de soltar a mão que ele segurava entre as suas. O criado olhava-nos.

- Imagine só como me sinto, Pierre. Matei um homem.

- Foi para se defender. Qualquer pessoa seria obrigada a fazer o mesmo. Se você não o tivesse morto, ele liquidá-la-ia.

Deixe de pensar nisso. Afinal, o nosso treino preparou-nos para tais eventualidades. Estamos em guerra, Tiger. Que acha que os seus irmãos ou amigos pensam quando matam alguém?

Ninguém gosta de o fazer.

- Pierre, acredita que Lazaar matou Mimosa Torrejón?

- Não tenho provas, claro. Mas suspeito dele. é capaz de tudo.

- Acha que Lazaar poderá ser o agente especial de Himmler em Espanha?

- Himmler tem muita gente a trabalhar para ele aqui. Além do pessoal da Gestapo em Espanha, ele domina agora os que trabalham para a Abwehr. Porque havia de

ter um agente especial?

- Evidentemente que tem... alguém com influência especial e a desempenhar uma missão específica para ele. Provavelmente a trabalhar nas informações relativas ao desembarque no Sul da Europa.

- Que notícias tem você sobre o desembarque? Apesar de gostar de estar aqui e de a ver, o que quero de facto é voltar para França, para trás das linhas inimigas. Isso é que é verdadeira ação! - Mudou de tom, tornou-se mais intenso. - Diga-me, o que pensa Mozart a meu respeito?

- Deu-me instruções para lhe contar tudo a si e afirmou que daqui em diante eu seria o seu contacto com ele. Sabia disso?

- Não. Disseram-me para ir à festa de ontem e para arranjar maneira de lhe ser apresentado. Nada mais. - Ficou novamente pensativo. - A Operação Anvil deve estar prestes a começar e eu não quero perdê-la.

- Todos os telegramas cifrados se referem a isso.

- Já indicaram o local onde se realizará?

- Não. Pelo menos de maneira que eu possa perceber.

- Tiger, diga a Mozart que eu interceptei um correio do alto comando alemão. O general Botho Elster, comandante do Primeiro Exército alemão, dirige-se para a região de Biscaia, tendo-se desviado do seu primitivo trajecto, com setecentos e cinquenta oficiais e dezoito mil oitocentos e cinquenta homens, mais um número indeterminado de tanques Mark III. é urgente que Mozart tenha conhecimento desta informação.

- Está bem. Tinha tantas coisas para lhe perguntar, Pierre... Perdemos três agentes, e eu própria escapei por pouco, por duas vezes. Você pode ajudar-nos a deslindar muita coisa, especialmente porque conhece Gloria von Firstenberg e Hans Lazaar, dois dos nossos principais suspeitos.

- Nenhum deles confia em mim. Ouviu o que tive de dizer a Lazaar. Mas farei o que puder. O melhor é transmitir esta informação rapidamente ao seu chefe. Esperarei que me telefone.

Levantei-me para sair. Pierre fez o mesmo.

- Tiger, agora que vamos trabalhar em conjunto, considero que já não é contra as

regras apaixonarmo-nos. - Pôs-me a mão no braço enquanto descíamos as escadas de mármore. Sentia o mesmo magnetismo na sua voz, no seu toque.

- Pode telefonar-me para aqui, para o quarto quatrocentos e quarenta e dois.

Só quando já ia a meio da rua é que me lembrei que ainda não sabia o apelido dele.

Quando transmiti a Mozart a mensagem de Pierre ele pareceu ficar satisfeito, embora novamente formal e rígido. Eu começava a sentir-me mais confortável com ele assim.

- Pierre É considerado um dos nossos agentes mais eficientes, Tiger. Tem sorte em trabalhar com ele.

- Pierre acha que foi Lazaar que contratou o homem para me matar - disse eu.

- Mas isso não nos ajuda a descobrir quem será o agente duplo, pois não?

- Não esqueça que ninguém sabe disso a não ser você e eu... e o próprio traidor, claro. Trabalhe com toda a gente, como até agora. Não pode mostrar a mais ligeira alteração na sua atitude.

- E Top Hat? - perguntei. O pícaro era agora o meu principal suspeito.

- Especialmente em relação a Top Hat.

Mozart ficou a dar voltas ao lápis durante algum tempo, como se estivesse a pensar na maneira de exprimir os seus pensamentos.

- Spider pediu-me que lhe dissesse que considera completa a primeira fase da Operação Tourada e disse-me para a felicitar. Ele acha que Lazaar É o tipo, e iremos agora tomar as medidas adequadas.

- E Serrano-Sunher? Agora que o conheço pessoalmente...

- É desnecessário. Ele não se encontra envolvido nas nossas actuais preocupações. - O lápis girava-lhe nos dedos.

- Tiger, tem uma nova missão. - Olhou-me. - A segunda fase da Operação Tourada e o desfecho da invasão depende disso.

Esperei e respirei fundo. Que viria agora?

- As experiências que teve até agora ajudá-la-ão a ter êxito. Nas próximas semanas há-de receber um telegrama altamente confidencial de Spider directamente para si. Direi a Jeff que você é que decifrá todos os

telegramas secretos a partir de agora. Assim que o receber, terá de agir depressa, trazendo-o logo para as minhas mãos. Estarei constantemente à espera. Nem uma só palavra que eu lhe diga pode ser repetida seja a quem for, nem a Top Hat nem sequer a Pierre... a não ser que eu lhe diga que o faça. Vai começar por ir entregar uma mensagem altamente secreta. Telefone para o hotel e diga a Pierre que se encontre consigo na esplanada do café da Castellana, a dois quarteirões daqui. Diga-lhe que tem ordens minhas para estar atento à condessa Von Firstenberg, com o propósito de saber onde é que os alemães pensam que a próxima invasão aliada se irá dar. Seja rápida. Pode dizer a Pierre que é necessária aqui porque está encarregada de decifrar todos os telegramas secretos. Diga-lhe que não procure entrar em contacto consigo e que lhe telefonará dentro de dias.

Nenhuma mensagem poderia ser mais desagradável de transmitir. Pierre riu-se quando eu lho disse. Sentada à pequena mesa metálica bebendo uma horchata gelada, vi-o sorrir de prazer.

- Não se mostre tão preocupada, Tiger. -
A sua voz tornou-se acariciadora. - Ela É a última mulher por quem eu me poderia interessar. Mas devo confessar que se trata de uma missão para descansar, depois de estar a fazer saltar pontes.

Conversámos durante um bocado e depois levantei-me para me ir embora.

- Por que tão depressa?

- Sou a única pessoa com autorização para decifrar telegramas altamente secretos, por isso não posso estar fora.

Telefonarei assim que Mozart me transmita algo para si.

Sentia o coração pesado. Quando olhei para trás vi Pierre sentado no mesmo sítio, a beber a horchata e a fumar, como se a guerra nada tivesse a ver com ele.

- Como É que correram as coisas com Pierre? - Mozart esperava-me no alto das escadas quando eu voltei.

- Ficou encantado.

A minha voz deve ter-me traído, porque Mozart me olhou com curiosidade, indicando-me para o seguir ao gabinete dele.

Uma vez lá dentro, disse-me:

- Sente-se.

Eu continuava a pensar em Gloria e Pierre.

- Vou enviá-la à Costa Brava, esta noite.

- Os seus grandes dedos tamborilavam sobre a secretária vazia. - A informação que leva consigo diz respeito à Operação Anvil. Agora que já tem a sua licença para viajar, não deve ter problemas.

Com os seus modos cerimoniais, - mostrou-me um rolo de microfilme. - Vamos colocar isto num cinto para você usar. Não voltará a sair deste edifício até à hora do comboio. Ninguém deverá saber que você vai sair de Madrid. O meu motorista conduzi-la-á à estação. Diga à sua criada que fica aqui de serviço toda a noite. Eu amanhã informá-la-ei de que vai estar fora da cidade por dois dias. - O meu assombro fê-lo sorrir. - Não se preocupe. Terá uma escova de dentes. Pelo menos isso podemos fornecer-lhe.

- E os telegramas secretos?

- Aquele que será dirigido a si não chegará nos próximos dias. Alguns outros serão decodificados por mim. - Abrindo a gaveta, tirou de lá metade de uma nota de

cem pesetas e entregou-ma. - Veja se liga com a outra metade que se encontra na posse do proprietário do iate El Vega, que espera a sua chegada no porto de Lloret del Mar. Entregue-lhe o microfilme a ele.

Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Os seus modos tinham mudado. Parecia-me nervoso, inseguro.

- Estamos a fazer um gigantesco trabalho de equipa, Tiger. Pessoas desde Washington até aos mais remotos cantos da Europa e da ásia estão a trabalhar para esta mesma tarefa.

Não esqueça isto. - Permaneci sentada, a olhá-lo. - Pierre está à espera que lhe telefone para o Palace Hotel. Em breve teremos um importante trabalho para ele fazer. Quando voltar, contactá-lo-á de novo. Mas agora a única coisa que a deve preocupar é entregar esta informação sem falhas. Tenho a certeza de que vai gostar do iate. O proprietário É boa pessoa. - Depois acrescentou: - Oh, e o iate há-de conduzi-la até a um submarino americano.

Capítulo 26

Miraculosamente, a viagem no comboio da noite para Barcelona, apesar das sacudidelas da velha carruagem, permitiu-me passar a noite tranquila, do que muito precisava depois dos acontecimentos das últimas horas.

Em Barcelona tomei um táxi para me levar a Lloret del Mar. Mozart avisara-me que a viagem era perigosa, pois a estrada seguia em curvas e contracurvas ao longo de precipícios escarpados, com sessenta metros de altura, sobre o mar e os rochedos. O táxi estava limpo e bem tratado, mas era mais velho do que eu. O motorista era mais novo. Conversava enquanto eu ia olhando para o Mediterrâneo, reluzente como vidro, com as suas ondas de espuma branca a salpicarem as praias da costa. Ao chegarmos ao alto de uma penedia, pude ver toda a costa durante milhas. As cores eram esplendorosas. Baías de águas azuis cavadas entre muralhas de pedra vermelha e dourada. Ao chegarmos a Mataró, o motorista insistiu em que eu fosse

provar uns bolos cobertos de açúcar, especialidade da região. Disse-lhe que estava com pressa, mas de nada serviu. Obviamente, ele queria comer desses bolos.

Concordei com uma certa impaciência e parámos na praça principal. O motorista desapareceu no interior de um café.

Sentada no assento de trás do táxi, mal tivera tempo de observar o que me rodeava, quando vi chegar um carro velho que parou do outro lado da praça. Três homens, cujos rostos eu não podia ver, mas que tinham um aspecto desmazelado como o automóvel, saíram do veículo e encaminharam-se para uma mesa colocada à sombra de uma árvore. Sentei-me a uma mesa perto do meu táxi e pedi café e os famosos bolos. Quando o criado voltou, trazendo-me o que eu pedira, inclinou-se para me falar quase ao ouvido:

- Aqueles homens - indicava a mesa distante; os três homens estavam sentados de costas voltadas para mim e eram os únicos outros clientes - estão a seguir a senhorita. Pelo menos ouvi um deles ordenar a um outro que não a perdesse de vista. Não parecem - procurou a palavra adequada - de

"confiança".

Pus-me imediatamente de pé, correndo para outro táxi.

Quando entrei, a minha expressão deve ter alertado o motorista, pois, antes de falar, pôs logo o táxi em andamento e carregou no acelerador.

- Depressa! Vá o mais depressa que puder - ordenei.

- Sí, senhorita - respondeu ele.

O meu táxi subia o monte a alta velocidade. Olhei para trás e vi que os três homens corriam para o seu velho automóvel.

- Mais depressa! - implorei. - Recompensá-lo-ei bem.

- Vou o mais depressa que posso, senhorita. - Mas conseguiu ir ainda mais.

Aproximávamo-nos do alto de um monte íngreme. Olhei para os rochedos da penedia que se estendia até lá abaixo - e engoli em seco. Olhei de novo para trás. O carro que me seguia parecia estar a ganhar terreno.

- Conhece as pessoas que nos seguem?

- Não, senhorita. Conheço toda a gente nesta estrada, mas nunca vi aqueles homens.

Descemos a montanha, descrevendo curvas que me atiravam de um lado para o outro. Caí para o chão do táxi e levantei-me, agarrando-me às costas do banco da frente. A descida era feita a tal velocidade que eu esperava a todo o momento que saíssemos da estrada e fôssemos despenhar-nos sobre os rochedos. Os pneus rangiam a cada curva e contracurva. No entanto, a velha carripa que nos seguia não desanimava.

- O que É que está a fazer, por amor de Deus? - gritei para me fazer ouvir acima do barulho. - Por este andar ainda caímos no precipício.

- Senhorita - respondeu placidamente o motorista. - Primeiro não estava satisfeita porque eu ia muito devagar. Agora mostra-se descontente por eu ir depressa de mais. Agora não posso fazer nada, pois. Francamente lhe digo que não tenho travões.

Olhei pela janela. Mar, céu, árvores - tudo parecia passar a correr em diferentes direcções. O carro parecia que estava a descer a montanha-russa, oscilando, sempre à beira do precipício, enquanto éramos perseguidos por assassinos durante quilómetros. E não

tinha travões!

Chegamos finalmente à praia que ficava no sopé da montanha.

Por uns momentos descansei, o carro preto ficara um pouco para trás. Quando começámos a subir a nova estrada da montanha, perdia os meus perseguidores de vista de cada vez que descrevíamos uma curva, mas logo a seguir o veículo deles aparecia outra vez. Passámos assim por Arenís del Mar, depois Galdetas, onde uma floresta de pinheiros cobria a penedia à beira-mar, subimos a montanha até Balnís e chegámos, por fim, a Lloret del Mar, onde vi o comprido molhe entrando pelo mar.

Logo que o táxi chegou ao cais, atirei um maço de pesetas ao motorista e corri pela ponte de madeira, passando por várias embarcações, até ver "El Vega" pintado no casco de um grande iate que se encontrava no extremo do molhe. O carro perseguidor aparecia nesse momento junto do cais. Saltei e caí no convés.

- Saia daqui depressa - pedi.

Apercebi-me do ruído do motor do iate enquanto o El Vega se dirigia para o mar alto.

Uns braços fortes ajudaram-me a por de pé no convés varrido pelo vento. Um rosto agradável emoldurado por uma barba frisada e grisalha, fitava-me.

- Foi uma sorte ter aterrado no convés e não na água. Chega sempre com tanta pressa?

Ri. Agora que me sentia em segurança e que a minha missão quase se cumpria, sentia-me bem.

- Fui seguida por um carro com três homens desde que saí do comboio, esta manhã.

- Agora já não se encontra em perigo e faremos com que regresse em segurança.

Conduziu-me para dentro. Logo que nos sentámos, cada um com uma bebida fresca, ele meteu a mão no bolso e tirou de lá a metade da nota rasgada. Juntei-lhe a minha metade e depois entreguei-lhe o microfilme que tirei do cinto que trazia à cintura.

O meu anfitrião pediu licença e saiu da cabina. Vi-o a olhar o horizonte com uns binóculos.

Tinha agora tempo para pensar nos acontecimentos dessa manhã. Quem sabia

que eu estava a fazer esta viagem? Só Mozart. Ou eu não vira alguém que me seguira antes de eu entrar no comboio?

Passado um bocado, fui também para o convés. Vi a linha da costa diminuir à medida que nos afastávamos sobre as águas agitadas. Talvez meia hora mais tarde, o dono do iate disse-me:

- Lá está. - No meio do azul, um pontinho avançava em direção a nós.

Lentamente, esse pontinho veio a transformar-se num submarino. Depois de termos entregue o microfilme ao comandante, sentámo-nos para jantar. Comemos lagosta e caranguejos. O iate voltou para Barcelona, pois o seu proprietário disse precisar de lá ir. Dormi a bordo e na manhã seguinte tomei o comboio para Madrid.

Esta missão estava cumprida, mas quem era o traidor? Todos me avisavam para ter cuidado, para estar alerta. Bons conselhos. Mas eu precisava mais do que conselhos. Qual seria a minha nova missão? De que trataria o telegrama altamente secreto que eu iria receber? E como É que os três homens do

carro sabiam que eu estaria em Barcelona nessa manhã?

Quando cheguei a Madrid, após uma tranquila viagem de comboio, a vida retomou o seu aspecto rotineiro. Estávamos a 8 de Agosto e quase toda a gente se encontrava de férias. Mozart ordenou-me que não ligasse para o quarto 442 do Palace Hotel sem ele me autorizar. Eu pensava que Pierre estava a passar uns tempos tão agradáveis com Gloria que me esquecera completamente. Recebi então um ramo de rosas vermelhas com um cartão sem nome. "Para serem comidas , eram as únicas palavras, assinadas com um "F". Juanito encontrava-se no meio das suas digressões taurinas, mas os seus telefonemas e cravos chegavam regularmente. José Heredia, o cigano, era impossível de se encontrar. Provavelmente seguia os seus toureiros preferidos por todo o país, pensei. Chegou um bilhete de Edmundo, acompanhado por tuberosas que perfumaram todo o apartamento. "Adorada , começava. "é só para que saiba que a minha devoção por si nunca muda. Hei-de telefonar-lhe.

O seu pícaro. Como podia uma pessoa

com tal encanto ser um agente duplo? As vilas e Carola estavam em San Sebastián. A atmosfera no escritório era tensa. Todos sabíamos que a Operação Anvil iria ser desencadeada em breve.

Depois, subitamente, tudo pareceu irradiar eletricidade.

O telegrama crítico chegou! Quando o decifrei, a minha pressão arterial aumentou.

DE JUPITER PARA TIGER STOP
ALTAMENTE SECRETO REPITO
ALTAMENTE SECRETO AVISAR MOZART
PARA PÔR IMEDIATAMENTE EM AÇÃO
FASE DOIS STOP PARA TIGER DE JUPITER

Corri para o gabinete de Mozart e entrei sem bater à porta.

O telegrama continuava a deixar-me às escuras.

Mozart deixou-se ficar sentado na sua grande cadeira e um sorriso iluminou-lhe o rosto. Tirou um rádio de uma das gavetas da secretária e ligou-o para tornar impossível alguém poder ouvir a nossa conversa. Apesar de na Quinta nos terem ensinado a fazer isso, Mozart não costumava tomar tal precaução. Desconfiaria de alguém do escritório?

- Tiger... - murmurou com um suspiro de alívio. - Este telegrama significa que a invasão irá dar-se perto de Marselha.

Uma informação que pode significar o fim da guerra ou a morte de milhares dos nossos compatriotas. - Mexeu novamente no rádio. - Foi por esta razão que trouxemos Pierrep para Madrid. - Eu estava ainda de pé. Mozart foi buscar a um canto a única cadeira existente, no compartimento além da dele. Sentei-me. - Contacte Pierre. Diga-lhe que tem ordem para deslocar os seus subagentes para a área de Marselha. Devem encontrar-se em posições de onde possam dar assistência às nossas tropas quando elas desembarcarem. Deve agir com cuidado mesmo com os seus próprios homens. As informações sobre o local do desembarque não podem transpirar nem ser conhecidas mesmo por aqueles que têm arriscado a vida por nós durante os últimos anos. Pode tornar isso bem claro para ele?

Disse-lhe que sim.

- Com efeito, a notícia É tão vital que não nos podemos arriscar a que Pierre seja apanhado voltando a França pelo percurso

habitual, pelos Pirenéus. Há demasiados espiões alemães e espanhóis nesses caminhos. Terei de arranjar uma maneira de ele ser levado até Argel e daí lançado de pára-quedas sobre o local.

Mozart pegou no telefone para ligar ao embaixador. Assim que Carlton Haies atendeu do outro lado do fio, perguntou:

- Quando é que parte um avião para Argel, senhor embaixador?

Trocaram um mínimo de palavras entre os dois, antes de Mozart desligar.

- Estamos com sorte. Pierre poderá partir esta noite para Argel num avião da embaixada. Diga-lhe que o meu Packard irá buscá-lo ao hotel às vinte e uma horas. Sabe o número do quarto dele?

Disse outra vez que sim com a cabeça.

- Faça-lhe ver bem a gravidade da missão. Pierre deve ficar bem ciente da importância desta notícia. - Os pequenos olhos de Mozart não me desfitavam. - O OSS de Londres preparou a Operação Overlord com alta competência e nós não podemos ficar atrás. - Mozart levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, lentamente. -

é melhor preparar-se para ir falar com Pierre. Ele não pode de modo algum perder o avião para Argel. Não sei exactamente quando será ele lançado sobre a França, mas quando for dir-lhe-ei para que você possa estar junto de nós e ficar a saber que ele chegou em segurança.

Após meses de decifrar e enviar mensagens respeitantes a lançamentos de pára-quedas, continuava a considerá-los as experiências mais excitantes da guerra. Nas claras noites de luar, os nossos agentes eram lançados de pára-quedas sobre o território inimigo. Eram recebidos pelos combatentes da Resistência, os maquis, que apontavam as suas lanternas para indicarem a área onde deveriam cair. Por vezes, um pequeno avião podia aterrar, deixar o agente e levantar voo novamente, sem que os seus motores deixassem de funcionar. Isso tudo significava que era necessário o trabalho de muitas pessoas para preparar cada lançamento, e aqueles que se encontravam envolvidos nisso tinham de ser de total confiança.

Capítulo 27

Quando encontrei Pierre, algumas horas depois, na obscuridade do Palace Bar, ele estendeu-me a mão.

- Tive esperanças que me telefonasse quando viu as minhas flores - disse. - Não gostou delas.

- Muito mais do que dos cravos do meu toureiro - respondi. - Na minha terra, os cravos são utilizados, geralmente, nos funerais.

- Onde esteve? Telefonei-lhe várias vezes.

- Mozart mandou-me para o campo para descansar e esquecer aquela noite terrível... longe de todos. - Fora aquilo que eu recebera ordens para dizer.

- Os telegramas secretos?

- Mozart disse-me que ele próprio os decifraria, mas não creio que tivesse chegado algum durante o curto espaço de tempo que eu estive fora.

- Bem, o descanso parece ter-lhe feito bem. Desde que matou aquele homem está

mais bonita do que nunca.

- Quer dizer com isso que devo matar mais gente?

- Já lhe disse que era a sua vida contra a dele. E miraculosamente você ficou viva. Quanto mais perto estamos da morte, maior é a excitação de lhe termos escapado. Pelo menos É o que eu sinto. E para isso é que nos pagam. E bem. Pelos riscos que corremos, dizem.

- Nunca penso no dinheiro. E você?

Um sorriso malicioso apareceu nos lábios dele.

- Gosto do dinheiro, sim, e dos riscos também. Tenho estado em sítios muito perigosos e tenho sobrevivido sempre.

Um dia contar-lhe-ei tudo.

- Essas palavras já as ouvi. Disse-mas precisamente na noite em que se preparava para me ir levar a casa, no clube.

- Você afirmou ter notícias importantes para mim. - Reparei que ele evitara falar a respeito de Gloria. Mozart dissera-me para lhe pedir todas as informações que tivesse obtido.

- Diga ao seu chefe que não foi fácil. Eles

nada lhe dizem, ou pelo menos é o que ela afirma. Contou-me que o general Tresckow, chefe do estado-maior do Segundo Exército, agora na frente oriental, tenciona deslocar a Quarta Divisão Panzer e o Décimo Quarto Corpo Panzer para o Sul de França, se o ataque que estão a desencadear na frente russa tiver êxito.

Declarou-me que o marido está na Quarta Divisão Panzer, e por isso é que ela obteve esta informação. Preciso de ter cuidado para ela não suspeitar que estou a trabalhar para os serviços secretos americanos. Mozart deve compreender isso.

Pensei em quantas vezes Pierre se teria encontrado com Gloria para saber aquilo.

Pierre mostrava-se impaciente.

- Tiger, meu amor - disse com inflexão afectuosa -, por que motivo precisava de falar urgentemente comigo?

- Mozart tem uma missão especial para si. Acaba de ter conhecimento dela. É um assunto altamente secreto.

Pierre continuava a segurar-me na mão. Não a retirei enquanto lhe transmiti as ordens de Mozart. Podia ser a última vez que nos

víamos. Ele ia cumprir uma missão muito perigosa, num momento crítico. Mas as ordens agradaram-lhe.

- Finalmente - murmurou com satisfação. Tirou um cigarro do maço e bebeu um longo gole de xerez. - Quando parto?

- O Packard preto com a matrícula do corpo diplomático GD 406 virá buscá-lo hoje, às vinte e uma horas, à entrada do hotel. O seu avião partirá logo que você chegue ao aeroporto militar de Getafe.

- Quem havia de imaginar, quando estávamos na Quinta, que um dia você estaria a transmitir-me ordens para eu realizar uma missão. Lembra-se do dia em que estudámos os mapas da França? Pensou alguma vez que chegaria a enviar-me para lá? Lembra-se?

Por momentos, foi como se voltássemos à tranquila biblioteca da Quinta. Olhei para Pierre, para o seu rosto, cabelos, olhos, braços, terrivelmente consciente do seu magnetismo.

- Você gosta de mim, Tiger?

Os nossos olhares encontraram-se. De súbito, a sala pareceu-me sobreaquecida. As suas espessas pestanas quase lhe ocultavam

as pupilas.

- E a sua amizade com Gloria?

- Ainda está preocupada com isso? Já lhe disse que não estou interessado nela. Gloria e eu conhecemo-nos, em tempos, em Paris, antes de eu a ter encontrado a si. Gloria tem medo de Lazaar, como toda a gente, e queria que a ajudasse a sair de Espanha. - Olhou-me, concentrando todo o seu fascínio num simples olhar. - Você É a única que me interessa, Tiger. - Levantou-se. - Tem de confiar em mim. Voltarei. E vou ter saudades suas.

Foi a minha vez de me erguer.

- Também vou ter saudades.

Sáímos do vestibulo do hotel para a rua.

- Tiger, quero que saiba que desde que a conheci tentei mudar uma porção de coisas. Um dia dir-lhe-ei.

- Adeus, Pierre. - E comecei a voltar-me para me afastar.

Ele agarrou-me pelos ombros e fitou-me. O seu olhar era tão profundo que me fez esquecer todas as palavras e me transportou para além do espaço e do tempo. Logo a seguir Pierre soltou-me e caminhou na

direcção oposta. Vi-o desaparecer e a minha temperatura foi baixando, grau a grau.

No dia seguinte, o telefone tocou no instante em que eu ia a sair para o escritório.

- O seu pícaro apresenta-se ao serviço.

- Até que enfim, Edmundo. Onde tem estado metido? Que assunto urgente o fez sair da cama a estas horas tão matinais? Ou ainda não se deitou?

- Um pouco de ambas as coisas, minha querida. Você está a aprender muito depressa, e isso deve-se em parte aos meus esforços.

- Desde a noite da festa no Puerta de Hierro que tenho querido falar consigo, Edmundo.

- Ainda bem que me aprecia. O seu desaparecimento também me alarmou. No entanto, devo admitir que as minhas actividades têm sido produtivas.

- Com a princesa? - não pude deixar de perguntar.

- Vejo que se está a tornar “fresca”. Bem, É natural que a discípula queira imitar o mestre. Minha querida, preciso de falar consigo logo à noite. Ao telefone não posso

dizer-lhe de que se trata. Mas saiba apenas isto: Edmundo Lassalle resolveu o mistério! Oh, é delicioso! Sim, claro que o fiz com a sua ajuda. Foi o nosso trabalho de equipa. Oh, Mimosa foi vingada. A minha querida Mimosa não morreu em vão.

- Sabe quem a matou?

- Nem mais uma palavra ao telefone, minha querida. Irei buscá-la à meia-noite. Esteja preparada para surpresas, mi amor. A propósito, passou uma noite encantadora no Puerta de Hierro? Estou desejoso de a ouvir falar do atraente estrangeiro com quem andou a dançar. Vocês formavam um par fantástico. Bem, É bom saber que você ainda tem vestígios da sua jovem inocência. E que tem feito desde então?

- Contar-lhe-ei os pormenores quando nos virmos.

- Não se esqueça. à meia-noite em ponto!

- Quer dizer que me devo preparar para uma noitada?

Ouvi-o soltar uma das suas gargalhadas agudas.

- Vai ter de esperar para saber o que este gênio asteca preparou. Viva Mimosa! -

Edmundo desligou.

Sabia que não valia a pena perguntar-lhe onde íamos. Ele gostava de fazer tudo de uma maneira dramática. Quando nos sentamos no táxi, permaneci calada, deixando que o ar fresco da noite me afagasse a cara. Alguns pares passeavam de braço dado, à luz pálida dos candeeiros, ao longo da Castellana.

Viam-se poucos carros e várias carruagens avançar na direção oposta à nossa. À esquina da Plaza de Colón, havia algumas mesas, debaixo das grandes árvores, ocupadas por clientes que bebiam o seu café ou um copinho de anis, gozando a frescura da hora tardia. Olhei para a fonte que havia no meio da praça, sob a estátua de Colombo. Madrid estava, pensei, mais serena e mais cativante do que nunca. O motorista inclinou-se na janela, vendo alguém conhecido. Abrandou a velocidade do carro.

- Vaía con Dios, Pepe - disse.

- Nada pode apressar esta gente! - exclamou Edmundo, rindo e quebrando o silêncio. Também ele gostava do ritmo da cidade. - Agora conte-me tudo. Que tem

feito? - O vidro que nos separava dos lugares da frente encontrava-se corrido.

- Pouca coisa. Quando regressei a casa, do baile, o motorista tentou estrangular-me. E eu matei-o. - Seguindo as ordens de Mozart, não disse nada a Edmundo sobre a fase dois ou sobre o agente duplo que haveria entre nós, mas a reação dele ao que eu lhe estava a contar era importante. Onde se encontrava ele quando o assassino a soldo entrara no carro de Pierre?

Edmundo observava-me com a astúcia e a insaciável curiosidade de um gato. Passado um bocado, depois de eu lhe ter contado mais uns pormenores, Edmundo replicou:

- Com franqueza, Aline, deve andar a ter uma vida muito aborrecida para ter necessidade de inventar tais coisas! Em todo o caso, admiro a sua imaginação de adolescente.

Limitei-me a olhá-lo.

- Diga-me que está a brincar.

- O meu sentido de humor não inclui assassinos.

- Jesus! - murmurou ele. - A discípula ultrapassou o mestre!

O táxi entrava agora na Calle Hermosilla - e eu percebi para onde íamos. Claro que parámos em frente do número catorze - a casa de Ana de Pombo! A rua estava deserta. Antes de eu poder perguntar fosse o que fosse, Edmundo saltou do carro. No passeio, olhou para o relógio de pulso.

- É estranho. José Heredia já cá devia estar.

- Por quê?

- Foi ele que me deu a informação. Graças a você ter-lhe pedido que vigiasse certas pessoas. Bem, vamos. Não podemos esperar.

Tirou do bolso interior do casaco um revólver reluzente.

Eu fiz o mesmo.

A porta foi aberta por Edmundo em poucos segundos. Lá dentro a escuridão era completa.

- Siga-me - murmurou. - O porteiro não nos incomodará. Não costuma estar por aqui depois da meia-noite.

Edmundo e eu avançámos por um corredor escuro e em seguida por uma escada das traseiras. A cada pequeno ruído

imobilizávamo-nos. Ele parecia já ter percorrido anteriormente o mesmo caminho. As minhas preocupações aumentavam. Não falara a Mozart neste encontro. Estaria a correr um risco demasiado grande em me encontrar ali a sós com Edmundo? Pelo menos ia atrás dele - de revólver em punho.

No terceiro andar, parámos diante de uma porta debaixo da qual se via luz. Encontrava-se fechada à chave - mas não por muito tempo. Edmundo era hábil, e daí a poucos segundos a maçaneta da porta girava tão silenciosamente que eu pensei que o meu coração ia rebentar. Logo a seguir abriu-a de rompante.

Alguém se moveu.

- Que ninguém se mexa, ou disparo! - ordenou Edmundo. O vulto imobilizou-se.

Ao princípio, mal podia distinguir qualquer coisa, porque a sala estava iluminada apenas por velas. Então, por detrás do ombro de Edmundo, distingui uma figura familiar - e soltei uma exclamação de espanto. Num canto via-se um grande rádio transmissor. Enorme, em comparação com qualquer dos nossos. Que descoberta! Nem

mesmo os ingleses tinham conseguido localizar um transmissor daquele tamanho no país.

Edmundo, empunhando o revólver, estendeu a mão para acender a luz do tecto.

- Por que motivo acha que estou a usar velas, caro Edmundo? - perguntou uma voz ligeiramente rouca. - A electricidade está cortada, como sempre quando mais precisamos dela.

O calor de tantas velas era sufocante. Imóvel na minha frente, envergando um leve vestido de musselina, estava Gloria von Firstenberg. A transpiração encaracolara-lhe o cabelo e fazia-a parecer uma medusa. Numa das mãos segurava um maço de papéis. O verniz vermelho das suas compridas unhas estava falhado. Isso não era habitual nela.

A arma de Edmundo estava apontada ao coração de Gloria.

Esta mantinha-se parada, como que petrificada. O branco dos seus olhos brilhava à luz das velas.

- Lassalle, seu patife!

- Calma, Gloria - murmurou Edmundo.

Gloria baixou os braços com a graça de um cisne e, sem deixar de nos fitar, colocou os papéis sobre uma mesa a seu lado.

Edmundo baixou a arma dele. Eu não o fiz.

- Desculpe vir interrompê-la no meio de uma prova, Gloria. Acho que é uma maneira pouco vulgar de você passar a noite.

Ignorando as palavras de Edmundo, a condessa voltou-se para mim.

- Que prazer inesperado, Aline. Não voltei a vê-la desde a sua partida do Puerta de Hierro.

- Francamente, este encontro É também uma surpresa para mim, Gloria.

Ali de pé, imóvel na minha frente, ela parecia-me mais enigmática do que nunca. Pensei no relacionamento que Pierre teria com aquela mulher. Saberia que ela era uma agente inimiga? Agora não restavam dúvidas a esse respeito. Tínhamo-la apanhado em flagrante. Olhando à minha volta, reconheci tudo. Quadros de código, o cofre e pilhas de telegramas.

- Tenho sempre prazer em vê-la, Aline - disse a condessa com uma inflexão

imperceptível entre o controlo e o abandono.

- Mas não posso dizer o mesmo do seu companheiro.

O olhar que lançou a Edmundo poderia tê-lo reduzido a cinzas, se fosse possível.

- Querida condessa - disse Edmundo. - Não se quer sentar?

Languidamente, insolentemente, ela obedeceu. Havia ali uma mesa e algumas cadeiras. Sentei-me em frente dela. As velas deitavam fumo, tornando a sala mais sufocante de minuto a minuto. Não havia ali nenhuma janela e apenas a porta pela qual tínhamos entrado.

- Que espécie de trabalho estão aqui a fazer? - perguntou Edmundo. - Para Heinrich Himmler? Ou para Schellenberg?

Quero saber isso bem.

Gloria manteve-se calada.

- Sabe, Aline - Edmundo voltou-se para mim -, a nossa amiga trabalha para todos eles. é a melhor discípula que eles têm. Pode-se dizer que É a preferida dos professores.

Passando lentamente as mãos pelos cabelos, Gloria mantinha-se calada e sem dar

sinais de subserviência.

- Gloria - continuou Edmundo em tom sarcástico -, seria louvável da sua parte se nos dissesse que informações envia e recebe para transmitir aos seus professores de Berlim.

- Foram transmitidas daqui mensagens especiais - disse Gloria -, mas eu nunca soube a que se referiam. Era Wizner, o chefe da Gestapo na embaixada, que mas entregava. Disse-me sempre que havia certas informações que ele não queria que passassem pela sala de código da embaixada. Como havia eu de saber a que se referiam? Tinha de fazer este trabalho.

Era o preço a pagar para poder sair de Berlim e ter algum dinheiro para alimentar e vestir os meus filhos.

Edmundo abanou a cabeça.

- Que mãe tão dedicada... Isso comove-me. Estou quase a chorar.

Gloria olhou-o com desprezo. Depois voltou-se para mim e modulou a voz, transformando-a num murmúrio musical:

- Recorda-se de quando a convidei a tomar chá no El Morisco? Quando Lazaar apareceu e anunciou que o quarto dele fora

revistado? Percebi imediatamente que tinha sido você. Com efeito, avisei Francisco contra a encantadora (e metedixa) americana. Quando ele a conheceu no Puerta de Hierrojá sabia que você trabalhava para os americanos. Por isso É que ele a convidou para dançar e a quis levar a casa. Pensou que você tinha influência. Precisava de pôr dinheiro fora do país.

Calmamente, Edmundo disse:

- Não diga disparates. Você queria eliminar Aline, nessa noite, no Puerta de Hierro. Sabia que ela suspeitava de si.

A presa de Edmundo fez uma tal cara que parecia querer bater-lhe. Mas, em vez disso, limitou-se a dizer friamente:

- Você faz umas afirmações absolutamente ridículas.

- E a respeito de Lazaar, Gloria? Você ajudou-o a matar Mimosa? - perguntei eu.

- Que pergunta infantil, Aline. Não percebo como é que os americanos enviam uma rapariga ingênua como você para este gênero de trabalho. É espantoso como um país tão crédulo pode estar a ganhar uma guerra contra os homens mais inteligentes da

velha Europa. - Lançou-me um olhar quase afectuoso. - Hans não sujaria as mãos com esse gênero de actividades, e eu também não, de certeza.

- Mas Hans é um bom agente da Gestapo, não é? - Edmundo ergueu a arma e destravou-a.

Gloria continuou a não se mostrar assustada, mas tornou-se menos insolente.

- Quase toda a gente em Madrid suspeita disso. Estão enganados.

- E por quê?

- Por exemplo - encolheu os ombros -, Himmler sempre teve inveja de Goering, especialmente pela maneira como ele tem, digamos assim, apanhado os tesouros de arte de toda a Europa. Ele sabe que Hans tem ajudado Goering a enviar os quadros para a América do Sul. Um bom agente da Gestapo nunca se atreveria a desafiar o chefe supremo.

- Não creio numa só palavra do que diz. Que procurava você no apartamento de René Blum? Você esteve envolvida nesse crime. Pôs de parte todos os cuidados quando acompanhou Lazaar ao apartamento de

Blum.

Gloria mostrou-se zangada.

- Nem Lazaar nem eu tentámos matar esse chefe de orquestra. Nada sei a respeito disso.

- Então quem matou René? Diga-me, Gloria! - insistiu

Edmundo.

- Os meus amigos não são assassinos - retorquiu friamente Gloria.

- Pode ser que tenha razão nisso, minha amiga. É provável que tenham pago a terceiros para fazerem o trabalho sujo.

Deve ter havido um com mãos bastante fortes para ter estrangulado Mimosa. Que me diz a isso?

- Nada tenho a dizer. Juro.

- Mimosa fala-me do túmulo e incita-me a agir. "Puxe o gatilho, meu pícaro! Puxe o gatilho!" é o que ela me diz. Que sabe acerca disso, Gloria?

- Nada - respondeu a condessa, aparentemente sem se deixar impressionar pelas ameaças dele.

- Diga-me! - repetiu Edmundo. A severidade da voz dele impressionou-me.

Gloria olhou-nos. Mas nessa altura reparei no gesto familiar. Levou as mãos aos cabelos e pareceu erguer-se para se lançar sobre nós. Ao mesmo tempo, a luz das velas tornou-se mais intensa e iluminou a sala com fulgor.

Nesse momento, eu e Edmundo olhámos para trás.

- Bem, bem, bem. - Edmundo teve a presença de espírito suficiente para dizer: - Ana de Pombo vem tomar parte na festa.

De fato, a estranha mulher de cabelo cor de laranja surgira de uma porta oculta na parede, agora entreaberta, e ficara parada, como uma figura muda pintada na parede.

- Muito bem - disse por fim a frisada modista. - Sejam bem-vindos à minha ratoeira. Que surpresa encontrar aqui Miceí Mouse. Não creio que Walt Disneí... - Calou-se quando viu o revólver de Edmundo.

- É melhor sentar-se também - disse Edmundo num convite onde transparecia uma ameaça.

Com um ar majestoso, Gloria levantou-se e dirigiu-se para o centro da sala, perturbando outra vez a luz das velas e

criando o máximo de suspense. Desta vez, Edmundo pareceu ficar sem nada para dizer. Apenas a olhou. Estávamos, com efeito, a assistir a uma actuação teatral notável. Gloria mostrava-se piedosa, generosa, iluminada.

- Meus amigos - a voz dela era ligeiramente rouca, como que suplicante. Edmundo e eu esperávamos. - Meus amigos, porque não havemos de trabalhar juntos? Desta maneira poderíamos acabar com a guerra. - Fez estalar os dedos, embora falasse lentamente. Ana de Pombo mantinha-se silenciosa. Agora estavam ambas voltadas para nós. - Quero fazer um acordo convosco - continuou Gloria. - Ninguém sabe desta visita a não ser Ana e eu. De futuro, ambas trabalharemos para vocês se prometerem que não seremos enviadas para a Alemanha quando a guerra acabar.

- Mas que acordo podemos nós fazer com duas agentes da Gestapo? - exclamou Edmundo. - Como havemos de confiar em vocês?

- Posso fazer de si o mais famoso espião aliado da Segunda Guerra Mundial. Ficará na História com as informações que eu lhe posso

fornecer.

- Conhece Gamille, Aline? - troçou Edmundo. - Bem, o que estamos agora a presenciar É a condessa Von Firstenberg num dos seus melhores papéis: Camaleão. Bem, diga-nos uma coisa, minha querida. Acha que somos suficientemente tolos para acreditar que você nada diria aos seus amigos alemães?

- Pense na minha carreira. Eu fui sempre uma vencedora.

Em Guadalajara todos pensavam que eu casaria com um gordo e rico cultivador de cana-de-açúcar e que teria filhos como uma grande porca. Ninguém fazia ideia de quem eu era: nem o meu pai, nem as minhas irmãs, nem o meu irmão. Não conheciam Gloria Espinosa. A minha mãe queria dar-me o mundo. Eu queria as estrelas. E tive-as. - As velas por detrás dela pareciam piscar, mostrando o seu acordo. - Uma noite, em Berlim, numa festa. Havia uma dúzia de festas todas as noites, mesmo enquanto as bombas iam caindo. Dançávamos, cantávamos, namorávamos e vestíamos o melhor que tínhamos. Era uma loucura, uma verdadeira loucura. Uma noite, depois da

ópera, estava eu numa festa quando vi entrar Schellenberg. Bem, olhei para ele e pensei: "Que está o Garí Gooper a fazer aqui? Garí era meu amigo em Hollíwood. - Fez uma pausa para alisar o cabelo.

- Continue - encorajou Edmundo.

- Schellenberg viu imediatamente o meu estilo. Todas as bovinas Frõulein de Berlim usavam os vestidos de veludo das mães, roídos pelas traças, com brocados suficientes para sufocarem um cavalo. Eu vestia um vestido de pura seda branca, com um diamante ao pescoço, preso por um fio de platina, e, é claro, havia também o meu corpo. Ele agarrou-se a mim como um bebê. Isso foi o começo. Um mês depois jantava com Himmler e até com Hitler.

- Não pare aí, condessa. - Edmundo estava visivelmente entusiasmado.

Subitamente, percebi que aqueles dois seres deviam estar num palco. A religião deles era a excitação, o drama, a intriga.

Nenhum deles tinha escrúpulos, e o mesmo sucedia com Ana de Pombo. Edmundo e Gloria só se viam agora um ao outro, mergulhados nos respectivos papéis.

Era como se eu não estivesse ali.

- Claro que trabalhei para Schellenberg, para Himmler.

Mas hoje em dia eles estão a perder a guerra. Eu fiz apenas aquilo que foi necessário para escapar. - Olhou-me e, em seguida, fitou novamente Edmundo. - Pensam que tenho as mãos manchadas de sangue? E as vossas? - Ergueu as mãos, de dedos longos e esguios, e perguntou: - Que fiz eu que vocês não tenham feito? - Saberá ela que eu tinha morto um homem poucos dias antes? - Temos estado apenas em equipas diferentes, nada mais. Não percebem isso? Posso ajudá-los.

Quer acreditem em mim quer não, isso é irrelevante. Mas existe uma razão que talvez vocês entendam. Quero sobreviver por causa dos meus filhos. Eles são tudo para mim.

Edmundo observou-a atentamente e depois voltou-se para mim.

- Que acha, Aline?

Eu sabia que, mesmo que não houvesse uma só palavra de verdade no que Gloria dissera, não havia agora qualquer outra saída para ela.

- Que diz, Aline? Damos à nossa estrela uma última oportunidade de brilhar?

- Você sabe que só Washington poderá dar essa autorização.

Gloria ouviu e exclamou:

- Têm de nos proteger, a Ana e a mim! - A mulher de cabelos cor de cenoura disse que sim com a cabeça. - Se a Gestapo descobre a nossa duplicidade... Na embaixada costuma dizer-se, quando alguém está a pensar em tornar-se dissidente: "Lembrem-se do caixote com o piano!". Wizner mandou matar dois dissidentes e embarcou-os, metidos dentro de um piano. Podem imaginar uma coisa destas?

Edmundo e eu nem nos olhámos.

Gloria encolheu os ombros como que para afastar as preocupações.

- Podem tirar-nos da vossa lista negra?

- Se colaborarem connosco, perguntaremos para Washington se isso pode fazer-se - respondeu Edmundo.

Gloria suspirou profundamente.

- Obrigada, meus amigos. Tomaram uma decisão correcta, da qual nunca se arrependerão. Cópias de todas estas mensagens - apontou para as que estavam

sobre a mesa – e de outros telegramas futuros estarão à vossa disposição.

Edmundo levantou-se.

- Você É espantosa. é a prova evidente de que é capaz de tudo. Considere-se com sorte.

- O preço da minha sorte É elevado. Acabo de pôr de lado vários amigos influentes.

- Conhecendo-a como a conheço, tenho a certeza de que em breve remediará isso. Pode substituir Schellenberg e Himmler por outros muito melhores, como eu, por exemplo.

- Você é tão inteligente... deve ser o sangue asteca que nos une.

Eram duas horas da madrugada quando Edmundo e eu começámos a caminhar pelas ruas desertas, em direcção a minha casa. As estrelas pareciam piscar lá em cima, felizes, e a água da fonte acompanhava-nos com o seu murmurar.

- Conseguimos - disse Edmundo. - Descobrimos uma das melhores espias de Himmler. Oh, tenho orgulho em nós. - Voltou-se para mim. - Quero que saiba, Aline, que nenhum de nós poderia ter feito isto

sozinho. De maneira nenhuma.

Poderia Gloria ser a agente especial de Himmler? Aquela a que se referia a Operação Tourada? De qualquer modo, parecia-me que o trabalho que ela fazia não podia ter essa importância, mas não me atrevia a confiar os meus pensamentos a Edmundo. Este deu-me o braço.

- Pense bem nisto, querida. Agora temos algo com que trabalhar. Lazaar continua, sem dúvida alguma, a ser suspeito.

Não confio em Gloria, mas a pouco e pouco poderemos obter dela mais informações.

Seguimos em silêncio durante um bocado. No meu cérebro surgiam grandes interrogações. Pierre conheceria bem Gloria?

Estaria ela envolvida na tentativa de me assassinar? Um certo pressentimento levou-me a não falar a Edmundo a respeito de Francisco.

Um vulto solitário aproximava-se de nós vindo da Plaza de Colón. Levei um momento para me aperceber de quem se tratava. Trazia a roupa rasgada e cambaleava.

- José! - exclamou Edmundo, correndo

para ele para o amparar. Mas José endireitou-se repentinamente, sozinho, como se quisesse esquecer os seus ferimentos.

- Senhor, senhorita, esta noite sou um homem livre – disse com voz grave. O sangue ensopava-lhe os cabelos espessos e manchava-lhe o rosto enrugado. - Vinguei a minha filha. Era o homem que estava ali. - E apontou para o prédio de onde acabara de sair.

- Que homem? - perguntámos ao mesmo tempo.

- O homem que trabalha com o rádio... o homem que trabalha com essa... senhora. Foi assim que eu descobri esta casa.

Edmundo voltou-se para mim.

- Foi José que descobriu a estação de rádio.

- Segui o homem sempre que ele entrava e saía do apartamento onde vivia, à esquina da Embaixada alemã. Depois daquela noite no Villa Rosa (quando o porco violou a minha filha) comecei a ir lá, noite após noite. Foram precisas trinta noites para ele lá voltar. Quando isso sucedeu, o empregado do bar apontou-mo. Foi nessa altura que comecei a

seguí-lo. Enquanto estava à sua espera esta noite, Don Edmundo, vi-o sair daquele edifício. O sangue começou a ferver-me. Não pude resistir a segui-lo pelas ruas, até ficarmos sós. Quando passámos por uma ruela escura, tratei dele à moda dos ciganos.

Vi Edmundo engolir em seco.

- O que significa "à moda dos ciganos"? - perguntei.

José Heredia hesitou.

- Não são palavras para os ouvidos da senhorita. Mas estou vingado.

- José, você está bastante ferido. Deixe-me ajudá-lo - disse eu.

- Não. Estes ferimentos são o meu orgulho. Há muito tempo que não me sentia tão feliz como nesta noite.

- Fez um trabalho muito válido para nós, José. Estamos-lhe gratos.

O cigano inclinou a cabeça.

- Vaía com Dios, senhores.

Quando ele se afastou, perguntei a Edmundo:

- O que quer dizer "à moda dos ciganos"?

- Quer mesmo saber?

Disse que sim com a cabeça, insistentemente.

- Quer dizer que ele cortou os testículos ao homem - respondeu.

Mozart ficou obviamente satisfeito quando eu lhe contei da descoberta do transmissor em casa da modista. Inclinou-se para a frente entusiasticamente, e os seus grandes braços quase tocaram no chão.

- Bom trabalho! Era a estação que procurávamos. É tão potente que alcança Tóquio. Diga a Top Hat que o felicito também.

- E que diz de a condessa trabalhar para nós? A noite passada concordámos mais ou menos com isso.

- Ela pode ser-nos útil, não há dúvida. Hoje em dia, as dissidências são frequentes. Em Inglaterra o OSS está a utilizar muitos agentes alemães, que nos ajudam a transmitir informações falsas para Berlim. Essa modista também nos pode vir a ser útil. Mas teremos de obter a aprovação de Shepardson e do próprio Donovan.

- Pensa que Gloria e Ana de Pombo poderão ajudar-nos a descobrir o traidor?

Mozart fez uma careta. Eu tinha tocado num ponto sensível.

No entanto, a reação dele fora quase imperceptível. Quando respondeu, o seu tom de voz era calmo e não deixava transparecer qualquer emoção.

- Não se preocupe com isso. Temos o problema sob controlo.

A resposta dele aborreceu-me. Mimosa e Lilienthal tinham obtido informações coincidentes - havia um agente duplo no serviço secreto americano em Espanha. Tinha de ser alguém que eu conhecia. Se Mozart tivesse suficiente confiança em mim para me dizer de quem se tratava, eu poderia proteger-me melhor. A não ser... que fosse o próprio Mozart.

- Serei eu o contato com a condessa?

- Não. - Desta vez a resposta foi rápida. - Não aprovo que as mulheres trabalhem umas com as outras, a não ser que seja absolutamente necessário.

Aquilo não fazia sentido. Não recebera eu ordens para dar asilo a mulheres na minha casa e para formar uma cadeia com elas? Quando saí do gabinete de Mozart

desconfiava outra vez de toda a gente e, apesar do telegrama de Spider, acima de tudo suspeitava de Mozart.

Capítulo 28

Eram 23 horas do dia 1 de Julho. Tinham-se passado dois dias sobre a partida de Pierre. Estava sentada em frente do toucador, a escovar o cabelo e a pensar como um lançamento de pára-quedistas sobre França era perigoso naquela fase da guerra. Os alemães possuíam holofotes potentes para iluminarem os céus, colocados ao longo de toda a costa. A noite, ali, estava quente e estranhamente silenciosa, como antes de um temporal. A luz suave do luar entrava-me pela janela. Pensei se Pierre, em Argel, estaria a ver o mesmo céu. O telefone tocou. Ia para dizer "Edmundo, seu pícaro!", mas calei-me a tempo. Era a voz de Mozart.

- Pode vir imediatamente ao escritório?

- Com certeza.

Vinte minutos mais tarde subia as escadas estreitas que conduziavam ao último andar. Os meus saltos faziam ruído nos corredores desertos: clique, clique, clique. No táxi pensara: "A estas horas está toda a gente a dançar ou a jantar, e Pierre pode estar no

avião sobre o Mediterrâneo”. O meu instinto dizia-me que seria nessa noite.

A porta estava trancada. Mozart abriu-a. Não disse uma única palavra. Passámos por vários gabinetes às escuras e chegámos, por fim, à sala das transmissões, onde Jimmie, um dos operadores de rádio, estava sentado junto do aparelho.

- Sente-se, Tiger.

Na altura em que o chefe acabou de fechar a porta da sala fracamente iluminada, o meu pressentimento transformara-se em certeza.

- Pierre será lançado dentro de trinta minutos – anunciou Mozart com os pequenos olhos fitos no relógio de parede. - Achei que você devia ser a primeira a saber o que se passa.

A sorte da Operação Anvil depende de ele não ser apanhado.

- Observei o lento avanço do ponteiro dos minutos; o meu coração parecia segui-lo. A voz de Mozart era mais baixa do que nunca. - Se Pierre aterrar sem problemas, Jimmie ouvirá o sinal dele cerca de dez minutos depois. Se nada se ouvir, ele pode ter

sido morto ao descer ou apanhado numa emboscada ao chegar.

Eu sabia que cada agente tinha a sua própria maneira de trabalhar com o transmissor e podia ser reconhecido pela escuta, como a voz de qualquer pessoa ao telefone. Muitas vezes, isso ajudava-nos a perceber quando um dos nossos agentes era capturado e um impostor emitia mensagens fazendo-se passar por ele.

A sala fechada, onde não chegava qualquer ruído de vida, era como um túmulo. Continuei a olhar para o relógio e a dizer a mim própria que não tinha nada a recear. Tinham decorrido apenas cinco minutos. Teriam de passar mais vinte e cinco.

E depois mais dez, até que Pierre pudesse fazer contacto pelo rádio.

Eu seguia com ele no avião. Ouvia o seu ruído, lá no alto, sobre o Mediterrâneo, e via a região sul da França. Lembrei-me da viagem de comboio, ao lado de Pierre, a caminho de Nova Iorque, quando eu sentira a presença dele como uma corrente elétrica. Passaram-me pela cabeça os momentos em que dançara com ele no El Morocco. Quinze

minutos. Olhei para o transmissor como se o seu equipamento pudesse falar.

As suas alavancas e comutadores estavam mudos. Surpreendia-me por os outros não ouvirem as pancadas do meu coração.

O relógio deu as doze badaladas da meia-noite. Pierre estaria em posição, com o pára-quedas posto, junto da porta do avião. Dez minutos.

Olhámos os três para o relógio. O silêncio era tão intenso que me tornava mais ansiosa. Esforcei-me por me manter serena. Vi Pierre a saltar no espaço. Era uma eternidade. Três minutos. Dois minutos. Um minuto. Ninguém pronunciou uma palavra. Imaginei os maquis a iluminarem a área com as suas lanternas, vi Pierre a cair e a correr para o matagal, para se esconder até o avião passar e deixar cair a sua carga. Os homens da Resistência iriam então ajudar Pierre a livrar-se do pára-quedas vermelho e verde. Podia ver Pierre a dobrá-lo e outro a enterrá-lo onde não pudesse ser encontrado. Seguir-se-ia a instalação do pequeno transmissor. A qualquer momento Jimmie

poderia voltar-se para nós, fazer um aceno afirmativo com a cabeça e sorrir. A espera recomeçou.

Os minutos foram-se passando lentamente. Como era estranho que o silêncio pudesse ter tanto significado... Mentalmente ordenava ao transmissor que emitisse um sinal. Desejava com todas as minhas forças que Pierre estivesse em segurança. Dez minutos. Doze. Quinze. Vinte. Vinte e cinco minutos. Jimmie manejava o aparelho, tentando estabelecer contacto, mas nós percebíamos bem que do outro lado nada estava a ser transmitido. Mozart estava muito nervoso. Andava para trás e para diante, desde a secretária até à mesa que se encontrava a um canto. Finalmente disse:

- Comprei champanhe para o caso de termos de festejar.

- Mas a voz dele soava a desânimo. -
Querem um pouco de xerez? Jimmie? Tiger?

Engoli em seco. Pierre fora apanhado, talvez morto durante a descida. Algo correrá mal.

O chefe encheu três copos. "Vá, Pierre, pedi mentalmente".

“Ainda não É demasiado tarde”. Pode contactar connosco. Por favor, Pierre. O chefe entregou-me o copo.

Erguendo o dele, propôs o brinde mais triste que eu já ouvira.

- A Pierre - e bebeu.

- A Pierre - repetiu Jimmie.

Bebi em silêncio.

- Parece que a fase dois falhou. Temos de arranjar outra maneira, e depressa - resmungou Mozart.

Enquanto ele falava começámos a ouvir um ruído vindo do aparelho de Jimmie. Primeiro fracamente, depois mais forte: tat-tat-tat.

- É ele! - gritou Jimmie. - Conseguiu, afinal!

Deixei-me cair numa cadeira, totalmente exausta. Mozart parecia ter endoidecido, partindo o copo de xerez e espalhando os pedaços pelo chão, erguendo a garrafa de champanhe no ar e gritando:

- Você conseguiu, Tiger! Resultou! Anvil irá ser um sucesso!

Não percebi, mas sentia-me feliz de mais para me importar com isso. Lembrava-me de

Pierre nesse dia glorioso de Outono em que ambos tínhamos caminhado por Central Park. Eu apaixonara-me nessa altura por ele - ou talvez mais cedo -, nos primeiros momentos em que olhara para os seus olhos escuros e insondáveis.

Ele estava vivo!

Domingo. O telefonema era urgente. O mozo de espadas de Belmonte falava da Clínica dos Toureiros, em Madrid. A voz do homem gelou-me.

- Senhorita, Don Juan foi colhido esta tarde. - Eu tinha estado a trabalhar na sala de códigos e não pudera ir a outra das corridas de Belmonte. Os soluços tornavam difícil compreender o que o homem dizia. - Foi operado pelo doutor Tamananes... e está ainda inconsciente. - O homem chorava agora abertamente.

- É muito grave? - perguntei, horrorizada, receando ouvir dizer que Juanito estava a morrer. Visto que o homem não foi capaz de me responder, desliguei. Cinco minutos depois saía de casa a correr.

Com boas razões esperara que houvesse uma multidão junto do hospital, mas não

estava preparada para aquele pandemônio. Não só se viam ali jornalistas e repórteres, como amigos e admiradores de Juanito que tinham invadido os corredores do hospital, apesar dos protestos de guardas, médicos e enfermeiros. O quarto estava protegido por um cordão de guardas, mas o homem que me telefonara encontrava-se à porta, ainda envergando o seu traje de cetim colorido de bandarilheiro.

Quando me viu fez-me passar por entre a multidão e conduziu-me ao quarto.

A mãe de Belmonte, Donha Consuelo, era surpreendentemente bonita, como Juanito me dissera. Grandes olhos castanhos, um rosto de um oval perfeito, cabelo preto preso atrás, na nuca - como as mulheres dos quadros de Romero de Torres.

- Gracias por ter vindo, Aline. Juanito tem estado a perguntar por si desde que saiu da sala de operações. Está ainda tonto, mas gracias a Díos o ferimento dele não É tão grave como julgávamos.

Olhei para Juanito, impressionada. A dor e a perda de sangue tinham-lhe tirado as cores e ele parecia uma criança ferida.

Segurei-lhe numa mão. Ele levou algum tempo para conseguir olhar-me, pois estava ainda sob o efeito da anestesia e do choque. Vi que tentava falar. Através da janela aberta, as luzes da cidade brilhavam sugestivamente nessa quente noite de Verão.

- Aline - fez um gesto com a mão e uma careta de dor ao tentar mudar de posição. - Quer uns chocolates? - Sobre a mesa de cabeceira via-se uma caixa dos nossos chocolates preferidos, embrulhada em papel cor-de-rosa. Sorri e abanei a cabeça.

- Bem, nesse caso importa-se de me dar um? Para lhe dizer a verdade, desde que voltei a mim que me apetece comer um chocolate.

Escolhi um pedaço de chocolate e fui-lho dando, segurando-o enquanto ele comia, aos bocadinhos, com dificuldade.

Quem poderia entender os espanhóis? Eram crianças, espontâneos, apaixonados, crianças indisciplinadas. Sabia que não podia pôr em causa a lógica de Juanito ou deixar de satisfazer o seu pedido inofensivo.

- Posso beber um pouco de água?

Deitei água de um jarro que havia sobre

a mesa para um copo e ele bebeu pequenos goles, por uma palha.

- Chocolates e água. De que mais precisa um homem? De touros não, certamente. Quer ser a minha Florence Nightenberg?

- Nightenberg? - Ri. - Claro que serei.

Quando por fim me preparei para sair do hospital, ia mais despreocupada. Os médicos tinham visto que não tinham sido atingidas quaisquer artérias principais e afirmaram que dentro de duas semanas ele estaria bom. Para mim isso era incrível, mas Juan explicou-me que os ferimentos feitos pelos chifres dos touros raramente infectavam e cicatrizavam mais depressa do que os outros, porque o touro ia com tanta velocidade que era como fogo. A explicação não me convenceu, mas sabia que ele voltaria à arena logo que pudesse andar, porque estava-se no auge da temporada e ele perdia uma fortuna de cada vez que deixava de comparecer a uma tourada.

Quando saí, três homens sentados num dos lados do hospital despertaram a minha atenção; ou talvez fosse o fumo do forte tabaco preto que eles fumavam. Um dos

rostos iluminados pela luz do candeeiro pareceu-me familiar. Depois, o vulto baixo e corpulento de outro e o fato que trazia vestido fizeram-me também lembrar qualquer coisa. Sim, decididamente. Fiquei imóvel por instantes, enquanto as pessoas subiam e desciam as escadas do hospital. Lembrei-me então que um dos homens era o que entrara no comboio na estação de Atocha quando eu fora a Málaga, meses antes. Agora nada me impediria de descobrir quem ele era. E o outro... ia apostar que o vira muitas vezes em frente da minha porta na Calle Monte Esquina.

Dirigi-me para eles, apontando para o homem que se encontrava no meio do grupo.

- Não o vi no comboio para Málaga, há algum tempo?

Um sorriso afável iluminou o seu rosto.

- Sí, senhorita.

- Quem é você? - A minha voz nada tinha de amigável.

- Mas, senhorita, não nos conhece! Nós trabalhamos para Don Juan e temo-la visto muitas vezes.

Continuava a não compreender. Que

trabalho fariam para Juanito e por que motivo me conheciam tão bem?

Voltei-me para o outro.

- E julgo tê-lo visto diante da minha casa uma ou duas vezes.

- Não foi uma vez ou duas, senhorita - respondeu ele respeitosamente. - Quase todas as noites. Bem, às vezes trocávamos, mas fui quase sempre eu.

- Mas por que motivo estava em frente da minha casa?

- Don Juan queria que protegêssemos a senhorita e que víssemos com quem saía, para que nenhum mal lhe sucedesse.

Levei as mãos à cabeça, incrédula. Como É que eu pudera esquecer o facto de que Juan era suficientemente ciumento para mandar seguir-me?

Subitamente agarrei o braço do homem baixo e corpulento.

- Visto que Don Juan queria que me protegessem, por que motivo não viram um homem entrar no meu quarto em Málaga?

- Senhorita, eu só soube disso no dia seguinte.

- Mas onde estava você quando isso

sucedeu? É bom que mo diga - avisei. - Posso informar Don Juan de que me protegeu mal.

Senhorita, vou contar-lhe o que sei, que não É muito. - Coçou nervosamente a cabeça e eu pensei se ele iria dizer-me a verdade. - O problema foi uma bela rapariga cigana que eu conheço em Málaga. Ela dança num bar perto do Clube Náutico, e quando eu vi que a senhorita se encontrava em segurança no seu hotel fui para lá durante o resto da noite. Ela É uma boa bailarina.

- Mas não soube que o meu quarto foi revistado? Toda a gente no hotel parecia sabê-lo quando eu desci, na manhã seguinte.

- Sim, ouvi dizer isso. E lamento. Mas não sei quem poderá ter feito uma coisa tão pouco cavalheiresca.

- Viu o alemão com o monóculo enquanto lá esteve?

- Sim, senhorita. Ele estava no mesmo bar que eu nessa noite.

Então fora Lazaar. Só se ele tivesse contratado um mercenário para o fazer.

- Bem, não me sigam mais. Não percebem? Foi grande amabilidade de Don Juan querer proteger-me, mas não É

necessário. Falarei com ele a este respeito, mas quero que parem imediatamente.

- Oh, não há problema, senhorita. Quando voltámos da Costa Brava dissemos a Don Juan que o trabalho era perigoso de mais. Quase nos íamos matando nessa viagem. E a senhorita não devia arriscar-se daquela maneira, a correr com tanta velocidade no táxi. - Os três homens abanaram a cabeça ao mesmo tempo.

Foi-me impossível não soltar uma gargalhada.

- Então foram vocês três que me seguiram naquele dia?

- Sí, senhorita. Dissemos a Don Juan que seria menos perigoso voltarmos para o nosso trabalho de peones, na arena.

Quando me dirigi para o táxi que me esperava, ia ainda a sorrir. Reflectia sobre a altura em que os homens de, Juan teriam começado a seguir-me. E eu que sempre pensara que eram os homens de Lazaar. Apesar de saber que outros me tinham seguido, não tinha qualquer intenção de confessar a Mozart a minha estupidez.

Capítulo 29

Tinha nas mãos o jornal ABC de 22 de Julho com os sinistros pormenores sobre a conspiração abortada do coronel Klaus von Stauffenberg contra Hitler. Como retaliação, o Fohrer mandara prender um certo número de oficiais do exército e dera ordens para que fossem filmados enquanto iam sendo lentamente estrangulados, suspensos de ganchos onde é costume pendurar as reses que vêm do matadouro. O famoso padrinho de Constantin von Weiderstock, Wilhelm Canaris, encontrava-se preso e teria provavelmente um destino semelhante num futuro próximo.

- Que horríveis atrocidades. Agora começam a aniquilar-se a si próprios. Está-me a ouvir, Edmundo:

Nesse dia houvera menos que fazer no escritório e eu aproveitara isso para me encontrar com o meu colega na esplanada de um café quase deserto, nessa tarde quente. As pessoas que ali se encontravam observavam indolentemente quem passava. Edmundo

bebia lentamente um copo de xerez. Havia inúmeros jornais espalhados sobre a pequena mesa. Eu decidira aproveitar todas as oportunidades para observar Top Hat. Mozart designara-o como contacto com Gloria e agora os sobrescritos que eu levava para o escritório iam fechados. Edmundo já não sugeria que eu os lesse. Continuava a suspeitar tanto de Edmundo como de Mozart. O facto de a Operação Anvil, que devia ter começado há um mês, ainda não se ter dado aumentava ainda mais a minha preocupação.

- Aline - disse languidamente Edmundo -, pode ser que peça a Ratibor que case comigo.

- Como é que pode fazer isso, Edmundo? Pôs Ratibor na lista negra e agora quer casar com ela? Para isso teria de se demitir do serviço, pois Washington nunca autorizaria esse casamento.

- Minha querida, pergunto-lhe se um homem não deve obedecer ao seu coração. E, francamente, o que é ainda mais importante, pergunto-lhe: o que vale mais, a espionagem ou um título? Um rei não abdicou já do trono

por causa de uma mulher? Bem, que hei-de eu fazer? Eu, Edmundo Lassalle como humilde suplicante, inclino-me diante do tribunal do amor. Além disso, preciso de fazer alguma coisa. Ando aborrecido. Preciso de algo que me anime.

- Experimente beber outro xerez.

- Muito engraçado... Não seja impertinente.

- Edmundo, está a falar a sério? Está de facto apaixonado pela Ratibor?

- Aline, pense no meu futuro. Que me espera depois de a guerra acabar? Pode imaginar-me sentado a uma secretária a remexer em papéis nalguma empresa americana? Consultor da General Motors, talvez, com mulher e dois filhos em Cross Fointe? É assim que vê o destino de Edmundo Lassalle? Ou quer ver-me prisioneiro do Pentágono, trabalhando para o exército? Não, minha querida, lembre-se: Edmundo Lassalle. Não dançou em vão. Como marido da Ratibor (consorte, se preferir), o mundo da alta sociedade É meu. Viveremos entre a cidade do México, Nova Iorque, Paris, Deauville, a Riviera italiana. -

Soltou um longo suspiro. - Digo-lhe que preciso de fazer alguma coisa. Estou terrivelmente aborrecido. Esta guerra tem perdido ultimamente toda a excitação. Não acontece nada de especial. Há muito tempo que ninguém é assassinado. Até já me aborreço ao inventar os relatórios que lhe entrego. A minha imaginação está seca como uma ameixa.

Olhei-o.

- Como é que é possível que estando a trabalhar com a devastadora condessa não tenha informações excitantes para fornecer a Washington?

Edmundo passava a mão pelo bigode e sorria.

- Ela evita-me o mais possível. Cada vez confio menos nela. Mas faço um valente esforço para manter aqueles tipos de Washington interessados. Devem ficar encantados quando recebem uma das deliciosas produções literárias de Top Hat. Temos de os divertir, minha querida. Você sabe disso tão bem como eu. Afinal, eles são os nossos patrões.

- Edmundo! - exclamei, abanando a

cabeça. - Se Mozart soubesse!

- Minha querida, minha estimada discípula, que um dia certamente se juntará ao seu mestre na galáxia dos espiões imortais, digo-lhe do fundo do coração: no dia do Juízo Final nós não teremos de prestar contas a Mozart. Eu só tenciono prestar contas a... Vênus.

Ergui os olhos ao céu e depois fixei novamente a minha atenção no jornal. Um momento depois sobressaltei-me ao ouvir Edmundo mencionar a pessoa em quem eu estava a pensar.

- Sabia, minha querida, que aquela personagem interessante com quem você dançou no clube teve um longo romance com Gloria? Provavelmente poderiam-se considerar amantes condenados. Não acredito em metade das coisas que a condessa conta a respeito dele, porque a minha princesa me disse que os viu a dançar em Berlim.

- Em Berlim? - perguntei, surpreendida.

- Quando?

- Na véspera de Ano Novo do ano passado, para ser exato. Quando eu a

encontrei. Lembra-se?

- Em Berlim? - repeti. - Há poucos meses? - Senti-me toda arrepiada.

Edmundo continuava a falar:

- Pode ter a certeza de que o romance entre eles durou alguns anos. Você parece nem estar a ouvir-me, Aline. Faça Favor de me tratar com decoro. Lembre-se da minha princesa.

Deixei Edmundo quase sem me despedir dele e corri para o escritório. Ou Edmundo e a sua princesa eram mentirosos, ou aquilo que eu ouvira abria perspectivas terríveis. Walters já tinha saído, felizmente, e eu estava sozinha para poder enviar o telegrama a Jupiter. A minha pressa era tal que fui ordenando as palavras à medida que as ia pondo em código.

DE TIGER PARA JUPITER FASE DOIS
EM PERIGO STOP MOZART RECUSA DAR
IMPORTÂNCIA A BOATO DE AGENTE
DUPLO STOP TOP HAT INFORMA
PRINCESA RATIBOR VIU PIERRE COM
FIRSTENBERG EM BERLIM PRIMEIRO DE
JANEIRO DESTE ANO STOP COMEÇO
INVESTIGAÇÃO RELATIVA

RELACIONAMENTO ENTRE PIERRE E FIRSTENBERG STOP

POR FAVOR ACONSELHE DE TIGER
PARA JUPITER.

Paco Aílagas prometeu-me enviar alguém à estação do Escorial para me levar à prisão para visitar Pilar.

- Não consigo compreender como É que uma rapariga simpática como você faz um esforço para ver alguém como essa mulher, uma comunista que conspira contra o Governo - dissera Paco. - No entanto, no nosso país, nós fazemos tudo o que podemos por um amigo. Faça boa viagem e diga-me alguma coisa quando voltar.

Quando chegámos ao sopé das montanhas de Guadarrama o vento que entrava pelas janelas era refrescante apesar do calor seco de Julho. Em vez de observar a paisagem bonita e os belos arbustos de retama cheios de flores amarelas, os grandes carvalhos e os enormes rochedos, passei em revista, mentalmente, as perguntas que queria fazer a Pilar.

Uma mulher polícia conduziu-me para o

gabinete da guarda, que fora deixado propositadamente vazio. Alguns minutos depois apareceu Pilar, com o mesmo aspecto de sempre.

O uniforme da prisão não era pior do que aquilo que ela habitualmente vestia quando ia ao meu apartamento. Mostrou-se entusiasmada.

- Veio aqui para me levar, senhorita? - perguntou. - Eu sabia que poderia fazê-lo.

Mesmo depois de eu lhe dizer que isso era impossível, ela continuou a insistir que se eu quisesse a libertaria.

- Não compreende, senhorita. Deve insistir. Agora que vocês estão a ganhar a guerra estes malditos fascistas hão-de querer fazer tudo para lhes agradar. Eu preciso de sair daqui.

A guerra em breve estará terminada e eu devo organizar as minhas mulheres para dizer às nossas compatriotas na França, no México e na Rússia que nos enviem dinheiro para derrubarmos este porco gordo.

- É por isso mesmo que eles não a põem em liberdade - respondi. - Sabem que você continuará a tentar derrubar o Governo.

Dei a Pilar a caixa com as coisas que Cecilia preparara e alguns livros. Os seus olhos míopes pestanejaram por detrás das espessas lentes.

- A senhorita É muito amável. Que pena eu não a poder estar a ajudar neste momento.

- Talvez possa, Pilar. Recorda-se de alguma das suas informadoras ter visto um homem novo e atraente com a condessa? - Descrevi Pierre o mais objectivamente que me foi possível.

- Sim. No meu último relatório (que nunca lhe pude entregar, porque fui presa) eu falava nesse homem. Ele esteve várias vezes com ela nessa semana e eu sempre suspeitei que foi ele quem me denunciou à polícia. Uma noite, Mister Lazaar teve uma discussão com ele em frente do hotel.

- Sabe o nome dele, Pilar?

- Era um nome estrangeiro e eu esqueci-me dele.

Foram as informações que pude obter dela, mas isso foi apenas um começo. Pierre estava apaixonado por Gloria e mentira-me. Trabalharia também com ela?

A Operação Anvil podia começar a

qualquer momento. Não podia perder tempo a chegar ao fundo da questão, para obter respostas de inteira confiança. Suspeitaria dalguma daquelas coisas? Ou seria ele o agente duplo que controlava tais situações? Para quem me havia de voltar? Fosse quem fosse o traidor, havia de estar mais interessado em eliminar-me se soubesse o que eu havia descoberto. Nunca me sentira tanto em perigo como agora.

Telefonei à condessa e pedi-lhe para se encontrar comigo no grande vestíbulo do Hotel Ritz, onde as damas espanholas se encontravam para beberem uma copita antes do almoço e onde daríamos a impressão de estar a conversar sobre frivolidades - festas ou passagens de modelos.

Gloria estava especialmente bem vestida para o seu novo papel de agente duplo. Todas as mulheres se voltaram quando ela entrou e depois começaram a cochichar umas com as outras, certamente a comentar o seu fato de saia e casaco de linho preto e vermelho, o pequeno chapéu da mesma cor, os sapatos a condizer. Até o papagaio de brilhantes se encontrava no seu lugar, na

lapela, quando ela se sentou na vasta cadeira de braços, na minha frente.

- Tenho um presente para si. - Abriu a carteira e tirou de lá uma caixa grande. - Perfume vindo de Paris, cortesia da Embaixada alemã e enviado, através de Berlim, pela Lufthansa, para Barcelona e Madrid. Espero que goste de Chanel Número Cinco.

Agradeci-lhe e depois disse-lhe:

- Gloria, pediram-me para obter informações acerca do seu amigo Francisco. Pode dizer-me o seu nome completo?

- Para lhe dizer a verdade, sei muito pouco a respeito dele.

Conhecemo-nos em Paris há dois anos. Ele usava um título exótico, Conde de la Perla, embora eu sempre tivesse suspeitado de que era falso. Francisco gosta de impressionar as pessoas. Era tão atraente, em Paris, em mil novecentos e quarenta e dois! Passámos dez dias gloriosos. Depois ele desapareceu. E É tudo quanto lhe posso contar.

- Mas que esteve ele a fazer em Madrid?

- Também gostaria de saber! Sei que ele

está desesperadamente apaixonado por mim, porque me perseguiu por toda a cidade quando chegou.

- E quando foi?

Ela levou à cara um dedo com uma comprida unha pintada de vermelho.

- Ora deixe-me ver. Sim, deve ter sido no princípio de Maio.

Ela estava a mentir - ele aparecera no meu quarto antes disso -, mas fingi acreditar.

- Ele trabalhava consigo para a Gestapo?

- Claro que não. Ele odeia os nazis.

- Mas tenho uma informadora de confiança que me revelou que ele foi visto a dançar consigo, em Berlim, na véspera de Ano Novo.

- Isso É mentira. Eu estava em Berlim nessa altura, mas nunca lá vi Francisco.

- Que fazia Francisco?

- Possuía uma fábrica perto de Nice. Não sei de que gênero, mas ele ia frequentemente a Paris em viagens de negócios.

- Negociava com os alemães em Paris?

- Não sei. Ele tinha dificuldades financeiras, mas creio que agora estão ultrapassadas. - Fez uma pausa. - Com efeito,

acontece que tenho aqui um bilhete que ele me enviou há algumas semanas. Que coincidência.

Gloria abriu a mala e tirou de lá uma folha de papel amarrotado, com o cabeçalho do Palace Hotel.

Li: "Gloria, guapa, tenho de partir inesperadamente - só quero que saiba que em breve lhe pagarei. Dentro em breve serei um homem livre e estarei em posição de lhe oferecer os luxos que desejar. Não faça perder muitas cabeças, entretanto. F." A assinatura era igual à do bilhete que acompanhara as minhas rosas e a caligrafia parecia-me a mesma também.

Gloria explicou:

- Ele veio aqui para receber uma grande quantia de dinheiro que estava a ter dificuldade em conseguir que lhe pagassem. E, entretanto eu ajudei-o, emprestando-lhe algumas pesetas.

E por mais que tentasse não me foi possível obter mais informações de Gloria. Quando saímos do hotel, cada uma no seu táxi, ela entregou-me um sobrescrito.

- Talvez esta informação acerca da

última instalação antiaérea alemã no Sul de França lhes possa ser útil. Não nos devemos encontrar muitas vezes. Lazaar poderá desconfiar.

Enquanto o táxi contornava a Plaza de Neptuno e voltava em direcção à Avenida Alfonso XII, para a casa das irmãs vilas, eu pensava em quem poderia fornecer-me mais informações a respeito de Pierre. José vigiara a casa de Ana de Pombo durante a estada de Pierre em Madrid, mas eu teria de esperar. Percorrera Madrid durante três dias e não o conseguira encontrar em parte alguma. Pelo menos uma coisa era certa: Pierre tinha um caso amoroso com Gloria. Portanto, o namoro que me fizera tivera algum propósito.

Capítulo 30

Com a sua indomável força de vontade, Belmonte recompôs-se mais rapidamente do que seria de esperar e os seus progressos diários recebiam tanta cobertura da parte da imprensa como o Dia D. O ferimento da arena fora noticiado em várias versões e em pormenor - a profundidade da ferida, que músculos e tecidos tinham sido lacerados, quanto ele teria sangrado, e os prognósticos de vários médicos eminentes, assim como a lista de personalidades que tinham ido visitar Juanito ao hospital.

Depois sucedeu algo que fez com que até Juan Belmonte perdesse as honras de primeira página nos jornais. Isso sucedeu antes de eu receber uma resposta de Jupiter e antes de conseguir falar com Heredia, que eu pusera a seguir Gloria, Lazaar e até Mozart. Para mim, pareceram-me, na altura, as notícias mais desencorajadoras de toda a minha vida.

Ao sair de casa na manhã de 15 de Agosto, ouvi o rádio da portera anunciar:

"Noventa e quatro mil soldados aliados estão a desembarcar perto de uma aldeia piscatória chamada Saint-Tropez. Nem podia acreditar no que estava a ouvir.

Saint-Tropez ficava perto de Cannes, longe de Marselha, contrariando a informação que eu transmitira a Pierre. Corri para o escritório. Toda a gente estava exultante. Jimmie contactava pela rádio com o nosso agente transmissor OSS.

O VI Gorpo, do general Truscott, fora o primeiro a desembarcar, seguido pelas tropas francesas comandadas pelo general de Lattre de Tassigní. O Sétimo Exército dos EUA, comandado pelo general Alexander Patch, completava o grupo. Apesar de alguma resistência, os alemães tinham sido apanhados de surpresa e não houvera combates tão aniquiladores como os travados na Normandia mês e meio antes.

A Operação Anvil era um êxito.

Ninguém podia perceber por que motivo eu não celebrava.

Ninguém - a não ser Mozart. Chamou-me ao seu gabinete.

Não podia esperar pelas explicações

dele. Sentia-me indignada, magoada - a espionagem acabara para mim.

- Porque não depositou confiança em mim? Porque É que não me considerou de confiança, para poder transmitir falsas informações a Pierre?

Agora percebia tudo. O traidor era Pierre e os meus chefes sabiam que, fornecendo-lhe falsas informações acerca do local do desembarque, ele as transmitiria aos alemães, que procederiam de acordo com elas.

- Não leve isso tanto a sério, Aline - disse Mozart. - O êxito desta invasão É também seu. Se você não tivesse feito tão bem o seu trabalho, podíamos estar hoje a contar baixas, em vez de termos esta vitória.

Permaneci imóvel, abanando a cabeça. Por mais coisas que ele dissesse, nada me conformaria com a falta de confiança que ele mostrara ter em mim.

Mozart pareceu ler os meus pensamentos.

- Fizemos isto desta maneira apenas por uma razão: para a proteger. Pierre matá-la-ia se tivesse a mais ligeira suspeita de que você

sabia que ele era um agente duplo. E ele teria percebido mesmo sem você lho dizer. E quanto ao verdadeiro local do desembarque, ninguém, incluindo muitos generais envolvidos neste esforço da guerra, incluindo o chefe do OSS em Londres, poderia conhecer o local ou a data exacta. Foi uma ordem de Eisenhower e tínhamos de obedecer. - Deu a volta à secretária e pela primeira vez passou-me um braço por cima dos ombros. - Vamos para junto dos outros festejar o nosso êxito. Está bem? Você merece-o.

Mas não sei por que não pude fazê-lo. Estava à espera daquela notícia há oito meses, mas a descoberta de que Pierre era um traidor tornava aquele dia trágico para mim. Tentando fazer uma careta de dor, pus a mão no estômago e disse aos meus colegas exultantes que a excitação me fizera mal e que ia para casa. Precisava de procurar respostas para muitas perguntas. Teria sido Pierre que contratara o homem que quisera matar-me na noite do baile no Puerto de Hierro? Teria Pierre ido a minha casa nessa noite, há tantos meses, com a intenção de me matar? Teria sido ele que assassinara

Mimosa? René Blum?

Alguns dias depois, quando entrei no meu apartamento, Angustias anunciou-me:

- Senhorita, está um senhor à sua espera. Diz que É um velho amigo, mas não me quis dizer o nome.

Fiquei imediatamente desconfiada e entrei na sala com cautela. A minha surpresa foi total.

- Olá, Tiger. Está com bom aspecto.

Jupiter! John Derbí! Estava de pé e eu apressei-me a estender-lhe a mão.

- Não posso crer que esteja realmente aqui na minha frente. O que faz em Madrid? Como está?

Ele estava na mesma - sempre impecável. O cabelo grisalho muito curto, pele fresca, olhar penetrante. Passara-se quase um ano desde que nos tínhamos conhecido.

- Estou ótimo. E a principal razão que me trouxe a Madrid foi falar consigo.

- Faça favor de se sentar. Que quer tomar?

- Nada, por agora. Tenho muitas coisas a dizer-lhe.

Estávamos sentados no sofá, ao lado um do outro, olhando-nos com tanta curiosidade e afeição como se fôssemos amigos que há muito não se viam. E de certo modo éramos.

- Por onde hei-de começar? Bem, em primeiro lugar, Whitneí Shepardson envia-lhe as suas felicitações. Soube do bom trabalho que você fez aqui e agora diz que foi ele que a descobriu. - Jupiter piscou-me um olho.

As palavras dele foram um conforto para o meu desconsolado ego, ainda confuso pelas revelações dos dias anteriores.

Ouvi-o atentamente.

- Além disso, acabo de chegar do Sul de França, de onde dois dos seus colegas lhe enviam os melhores cumprimentos.

- O meu coração deu um salto. Teria ele visto Pierre? - Whiskeí e Magic disseram-me para lhe dizer que logo que a guerra termine hão-de fazer uma reunião consigo. Foi Magic, naturalmente, quem preparou este relatório. - Entregou-me duas folhas de papel dobrado, que tirou do bolso, e baixando a voz disse: - Leia-o. Pode conter algumas respostas que você ande a procurar.

Sentindo-me confusa, desdobrei os papéis e vi que haviam sido escritos numa máquina de escrever antiga. Jupiter dirigiu-se para a janela, como para me dar privacidade para ler.

Logo que li as primeiras palavras percebi por que.

RELATÓRIO SOBRE AGENTE DO OSS PIERRE NÚMERO 333

François FerroniÇre, nascido a 16 de Julho de 1916, Nice, França.

O meu coração começou a bater mais depressa, descontroladamente. Li a correr.

... filho de Josef FerroniÇre e de Cecilia Alvarado, filha de Francisco, marquês de Torrejón, de Madrid.

Então Pierre era sobrinho de Mimosa! Olhei para as costas largas de John Derbí, satisfeita por ele não poder ver a minha cara.

O relatório de Magic prosseguia:

O pai de François FerroniÇre era representante da American Radiator no Sul de França. Politicamente alinhava com os grupos fascistas, especialmente com a Milícia, cujo dirigente, Marcel Darnan, o pôs à disposição da Gestapo, para fornecer nomes

de quem quisesse servir como colaborador.

Quando Ferroniçre, que estudara inglês, obteve um lugar de funcionário de baixa categoria no consulado americano em Vichí, Darnan ofereceu-lhe quantias modestas em troca de informações sobre os planos de guerra americanos. A inteligência viva de François, os seus conhecimentos de inglês e a sua vincada personalidade tornaram-no um funcionário popular e Facilitaram a sua obtenção de informações úteis.

Após a invasão no Norte de África, o pessoal da Embaixada americana mudou-se de Vichí para Argel, ocupando a Villa Magnol, onde Pierre continuou a trabalhar. A Villa Magnol alojava todas as agências governamentais americanas, incluindo os primeiros recrutados pelo OSS.

Através dos contactos feitos com o Eixo por Darnan em Argel, Ferroniçre recebeu grandes quantias e conseguiu ir para Washington para ser submetido a um treino intensivo. Mais tarde foi enviado para Inglaterra e para Argel, sendo lançado sobre o Sul de França em 1943.

Quando se tornou evidente que havia

um traidor na área de Pierre, ele tornou-se suspeito, juntamente com outros. A culpa de Pierre tornou-se mais clara e ele foi chamado a Madrid com o pretexto de dirigir os agentes que atravessavam as fronteiras. Na realidade estava a ser mantido ali para ser utilizado na altura própria, depois de receber falsas informações sobre o local do desembarque da Operação Anvil.

A missão foi realizada pelo OSS de Madrid, mas Pierre desapareceu durante a invasão de 15 de Agosto e ainda não foi apanhado. O seu nome está na lista para ser julgado por crimes de guerra.

O relatório, datado de 18 de Agosto, Marselha, confirmou os meus receios. Pierre era não só um traidor, mas também um assassino. Parecia-me agora inegável que fora ele que matara a tia, Mimosa Torrejón. Sem dúvida fora Pierre um dos homens que ela ouvira a conspirar quando se encontrava sentada na “cadeirinha”. Ficara assombrada por saber que o seu próprio sobrinho estava envolvido na conspiração. Provavelmente matara-a também para receber a fortuna dela. E era muito possível que as mortes de

Marta e de René também lhe pudessem ser atribuídas.

Fiz um grande esforço para responder:

- Foi uma dura lição para mim.

Jupiter encaminhou-se para mim.

- Você esteve na Quinta com ele. Que pensou dele na altura?

- Encantador - foi tudo o que pude dizer. Estava ansiosa por mudar de assunto e disse-o.

- Também não gosto de pensar nele. O caso de Pierre deprime-me, mas por fim ele acabou por ser o nosso meio de iludir os alemães a respeito do desembarque no Sul de França.

E temos de lhe agradecer a si, Aline. A importância do seu contributo é incalculável. Estávamos a manipular outros ao mesmo tempo para confundir o inimigo, mas pessoalmente acho que a informação decisiva que convenceu o inimigo foi a que você transmitiu a Pierre. Obviamente, ele nunca desconfiou que você lhe passasse informações falsas. E felizmente os alemães tinham toda a confiança nele. - Jupiter fez uma pausa e disse: - Vim aqui por outras

razões, também importantes. - Sorriu. - Você fez um ótimo trabalho, Tiger. Mozart informou-me sobre isso, e devo dizer que o que conseguiu realizar por toda a Espanha a transformou numa verdadeira profissional.

Quando ele mencionou o nome de Mozart, estremeci, lembrando-me do telegrama que enviara recentemente sem ordem dele. Jupiter compreendeu.

- Não tem com que se preocupar. Mozart pode parecer uma pessoa fria, mas asseguro-lhe que É o seu mais entusiástico admirador. Com efeito, se ele não apreciasse tanto o seu trabalho eu não estaria agora aqui com um propósito que lhe posso dizer agora.

Poucas palavras me poderiam dar maior satisfação. Que Mozart considerasse o meu trabalho válido era o maior cumprimento que me podiam fazer.

Jupiter continuou:

- Você trabalha muito e não foge a coisa alguma. É disso que precisamos para acabar com a guerra. Mas ela ainda continua, como sabe. E há muita coisa a ser feita. Além disso, ninguém sabe como o mundo ficará dividido depois da guerra, que novas facções políticas

surgirão e que ameaças à democracia ocorrerão. Por isso é que aqui estou.

Caminhámos até à janela, vendo os candeeiros da rua começarem a acender-se. O sereno iniciava as suas rondas. Jupiter voltou-se de novo para mim.

- Quero que tome o que lhe vou dizer muito a sério, mais a sério do que qualquer outra coisa até agora. Sente-se e descontraia-se. Vai ter de tomar uma decisão importante.

Sentei-me no pequeno sofá e ele instalou-se numa cadeira na minha frente. Descontrair-me? As últimas palavras dele tinham-me deixado tensa. Mas esforcei-me por aparentar calma.

Os olhos azuis de Jupiter, com pontinhos dourados, pareciam cheios de decisão.

- Tenho outra missão para si, Tiger... se a quiser aceitar, claro. Não É obrigada a isso, como sabe. Pode continuar a trabalhar no escritório de Madrid enquanto quiser. Há muito que fazer aqui. - Fez nova pausa. Tentei dominar a minha curiosidade. - Mas trata-se realmente de algo especial. E se pensa

que viu excitação em Espanha... bem...

Inclinou-se para mim, com as mãos apoiadas sobre os joelhos. Concentrei toda a minha atenção nele. Havia muito a considerar. Pensei em Pierre e senti doer-me o coração. No entanto, imaginar que aquele momento podia ser um começo era compensador, estimulante.

- Se não está disposta a oferecer-se para um trabalho arriscado, diga-o.

Esperei que ele continuasse. Derbí recostou-se para trás na cadeira e sorriu.

Continuei calada, sabendo que com o meu silêncio decidiria o meu destino.

Depois ouvi-o com toda a atenção que ele esperava.

Continuei a trabalhar para o OSS em Espanha até ao fim da guerra. Recebi então ordens para arranjar outro emprego e novo disfarce na Europa. Em Washington, entretanto, o OSS lutava com outros departamentos do Governo para manter o controlo sobre os serviços secretos americanos no estrangeiro em tempo de paz. Prossegui o meu trabalho como agente clandestino em França e na Suíça até 1947,

quando me demiti do serviço para regressar a Madrid e casar.

Não só me apaixonara pelo homem que aparece na minha história como o conde de Quintanilla, mas também pela Espanha. Mais tarde, devido ao complicado sistema de sucessão espanhol, o nosso título mudou para Romanones, um nome de grande eminência e tradição em Espanha. Sem dúvida muitos espanhóis, ao lerem este livro, terão dificuldade em acreditar nos estranhos caminhos que me permitiram tamanha honra.

Epílogo

El Salvador, 1984

O cabelo preto era menos espesso e grisalho, a pele avermelhada tinha um tom mais forte, estava sulcada de rugas profundas. No entanto, o sorriso e os olhos escuros, penetrantes, não tinham mudado. Era a última pessoa que eu esperaria ver em El Salvador.

Durante um longo momento senti-me demasiado espantada para conseguir falar. Ele teve a mesma reacção. Ficámos parados, quase sem darmos pelo leve sussurrar das águas do lago e do suave murmurar das palmeiras. Para além das paredes de vidro do hotel, alguns homens com camisas de mangas curtas, de cores, andavam de um lado para o outro, mas no pátio fechado, inteiramente cercado de flores, plantas exóticas e recordações, nós estávamos sozinhos.

Pierre apertou-me as duas mãos nas dele e eu senti a carícia do ar da noite afagar-me as faces.

- Tiger, você quase não mudou em todos estes anos. Como é isso possível?

Ri.

- Estava a pensar o mesmo a seu respeito.

- Que está a fazer aqui?

- E você? - A última vez que eu olhara para aqueles olhos ardentes fora nos degraus do Palace Hotel, em Madrid, no Verão de 1944. Fora realmente há tanto tempo?

Ele ofereceu-me uma cadeira numa mesa próxima. Ainda atordoada, sentei-me. Ele sentou-se à minha frente. Estendeu-me um maço de cigarros.

- Continua a não fumar?

Abanei a cabeça. Não era altura apropriada para explicar que já o fizera e parara. O meu cérebro estava cheio de recordações, antigas emoções e escrúpulos.

Pierre recostou-se para trás na cadeira, sorrindo com o seu sorriso mágico.

- Por onde devo começar? Devo-lhe algumas explicações, Tiger.

- Durante anos pensei em si, Pierre. Julguei que tivesse sido morto durante a invasão sem que ninguém do nosso lado o

soubesse.

- Não me atrevi a contactar consigo no fim da guerra. E na altura em que me foi possível fazê-lo, você estava casada. - Olhou com ar ausente para as flores cor de laranja da trepadeira que cobria a parede por detrás da nossa mesa. Percebi que ele lutava com as mesmas emoções confusas que eu sentia.

O ruído de passos fez com que ele se voltasse para o criado que se aproximava. Depois olhou-me. - Precisamos de celebrar, Tiger. E se bebêssemos champanhe? Lembra-se daquele dia no Stork Glub?

O criado permanecia imóvel, à espera.

- O vosso melhor Moût et Chandon, Pedro. E veja se está bem fresco.

O criado inclinou-se.

- Sim, Senhor Alvarado. Em seguida, Señor.

Percebi que Pierre era um cliente conhecido e importante.

- Porque é que ele lhe chama Señor Alvarado?

- O nome da minha mãe. Há anos que o uso.

- A sua mãe não era irmã de Mimosa

Torrejón?

- Sim, e se eu tivesse chegado junto da minha tia Mimosa a tempo talvez a minha vida tivesse sido diferente. Eu queria mudar... por sua causa, Tiger. Mas não tive sorte.

Não fazia sentido perguntar-lhe o que quer que fosse. Mas eu tinha de o fazer:

- Você matou Mimosa?

Ele teve um sobressalto e inclinou a cabeça para mim.

- Meu Deus, Tiger, pensa que fui eu que a matei?

- Toda a gente o pensou. E que matou René Blum também. E que tentou matar-me a mim.

- Mas como pode ter pensado isso? Eu estava apaixonado por si.

- Gloria parecia pensar de maneira diferente, e as nossas informações provaram que você teve uma aventura amorosa com ela. Acreditei nas suas histórias, Pierre, mas agora não acredito.

O criado voltara com um balde de gelo e a garrafa de champanhe.

Pierre dispensou-o e foi ele mesmo

quem encheu os copos.

Nem uma palavra foi trocada entre nós. Quando ele ergueu o copo, fiz o mesmo.

- A Tiger e a Pierre. - A voz dele era melancólica, e por um momento pareceu ter de facto a idade que tinha. - E ao que podia ter acontecido. - Ambos bebemos. As bolinhas frias intensificavam a atmosfera de irreabilidade. Ele ergueu o copo outra vez: - E à minha tia Mimosa, que nos podia ter reunido se tivesse lido as cartas correctamente.

Os seus modos desanimados tinham desaparecido... com o mesmo sorriso atraente que me cativara tantos anos antes.

- De que é que está a falar, Pierre?

- O meu plano era pedir à minha tia algum dinheiro e um dos seus títulos, que eventualmente viria a ser meu, de modo a eu poder tornar-me um cidadão espanhol e afastar-me completamente da guerra.

- E o que *Ú* correu mal?

- Cheguei lá demasiado tarde. Depois de conseguir entrar em casa dela por uma janela das traseiras (com dificuldade, pois os alemães vigiavam-na a cada minuto) cheguei tarde, apenas por uma questão de minutos. -

Franziu o sobrolho. - Ela estava estendida nas chaiselongue. Jesus, estou a ver a cena como se a estivesse a presenciar agora. - Tirou um lenço do bolso e limpou a testa. - Quando tentei acordá-la, vi que estava morta. - Olhou para as copas das palmeiras que se erguiam acima de nós e respirou fundo. - Nesse preciso momento a sua velha criada Salud entrou na sala. Claro que dava a impressão de que eu é que a tinha morto. A pessoa que cometeu o crime devia ter saído dali poucos minutos antes da minha chegada. A criada ficou histérica e tocou para chamar as outras criadas. Tive de fugir o mais depressa possível.

Eu queria acreditar nele. Ao princípio sentira cepticismo, mas agora achava que ele estava a contar-me a verdade, tanto quanto sabia.

- Sabia que a velha criada não me iria denunciar às autoridades. Isso provocaria escândalo para o nome da família, que significava tudo para ela, visto ter nascido naquela casa. Mas eu precisava de descobrir o assassino, para a convencer de que não era o culpado. - Olhou o copo. - Tentei fazê-lo,

mas o tempo estava contra mim.

- Quem acha que a matou?

- De início suspeitei de Lazaar. Foi por isso que o acusei na noite do baile no Puerto de Hierro. Soube tarde de mais que fora o chefe da Gestapo, Wizner... um monstro horroroso.

- E Gloria? - Engoli em seco, pensando como estivera prestes a desperdiçar a minha vida com aquele homem ainda atraente.

- Gloria tinha medo de Lazaar. Ele ameaçava mandá-la de novo para a Alemanha. Tentou ajudar-me, mas nunca conseguiu obter dele as informações e provas de que eu necessitava.

- Quem tentou matar-me a mim naquela noite? - Apesar da noite quente e húmida, senti um arrepio na espinha ao recordar a sensação de ter de lutar para conseguir respirar, quase há quarenta anos.

- Um dos mercenários da Gestapo, talvez o mesmo que matou Mimosa.

- Mas Gloria impediu-o de me levar a casa. Ela devia estar a trabalhar com eles para se livrarem de mim.

- Não. Ela gostava de si e era incapaz de

uma coisa dessas.

- Falou resignadamente. - Ela não sabia que o assassino se encontrava ali.

Tínhamos deixado os copos na mesma, por muito tempo.

O criado aproximou-se para voltar a enchê-los, mas Pierre fez-lhe sinal para se afastar. As minhas perguntas tinham dissipado a alegria que se reflectia no seu rosto durante os primeiros momentos. Pierre estava agora caído sobre a cadeira e passava as mãos pelos cabelos grisalhos. Mas eu precisava de saber mais.

- Que lhe sucedeu depois de ter sido lançado de pára-quedas sobre Pau?

- Isso foi apenas algumas semanas antes da invasão. Tive de me esconder quando se deu a Operação Anvil, porque nessa altura percebi que os americanos me queriam apanhar. - Solto um suspiro profundo. - Os únicos amigos com quem pude contar foram dois espanhóis que trabalhavam para mim na Resistência. Um deles era um socialista que estivera do lado dos republicanos durante a guerra civil espanhola, um catalão de Barcelona. O outro era um comunista de San

Sebastian.

Enquanto ele falava, eu mantinha-me imóvel.

- Tentávamos salvar o nosso pescoço e seguimos o único caminho que se nos deparava: atravessámos a fronteira para a Itália, onde os comunistas nos deram trabalho e nos protegeram. Vivi em Milão nos onze anos seguintes.

Alargou o colarinho da sua guaiabera. O ar não se mexia e eu comecei também a sentir a humidade desconfortável. Pierre parou, mas eu fiz-lhe sinal para continuar.

- Nessa altura, François Ferronire deixara de existir, assim como os meus sonhos de viver no luxo, em Espanha... assistindo a caçadas, vendo dançar o flamenco e indo às touradas. Tornei-me Pedro Alvarado, um comunista espanhol a trabalhar para o KGB, não me atrevendo a voltar a França ou a Espanha a não ser clandestinamente, de tempos a tempos.

Eu mal podia acreditar no que ele estava a dizer. De repente, endireitou-se na cadeira.

- Estou a estragar a nossa festa, Tiger. Não se preocupe.

A minha vida nem sempre foi uma cama de espinhos. Passei belos tempos. As pessoas também se habituam às situações difíceis. Não me posso queixar. Dinheiro, bons carros e iates, tudo isso eu tenho tido. Tudo isso e mais.

Ele percebera mal a minha disposição.

- Diga-me, por favor, como se encontra aqui em El Salvador?

- Estou aqui em negócios. Venho cá frequentemente. Casei com uma rapariga de Milão e mudámo-nos para Miami, onde ainda vivemos. Tenho um escritório aqui. - Os modos de Pierre recuperaram a sua antiga vitalidade. - Anime-se, Tiger. Beba o champanhe e mude essa expressão. Sinto-me satisfeito por estarmos aqui a falar destas coisastantos anos depois.

Que sucedeu aos nossos antigos colegas? Voltou alguma vez a ver Mozart ou Júpiter?

- Nunca mais vi Mozart, mas sei que ele vive na Califórnia. Jupiter tem sido sempre um bom amigo.

- Sabe que o seu amigo Top Hat se suicidou? Escolheu uma maneira muito estranha de o fazer. Meteu a cabeça no forno

do fogão da cozinha e acendeu o gás.

As palavras de Pierre provocaram-me uma profunda tristeza.

- Não há nada de estranho nisso. Uma rapariga do OSS matou-se da mesma maneira em Lisboa, em quarenta e quatro recordo-me, ficou impressionado com isso e falou-me do caso. Sabia que ele tinha casado com Agata Ratibor e que mais tarde veio a divorciar-se dela no México, para voltar a casar com uma bonita rapariga americana, da qual teve filhos? Estranho que se tenha suicidado quando a sua vida atingia pela primeira vez a estabilidade.

- Foi apanhado a roubar duas latas de sardinhas, no Harrods, em Londres. Foi por isso que ele se suicidou. Mas tinha duzentos mil dólares na sua conta bancária quando morreu.

- Se tivesse sido um alfinete de diamantes, naturalmente ainda hoje estaria vivo. O problema dele era ser cleptomaniaco.

- E o seu admirador, o toureiro?

- Casou com uma rapariga de uma grande família espanhola, cerca de dez anos depois da guerra, e tiveram três filhos.

Mas, infelizmente, morreu de um ataque cardíaco quando ainda era muito novo, antes de as crianças crescerem.

Pierre chamou o criado e pediu outra garrafa de champanhe.

- Há alguns anos, vi Gloria no México. Era ainda bonita.

Casara com um egípcio que morreu pouco depois, mas quando eu a encontrei tinha finalmente descoberto, disse ela, o homem perfeito e ia casar com ele.

- Diga-me, Pierre, que sucedeu a Lazaar?

- Fugiu de Espanha, vestido de frade, pouco antes de a guerra terminar e foi para o Brasil, onde morreu há uns anos.

Mas, e o que aconteceu a Niki Lilienthal e à sua bonita filha Carola?

- Ele morreu. Carola e os outros irmãos continuam a viver em Espanha.

- E Casilda vila?

- Hoje uma das mais importantes duquesas da Espanha.

- Bem, Tiger... e a maravilhosa cidade de Madrid? Era tão bela em mil novecentos e quarenta e quatro.

- Se lá voltasse, não saberia onde se

encontrava. Todos aqueles lindos palácios da Castellana desapareceram e foram substituídos por feios e modernos edifícios para escritórios.

O trânsito é insuportável. Vivem na cidade mais de quatro milhões de pessoas. Alguns dos locais antigos, como o Villa Rosa, o restaurante de Horcher, o Palace Hotel e o Hotel Ritz, estão mais ou menos na mesma. No Puerta de Hierro fazem ainda o mesmo baile na véspera de São João e a mesma fogueira.

Pierre segurou-me na mão e apertou-a com tanta força que me magoou.

- Tiger, tem de acreditar que não fui o responsável por essas mortes.

Não fui capaz de responder. Em vez disso perguntei:

- Porque trabalhava para os dois lados ao mesmo tempo?

Como foi capaz de trair tantas pessoas?

Os seus olhos franziram-se. A sua face tomou uma expressão dilacerante.

- Nunca tentei fazê-lo, mas,.. se cometermos um grande erro na vida, esse conduz geralmente a outros, até que nos

encontramos apanhados numa armadilha sem saída. Foi o que me sucedeu a mim. Eu sempre...

- Senhor Alvarado - o criado aproximou-se, interrompendo a frase de Pierre. - Miami ao telefone.

Pierre levantou-se.

- Volto já. Espere por mim, Tiger.

No instante em que ele desapareceu pela porta, eu saí.

Desde então, tento de vez em quando completar a frase que Pierre deixou inacabada, para tentar dar-lhe um significado que me permita pelo menos preservar uma boa recordação dele. Mas em vez disso, o que ocorre sempre ao meu pensamento é a visão do ilustre espanhol por quem finalmente me apaixonei e com quem casei. O primeiro espanhol que encontrei no dia em que cheguei ao Palace Hotel, e que me levou as malas para o quarto.

FIM